



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

HELDER LAMEIRA DE LIMA

**CIDADANIA NEGRA, TRIOLETS E IMPRENSA: A DESTEMIDA TRAJETÓRIA DE  
JOÃO DA CRUZ CONTRA O RACISMO E SUA LUTA POR RECONHECIMENTO E  
IGUALDADE (MARANHÃO-PARÁ, 1864-1887)**

BELÉM – PARÁ

2024

HELDER LAMEIRA DE LIMA

**CIDADANIA NEGRA, TRIOLETS E IMPRENSA: A DESTEMIDA TRAJETÓRIA DE  
JOÃO DA CRUZ CONTRA O RACISMO E SUA LUTA POR RECONHECIMENTO E  
IGUALDADE (MARANHÃO-PARÁ, 1864-1887)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Maria de Oliveira Ricci.

BELÉM – PARÁ

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

L732c Lima, Helder Lameira de.  
Cidadania negra, triolets e imprensa: a destemida trajetória de João da Cruz contra o racismo e sua luta por reconhecimento e igualdade (Maranhão-Pará, 1864-1887) / Helder Lameira de Lima. — 2024.  
221 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Magda Maria de Oliveira Ricci  
Coorientador(a): Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2024.

1. Racismo. 2. Triolets. 3. Negros Livres, Negros Abolicionistas e Intelectualidade Negra. 4. Imprensa. 5. Amazônia. I. Título.

---

CDD 928

HELDER LAMEIRA DE LIMA

**CIDADANIA NEGRA, TRIOLETS E IMPRENSA: A DESTEMIDA TRAJETÓRIA DE  
JOÃO DA CRUZ CONTRA O RACISMO E SUA LUTA POR RECONHECIMENTO E  
IGUALDADE (MARANHÃO-PARÁ, 1864-1887)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em História Social da Amazônia.

Data de Aprovação: 13/09/2024

**Banca Examinadora:**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Maria de Oliveira Ricci – PPHIST/UFPA

Avaliador Interno: Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto – PPHIST/UFPA

Avaliadora Externa: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Flávia Magalhães Pinto – PPGHIS/UnB

Avaliador Suplente: Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves – PPHIST/UFPA

BELÉM – PARÁ

2024

À memória do meu amado pai, **Edilson Souza de Lima**, que me ensinou, especialmente durante os seus últimos dois anos, a não desistir enquanto puder lutar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Federal do Pará (UFPA), ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte institucional e financeiro que foram essenciais para a realização desta pesquisa. Agradeço também aos colegas e funcionários da UFPA que, com seu trabalho diário, garantem o funcionamento e a excelência desta instituição.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Maria de Oliveira Ricci, e ao meu coorientador, Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto, expresso minha sincera gratidão. Suas orientações encorajadoras e suas trajetórias acadêmicas foram fundamentais para o desenvolvimento e a qualidade deste trabalho. A paciência, dedicação e o comprometimento de ambos foram indispensáveis ao longo deste percurso, me guiando com sabedoria e sensibilidade.

Agradeço também à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Flávia Magalhães Pinto, pelas valiosas conversas e pelo estímulo que suas pesquisas e discussões proporcionaram. Sua disposição em participar da banca examinadora desta dissertação é uma honra e motivo de grande satisfação. Sua trajetória acadêmica e suas ideias foram uma inspiração constante, enriquecendo esta pesquisa de forma significativa.

À minha querida e amada mãe e aos meus irmãos, meu mais profundo agradecimento pelo apoio incondicional e pela força nos momentos difíceis, especialmente durante os últimos momentos de nosso pai. Sem vocês, não teria sido possível concluir esta etapa da minha vida acadêmica. Agradeço por estarem ao meu lado, acreditando em mim e proporcionando o suporte emocional necessário para seguir em frente.

À minha esposa, Maria Roseane Corrêa Pinto Lima, e aos meus filhos, Rafael e Saulo Corrêa Pinto Lima, expresso minha profunda gratidão pelo amor, compreensão e incentivo constantes. Vocês são minha maior fonte de inspiração e motivação, e a presença de vocês foi essencial para que eu pudesse perseverar e alcançar este objetivo. Cada sacrifício e renúncia que fizeram foram fundamentais para que este momento se tornasse realidade. Amo vocês imensamente.

Finalmente, dedico esta dissertação ao meu pai, Edilson Souza de Lima, que, após quatro anos e meio de luta, nos deixou. Pai, embora eu não tenha conseguido me tornar mestre enquanto o senhor estava entre nós, sei que era seu desejo me ver alcançar este título e o de doutor. Lamento profundamente não ter realizado esse sonho a tempo. Sua força e determinação me inspiraram a continuar e concluir esta pesquisa. Dedico-lhe este título de mestre, com a promessa de que, em breve, também serei doutor. Amo o senhor profundamente e sempre levarei sua memória comigo, guiando-me em todas as minhas conquistas. Sua ausência é sentida a cada dia, mas sua presença em espírito continua a me inspirar e motivar.

## RESUMO

A dissertação proposta investiga a vida de João Francisco da Cruz, um intelectual negro do final do século XIX, cuja trajetória no Pará revela as complexidades das lutas por cidadania em uma sociedade marcada pelo escravismo. Focando na interseção entre sua narrativa pessoal e as tensões raciais da época, o estudo analisa o papel da imprensa, especialmente o jornal *Diário de Notícias*, na construção das representações raciais e nas batalhas ideológicas em torno da abolição da escravatura. No Pará, na seção “Solicitados” do jornal *Diário de Notícias*, encontramos *Triolets* que se referiam ao “macaco”, ao “preto”, ao “carafuz”, ao “negro mais petulante” João da Cruz, sendo usados para ironizar, satirizar e discriminar homens de cor. A pesquisa identificou cento e dois triolés, dois romances à vapor, um epigrama, um soneto, dois poemets, cinco adivinhações e uma fábula, todos envolvendo João da Cruz, entre dezembro de 1882 e março de 1883, reaparecendo entre maio e setembro de 1885. A partir desses triolés e outras notas sobre João da Cruz, foram encontradas diversas notícias relacionadas a ele, aprofundando a compreensão sobre sua figura. Essa pesquisa busca não apenas mapear as conquistas de João da Cruz, mas também desvelar os obstáculos enfrentados pelos afrodescendentes em sua busca por reconhecimento e igualdade. Explorando fontes cartoriais e periódicas, o estudo destaca as estratégias de superação adotadas por João da Cruz e outros afrodescendentes em meio a um contexto de desigualdade e preconceito racial, contribuindo para uma compreensão mais ampla da história dos afrodescendentes no Brasil e seus legados na sociedade contemporânea.

**Palavras-Chave:** Racismo; Triolets, Negros Livres; Negros Abolicionistas; Intelectualidade Negra, Imprensa e Amazônia.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the life of João Francisco da Cruz, a Black intellectual from the late 19th century, whose trajectory in Pará reveals the complexities of the struggles for citizenship in a society marked by slavery. Focusing on the intersection between his personal narrative and the racial tensions of the time, the study analyzes the role of the press, especially the newspaper *Diário de Notícias*, in constructing racial representations and ideological battles surrounding the abolition of slavery. In Pará, in the “Solicitados” section of *Diário de Notícias*, we found triolets that referred to “monkey”, “nigger”, “carafuz” (mulatto person), and “the most petulant Black man”, João da Cruz, used to satirize, mock, and discriminate against men of color. The research identified 102 triolets, 2 steam romances, 1 epigram, 1 sonnet, 2 short poems, 5 riddles, and 1 fable, all involving João da Cruz, between December 1882 and March 1883, reappearing between May and September 1885. From these triolets and other notes about João da Cruz, various related news articles were found, deepening the understanding of his figure. This research aims not only to map João da Cruz's achievements but also to uncover the obstacles faced by Afro-descendants in their quest for recognition and equality. By exploring notarial and periodical sources, the study highlights the strategies of overcoming adopted by João da Cruz and other Afro-descendants in a context of inequality and racial prejudice, contributing to a broader understanding of the history of Afro-descendants in Brazil and their legacies in contemporary society.

**Keywords:** Racism, Triolets, Free Blacks, Abolitionist Blacks, Black Intellectualism, Press, and the Amazon.

## RESUMEN

La presente disertación investiga la vida de João Francisco da Cruz, un intelectual negro de finales del siglo XIX, cuya trayectoria en el estado de Pará revela las complejidades de las luchas por la ciudadanía en una sociedad marcada por la esclavitud. Centrándose en la intersección entre su narrativa personal y las tensiones raciales de la época, el estudio analiza el papel de la prensa, especialmente del periódico *Diário de Notícias*, en la construcción de representaciones raciales y en las disputas ideológicas en torno a la abolición de la esclavitud. En Pará, en la sección “Solicitados” del *Diário de Notícias*, se encontraron Triolets que aludían al “mono”, al “negro”, al “carafuz” y al “negro más petulante”, João da Cruz, utilizados para ironizar, satirizar y discriminar a los hombres de color. La investigación identificó ciento dos triolets, dos novelas breves, un epigrama, un soneto, dos poemas cortos, cinco adivinanzas y una fábula, todos relacionados con João da Cruz, publicados entre diciembre de 1882 y marzo de 1883, y reapareciendo entre mayo y septiembre de 1885. A partir de estos triolets y otras notas sobre João da Cruz, se encontraron numerosas noticias relacionadas con su figura, lo que permitió profundizar en su comprensión. Esta investigación busca no solo mapear los logros de João da Cruz, sino también desvelar los obstáculos enfrentados por los afrodescendientes en su búsqueda de reconocimiento e igualdad. Explorando fuentes notariales y periódicas, el estudio destaca las estrategias de superación adoptadas por João da Cruz y otros afrodescendientes en un contexto de desigualdad y prejuicio racial, contribuyendo a una comprensión más amplia de la historia de los afrodescendientes en Brasil y sus legados en la sociedad contemporánea.

**Palabras clave:** Racismo; Triolets; Negros Libres; Negros Abolicionistas; Intelectualidad Negra; Prensa y Amazonía.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Desenho do guariba sentado no <i>Triolet</i> .....	17
Figura 2. Solicitador dos Auditórios João Francisco da Cruz .....	34
Figura 3. Correio do Norte no Almanaque Paraense de 1883 .....	40
Figura 4. Frontispício do <i>Correio do Norte</i> .....	40
Figura 5. Propaganda da <i>Phenix Dramatica</i> citando João da Cruz .....	43
Figura 6. Triolet acompanhado com a imagem de um guariba .....	69
Figura 7. Promessa de suspensão dos <i>trioletes</i> .....	81
Figura 8. Primeira aparição da figura do guariba em destaque no <i>Diário de Notícias</i> .....	94
Figura 9. Sátira sobre o trânsito de Vênus pelo disco solar em 1882 .....	113
Figura 10. Folha com diversas notas sobre João da Cruz .....	123
Figura 11. Representações visuais associadas a João da Cruz .....	126
Figura 12. Frontispício de <i>A Colonia Portuguesa</i> .....	131

## ÍNDICE DE ORGANOGRAMA

Organograma Familiar de João da Cruz .....	49
--	----

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Lista dos Triolets, Sonetos, Romance à Vapor, Fábulas, Adivinhações, Epigramas e os pseudônimos nos periódicos <i>Diário de Notícias</i> e <i>A Constituição</i> .....	127-129
--	---------

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

1. AAPEP - Anais do Arquivo Público do Estado do Pará.
2. ASIB - Anais do Senado do Império do Brasil.
3. BNDigital - Biblioteca Nacional Digital.
4. BPAV - Biblioteca Pública Arthur Vianna (PA).
5. BPBL - Biblioteca Pública Benedito Leite (MA).
6. CMA - Centro de Memória da Amazônia (UFPA).
7. F.O - Fé de Ofício (BIBLIEx - Biblioteca do Exército).
8. PPHIST - Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA).
9. UFPA - Universidade Federal do Pará.
10. UnB - Universidade de Brasília.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1: EXPERIÊNCIAS NEGRAS NO PARÁ: A TRAJETÓRIA DE JOÃO FRANCISCO DA CRUZ (1860-1887)</b> .....	24
1. A trajetória de João Francisco da Cruz: um desafio historiográfico a partir de fontes periódicas e cartoriais. ....	25
2. Entre laços de sangue: um estudo das relações familiares de João da Cruz .....	45
3. João Francisco da Cruz: um cidadão negro no Pará .....	49
4. A imprensa paraense e os abolicionistas negros: a disparidade de reconhecimento entre João Francisco da Cruz e José Agostinho dos Reis. ....	56
<b>CAPÍTULO 2: ENTRE TRIOLETS E NOTÍCIAS: UM ESTUDO DOS POEMAS E NOTAS QUE ESTEREOTIPARAM JOÃO DA CRUZ NA IMPRENSA PARAENSE</b> .....	62
1. O gênero literário <i>Triolet</i> : o que é e para que serve .....	63
2. Palavras em duelo: os jornais como arena de debates e conflitos .....	67
3. Entre pseudônimos e ataques: a intenção por trás dos <i>Triolets</i> e <i>Bons Bocados d’O filho do Borges</i> .....	73
4. Temas recorrentes nos triolets: a questão racial em destaque .....	86
5. Temas recorrentes nos triolets: política, morte e carnaval .....	102
6. Os triolets sobre o “Pae João”: um negro resignado? .....	106
<b>CAPÍTULO 3: ENTRE CONTROVÉRSIAS E RELAÇÕES DE PODER: JOÃO DA CRUZ NA IMPRENSA DE BELÉM</b> .....	110
1. A controvérsia como ferramenta de luta: João da Cruz e sua habilidade em polemizar ..	112
2. Ente alianças, rivalidades e “linhagem de nobreza”: a rede de João da Cruz na imprensa de Belém .....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	132
<b>FONTES</b> .....	145
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	147
<b>APÊNDICES</b> .....	155

## INTRODUÇÃO

Nos meandros da virada do século XIX para o XX, época marcada por transições profundas e desafios sociopolíticos, emerge a figura notável de João Francisco da Cruz, um intelectual negro, nascido no Maranhão e que viveu no Pará desde a década de 1870. Sua trajetória, transcende as limitações impostas por uma sociedade fortemente influenciada pela escravidão e preconceitos, tornando-se o epicentro deste estudo. O objetivo é desvelar não apenas a biografia de João da Cruz, mas, sobretudo, compreender as intrincadas batalhas enfrentadas por um homem cuja vida, embora alinhada aos requisitos sociais de sua época, foi constantemente desafiada na busca pelo pleno exercício da liberdade e cidadania.

A imprensa paraense, com destaque para o jornal *Diário de Notícias*, se revela como um palco crucial para os debates sociais em torno da abolição da escravatura. No entanto, mesmo em veículos abolicionistas, paradoxos emergem, expondo dualidades nas abordagens à questão racial. Nesse cenário, os “Triolets” surgem como expressões satíricas que estigmatizam João da Cruz, proporcionando uma visão profunda das complexidades das representações raciais na sociedade brasileira da época.

Este estudo não se restringe a resgatar a história singular de João da Cruz; ele busca apresentar a interseção entre sua narrativa pessoal e as tensões raciais mais amplas do período. Inspirados pelas reflexões de Ana Flávia Magalhães Pinto em “Escritos de liberdade” (2018), pretendemos ir além do mapeamento das conquistas, mas também desvelar os obstáculos enfrentados pelos afrodescendentes em sua incansável busca por reconhecimento e cidadania. Este trabalho convida o leitor a explorar o passado não como um mero espectador, mas como um participante crítico, reconhecendo que os desafios vivenciados por João da Cruz ecoam nas intrincadas teias sociais contemporâneas, instigando-nos a refletir sobre a busca incessante por liberdade, igualdade e justiça. A influência da imprensa na construção das representações raciais estende-se além do caso de João Francisco da Cruz; nesse sentido, é fundamental considerar o contexto mais amplo em que essas representações se desdobram.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Essa discussão é possível observar nos trabalhos de Ana Flávia Magalhães Pinto, que analisa como a imprensa negra e os escritos desses intelectuais contribuíram para a luta por liberdade e cidadania, desafiando as narrativas racistas da época; de Sueli Carneiro, que aborda o epistemicídio e o racismo nas construções de conhecimento; e de Lília Moritz Schwarcz, que analisa as representações raciais e a história da escravidão no Brasil. Essas pesquisas contribuem para a compreensão das tensões raciais e das lutas por reconhecimento e cidadania dos afrodescendentes, alinhando-se com as reflexões propostas pelo estudo sobre João da Cruz. Cf: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2018. Ver também: CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011. Ver ainda: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recentemente algumas pesquisas vêm mostrando que homens e mulheres negros alcançaram níveis intelectuais, sociais, econômicos que há pouco tempo era visto como algo excepcional. Para muitos homens do século XIX, esse “negro de êxito” era uma realidade e conviviam intensamente com eles. Desde meados daquele século, em parte pelas restrições crescentes ao tráfico negreiro, em parte pela expansão de outras relações de trabalho, o percentual de cativos diminuiu, enquanto o de negros e “mulatos” livres aumentou. Em 1872, segundo Sidney Chalhoub, esse grupo chegou a 42,7% da população. À época, de cada quatro negros, três eram livres.

É importante lembrar que, desde a década de 1820, o processo de Independência do Brasil e das Américas, de forma geral, trouxe à tona a questão da cidadania. A Constituição de 1824, embora proclamasse princípios liberais, não pode ser considerada um documento que tratava todos os homens como cidadãos livres e iguais. Na verdade, essa constituição revela a complexidade e as limitações da cidadania brasileira naquele período. Pesquisadores como Lilia Moritz Schwarcz, em sua obra “Brasil: uma biografia” (2015), e Angela Alonso, em “Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)” (2015), demonstram que a cidadania plena era restrita. O sistema eleitoral excluía a maioria da população brasileira, especialmente os pobres, escravizados e mulheres, dos direitos políticos e civis plenos. A elite agrária mantinha seu poder através de um sistema eleitoral que exigia uma renda mínima para votar e para ser eleito, perpetuando a exclusão social e racial.

Além disso, a manutenção da escravidão até 1888 evidencia a contradição da constituição liberal. Historiadores como João José Reis e Flávio Gomes apontam em seus estudos sobre a escravidão e o pós-abolição, que a sociedade brasileira estava fortemente marcada pela desigualdade racial, e a estrutura legal da época refletia e sustentava essas divisões. A escravidão, portanto, era um pilar fundamental da economia e da sociedade, contradizendo qualquer noção de igualdade universal. Embora a Constituição de 1824 tenha formalizado um regime liberal, na prática, ela institucionalizou uma cidadania limitada, restrita à elite branca e proprietária, excluindo amplos segmentos da população, particularmente os afro-brasileiros escravizados e os pobres. Contudo, alguns negros, mestiços e pardos, bem como seus descendentes, livres ou libertos, empenharam-se na luta pelo reconhecimento como cidadãos brasileiros.

A escravidão, então em vigor, fez com que recaíssem sobre a população livre de ascendência africana as restrições civis advindas dela. O século XIX foi o grande cenário das discussões do pensamento científico, responsável pela noção de “raça” e de desigualdade entre elas. Foram criadas teorias biologizantes e raciais que recaíam sobre negros e mestiços,

justificando a restrição de direitos civis a estes sujeitos, pois eram considerados racialmente inferiores. Não tardou para que as concepções biológicas permeassem o cotidiano. As questões sociais desempenharam um papel significativo na discussão sobre raça. Hebe Mattos observa que “a noção de raça é uma construção social do século XIX, estreitamente ligada, no continente americano, às contradições entre civis e políticos inerentes à cidadania estabelecida pelos novos estados liberais e o longo processo do cativo”.<sup>2</sup> A construção da raça, portanto, não se limitou à biologia, mas se entrelaçou com as complexas dinâmicas sociais e políticas da época, refletindo as tensões e desigualdades inerentes ao período pós-colonial.

No celebre livro *O negro no Pará*<sup>3</sup>, Vicente Salles demonstrou que na Amazônia os negros tiveram uma presença marcante na formação da sociedade do Norte do Brasil e que foi um agente ativo nas lutas sociais antes e pós Independência. Ainda na década de 1970, apesar de não ser o seu objetivo principal naquele contexto, Salles nos apresentou alguns agentes negros envolvidos em questões políticas, de guerrilhas e de contestação da ordem imperial vigente pós Independência.

É o caso de Manóel Barbeiro, negro de espada à cinta, “sonhador da igualdade entre as raças, ‘espião’ e incansável recrutador de prosélitos”. Sectário do padre Batista Campos e colaborador próximo do jornalista republicano e de língua afiada Vicente Lavor Papagaio, conhecidos “agitadores” políticos da década de 1820 no Pará. Não é de todo mal pensarmos que Manóel Barbeiro tivesse passado informações sobre o descontentamento “da raia miúda” ao Lavor Papagaio, que destilava suas críticas como redator do jornal *Sentinella Maranhense na Guarita do Pará* (1834) as autoridades legais da Província do Grão-Pará no pré-Cabanagem.<sup>4</sup>

Vicente Salles deixa claro em seu livro que junto com outros estrangeiros e paraenses mais conhecidos pela historiografia da Cabanagem no Pará, um “preto liberto”, conhecido somente por Patriota, “incansável aliciador da massa escrava”, foi um dos que lideraram a revolução urbana no período regencial nas ruas de Belém. Por muito tempo, as pesquisas sobre o negro se dedicaram a vê-lo sob o regime da escravidão. Apesar de ser este o objetivo de Vicente Salles no livro, naquele contexto, já nos mostrava a importância da ação de vários negros escravizados, libertos ou livres, na luta por uma condição social mais igualitária. Salles apresenta também relatos onde é possível percebermos palavras preconceituosas, e diríamos

---

<sup>2</sup> MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, Coleção: Descobrimo o Brasil, p.13.

<sup>3</sup> SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971.

<sup>4</sup> Idem, 3ª ed. rev. ampl. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005, p.289 – 293.

sem a menor preocupação com o anacronismo, racistas a esses sujeitos negros que acreditavam na cidadania plena.<sup>5</sup>

Outras armas também foram usadas contra a usurpação do direito à cidadania. Muitos afrodescendentes tornaram-se intelectuais e passaram a fazer parte de um grupo ligado a imprensa. Nesse sentido, o jornal impresso mostrou-se uma fonte versátil, principalmente os de circulação diária, pois através dele podemos ter ideia da movimentação do porto, da cotação da borracha, dos crimes, do posicionamento da elite jornalística frente às questões de cunho local e nacional, da mudança dos hábitos e valores, das demandas sociais, políticas e econômicas, das estéticas sociais e urbanas, da formação de elites políticas e econômicas e sua tentativa de controlar as “classes perigosas”, da circulação nos espaços públicos, da higiene, da produção cultural, do comércio, enfim, todos os aspectos de uma cidade que se pretendia “civilizada”.<sup>6</sup>

Foi nos jornais que consagrados literatos escreveram suas obras – hoje clássicos – nas mais variadas colunas da folha impressa. A troca de críticas, muitas vezes acompanhada com ataques pessoais, era uma tônica nos oitocentos. A figura do jornalista profissional ainda estava se moldando. A frente da pena dos jornais e da tipografia estavam escritores, poetas, políticos, militares, padres, funcionários públicos, folcloristas, médicos, juristas, engenheiros, ou seja, uma infinidade de homens letrados e entre eles uma infinidade de homens de cor preta.

Há algum tempo, temos investigado diversos aspectos da imprensa de Belém, incluindo trabalho escravo, imigração, colonização, movimento abolicionista, embates políticos e racismo. Atualmente, nosso foco se volta para a imprensa como campo de disputas pessoais, com destaque para a discriminação racial e o preconceito presentes em notícias e versos literários. Nesse contexto, homens letrados se enfrentavam nas páginas dos jornais, que se tornaram um dos principais meios de comunicação da época. Suas folhas estamparam ideias, opiniões, insultos pessoais, palavrões e descrições deturpadas de aspectos morais e/ou físicos<sup>7</sup> que espantariam o mais aberto leitor da atualidade.

No início da década de 1880, jornais como o *Diário do Grão Pará*, a *Província do Pará* e, em especial, o *Diário de Notícias*, todos de linha conservadora no período estudado,<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 120.

<sup>7</sup> LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>8</sup> A historiadora paraense Daniella de Almeida Moura investiga a influência da imprensa no Pará durante a transição para a República. A autora demonstra que os partidos políticos utilizavam jornais para promover ideais de progresso e civilização vinculados à República, além de empregar litografias simbólicas. A pesquisa examina a imprensa em diversas dimensões, como meio de comunicação, fonte de discursos, ferramenta educativa e promotora do progresso urbano e tecnológico, destacando significativas mudanças ocorridas nesse período. Cf:

deixaram de publicar qualquer notícia que pudesse auxiliar a escravidão na Província do Pará. Talvez o *Diário de Notícias* tenha sido o jornal mais abolicionista no período em questão, o que não o eximiu de adotar uma política de controle social da população escravizada e negra em suas páginas impressas. O antagonismo contra os negros era latente nos periódicos do período. Por um lado, os jornais promoviam a abolição da escravidão, mas, por outro, não hesitavam em publicar conteúdos que desumanizavam e discriminavam os negros em suas páginas.<sup>9</sup>

E foi no contexto das pesquisas sobre as discussões raciais do período abolicionista no jornal *Diário de Notícias* que encontramos uma série de versos satíricos chamados *Triolet*. A primeira vez que nos deparamos com essa seção do jornal, chamou-nos a atenção a imagem de um macaco sem cauda, um guariba, para ser mais preciso, e logo abaixo dele, versos com uma conotação racial muito forte, não só em relação à cor, mas também à ancestralidade de um sujeito chamado João da Cruz.

**FIGURA 1**  
**Desenho do guariba sentado no *Triolet***



Diário de Notícias, Solicitados, Triolet, de 20 de fevereiro a 08 de março de 1883.

O *triolet* ou triolé, em português, é uma forma literária usada desde o século XIII na França, e que ao longo do século XIX, foram usados de diversas formas na imprensa brasileira. Uns os usaram para expressar amor; como Machado de Assis em a “Flor da Mocidade”. Outros

---

MOURA, Daniella de Almeida. A imprensa periódica a serviço da República Paraense (1886-1898). Curitiba: Editora CVR, 2022.

<sup>9</sup> LIMA, Helder Lameira de. “Malditos de raça, malditos de cor: a imprensa abolicionista belenense e seus atropelos raciais”. In: Faces da história da Amazônia. NEVES, Fernando Arthur de Feitas & LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto (orgs.). Belém: Paka-Tatu, 2006, pp.383-418. Ver Também: BEZERRA NETO, José Maia. Fugindo, sempre fugindo: escravidão, fugas escravas e fugitivos na Amazônia brasileira (1840-1888). Teresina: Cancioneiro: 2023, pp. 295-301.

para denunciar abusos das autoridades; como Cruz e Souza na “*Questão Brocardo*”. No Pará, na seção “*Solicitados*” do jornal *Diário de Notícias*, se referiam ao “macaco”, ao “preto”, ao “carafuz”, ao “negro mais petulante” João da Cruz, sendo usados para ironizar, satirizar e discriminar homens e mulheres de ascendência africana.<sup>10</sup>

Os caminhos metodológicos para recompor um quebra-cabeça de elementos inicialmente dispersos sobre quem era João da Cruz naqueles triolés tornaram-se viáveis graças aos avanços tecnológicos das ferramentas de busca em bibliotecas digitais. Desde o final da década de 1990, quando ainda utilizávamos as antigas máquinas de microfilme para acessar os jornais da época, já tínhamos algum contato com os *Triolets*. No entanto, foi somente com o aperfeiçoamento das tecnologias de busca que começamos a montar esse quebra-cabeça de forma mais sistemática e eficiente.

Não pense o leitor que a prática artesanal e meticulosa do historiador foi substituída ou menosprezada pelos atuais recursos de busca em pesquisas digitais. Se digitarmos a palavra “triolet” e suas variantes no jornal *Diário de Notícias*, aparecem apenas 18 ocorrências, quatro a mais do que conseguimos em 1997 sem esse recurso. Contudo, apareceram algumas que nunca tínhamos visto e sem a imagem do “macaco”. Começamos a pesquisar sem seguir as ocorrências automáticas e acabamos levantando cento e dois *triolets*, dois Romances à vapor, um epigrama, um soneto, dois poemetos, cinco adivinhações e uma fábula, todas envolvendo João da Cruz, entre dezembro de 1882 e março de 1883, reaparecendo entre maio e setembro de 1885. A partir dos *triolets* e das demais notas sobre João da Cruz, começamos a encontrar diversas notícias ligadas a ele. Muitas vezes, notas minúsculas acabavam nos conduzindo a notícias maiores, que por sua vez nos levaram a outros jornais no Pará, no Maranhão, passando pelo Nordeste até o Rio de Janeiro.

A análise dos *triolets* introduziu uma questão não prevista inicialmente: quem era João da Cruz? Embora a elaboração de uma biografia não fosse o objetivo desta dissertação, logo se percebeu que os vestígios desse indivíduo desconhecido (para nós) poderiam apontar aspectos cruciais das tensões sociais envolvendo figuras como João da Cruz. Esses rastros poderiam oferecer uma compreensão mais profunda das dinâmicas entre as pessoas e grupos por trás dos jornais, bem como das ideias em circulação sobre a população negra no contexto dos debates abolicionistas, dos quais participavam os mais diversos jornais publicados no final do século XIX.

A compreensão de João Francisco da Cruz é desafiada pela distância temporal, social e

---

<sup>10</sup> É importante lembrar que os *Triolets* não foram usados somente para perseguir João Francisco da Cruz. Temos vários triolés publicados com outra finalidade nos jornais pesquisados dentro do recorte desta dissertação.

cultural que nos separa. No entanto, as fontes históricas disponíveis, dentro de seus limites, como os testamentos cartoriais e os registros periódicos em jornais e almanaques, nos apresentou parte significativa da trajetória desse maranhense negro, que soube tecer alianças e provocar a ira de muitos que constantemente o atacavam, marcando sua ascendência africana.

Vivendo numa sociedade racista e excludente, onde ele não era considerado um igual, João da Cruz sentiu literalmente na pele os efeitos das ideias raciais discutidas ardentemente entre os intelectuais brasileiros. No primeiro capítulo, pretendemos demonstrar que possuir os requisitos que a sociedade branca e letrada exigia não era suficiente para que ele fosse visto como um cidadão pleno. Apesar de sua intensa luta para ser reconhecido, a sociedade impunha barreiras adicionais. Dessa forma, apresentaremos a história de João da Cruz, um afrodescendente que superou as restrições impostas pela sociedade brasileira do final do século XIX e alcançou destaque social.

Para atingir esse objetivo, o capítulo explorará partes centrais da vida e das realizações de João da Cruz, bem como as dificuldades enfrentadas por ele. Ao fazer isso, pretendemos suscitar reflexões sobre as estratégias de superação adotadas por esses indivíduos em um contexto de desigualdade e exclusão social. A sua história exemplifica a resiliência e a determinação dos afrodescendentes livres e libertos na busca por reconhecimento e cidadania em meio a restrições socioculturais e preconceito racial. Essa análise contribuirá para uma melhor compreensão da história dos afrodescendentes no Brasil, valorizando suas conquistas e legados na sociedade contemporânea.

As principais fontes utilizadas serão os jornais da época e o testamento deixado por João da Cruz. A partir dessas fontes, é possível traçar um perfil de João da Cruz e explorar sua vida e influência no contexto histórico. No entanto, é importante considerar a natureza limitada dessas fontes. As fontes periódicas podem estar sujeitas a vieses e interpretações subjetivas, uma vez que os jornais da época frequentemente refletiam os interesses e as perspectivas de seus editores e públicos-alvo. Além disso, as fontes cartoriais, como testamentos, podem ser fragmentárias ou apresentar lacunas, devido à perda ou deterioração de documentos ao longo do tempo, ou mesmo a falta de registros completos sobre determinados aspectos da vida de indivíduos historicamente marginalizados. Portanto, a análise da trajetória de João Francisco da Cruz requer uma abordagem cuidadosa e crítica, considerando essas possíveis limitações. Ao combinar essas fontes, espera-se apresentar uma análise abrangente da experiência de João da Cruz, destacando sua luta por reconhecimento e cidadania.

Apresentar a trajetória de João Francisco da Cruz é um desafio historiográfico que envolve os conceitos de anacronismo e estruturalismo. O anacronismo refere-se ao erro de

atribuir ideias, valores ou conceitos modernos a períodos históricos passados, distorcendo a compreensão histórica. No caso de João Francisco da Cruz, é essencial evitar a projeção de percepções contemporâneas sobre identidade e cidadania no contexto do século XIX. O estruturalismo, por sua vez, busca entender as estruturas sociais e culturais subjacentes que moldam as experiências humanas. Ao analisar as fontes, como jornais da época e o testamento de João da Cruz, devemos reconhecer que essas fontes podem refletir os preconceitos e limitações da época, ao mesmo tempo em que revelam as normas sociais e culturais que influenciaram sua vida. Portanto, nossa análise deve equilibrar a crítica às interpretações anacrônicas com uma compreensão das estruturas culturais da época, proporcionando uma visão mais precisa e contextualizada da luta de João Francisco da Cruz por reconhecimento e cidadania. Assim, a primeira parte deste capítulo caminha nessa linha tênue entre o anacronismo e o estruturalismo, buscando um equilíbrio que nos permita compreender de forma adequada as nuances do contexto histórico e cultural vivido por João da Cruz.

Ao abordar as relações familiares e a cidadania de João da Cruz, este capítulo explora como esses laços influenciaram sua trajetória e experiência de vida. A análise se estende além dos membros diretos da família, examinando também suas relações mais amplas, que desempenharam um papel significativo em sua formação pessoal e social. Além disso, o capítulo investiga a jornada de João Francisco da Cruz como um cidadão negro no Pará, evidenciando os desafios que enfrentou em sua busca por reconhecimento e plena cidadania. Mesmo sendo um cidadão ativo e respeitado, sua forma de exercer a cidadania gerava desconforto e debates acirrados entre diferentes grupos, revelando as tensões raciais e sociais da época.

Na parte final do primeiro capítulo, será abordada a imprensa abolicionista paraense e seu tratamento desigual a abolicionistas negros como João Francisco da Cruz e José Agostinho dos Reis, refletindo as complexas relações raciais da época. Enquanto João da Cruz frequentemente era alvo de ataques racistas e sua importância minimizada, José Agostinho dos Reis foi amplamente reconhecido e elogiado como um respeitado intelectual. Essa disparidade evidencia a ambiguidade da imprensa abolicionista, que, embora defendesse a liberdade dos cativos, perpetuava preconceitos raciais contra determinadas figuras negras ao mesmo tempo em que elogiava outras.

No segundo capítulo, realizaremos um estudo dos poemas e notas que estereotiparam João da Cruz na imprensa paraense, a partir do gênero literário *Triolet* e das notícias que circulavam sobre ele na época. O objetivo é analisar como a imprensa utilizou essas formas de expressão para perpetuar estereótipos e reforçar preconceitos em relação a João da Cruz e à

população negra em geral. No final do século XIX, os jornais de Belém seguiam um padrão bem definido e homogêneo, geralmente consistindo em quatro páginas e com dimensões bem maiores comparadas aos atuais. A primeira e a quarta páginas eram dedicadas a anúncios, enquanto a segunda trazia editoriais e notícias, e a terceira continha seções diversas, incluindo folhetins, noticiários, seções “a pedidos” ou “solicitados”, e mais anúncios. Contudo, houve exceções, como o jornal *Diário de Belém*, um dos mais importantes da época. Essa estrutura refletia a influência do comércio local, especialmente ligado aos negócios de exportação. A seção “*Solicitados*”, que era paga e publicava de tudo um pouco, incluindo os triolés, será uma das utilizadas nesta dissertação. Dessa forma, ao analisar o tratamento dado a João da Cruz, é fundamental compreender como as diferentes seções e a estrutura padronizada dos jornais funcionavam e contribuíam para perpetuar estereótipos e preconceitos raciais na sociedade paraense da época.

Dando continuidade a essa análise, exploraremos como os jornais da época se transformaram em uma arena de debates e conflitos, permitindo que grupos distintos pudessem expor suas ideias e visões sobre os acontecimentos do momento. Destacaremos temas recorrentes nos *trioletes* referentes a João da Cruz, tais como a questão racial, política, imprensa, morte e carnaval, que permeavam o cotidiano da sociedade paraense e eram tratados de forma peculiar pelos jornalistas-poetas. Com isso, poderemos compreender como a imprensa local influenciava e moldava as percepções e estereótipos sobre o sujeito em questão, contribuindo para a construção de uma imagem coletiva.

O estilo literário *Trioleto*, originário da tradição poética francesa, foi utilizado na imprensa brasileira do século XIX de diversas formas, destacando-se nas manifestações satíricas e críticas. Nesses contextos, os “poetas” frequentemente adotavam pseudônimos para preservar sua identidade e, por vezes, exploravam narrativas sequenciais para veicular comentários mordazes sobre pessoas ou grupos rivais. Essa prática não apenas proporcionava uma plataforma para expressões e visões específicas da sociedade da época, incluindo a questão da liberdade dos negros em um país ainda marcado pela escravidão, mas também permitia relativa anonimidade aos escritores, estimulando o debate e a sátira na esfera pública. No Pará, as “versalhadas” eram especialmente empregadas para expressar ideias e sentimentos de maneira concisa e impactante sobre João da Cruz, um homem negro totalmente integrado como cidadão na efervescente Belém da época da borracha.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> A questão parecia ir além da cor, pois, junto com João da Cruz, havia outros homens negros notáveis, como José Agostinho Reis e Siqueira Mendes, que, exceto em algumas ocasiões em que o cônego Siqueira Mendes foi lembrado de sua cor por adversários nos jornais, não foram alvos de ataques racistas tão expressivos. No entanto,

No final do século XIX, os triolés eram mais do que simples exercícios poéticos: eram ferramentas de crítica social e pessoal, carregadas de intenções e mensagens veladas e/ou diretas. Os autores frequentemente usavam pseudônimos, não apenas para proteger suas identidades, mas também para criar uma dinâmica intrigante e provocadora. Esse jogo literário, embora público, tinha camadas de significados compreensíveis apenas para um círculo restrito. No segundo capítulo, apresentaremos exemplos notórios de pseudônimos como “*O filho do Borges*”, “*Filho do Borges*” e “*Borges Filho*”, que provavelmente representavam o mesmo jornalista e um dos principais detratores de João da Cruz no *Diário de Notícias*. Utilizando esses pseudônimos, o autor direcionava ataques mordazes, empregando os triolés como uma plataforma para críticas incisivas e insultos pessoais. Esses duelos literários não apenas divertiam um público amplo, mas também desnudavam as rivalidades e preconceitos profundamente enraizados na sociedade da época. A sátira, assim, revelava-se uma arma potente, refletindo e amplificando as tensões sociais e pessoais do período.

Ainda no último item do segundo capítulo, vamos analisar se a representação de João da Cruz como um negro resignado - alguém que se submete à vontade de outros sem resistência - era de fato precisa, especialmente ao associá-lo ao folclore do “Pae João”. Esta associação pode ter sido uma simplificação ou deturpação de sua verdadeira postura e ações diante dos ataques raciais que ele sofreu.

No terceiro e último capítulo desta dissertação, examinamos como João da Cruz, conhecido por sua habilidade em polemizar, transformou a controvérsia em uma poderosa ferramenta de luta na imprensa de Belém. Em um período marcado por intensos debates científicos, como o trânsito de Vênus pelo disco solar, João da Cruz se destacava por sua capacidade de questionar e criticar as figuras estabelecidas da ciência e da política. Sua coragem em desafiar as opiniões predominantes, mesmo sobre temas técnicos e complexos, evidenciava sua perspicácia e determinação em se posicionar contra a hegemonia de certos grupos sociais. Sua abordagem controversa, frequentemente refletida em suas publicações e discursos, não só incomodava seus adversários como também mobilizava a opinião pública, tornando-o uma figura central nas mais diversas discussões no Pará.

Além disso, abordaremos a rede de alianças e rivalidades que João da Cruz estabeleceu na imprensa de Belém, evidenciando a complexidade das relações entre os indivíduos da época. João da Cruz não apenas enfrentou resistência de adversários, mas também cultivou importantes conexões que lhe permitiram articular suas ideias de maneira mais eficaz. Sua atuação revela

---

João da Cruz foi constantemente marcado por sua ascendência africana e, conseqüentemente, por sua cor, evidenciando um viés racial nas representações da época.

uma intrincada teia de interações que ultrapassa a simples categorização de resignação, apontando para um engajamento ativo e estratégico no combate à escravidão e ao preconceito racial.

A obra “Escritos de liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista” de Ana Flávia Magalhães Pinto é uma referência fundamental para esta pesquisa. A autora destaca os esforços dos afrodescendentes na superação das barreiras que limitavam o pleno exercício da cidadania, um tema que será discutido no primeiro capítulo desta dissertação. Além disso, ela realiza uma análise profunda da vivência de sujeitos negros como Machado de Assis, Luiz Gama, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, e outros menos conhecidos da imprensa negra.<sup>12</sup> Este exame abrange aspectos de interlocução pessoal, posicionamento político, ideologia e construção da identidade racial, incluindo suas experiências com o racismo, que serão abordados no segundo e terceiro capítulos deste estudo.

---

<sup>12</sup> A expressão “imprensa negra” é amplamente utilizada por historiadoras e historiadores para se referir aos jornais e jornalistas negros que surgiram no Brasil no século XIX e início do século XX. Esta imprensa desempenhou um papel crucial na articulação das demandas e na luta pela cidadania da população afrodescendente. Ana Flávia Magalhães Pinto, em sua obra “Imprensa negra no Brasil do século XIX”, examina essa produção editorial e destaca a importância desses veículos na construção da identidade racial e na resistência ao racismo da época. A autora detalha como os jornais negros serviam não apenas como meios de informação, mas também como plataformas de mobilização política e cultural, influenciando significativamente o debate público sobre a abolição da escravidão e a inclusão social dos afro-brasileiros. Cf: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. 1.ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010. Ver também: SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da história: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

## CAPÍTULO 1:

### **Experiências negras no Pará: a trajetória de João Francisco da Cruz (1860-1887).**

Ao iniciarmos a leitura dos triolés, não se antevia a extensão da riqueza de informações sobre o indivíduo que era objeto daqueles versos satíricos. Logo, tornou-se evidente a necessidade de se estabelecer um capítulo que analisasse a identidade de João Francisco da Cruz, fornecendo ao leitor uma compreensão sobre quem ele era. Além disso, é crucial buscar as razões pelas quais ele foi tão frequentemente alvo de ataques, bem como explorar suas experiências e a sua luta incansável para ser reconhecido como um cidadão. Este capítulo, portanto, não apenas apresentará parte da trajetória de João da Cruz, mas também destacará o contexto mais amplo das experiências negras no Pará durante aquele período.

Desde o final do século XVIII, filhos e netos de escravizados começaram a se afastar do cativo e a ascender socialmente, ocupando diversos cargos e funções em todo o Brasil.<sup>13</sup> Embora a integração dos afrodescendentes à elite cultural do Império fosse uma tarefa árdua devido ao preconceito enraizado que lhes fechava muitas portas, a resistência a essa inclusão foi gradualmente transformando-se com a expansão do estrato de afrodescendentes livres. À medida que mais afrodescendentes conquistavam sua liberdade e alcançavam posições de destaque, parte da sociedade começou a questionar e atacar a integração desses indivíduos em ciclos sociais onde outrora eles não participavam. Essa transformação na sociedade abriu caminho para que afrodescendentes como João Francisco da Cruz pudessem lutar por reconhecimento e direitos. A trajetória de Cruz, assim, exemplifica a persistente luta dos negros para serem aceitos e respeitados como cidadãos plenos, destacando a importância de suas experiências na formação da identidade social e cultural do Pará e do Brasil como um todo.

Ao longo do século XIX, em especial nas três últimas décadas, o percentual de escravizados na população vinha diminuindo. A partir de 1872, de acordo com o Sidney Chalhoub, os negros e mulatos livres representavam 42,7% da população, ou seja, de cada quatro negros três eram livres.<sup>14</sup> Muitos desses negros e pardos destacaram-se, nas artes, nas letras, nos serviços públicos, no direito, na medicina e sobretudo na imprensa, como mostra Ana Flávia Magalhães Pinto em seu livro “Escritos de liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista”.<sup>15</sup> Segundo Ana Flávia Pinto, os esforços dos descendentes de

---

<sup>13</sup> GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. São Paulo: Edusp, 2016, 392 p.

<sup>14</sup> CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>15</sup> PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil*

africanos para superar as barreiras colocadas ao exercício da cidadania tiveram de se valer dos canais de poder e prestígio então vigentes.

Numa sociedade fundada nas relações de dominação pessoal, a distribuição dos cargos públicos e dos benefícios do Estado dependia de favores pessoais prestados pelos detentores do poder.<sup>16</sup> A distribuição desses favores também se dava pelas redes de sociabilidade, como maçonaria, partidos políticos, associações, clubes e irmandades. Para Ana Flávia, a rede de sociabilidade de “homens de cor” possibilitou o aparecimento de intelectuais negros em uma sociedade ainda pautada pelo trabalho escravo.

Este capítulo tem como propósito apresentar a trajetória de João da Cruz, um indivíduo de ascendência africana que, mesmo diante dos obstáculos impostos pela sociedade brasileira do final do século XIX, logrou êxito em sua ascensão social, tornando-se uma figura, no mínimo, questionadora, de seu tempo. João da Cruz se destaca como um exemplo vívido da tenacidade e firmeza de muitos afrodescendentes, livres e libertos, que se empenharam na busca por reconhecimento e cidadania em um cenário de limitações socioculturais e discriminação racial. Com o intuito de alcançar esse propósito, serão examinadas as informações existentes sobre sua vida e realizações, bem como os desafios que ele enfrentou ao longo de sua jornada. Espera-se, assim, provocar reflexões acerca das estratégias de resistência e superação adotadas por esses indivíduos em um contexto de desigualdade e marginalização social. Dessa maneira, almeja-se contribuir para um entendimento mais aprofundado da história dos afrodescendentes no Brasil, bem como para a valorização de suas conquistas e legados na sociedade contemporânea.

### **1. A trajetória de João Francisco da Cruz: um desafio historiográfico a partir de fontes periódicas e cartoriais.**

O francês Alain Corbin tornou-se um historiador atípico por se debruçar em objetos de estudos inusitados para os historiadores: a história do olfato, da miséria sexual masculina, da paisagem sonora, da sensibilidade ao clima. Um historiador do sensível, como ele se autodenomina. Entre sua vasta produção, talvez a obra que mais gerou controversa foi *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot. Sur les traces d'un incomum 1798-1876* (O mundo

---

*oitocentista*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. Este livro é um desdobramento da sua tese, a qual recebeu menção honrosa do Prêmio Capes em 2015, e que analisa a experiência de Machado de Assis, Luiz Gama, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes e de outros menos conhecidos da imprensa negra em relação à interlocução pessoal, política, ideológica e de identidade racial, inclusive à experiência do racismo, vivida entre eles.

<sup>16</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Coleção Espírito Crítico, Duas Cidades/Editora 34, 6ª ed., 2012, 1ª ed. de 1977.

reencontrado de Louis-François Pinagot: no rastro de um desconhecido).<sup>17</sup> Nesta obra, Corbin acabou ressuscitando alguém que talvez não quisesse ser ressuscitado, como o próprio historiador exclamou.

Apesar de criticado por ter escolhido um “sujeito comum” ao acaso, Corbin, esclarece que sua intenção não era fazer uma biografia propriamente dita do Louis-François Pinagot e que mergulhou na vida cotidiana daquele sujeito, que viveu 76 anos e que tinha atravessado um século, praticamente, para entender o que estava entorno dele, mesmo sabendo do risco do anacronismo diante do desafio de reconstruir uma cultura sensível diferente da nossa. Esteve sempre atento ao vocabulário e ao sentido das palavras afim de não postular uma individualidade a um ser do passado. Sua intenção não era estudá-lo horizontalmente, mas tentar se colocar no seu lugar, tentar ver e ouvir o que ele via e ouvia. Em nenhum momento Corbin lutou contra os contornos imprecisos da identidade de Pinagot. Talvez seja por isso que ele pede perdão por tê-lo “ressuscitado”. Desse modo, “evitou magistralmente o anacronismo de conceder a um indivíduo do passado uma visibilidade apenas aos nossos contemporâneos sentidos.”<sup>18</sup>

A presente pesquisa, em diversos aspectos, difere da obra de Corbin. Em primeiro lugar, ao contrário de Pinagot, João da Cruz possui vastos registros, sejam eles deixados pelo próprio ou por terceiros, durante os seus 44 anos de vida. Em segundo lugar, João da Cruz travou uma luta para afirmar o seu status como cidadão perante um grupo de pessoas que o considerava fora de seu lugar merecido. Entretanto, a obra de Corbin nos ensina uma importante lição: reconstruir, mesmo que de forma fragmentada, a vida de um indivíduo do passado é um desafio formidável. Estamos sempre no limite do anacronismo, pois é necessário compreender uma cultura sensível e diferente da nossa própria, tentando captar o contexto em que o sujeito estudado estava inserido a partir das palavras de uma época que não é a nossa.

Tentar entender a vida ou pensamentos sociais de atores aquém do nosso tempo é uma tarefa árdua. Assim como não é fácil refazer caminhos que levam à composição da vida de um indivíduo. Ao fazer isso,

---

<sup>17</sup> No livro, Alain Corbin, conta a história de Louis-François Pinagot, um camponês francês que viveu entre 1798 e 1876 e que é pouco conhecido pela história oficial. O livro é uma tentativa de reconstituir a vida deste homem comum a partir de documentos pessoais, como cartas, diários e fotografias, e da análise de seu ambiente social e cultural. A obra é uma reflexão sobre a vida cotidiana da época e sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas comuns para se fazer ouvir em uma sociedade hierarquizada.

<sup>18</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Uma História Quase Impossível: Alain Corbin. Projeto História, São Paulo, (19), nov. 1999. Entrevista realizada em Paris, no dia 11 de março de 1999, p.208.

(...) expomo-nos seja ao anacronismo histórico (ao risco de imputar indevidamente sentidos e significados aos sujeitos passados) seja ao estruturalismo mais árido (isto é, ao risco de privar a análise social da compreensão do significado cultural de seus objetos); mas, não fazê-lo, nos expõe igualmente, pois podemos pretender ser meros reconstrutores mentais de épocas mortas, como se isto fosse possível, como se não estivéssemos todos muito bem fincados em nossos atualíssimos interesses. Pois bem, é caminhando sobre esta lâmina fina, que separa anacronismo de relativismo, que me moverei.<sup>19</sup>

A figura de João da Cruz foi alvo de ataques contundentes em periódicos do século XIX que o desqualificavam por ser descendente de negros, utilizando termos como “burra raça”, “macaco” e “catinguento”, entre outros. Estas palavras não apenas demonstram suas ações em resposta aos ataques sofridos, mas também foram um catalisador para novos ataques. É por meio das palavras registradas nos periódicos e em seu testamento que se torna possível compreender aspectos de suas ideias, profissões, empreendimentos, família, bens, angústias, lutas e posicionamento político.

A compreensão de que João Francisco da Cruz nunca deixou de exercer sua cidadania, inclusive política, é um excelente ponto de partida para a análise de suas vivências. Com renda suficiente para votar, ele se tornou eleitor e, além disso, era proprietário de uma quitanda no Maranhão, de um jornal no Pará, possuía imóveis, serviu como alferes e primeiro tenente da guarda nacional e participou do debate político ligado ao partido Liberal. É importante destacar que a forma como João da Cruz exercia sua cidadania foi objeto de incômodo para alguns indivíduos em seu círculo sociocultural e político, tanto no Maranhão quanto, principalmente, no Pará.

O documento mais antigo encontrado referente a João da Cruz é uma carta mencionada no jornal *O Apreciavel*, do Maranhão. Segundo a carta, uma “pessoa de critério” informou à redação que na rua Nova, uma das vias mais movimentadas da cidade de São Luís, onde canoas atracavam com produtos dos lugarejos próximos, um guarda cívico chamado José Machado, acompanhado por outros dez guardas, interpelou um jovem que passava pelo local na noite de 20 de maio de 1867. Machado questionou o jovem, de 24 anos, sobre o que fazia ali naquela hora e sua identidade. O jovem se identificou como João Francisco da Cruz e prontamente respondeu que era um “cidadão inofensivo e bem conhecido”, e que não estava “cometendo

---

<sup>19</sup> GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, v. 47 n° 1, p.10. O artigo aborda os aspectos históricos e sociológicos do preconceito racial e do racismo no Brasil, destacando a distinção entre preconceito individual e racismo estrutural. Guimarães discute o legado da escravidão na formação das desigualdades raciais persistentes na sociedade brasileira, evidenciando manifestações contemporâneas de racismo nos setores educacionais, no mercado de trabalho e na vida pública, apoiando-se em dados qualitativos e quantitativos para ilustrar a amplitude dessas desigualdades e os desafios contínuos para enfrentá-las.

crime algum”, apenas se dirigindo à sua residência. Machado, munido de um ofício em suas mãos, informou a João da Cruz que estava autorizado a prendê-lo por ordem do “Sr. Dr. Chefe de Polícia”. No entanto, Cruz despediu-se dos guardas e entrou em sua casa, escapando da violência da abordagem.<sup>20</sup>

A Guarda Cívica do Maranhão, assim como outras guardas provinciais, foi um aparato civil, desmilitarizado, que fazia exclusivamente o policiamento das freguesias centrais de São Luís. Esta força pública responderia diretamente ao chefe de polícia e, pautada nos valores da modernidade, deveria ser polida e cortês no trato com os criminosos e suspeitos. Nesse período já era bastante criticada pelos desmandos e violência com que atuavam.<sup>21</sup> *O Apreciável*, o qual se dizia “*Orgão Sustentador das Instituições Constitucionaes*” do Maranhão, estava numa campanha contra a Guarda Cívica daquela província. No mesmo dia que publicou o ocorrido com o João da Cruz, chamando-o de “pessoa de critério” e “estabelecido com quitanda a Rua da Fonte das Pedras”, anunciava a dissolução da guarda pelo chefe de polícia de São Luís.<sup>22</sup>

A publicação do incidente envolvendo João da Cruz pelo jornal *O Apreciável* pode ser interpretada como uma estratégia deliberada para criticar a atuação da Guarda Cívica e do Chefe de Polícia de São Luís, destacando um caso emblemático de injustiça contra um cidadão conhecido. Ao escolher um jornal que já estava engajado em criticar a Guarda Cívica, João da Cruz alinhou sua denúncia com a campanha editorial do periódico, que visava expor as práticas abusivas e arbitrárias das autoridades locais. Ao apresentar João da Cruz como um indivíduo respeitável na comunidade, o jornal contrasta sua integridade com a arbitrariedade da ação policial, sublinhando a violência e os desmandos daquela Guarda. Dessa forma, fica claro que João da Cruz teve a intenção de utilizar o jornal para expor a discriminação e a brutalidade sistemáticas sofridas por ele e muitas outras pessoas, especialmente homens e mulheres negras.

No *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão* de 1865, especificamente na seção “Armazens de mantimentos seccos de todas as qualidades”, consta o nome de João Francisco da Cruz como morador da rua Nova, local onde a Guarda Cívica tentou detê-lo. De fato, Cruz possuía uma quitanda no largo da Fonte das Pedras, como pode ser

---

<sup>20</sup> O Apreciável (MA), ano II, n. 47, 25 maio 1867. Noticiário: “Mais uma gentileza da Guarda Cívica”. p. 4. Vale lembrar que o jornal *O Apreciável* estava, naquele momento, criticando veementemente a Guarda Cívica e o Chefe de Polícia de São Luís.

<sup>21</sup> SILVA, Jeffrey Aislán de Souza. *A guarda cívica: policiamento civilizador, criminalidade e conflitos urbanos na história social do Recife (1876-1890)*. Dissertação de Mestrado, UFRPE, Recife, 2016.

<sup>22</sup> Em relação à atuação da Guarda Cívica do Maranhão, conferir jornais maranhenses como *O Apreciável*, *Publicador Maranhense*, *A Situação* e *O Paiz*. São diversas notícias, ora elogiando, ora criticando a atuação da guarda nas freguesias maranhenses.

observado em um anúncio publicado nos jornais maranhenses em 1867.

– **João Francisco da Cruz,**

com estabelecimento commercial no largo da Fonte das Pedras canto da rua Odorico Mendes, vende o seguinte: superior serveja bass, dita alsopps de superior qualidade, dita tenente idem idem, licores franceses finissimos de diversas qualidades, a superior genebra de hollanda, dita de altena de superior qualidade em meios frasquinhos, superiores sardinhas de Nantes em latas, ditas portuguezas em barris e a retalho, o bem conhecido mel de uruçú engarrafado. Alem destes generos os freguezes encontrarão diversos trastes de madeira que tudo promette vender por preços razoaveis.

De todos os quitandeiros  
Eu sou mais barateiro  
Porém notem meus fregueses  
Que não vendo sem dinheiro

Se algum dia eu mudar  
Desta minha oppinião  
Nesta mesma folha escripto  
O meu aviso verão.

Maranhão 6 de março de 1867.<sup>23</sup>

Em suas publicações comerciais, João Francisco da Cruz adotou uma assinatura própria, iniciando seus anúncios com um travessão seguido de seu nome em negrito. Seu estabelecimento, além de comercializar produtos secos, também oferecia bebidas variadas, incluindo cervejas, licores, gins, vinhos, champanhes e cidras. Essa quitanda se destacava por vender uma variedade de produtos, tanto importados quanto nacionais e locais.

O que se destaca nesse contexto é a veia poética e literária de João da Cruz, que demonstrou seus talentos ao escrever versos nos anúncios comerciais. Sua habilidade com as palavras não se limitava apenas ao comércio, mas também se estendia para a arte e a literatura. Em 1867, a comédia intitulada “O Lavrador Sovina” publicada por João Francisco da Cruz foi anunciada no jornal “*O Apreciável*” e no “*Publicador Maranhense*”, respectivamente,

COMEDIA: – Foi-nos offerecida pelo Sr. Joaõ Francisco da Cruz, a sua comedia intitulada *O Lavrador Sovina*, que vem acompanhada de um juizo critico, que diz bastante em relação a esse trabalho.<sup>24</sup>

**O Lavrador**

Sovina, comedia historica em um acto por João Francisco da Cruz.  
A’ venda na livraria do largo do Palacio, n.20.  
Maranhão, 13 de julho de 1867.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Publicador Maranhense, nº 54, Anúncios, 06 mar 1867, p.3, c. 4.

<sup>24</sup> O Apreciavel (MA), 15/06/1867, p.4 c.3 – Ed. 00050

<sup>25</sup> Publicador Maranhense, nº 158, Anúncios, 13 julho 1867, p.3, c. 3.

No dia 9 de maio de 1863, o jornal *O Artista*, voltado para a indústria e, principalmente, para as artes, divulgou uma lista dos seus assinantes, onde constava o nome de João Francisco da Cruz, que na época era proprietário de uma quitanda. Em 1867, com 24 anos de idade, ele ocupava a patente de alferes no 3º Batalhão da Guarda Nacional do Paço do Lumiar.<sup>26</sup>

Durante o período Regencial, a criação da Guarda Nacional transferiu a responsabilidade da segurança do país para os próprios cidadãos, estabelecendo assim uma milícia cidadã. O alistamento para a Guarda Nacional tornou-se obrigatório para todos os brasileiros com renda mínima suficiente para ser eleitor nas principais cidades do país, incluindo Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém e São Luís.

O alistamento era aberto para homens saudáveis com idades entre 18 e 60 anos. Apesar de não serem remunerados, os membros da tropa eram responsáveis por providenciar seu próprio uniforme, manutenção de seus equipamentos e armas e pagamento de contribuições em dinheiro. Os oficiais da Guarda Nacional eram eleitos pelos próprios soldados para mandatos renováveis de quatro anos. Se não fossem reeleitos, os oficiais voltavam às funções de subalternos.<sup>27</sup> Em 1873, uma reforma reduziu a importância da Guarda Nacional em relação ao Exército, que saiu fortalecido da Guerra do Paraguai.

João Francisco da Cruz enquadrava-se no perfil esperado para Guarda Nacional, era um cidadão com renda, letrado e apto para receber uma patente, a de alferes, espécie de terceiro tenente. E assim, comprou seu uniforme e empunhou a sua espada, a qual trouxe consigo ao Pará e manteve exposta na sala de visita da sua casa. Símbolo de honraria e cidadania. Essa mesma espada será lembrada várias vezes por seus adversários nos jornais de Belém e chamada de “durindana”, em alusão a espada mitológica inquebrável ligada a Carlos Magno e cantada em poemas desde o século XI.

Em setembro de 1870 é cedida ao João da Cruz uma licença da Guarda Nacional.<sup>28</sup> Em janeiro de 1874, os liquidantes de sua casa no Maranhão, Elizario Braga & Fernandes, pediram nos jornais de São Luís para que os credores do Cruz trouxessem os seus títulos para se proceder ao rateio da mesma.<sup>29</sup> Na seção oficial do *Publicador Maranhense* de 13 de janeiro de 1874 encontramos o seguinte despacho do dia 09 do mesmo mês: “João Francisco da Cruz, alferes

<sup>26</sup> Almanak Administrativo da Provincia do Maranhão, Guarda Nacional, 3º batalhão do Paço do Lumiar, 1871, pp. 110-112. Ao lado do nome de cada integrante consta o ano de ingresso e às vezes o local onde reside. Nesse caso consta que no ano de 1871, João Francisco da Cruz residia na rua Madre Deus nº 39.

<sup>27</sup> CAMPOS, Rafael Ramos. *Elites em guarda: composição e atuação político-militar dos agentes da Guarda Nacional do Maranhão (1839-1855)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão, Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, 2013, Orientador: Igor Gastal Grill, 137 f.

<sup>28</sup> *Publicador Maranhense*, nº 226, Parte Oficial, Despachos, 12 outubro 1870, p.1, c. 3.

<sup>29</sup> Idem, nº 9, Secção de Annuncios, 13 jan 1874, p3. c.5.

do batalhão n. 3 da guarda nacional, pede que se lhe certifique os serviços por elle prestado ao governo. – Certifique-se.”<sup>30</sup>

O *Publicador Maranhense* do dia 02 de setembro de 1874, na Seção Oficial, publicou o despacho do dia 29 de outubro, onde Benedicto Bastos da Silva Porto, alferes secretário do 3º Batalhão da Guarda Nacional do Maranhão, pede ser admitido na vaga deixada pelo alferes João Francisco da Cruz, “que obteve guia de passagem para a provincia do Pará, onde ora reside.”<sup>31</sup> Em novembro daquele mesmo ano, os jornais maranhenses anunciaram a transferência oficial de Benedicto Porto para a vaga deixada por Cruz, o qual havia mudado “de residencia para a provincia do Pará”<sup>32</sup>. Em 02 de fevereiro de 1875 o *Jornal do Pará*, na seção “Parte Official”, publicou o seguinte:

Officios do secretario.

Ao commandante superior da guarda nacional da capital, devolvendo de ordem de s. exc. o sr. presidente da provincia convenientemente apostillada, a patente do alferes do 3º batalhão de infantaria da guarda do municipio do paço do lumiar, na provincia do Maranhão João Francisco da Cruz, aggregado ao 1º batalhão da mesma arma d’esta capital.

Em setembro de 1882, na seção “*Editais*” do jornal “*O Liberal do Pará*”, foi divulgada uma ordem da Guarda Nacional que nomeava os membros do conselho de qualificação por paróquia. No âmbito da paróquia de Nazaré, os seguintes oficiais foram designados: “Presidente: capitão Pedro Antonio Paes, Vogaes: capitão Gualberto da Costa, tenente Luiz de La roque Junior, alferes João Francisco da Cruz e Simeão E. dos Reis Guimarães”. Apesar de se envolver em diversas outras atividades, João Francisco da Cruz manteve sempre sua patente de alferes, e posteriormente de primeiro tenente, da Guarda Nacional, fato frequentemente recordado por seus companheiros e/ou oponentes.

A vinculação de João da Cruz à Guarda Nacional ocasionou a sua indicação como terceiro suplente da subdelegacia de polícia do 4º distrito (Nazaré) pelo chefe de polícia da capital da província do Pará. Em ofício datado de 22 de abril de 1875, sob o número 259, o então presidente da província decidiu exonerar o segundo suplente da subdelegacia mencionada e nomear Cruz para ocupar o cargo.<sup>33</sup> Em agosto de 1876, os jornais de Belém anunciaram que João da Cruz havia assumido a posição de subdelegado do 4º distrito.

<sup>30</sup> Diário do Maranhão, nº 150, Passageiros, 31 jan 1874, p.2 c.1. Ver também, *Publicador Maranhense*, nº 25, Noticiarios, 31 jan 1874, p. 3 c.1.

<sup>31</sup> Idem, nº 198, Seção Oficial, 02 set 1874, p.1 c.2.

<sup>32</sup> Diário do Maranhão, nº 392, Noticiario, Transferencia, p.2 c.3.

<sup>33</sup> *Jornal do Pará*, nº 75, Parte Official, Expediente do Governo, Portarias, 04 abril 1875, p.1 c.4 e 5.

**Subdelegacia do 4º districto da capital.** – Entrou em exercicio no dia 26 o 2º supplente, 1º tenente João Francisco da Cruz, por se acharem impedidos o proprietario e o 1º supplente.<sup>34</sup>

O alferes João Francisco da Cruz, 2º supplente da subdelacia de policia do 4º districto em exercicio desta capital por nomeação legal etc.

Faz saber que as audiencias desta subdelegacia terão lugar nos dias terças e sextas-feiras de cada semana as 4 horas da tarde na casa de sua residencia, sita ao arraial de Nazareth, canto da travessa 14 de março. Pará 28 de agosto de 1876. Eu Joaquim da Costa Ramos, escrevão o escrevi (assignado) *João Francisco da Cruz*.<sup>35</sup>

**4º districto.** – Está no exercicio da subdelegacia o 2º supplente João Francisco da Cruz. As audiencias devem ter logar na casa de sua residencia, ao arrayal de Nazareth, nas terças e sextas-feiras de cada semana, ás 4 horas da tarde.<sup>36</sup>

Em 09 de março de 1878 o então presidente da província do Pará o conservador João Capistrano Bandeira de Mello Filho passou o cargo para o liberal José da Gama Malcher como podemos observar nos Relatórios dos Presidentes de Província e nos jornais paraenses daquele período.<sup>37</sup> Contudo, sua administração durou apenas sete dias, tempo suficiente para demissões em massa e nomeações de “luzeiros” (liberais) próximos a ele.<sup>38</sup> Gama Malcher passou a administração da Província do Pará para o bacharel, jornalista e “liberal de crenças firmes” José Joaquim do Carmo, assumindo o cargo em 18 de março de 1878.<sup>39</sup>

Em abril daquele mesmo ano, por atos do dia 8 do corrente, o presidente da província exonerou vários delegados e subdelegados da capital e interior. Entre eles João Francisco da Cruz, “a bem do serviço público”, sendo substituído pelo cidadão José Cardozo da Cunha Coimbra.<sup>40</sup> Embora não tenhamos investigado exaustivamente os fatores que motivaram o afastamento de João Francisco da Cruz do cargo de subdelegado, é sabido que a prática de

<sup>34</sup> A Constituição (PA), nº 193, Gazetilha, 28 ago 1876, p.2 c.1.

<sup>35</sup> Idem, Edital, p.2 c.5.

<sup>36</sup> Diário de Belém, nº 195, Noticias Diversas, 30 ago 1876, p.1 c.1.

<sup>37</sup> Relatório com que ao Exm. Sr. Dr. José da Gama Malcher, 1º vice-presidente, passou à administração da Província do Pará. 09 de março de 1878. Relatórios dos Presidentes da Província do Grão-Pará. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=0&m=82&s=0&cv=1&r=0&xywh=15%2C228%2C1691%2C1193>. Ver também: A Constituição (PA), nº 56, ano V, Edital, 11 mar 1878, p.1 c.1. Ver ainda: O Liberal do Pará, nº 57, ano X, Noticiario, 10 mar de 1878, p.1 c.1.

<sup>38</sup> A Constituição (PA), nº 71, ano V, Chonica Politica, 29 mar 1878, p.1 c.2.

<sup>39</sup> Officio com que ao Exm. Sr. Dr. José da Gama Malcher, 1º vice-presidente, passou a administração da Província do Pará ao Exm. Sr. Dr. José Joaquim do Carmo em 18 de março de 1878. Relatórios dos Presidentes da Província do Grão-Pará. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=0&m=83&s=0&cv=1&r=0&xywh=298%2C107%2C2645%2C1866>. Em relação à sua posição política, conferir O Liberal do Pará, nº 64, ano X, Noticiario, 19 mar 1878, p. 1 c. 2.

<sup>40</sup> A Constituição (PA), nº 85, ano V, Gazetilha, Policia da capital, 16 abr 1878, p.1 c.5.

substituição de cargos por indicação política era comum em períodos de transição de poder, inclusive entre correligionários.

Embora próximo ao partido liberal, a exoneração de João Francisco da Cruz do cargo de subdelegado pode ter tido motivações diversas, tais como: término do período de serviço, possíveis desentendimentos pessoais com autoridades recém-nomeadas, demandas da comunidade local ou até mesmo discriminação racial. É importante ressaltar que o afastamento de João da Cruz do corpo policial da província não foi um caso isolado. Uma outra hipótese são as dissidências do partido Liberal no período, entre Liberais e Liberais Radicais; entre esses últimos, muitos tornaram-se republicanos na década de 1870. Apesar de não ser o objetivo principal desta dissertação explorar detalhadamente o posicionamento político de João da Cruz, é relevante mencionar que ele esteve vinculado a intelectuais republicanos, tendo vendido sua tipografia em 1885 para esse grupo. Essa transação sugere uma certa relação ou colaboração, embora João da Cruz tenha sempre se identificado como liberal.

O responsável pela apresentação e assinatura da modificação do quadro de pessoal da polícia em toda a província, no dia 9 de março de 1878, foi o chefe de polícia da província do Pará, o juiz de direito Bruno Jansen Pereira. Ele havia sido indicado e nomeado por Gama Malcher, quando este ainda era presidente da província. É importante destacar que as mudanças ocorreram de fato em abril de 1878, já no governo de José Joaquim do Carmo. Na lista de autoridades policiais apresentada por Bruno Jansen, o subdelegado que substituiria João da Cruz no 4º distrito seria José Joaquim da Gama e Silva Malcher, filho de Gama Malcher.<sup>41</sup> Contudo, ele permaneceu pouco tempo na função, pois assumiu o cargo de fiscal da Estrada de Ferro Paraense. Outro fato intrigante é a existência de um triolé, a ser discutido em outro capítulo, datado de 1882 e assinado pelo pseudônimo *Jansem* (ver Apêndice, p. 157), que insinuava que João da Cruz era um escravizado fugido do Maranhão.<sup>42</sup>

João da Cruz se estabeleceu na travessa 14 de março desde sua chegada ao Pará e lá permaneceu até sua morte, como veremos mais adiante. Além de ser comerciante, alferes e subdelegado, ele se tornou solicitador dos auditórios no final da década de 1870, cargo que passou a exercer com maior intensidade na década de 1880. O papel do solicitador era atuar como advogado sem diploma, além de ser responsável por ser procurador, acompanhar o

---

<sup>41</sup> Ofício com que ao Exm. Sr. Dr. José da Gama Malcher, 1º vice-presidente, passou a administração da Província do Pará ao Exm. Sr. Dr. José Joaquim do Carmo em 18 de março de 1878. Relatórios dos Presidentes da Província do Grão-Pará. p.11 Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=0&m=83&s=0&cv=1&r=0&xywh=-298%2C-107%2C2645%2C1866>. Em relação a nomeação no governo de Gama Malcher, conferir: Jornal do Pará, nº 63, ano XVI, Portarias, 17 mar 1878, p.2 c.4.

<sup>42</sup> Diário de Notícias, nº 289, ano III, Solicitados, Triolet, 24 dez 1882, p.3 c. 2 e 3.

andamento de casos judiciais, receber intimações e assinar termos de recursos, bem como praticar atos de cartório. Em seu inventário e testamento de 1887, é possível notar que João da Cruz possuía diversos livros de direito e literatura.

**FIGURA 2**  
**Solicitador dos Auditórios João Francisco da Cruz**



Correio do Norte, nº 3, ano I, 18 set 1882, p.4.

Como é possível observar em vários jornais do Pará, João Francisco da Cruz exerceu a função de solicitador, tanto na acusação quanto na defesa de diversos casos e pessoas, inclusive de negros. Em 16 de julho de 1882, o jornal *Diário de Belém* noticiou que Maria Joanna e Bento José da Silva Santos seriam julgados, com a acusação a cargo do “solicitador alferes João Francisco da Cruz” e a defesa do “sr. dr. Ernresto Para-assú”.<sup>43</sup> Já o jornal *Diário de Notícias*, que era um inimigo declarado de Cruz, publicou em 26 de setembro de 1885 que Gualdino Bezerra de Lima, acusado de crime de ferimentos graves, havia sido condenado pelo tribunal do júri a cinco anos e seis meses de prisão e multa correspondente a metade do tempo, acrescentando que o “réo foi defendido pelo sr. solicitador João Francisco da Cruz, e porisso . . . . . coitado . . . . .”<sup>44</sup>

Durante o século XIX, os jornais assumiram um papel cada vez mais relevante como arena de embates que transcendiam a esfera comercial e adentravam questões pessoais. Neste contexto, a atuação de João Francisco da Cruz como advogado ganhou destaque na mídia local. As notícias que o mencionavam em sua atuação profissional muitas vezes continham uma carga irônica, revelando o posicionamento editorial dos jornais. Apesar disso, sua atuação como defensor de réus acusados de diversos crimes ilustra sua habilidade e competência em atuar no

<sup>43</sup> Diário de Belém, nº 157, Tribunal do Jury, 16 jul 1882, p.3 c.1.

<sup>44</sup> Diário de Notícias, nº 219, Jury, 26 set 1885, p.2 c.6.

sistema jurídico da época. O *Diário de Belém*, outra folha que decidiu atacá-lo constantemente, publicou no dia 12 de agosto de 1885, o seguinte,

**Em liberdade.** – Por mandado do sr. dr. juiz substituto do 1º districto criminal, foram soltos ante-hotem os presos Luiz Marreiro de Andrade, Antero Estevão Alves, João Duarte de Siqueira, Antonio Manoel do nascimento e João Chaves, acusados de haverem, na noite de 8 de abril deste anno, na travessa 3 de maio, espancado tres urbanos.

Foram os mesmos individuos despronunciados pelo sr. dr. juiz de direiro do primeiro districto criminal, sendo advogado o solicitador João Francisco da Cruz.”<sup>45</sup>

A notícia sobre João da Cruz atuando como advogado dos acusados de espancar três urbanos parece ter um duplo sentido. Por um lado, a reportagem destaca a habilidade do solicitador em conseguir a despronúncia dos réus, isto é, foram absolvidos da acusação, indicando sua competência e conhecimento jurídico. Por outro lado, a notícia sugere que João da Cruz também defendia pessoas que talvez não devessem ser soltas, já que os acusados foram indiciados por um crime violento. Essa dualidade de sentidos é comum em notícias que envolvem o sistema jurídico, onde a defesa de indivíduos pode ser vista tanto como um direito fundamental quanto como uma forma de manter pessoas perigosas em liberdade. Em todo caso, a notícia sobre João da Cruz mostra que ele era um advogado habilidoso em sua atuação.

No contexto do movimento abolicionista brasileiro, a Lei de 1871 e o Decreto nº 5.135 de 1872<sup>46</sup> desempenharam um papel essencial ao estabelecerem a criação de juntas de “classificação de escravos” em todos os municípios. Essa legislação tinha como propósito definir critérios para a emancipação dos cativos. Em setembro de 1880, João da Cruz, um indivíduo negro e membro permanente do tribunal do júri da paróquia de Nazaré, foi indicado como promotor público *ad-hoc*<sup>47</sup> da junta de “classificação de escravos”.<sup>48</sup> Essa designação

<sup>45</sup> Diário de Belém, nº 181, Notícias, Em liberdade, 12 ago 1885, p.2 c.4.

<sup>46</sup> Câmara dos Deputados. Constituição de 1824. Decreto nº 5.135, de 13 de novembro de 1872. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5135-13-novembro-1872-551577-publicacaooriginal-68112-pe.html>. Acesso em: 28 maio 2023. *DECRETO Nº 5.135, DE 13 DE NOVEMBRO DE 1872. Aprova o regulamento geral para a execução da lei nº 2040 de 28 de Setembro de 1871.*

## CAPÍTULO II

### DO FUNDO DE EMANCIPAÇÃO

*Art. 28. Haverá em cada município, para classificação dos escravos que possam ser libertados, uma junta composta do presidente da câmara, do promotor público e do coletor. No município em que não residir o promotor servirá o seu ajudante, e onde não houver coletor, o chefe da repartição fiscal encarregado da matrícula ou o empregado por este designado. O presidente da câmara será substituído, em seus impedimentos, pelo vereador imediato na votação e que esteja no exercício do cargo.*

<sup>47</sup> Em termos jurídicos, “Ad-Hoc” é uma expressão em latim que significa “para este fim específico” ou “criado para esta situação em particular”. É frequentemente empregada para descrever a nomeação ou criação temporária de um comitê, tribunal ou arbitragem, destinado a resolver uma questão específica ou tratar de um caso particular, que não faz parte de uma estrutura permanente ou existente. Em suma, trata-se de uma solução temporária e específica para uma necessidade particular.

<sup>48</sup> O Liberal do Pará. Noticiarios. Belém, nº 212, ano XII, 19 set. 1880, p. 1, c. 6.

ressalta o engajamento ativo de João da Cruz na área jurídica e sua importância como abolicionista, em um momento marcado pela presença da escravidão. É relevante destacar que sua nomeação como promotor público estava diretamente relacionada à sua função como solicitador. João da Cruz representa a participação efetiva de pessoas negras na luta pela abolição, e seu envolvimento na causa abolicionista na província do Pará evidencia a importância dos indivíduos negros na busca pela liberdade e na promoção de transformações sociais.

Em sua atuação no Pará, João da Cruz se aproximou do Partido Liberal, embora não haja documentação oficial que o ligue diretamente ao partido no período analisado. No entanto, os jornais da época apontam para essa conexão, o que sugere uma forte relação entre Cruz e o partido. Como podemos observar, os jornais conservadores, como o *Diário de Belém* e *A Constituição*, o atacaram frequentemente, assim como Cruz revidava em suas colunas jornalísticas. Por outro lado, o *Diário do Gram-Pará* parecia ignorar completamente a existência de Cruz, enquanto o *Diário de Notícias*, apesar de se declarar apolítico e se engajar na campanha abolicionista,<sup>49</sup> foi o jornal que mais o atacou e foi atacado por ele. Além dos embates políticos entre conservadores e liberais comuns da época, essa arena jornalística também apontavam questões como o preconceito e o racismo, que serão abordadas em detalhes em outros aspectos deste estudo.

O jornal *O Liberal do Pará*, em sua edição de abril de 1887, menciona a figura de João da Cruz, identificando-o como um “dedicado correligionário” e “eleitor liberal” da paróquia de Nazaré.<sup>50</sup> Conforme constatado em jornais da época, datados de dezembro de 1880, ele era um eleitor regular, sendo listado na longa relação geral de cidadãos qualificados pela Junta Municipal de Belém para o exercício do direito de voto e/ou elegibilidade. Na referida lista, o nome de João Francisco da Cruz aparece no número 317 como, viúvo, solicitador, domiciliado em Nazaré, com renda anual de 1:000\$ e elegível, sendo testemunha Marianna Maria da Cruz.<sup>51</sup>

É importante destacar que a informação em questão foi encontrada desde o início da pesquisa, entretanto, havia dúvidas sobre a identidade do indivíduo até aquele momento. Gradualmente, outras notas e informações foram sendo coletadas, as quais permitiram o encaixe das peças. Em particular, essa nota forneceu dados sobre o possível ano de nascimento de João da Cruz, uma vez que, em 1880, ele tinha 37 anos, o que indica que ele poderia ter nascido em 1843. Também há a possibilidade de ter nascido em 1842, dependendo do dia e mês do seu

---

<sup>49</sup> SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Textos reunidos, Belém: Paka-Tatu, 2004. p. 67.

<sup>50</sup> *O Liberal do Pará*, nº 74, Noticiário, 02 abril 1887, p.2 c.2.

<sup>51</sup> *O Liberal do Pará*, nº 275, Junta municipal de Belém, 04 dez 1880, p.12 c.1.

aniversário em relação ao dia que foi feito o levantamento da Junta Municipal. Embora o sistema de voto na época fosse censitário, ele era elegível, ou seja, João Francisco da Cruz possuía renda suficiente – um conto de réis – para ser considerado qualificado para exercer o direito de voto e/ou ser eleito para algum cargo público.

No testamento de João da Cruz, é possível identificar a menção a nomes de liberais influentes no período. Dentre eles, destacam-se figuras como o deputado provincial e rico comerciante e proprietário de imóveis capitão Bento José da Silva Santos, que foi designado como tutor dos dois “queridos filhos” menores de Cruz. Em 1887, mesmo ano do testamento, o deputado visitou o Maranhão no vapor “Espírito Santo”, onde os filhos menores do falecido estavam sob os cuidados de sua sogra, Maria Benedicta da Silva.<sup>52</sup> Além disso, Cruz nomeou Joaquim Pedro de Souza Aranha, outro liberal e membro da Irmandade Militar do Senhor Santo Christo do Forte, como seu primeiro testamenteiro. Aranha foi alferes ajudante do corpo provisório e da guarda da alfândega, e seu nome apareceu na lista da irmandade publicada na “Secção Livre” d’*O Liberal do Pará* em 22 de setembro de 1883.<sup>53</sup> Embora as razões para a escolha desses indivíduos ainda não tenham sido investigadas, é possível inferir que Cruz possuía ligações estreitas com a elite política e econômica de seu tempo.

As intrigas políticas eram constantes e Cruz estava vivendo no meio de conhecidas figuras da elite belenense. O jornal *A Constituição*, órgão do partido conservador, publicou uma carta anônima que sintetiza o cenário entre Conservadores, Liberais e Republicanos.

A “Republica” e a venda de um voto

Pelo correio foi-nos hontem entregue a carta que abaixo publicamos.

Fóra de nossos usos são as publicações anonymas; mas como o conteúdo da carta diz respeito a uma local da *Republica*, de ante-hontem, a estampamos, com o fim de proporcionar aos leitores meia duzia de gostosas gargalhadas.

El-a:

“Sr. Redactor: – Quem toma a liberdade de lhe escrever estas linhas é o eleitor que, no dia 14 do corrente, dirigio-se ao escriptorio da “Republica” e ahi offereceo o seo voto, mediante a esportula de 150\$000 rs.

Estou desempregado, não sou filiado a nenhum partido e, reconhecendo que o partido era o necessitado de votos, resolvi-me a offerecer-lhe o meo. Mas grande foi a minha decepção quando, ao propor negocio ao sr. Lauro Sodré, que alli se achava recebi de resposta que não havia duvida sendo, todavia, preciso chegarmos a um accôrdo ao modo de effectuar-se o pagamento. Perguntando que modo (textuaes) era esse, respondeo-se-me que o pagamento seria feito com seis lettras, de 25\$000 cada uma, aos prazos de 2, 4, 6, 8, 10 e 12 mezes. Respondi que não havia duvida, com a condicção de serem as lettras acceitas pelo sr. dr. Paes de Carvalho e afiançadas pelo sr. José D. Rodrigues Bentes. Retorquiu-se-me que não era possivel obter de taes \$rs. aquillo que eu proponha e perguntou-se-me se eu não me contentava com acceite do

<sup>52</sup> Centro de Memória da Amazônia, doravante CMA, 11º Vara Cível, Fabiliano, Testamento de João Francisco da Cruz, p. 4, 1887, Cx.35a. Ver também: *O Liberal do Pará*, nº 18, Noticiario, 23 jan 1885, p.2 c.2 e *Idem*, nº 168, Noticiario, 20 jul 1887, p.2 c.2.

<sup>53</sup> CMA, *idem*. Ver Também: *O Liberal do Pará*, nº 213, Secção Livre, 22 set 1883, p.3 c.1 e *Idem*, nº221,

tenente Lauro Sodré e o endosso do sr. Barjona de Miranda. Respondi positivamente que – não –

Convencido de que não podia fazer negocio porque alli tudo cheirava a *quebradeira*, pedi licença para retirar-me e retirei-me, mas depois de ser perseguido pelo sr. Sodré, que chegou-me ao ponto de propôr-me, em troca de meo voto, ensinar-me philosophia gratuitamente, durante um anno; ao que respondi que de philosophia estava farto e a minha questão era de dinheiro.

Chegando na rua encontrei-me com o sr. alferes João Francisco da Cruz. Propuz-lhe a transacção, caso o partido liberal quizesse effectual-a; mas elle respondeo-me que havia muita falta de dinheiro no mercado e que, n'aquelle momento dirigia-se a typ. da “Republica” afim de vêr se recebia a 1ª prestação já vencida, da compra da tipografia!

Veja, sr. redactor, como não fiquei admirado da minha simplicidade julgando achar dinheiro onde não há *nem para o tabaco!*

Seu admirador

O eleitor Supra.”<sup>54</sup>

A publicação em questão apresenta diversas ironias, sendo conveniente que um jornal declaradamente conservador a tenha publicado. Além de satirizar com os republicanos, que não podiam oferecer dinheiro ao “eleitor Supra”, somente “philosophia”, é lembrado que ele acabou se encontrando com o João Francisco da Cruz, propondo vender seu voto ao partido Liberal. Cruz aparece como alguém ligado aos liberais e que de certa forma conversa com os republicanos. Vale lembrar que João da Cruz aparece no enredo para cobrar a primeira prestação atrasada da venda de sua tipografia aos republicanos. O final também é irônico, já que muitos triolés ligaram a figura do João da Cruz a Tabacaria Paraense, e de fato, ele parece ter sido um assíduo frequentador daquele estabelecimento. Contudo, a narrativa parece tentar apresentar a ideia de que o Cruz estava em declínio financeiro e não possuía dinheiro “*nem para o tabaco!*”

João da Cruz realizou um grande investimento no Pará ao se tornar proprietário de um jornal semanal que posteriormente se tornou diário, intitulado *Correio do Norte*. Em 05 de setembro de 1882, os periódicos de grande circulação noticiaram o lançamento do primeiro número do Correio, congratulando-o e desejando-lhe longa vida, como era de praxe. Todavia, não tardou para que o jornal, seu proprietário e seus jornalistas se tornassem alvos de ataques por parte de uma significativa parcela da imprensa belenense. Um exemplo foi o *Folhetim*, publicado pelo *Diário de Belém* em 15 de maio de 1885, que ao comentar sobre o panorama jornalístico local, descreveu o *Correio do Norte* como um depósito de lixo da imprensa em Belém, cujo conteúdo era produzido com penas de ganso e de pato.

<sup>54</sup> A Constituição, nº 239, Noticiario, A “Republica” e a venda de um voto, 10 out 1886, p.2 c.4

(...)

O quarto é o jornalismo a ... Cambrone... que tem por chefe o *Correio do Norte*.

O *Correio do Norte*! o *Correio do Norte*! receptaculo do lixo do nosso jornalismo, escripto por pennas de ganso e de pato!

Ah ! ah! ah!

Os folhetinistas d'este jornal distinguem-se pelos assumptos que tomam para thema, escriptos estes que estão de accordo com o jornal e ainda mais com seu redactor, *talento* descommunal e formidavel *dentista*, tenente da *irracional* etc. etc.

Um escreve sobre o *camaleão* n'um estylo *suis generis*, e com uns verbos *especiaes*, hystericos e um tanto *turcos*, cheirando a um que de plagas... *africanas*; dando uma copia viva da sua pessoa e do jornal em que escreve.

Outro lá vem com a *Maria da Fonte*, drama que nada honra a penna que o escreveu e assumpto pouco glorioso para Portugal!...

O redactor esse então quando *vasa o tinteiro* deixa sentir de sua pessoa um cheiro particular, peculiar a certos lugares *secretos* e que elle procura abafar com a fragancia suavissima d'aquella enorme e misera *rosa* que traz sempre ao peito!...

..... *quando não suja tisna!* E' o diabo.

Este é dos taes que como official da classica e ridicula *guardia*, pendura a *durindana* virgem e ferrugenta no alto da parede da sala para que todos os que ali entrem ou passem pela rua vejam que ali reside um novo D. Quixote, um dos modernos Pares de França que corre ou tem pretensões a correr as *sete partidas do mundo!*<sup>55</sup>

(...)

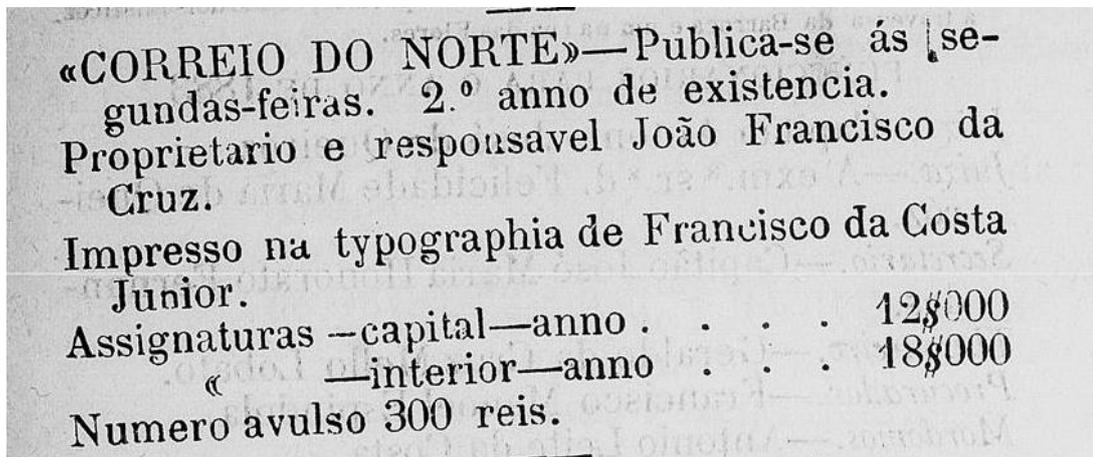
O trecho do folhetim apresenta de forma explícita a maneira como João da Cruz será retratado pelos jornais no Pará. O texto faz ataques diretos à sua ascendência africana, seu estilo de escrita, o grupo de jornalistas ao qual ele pertencia e seu posto de primeiro tenente da guarda cidadã. Essas críticas refletem a visão preconceituosa e discriminatória da época em relação aos negros e sua participação na vida política e intelectual do país. Tais abordagens serão analisadas em detalhes nos próximos capítulos, evidenciando o papel dos jornais na manutenção das desigualdades sociais e no fortalecimento do racismo estrutural.

Existem apenas dois exemplares do seu jornal, um do ano de 1882 e outro de 1883. Contudo é possível rastrear várias notícias ao longo da sua existência. Vários jornais no Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro republicaram diversos assuntos do *Correio do Norte* do João Francisco da Cruz. É importante frisar que ele buscou circular seu jornal pelo Nordeste chegando até a capital do Império. Os únicos exemplares disponíveis para consulta foram enviados para o Rio de Janeiro, devidamente selado. No exemplar de julho de 1883 está escrito a mão no alto esquerdo da primeira folha: “A R. do Jornal do Commercio. Rio de Janeiro”.

---

<sup>55</sup> Diário de Belém, nº 111, ano XVII, Folhetim, 15 maio 1884, p.2 c.3.

**FIGURA 3**  
*Correio do Norte no Almanaque Paraense de 1883*



Almanak Paraense: Administração, Commercio, Industria e Estatistica para o anno de 1883 (PA) - 1883, nº1, p.414.

O frontispício do *Correio do Norte* era apresentado em tipografia serifada e composto em caixa alta, sempre centralizado. Possuía um logotipo no centro do cabeçalho representado por uma águia voando, em uma das garras segura um galho com folhas e na outra um feixe de flechas apontadas para o lado oposto da cabeça, a qual está inclinada para sua direita e segura no bico uma faixa com a expressão em latim “*E Pluribus Unum*”, que significa “De muitos, um”. Além das informações sobre valores de assinaturas para a capital e interior, publicados no lado direito do título do cabeçalho, ainda informava que o periódico era impresso na tipografia de Francisco da Costa Junior.

**FIGURA 4**  
*Frontispício do Correio do Norte*



Frontispício do *Correio do Norte* de julho de 1883

Durante o primeiro ano de seu jornal, João da Cruz parece ter feito uma parceria com os “Srs. Maia & Menezes”. O escritório do jornal funcionava na residência deles, e um anúncio curioso, aparentemente escrito por João da Cruz, foi publicado a partir de julho de 1882 no *Correio do Norte* e no *O Liberal do Pará*. A residência e o escritório estavam localizados no mesmo endereço da novíssima “Casa Encarnada”, propriedade dos Maia & Menezes, onde vendiam roupas de alta qualidade, incluindo fraques, calças, casacas, paletós e coletes, todos feitos dos melhores tecidos.

**Fogo!**  
**Fogo.**  
**Quem paga a agua que**  
**se gastou?**  
Rapasiada do chic, venham  
andando ou correndo a  
**Casa Encarnada**  
de  
**Maia & Menezes**  
Rua Formosa, esquina da travessa  
7 de Setembro

Comprar: fraque, calças, casacas, palitós, coletes; tudo do melhor panno pouco dinheiro e a contento do freguez.

Mocidade Estudantesca!

Aqui se vende fardamento completo para collegiais como ninguem o póde fazer, pois que, acabamos de montar no nosso estabelecimento com tudo que póde ser preciso para uma casa destas poder fazer frente ás suas irmãs.

Correi! correi rapasiada abolicionista em vós está o futuro da provincia, pois assim tambem necessário é, que nos ajuda a formar o nosso *peculio* para nos libertarmos do jugo não do captiveiro, mas da *caipóra*<sup>56</sup>.

Não queremos que tragam o “João da Cruz” logo á vista, podeis levar as vossas obras e depois . . . depois falaremos, porque o decreto de 1833 virà sempre, pois que com os que *malignarem* comnosco, temos os “Juiz de Paz” como vara em punho que a nossa (sic) favor dirá: pague! e não *bufe*.

Corpo commercial! dispensai a vossa valiosa protecção aos pequenos que tambem querem ser grandes . . .

Srs. aviados! vinde, trasei os vossos pedidos para Maia & Menezes e a vista da barateza de suas obras ficareis espantados.

Povo hospitaleiro! correi, correi! mas não para ir gastar o vosso dinheiro em – *loterias* – porque nunca a sorte grande sae ao pequeno, correi para a

**Casa Encarnada**  
de  
**Maia & Menezes**  
Rua Formosa, esquina da  
travessa 7 de Setembro

Ahi vereis o Maia  
Já cansado de cortar . . .  
Sempre prompto p’ra dizer:  
Freguez, não quer entrar?

E depois de comprardes

---

<sup>56</sup> Caipora na Amazônia significa azarento, infeliz no jogo, sem sorte. Cf. MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013, p.44.

Tudo que de bom houver  
Pagai pelo baixo preço  
Que, o Menezes vos dizer . . .

O anúncio é curioso porque combina propaganda comercial com o movimento abolicionista, convocando a “mocidade estudantil”, mais tarde conhecida como Club Abolicionista Estudantina Paraense, a formar um “pecúlio” para libertar os escravizados do cativo. Essa parceria pode indicar a importância da causa abolicionista para João da Cruz e sua rede de contatos, incluindo os Maia & Menezes. A convocação à ação relacionada à abolição da escravatura sugere que o futuro da província está nas mãos dos jovens abolicionistas, sendo João da Cruz mencionado indiretamente como um agente importante nesse contexto. A sugestão de que suas “obras” (possivelmente suas ações ou esforços contra a escravidão) sejam realizadas primeiro, antes da discussão com os “devedores”, destaca a necessidade de ações práticas na luta contra a escravidão, enquanto a frase “pague! e não *bufe*” implica que aqueles que se opõem ou prejudicam o autor (ou o grupo que ele representa) enfrentarão consequências.

O nome do seu jornal é bastante sugestivo, pois ele circulava suas folhas pelo Nordeste até o Rio de Janeiro, funcionando como um correio. No Maranhão, é frequente a divulgação de notícias como

Recebemos hontem pelo vapor *Ceará*, 31 jornaes do n. 316 do *Correio do Norte*,  
gazeta que se publica no Pará.  
Já é querer remetter jornaes . . .<sup>57</sup>

Possivelmente, outros jornais foram enviados até o Ceará na mesma remessa do *Correio do Norte*, visto que foi comum, especialmente em 1884, os jornais cearenses republicarem notícias sobre a liberdade de Benevides<sup>58</sup>, utilizando, entre outros jornais, o *Correio do Norte*. João da Cruz também foi elogiado pelos jornais do Ceará por ter reproduzido, na íntegra, a publicação de *25 de março* no Pará. O *Editorial*, em que a “corporação typographica do Correio do Norte” homenageou o Ceará livre<sup>59</sup>, também foi republicado nos jornais cearenses, no qual Cruz utilizou expressões como “preconceito ao homem de cor”. João da Cruz é lembrado como

<sup>57</sup> Pacotilha, Maranhão, nº 276, 28 out 1884, p.3 c.2

<sup>58</sup> A colônia agrícola de Benevides foi à primeira localidade a libertar seus cativos no Pará. A festa da libertação de se deu no dia 30 de março de 1884 e João Francisco da Cruz, assim como outros abolicionistas e órgãos da imprensa paraense, esteve na comitiva que partiu aquela comunidade. Cf. CRAVO, Ana Carolina Trindade. “Haja cacêtes!; haja páo!” A Sociedade Libertadora de Benevides: abolicionistas, escravos e colonos na luta contra a escravidão (1881-1888) / Ana Carolina Cravo. Orientador (a): José Maia Bezerra Neto. 174 p.

<sup>59</sup> Província do Ceará, nº1, 25 mar 1885, p.1 e 2.

um abolicionista nas publicações cearenses, tendo se engajado na causa daquela província e sendo presença frequente nas efemérides cearenses de 1884 e envolvido nos festejos de liberdade do Ceará em Belém. Além disso, consta que estava em Benevides quando aquela localidade libertava seus cativos.

Durante o período analisado, os jornais do Rio de Janeiro frequentemente publicavam editoriais e notícias provenientes do *Correio do Norte* sobre a economia da borracha no Pará e as epidemias de varíola e beribéri que assolavam a região. Além disso, um episódio singular envolvendo o nome de João da Cruz foi destacado pela imprensa carioca. Uma propaganda do “Teatro Phenix Dramática” anunciava a apresentação do “grandioso drama” em cinco atos, intitulado Alvaro da Cunha ou a Partida de D. Sebastião para Africa, atribuído ao “talentoso poeta João Francisco da Cruz”. O caso chama atenção porque, ao se analisar detalhadamente os jornais cariocas do período, percebe-se que essa propaganda foi publicada exclusivamente no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro.

**FIGURA 5**  
**Propaganda da *Phenix Dramatica* citando João da Cruz**

**THEATRO PHENIX DRAMATICA**  
**NOVA EMPRESA**  
 RECITAS NS. 55 E 56  
**HOJE**  
 DOMINGO 14 DE FEVEREIRO DE 1886  
 DOUS MAGNIFICOS ESPECTACULOS  
 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>  
 representações do grandioso drama  
 de grande espectaculo em 5 actos,  
 original portuguez do talentoso  
 poeta João Francisco da  
 Cruz, intitulado  
**ALVARO DA CUNHA**  
 OU A  
 PARTIDA DE D. SEBASTIÃO PARA AFRICA  
 Tomam parte os actores Galvão,  
 Flavio, Monclar, Mario, Lemos, Caetano  
 Alves, Raul Portilho, Santos, Lisboa,  
 Araujo e as Sras. DD. Adelaide  
 Amaral, Fanny Vernaut e Gilda.  
 Dará fim ao espectaculo  
**Uma magnifica comedia**  
**Preços** — Ca'ceiras numeradas 1\$,  
 Camarotes 6\$, entradas geraes 500 rs.  
 Os espectaculos n'este theatro são in-  
 transferiveis.

Em pouco tempo, o jornal publicou uma carta interessante do “Sr. F. da S.”, na qual ele retifica o nome de um “homem laureado na república das letras teatrais”, que estava sendo difamado nos anúncios da Phenix Dramática sem qualquer objeção. Na carta, o autor explica que o verdadeiro nome do criador de “Alvaro da Cunha” era João Ferreira da Cruz e não João Francisco da Cruz. Ferreira da Cruz já havia produzido vinte e duas peças de teatro e o autor da carta expressava seu espanto por este “notável dramaturgo e distinto comediógrafo”, que entreteve o público carioca por quase trinta anos, ter sido esquecido pela Phenix.

A carta possui um apêndice longo explicando que de fato existia no Brasil um comediógrafo chamado João Francisco da Cruz autor de uma comédia intitulada “O lavrador sovina”, impressa no Maranhão em 1867. Segundo o apêndice, Vicente Pontes de Oliveira, um notável escritor maranhense que fazia parte da equipe editorial de um jornal da Corte, escreveu o prefácio da referida comédia. Em tom irônico, continua a dizer que Vicente Pontes, para quem a peça foi dedicada, era um refinado “patusco”, isto é, um brincalhão. Isso porque ele havia prometido representar a peça, mas após sucessivas desculpas, disse a João da Cruz que a comédia não poderia ser representada no momento, pois faltava “*calembourg*” no Maranhão. João da Cruz correu para procurar o significado da palavra, mas não encontrou nos dicionários, nem na letra C, nem na letra K.

Desesperado, procurou um amigo instruído que lhe explicou que *calembourg* era o nome que no teatro se dava às atrizes encarregadas dos papéis de ingênuas. Então João da Cruz voltou ao Vicente Pontes e lhe disse que a vontade de ver o quanto antes em cena a sua comédia era tamanha, que não hesitaria em sacrificar suas suíças e servir de *calembourg*. O autor da carta continua: “O empresário não aceitou a proposta. Fez mal, ganharia muito dinheiro”. O articulista que publicou a carta, “Eloy, o Herói”, termina a coluna da seguinte forma: “Já se vê, pois, que entre João Ferreira da Cruz, auctor de *D. Alvaro da Cunha*, e João Francisco da Cruz, autor do *Lavrador sovina*, ha um abysmo”.<sup>60</sup>

É intrigante como o autor da carta conseguiu pesquisar sobre João da Cruz e descobrir que ele havia escrito uma peça, apesar do tom de menosprezo empregado. Ao investigarmos os jornais paraenses, que frequentemente criticavam João da Cruz, não encontramos nenhuma menção ao erro cometido pela Phenix Dramática ou qualquer notícia ou triolé sobre o incidente. A ausência de repercussão nos periódicos do Pará sugere que o caso pode não ter tido a mesma

---

<sup>60</sup> Diário de Notícias, Rio de Janeiro, Ano II, nº 256, De Palanque, 17 fev 1886, p.2.

relevância fora do Rio de Janeiro, ou que os opositores locais de João da Cruz não ficaram sabendo do caso.

## **2. Entre Laços de Sangue: Um Estudo das Relações Familiares de João da Cruz.**

Como nós sabemos, João Francisco da Cruz chegou ao Pará em meados da década de 1870 via pedido de transferência do 3º batalhão de infantaria da guarda nacional da vila do Paço do Lumiar da província do Maranhão para o 1º batalhão da mesma arma para a capital da província do Grão-Pará.<sup>61</sup> Ainda no Maranhão se casou com Maria José da Silva Cruz existindo desse matrimônio três filhos.

O primeiro se chamava Antonio da Silva Cruz, nascido em 28 de novembro de 1863, natural do Maranhão. Em 1887 João da Cruz escreveu em seu testamento que o seu filho mais velho estava cursando a Faculdade de Medicina da Bahia. Para conseguir entrar na Faculdade, Antonio da Cruz teve uma trajetória escolar destacada em São Luís sendo aprovado em segundo lugar para se matricular em qualquer faculdade do Império em 1883.<sup>62</sup> Teve uma vida acadêmica de igual percurso se tornando doutor em medicina em dezembro de 1889.<sup>63</sup> No mesmo ano prestou concurso para o Corpo de Saúde do Exército Brasileiro se tornando capitão-médico e chegando ao posto de major por merecimento em 1910.

Assumiu vários cargos ao longo da sua carreira militar servindo como diretor do Hospital Militar de São Luís de Cáceres e diretor da enfermaria em Corumbá, em Mato Grosso; como diretor da enfermaria do Hospital Militar em Juiz de Fora, em Minas Gerais; como diretor geral do Hospital Militar do Paraná; chefe da junta médica do Hospital Militar do Maranhão, passando pouquíssimo tempo em seu Estado natal; foi designado para o Hospital Militar do Pará, o qual nem chegou a vir, alegando incapacidade de saúde, recebendo uma licença para tratamento da mesma; como secretário de oficiais médicos de alta patente no Rio de Janeiro e diretor do Sanatório Militar de Lavrinhas, em São Paulo.<sup>64</sup>

Em 1911 se casou com Honorina Massena na cidade de Juiz de Fora município do interior do Estado de Minas Gerais e foram residir na cidade de Lorena, em São Paulo.<sup>65</sup> Sua esposa morreu em janeiro de 1914 e não deixou nenhum herdeiro.<sup>66</sup> Em abril daquele mesmo ano,

---

<sup>61</sup> Jornal do Pará, nº 26, ano XIII, Parte Oficial, Expediente do Governo, Offícios, 02 fev 1875, p.1 c.4.

<sup>62</sup> Pacotilha (MA), nº 330, ano III, Exames Gerais, 06 dez 1883, p.3 c.1.

<sup>63</sup> Gazeta Médica da Bahia, nº 6, ano XXI, Noticiário, dez 1889, p.290, publicação mensal. Ver Também, Pacotilha (MA), nº 301, ano IX, 19 dez 1889, p.3 c.1.

<sup>64</sup> Fé de Ofício do Major Médico Dr. Antonio da Silva Cruz. Ministério da Defesa, Exército Brasileiro, Arquivo Histórico do Exército - BIBLIEx - Biblioteca do Exército Casa do Barão de Loreto.

<sup>65</sup> O Pharol (Juiz de Fora, MG), nº 126, ano XLVI, Registro Social, Consorcio, 30 mai 1911, p.2 c.5.

<sup>66</sup> Idem, nº 2, ano XLVIII, Os Mortos, 03 jan 1914, p.1 c.4. Ver também, Jornal do Brasil (RJ), nº 9, ano XXIV, 09

Antonio da Silva Cruz morreu de forma repentina na cabine do trem de luxo paulista indo para o Rio de Janeiro.<sup>67</sup> Na época, ele dirigia o Sanatório Militar de Lavrinhas, em São Paulo.

O segundo filho, também natural do Maranhão, se chamava Pedro Nolasco da Silva Cruz. Os jornais maranhenses anunciaram sua morte, “depois de alguns dias de penoso sofrimento”, por febre biliosa na tarde do dia 22 de maio de 1900, aos 27 anos de idade, portanto, nasceu em 31 de janeiro de 1873.<sup>68</sup> Pedro da Cruz não teve um desempenho similar ao do irmão mais velho nos exames gerais no Maranhão, como é possível acompanhar pelos jornais da época. Contudo, assinava as notas da Diretoria do Registro Civil de São Luís, como “ajudante do Director”, desde maio de 1899. Um mês antes de ficar doente, tinha sido nomeado professor municipal interino do 3º distrito da capital maranhense, mas não chegou assumir o cargo pelo infortúnio do seu falecimento. Ao que tudo indica, apesar de ter nascido no Maranhão, parte da sua primeira infância foi no Pará, junto com seu pai e sua mãe. Talvez tenha regressado para sua província natal antes dos dez anos, sendo criado por sua avó e parentes.

A terceira filha se chamava Etelvina da Silva Cruz, natural de Belém do Pará. Em 1887, João da Cruz disse em seu testamento que os seus dois filhos menores estavam sob os cuidados da sua sogra, Maria Benedita da Silva, na província do Maranhão. João da Cruz usou apenas a palavra “sogra”, mas conseguimos encontrar o nome dela em uma nota de falecimento no jornal *Diário do Maranhão* do dia 25 de maio de 1901, onde Etelvina da Cruz, entre outros parentes, agradecem às pessoas que prestaram “inolvidáveis serviços” por ocasião do “passamento de sua idolatrada e venerada mãe e avó”.<sup>69</sup>

Etelvina se casou com Francisco de Assis Diniz em 28 de novembro de 1908, passando a se chamar Etelvina da Silva Cruz Diniz. Em 1909 nasceu o primeiro filho deles registrado com o nome de Antonio Annanias da Cruz Diniz, afilhado de Antonio da Cruz. Em 1911 nasceu o segundo filho do casal registrado pelo pai com o nome de Almir Brigido da Cruz Diniz.<sup>70</sup>

---

jan 1914, p.10 c.2.

<sup>67</sup> Correio da Manhã (RJ), nº 5.521, ano XIII, 07 abri 1914, p.2 c.7. A nota deste jornal sobre a repentina morte do oficial do Exército Brasileiro Antonio da Cruz foi reproduzia em parte ou na integra em jornais de São Paulo (Correio Paulistano), Juiz de Fora (O Pharol), Maranhão (Pacotilha), além de outros jornais do Rio de Janeiro (O Paiz).

<sup>68</sup> Diário do Maranhão, nº 8017, ano XXXI, 22 mai 1900, p.2 c.6. Ver também, Pacotilha, nº 122, ano XX, Óbitos, 24 mai 1900, p.2 c.5. Em relação à data do nascimento, saiu uma nota de felicitações de aniversário no jornal Pacotilha, nº 26, ano XVIII, Publicações a pedido, 31 jan 1898, p.3 c.3.

<sup>69</sup> Em relação a sua naturalidade conferir Diário do Maranhão, nº 10610, ano XXXIX, Edital nº 284, 24 nov 1908, p.2. c.4. Em relação ao nome da sogra do João da Cruz, conferir Diário do Maranhão, nº 8324, ano XXXII, Agradecimento, 23 mai 1901, p.2. c.4.

<sup>70</sup> Em relação ao seu casamento conferir Diário do Maranhão, nº 10614, ano XXXIX, Casamento, 28 nov 1908, p.1. c.3. Em relação aos seus filhos conferir Diário do Maranhão, nº 10940, ano XL, Registro Civil, Nascimentos, 21 dez 1909, p.2. c.2. e Idem, nº 11496, ano XLII, Registro Civil, Nascimentos, 12 out 1911, p.2. c.1.

O nome da Etelvina da Cruz aparece em notas de pesares pelo falecimento da “mãe avó”, dos irmãos Antonio e Pedro da Cruz, convite de missas, em Edital anunciando o seu casamento, anúncio do seu enlace matrimonial, requerendo os pertences de Antonio da Cruz após seu falecimento e o último anúncio que encontramos foi uma nota do senhor secretário geral do Estado do Maranhão em 1929, publicada no jornal *O Imparcial*, concedendo três meses de licença, com ordenado, para tratamento de saúde, à servente do grupo escolar Almir Nina, “d. Etelvina da Silva Cruz Diniz”.

Foram nos jornais e fazendo as conexões entre eles que conseguimos descobrir parentes do João da Cruz. Em uma nota publicada no jornal *Pacotilha*, Jesuino Caetano da Cruz, Andreza Avelina da Cruz, Antonio da Silva Cruz (ausente), Pedro Nolasco da Cruz e Etelvina da Silva Cruz, tendo recebido a infausta notícia de ter falecido na província do Pará, “seu irmão e pae”, João Francisco da Cruz, mandaram rezar uma missa na igreja de Sant’Anna pelo repouso eterno de sua alma convidando seus parentes e amigos para assisti-la.

No dia 04 de maio de 1914 o jornal *Pacotilha* publicou na terceira página uma nota em que Etelvina da Cruz Diniz, Etelvina Roza da Silva, Francisco de Assis Diniz, Jeronimo Silva e José Cruz, mandam celebrar uma missa pela alma de seu “irmão, sobrinho, cunhado, padrinho e tio” doutor Antonio da Silva Cruz na igreja de S. Antônio. Ainda aparece no jornal *O Liberal do Pará* de 04 de dezembro de 1880, na lista geral dos cidadãos qualificados pela Junta municipal de Belém, o nome de Marianna Maria da Cruz, como testemunha que confirmava os dados do João da Cruz daquele ano.

A hipótese é de que João Francisco da Cruz tenha chegado à província do Pará sozinho, visto que há registros de listas do correio geral nos jornais maranhenses com cartas destinadas à sua esposa, Maria José da Silva Cruz, entre 1875 e 1876. No entanto, é sabido que Maria José veio para o Pará com Pedro da Cruz e engravidou de Etelvina da Cruz antes de 1879. Já Antonio da Cruz, possivelmente, estava no Maranhão com sua avó e parentes, realizando preparatórios e exames gerais em São Luís.

Apesar dos esforços de pesquisa, pouco se sabe sobre a vida de Maria José da Silva Cruz até o momento. No entanto, há evidências que confirmam que ela viveu com João da Cruz no Pará entre 1876 e 1879. Uma delas é a nota de agradecimento publicada no jornal *O Liberal do Pará* em 27 de setembro de 1879, em que João da Cruz agradece às pessoas que se solidarizaram com ele pelo falecimento de sua esposa.

#### **Agradecimento e convite**

Os abaixo assignados agradecem sinceramente a todas as pessoas que acompanharam ao cemiterio da Soledade, os restos mortaes de sua presadissima

esposa d. Maria José da Silva Cruz, falecida em 23 do corrente. A missa do 7º dia terá lugar segunda-feira ás 7 ½ horas manhã na capella do mesmo cemiterio, por isso roga a todos seus amigos o caridoso anseio de assistirem á este acto religioso, ficando ainda mais uma vez por esse facto agradecido.

Belém, 26 de agosto de 1879. – *João Francisco da Cruz*.<sup>71</sup>

A descoberta da nota de agradecimento trouxe consolidação para informações previamente dispersas e, ao mesmo tempo, suscitou novas hipóteses em relação à vida de Maria José da Silva Cruz. Conforme registrado no testamento de João da Cruz, era sabido que ele era casado com Maria José, porém não havia certeza se ela havia acompanhado o marido em sua jornada para o Pará. A nota revelou que Maria José da Silva Cruz não apenas viveu com João da Cruz na província, mas também foi sepultada no cemitério da Soledade em Belém. Embora o ano de nascimento e óbito de sua filha Etelvina da Cruz não tenham sido identificados até o momento, o fato de ela ter declarado em seu edital de casamento em 1908, no Maranhão, que era natural de Belém do Pará, sugere a possibilidade de Maria José ter engravidado e dado à luz sua filha entre os anos de 1876 e 1879, período em que viveu com João da Cruz até seu falecimento na cidade de Belém.

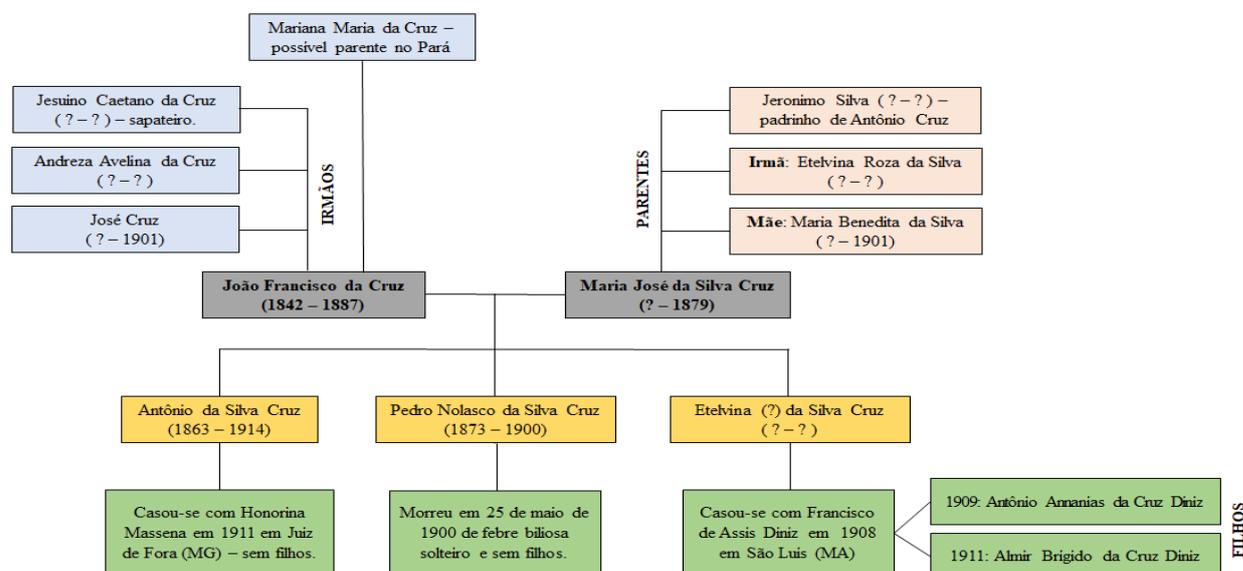
Quando Maria José da Silva Cruz morreu, Pedro da Cruz tinha apenas 6 anos e Etelvina da Cruz ainda era muito pequena, o que explica porque ela chamava Maria Benedita da Silva de “mãe avó”. Não há informações precisas sobre quando João da Cruz enviou seus filhos para serem criados pela avó em São Luís, nem sobre os motivos que o levaram a tomar essa decisão. No entanto, sabe-se que ocorreu após a morte de Maria José. A falta de contato entre pai e filhos pode ter contribuído para um relacionamento frio entre eles, uma possibilidade que poderia ser confirmada ou refutada com o acesso a fontes adicionais, como cartas ou diários.

Através da coleta de nomes em jornais do Pará e Maranhão, foi possível traçar um organograma parcial da família de João da Cruz. Apesar das limitações das fontes em relação à vida de seus parentes, o trabalho de cruzamento de informações possibilitou a criação de uma imagem preliminar da árvore genealógica, incluindo dados como nomes, datas de nascimento e morte, e algumas relações familiares. Para alcançar esse resultado, foi necessário o cruzamento de informações provenientes de jornais de diferentes anos. A partir dessa base de informações, é possível continuar a busca por novas fontes que possam complementar e aprimorar o conhecimento sobre a história dessa família.

---

<sup>71</sup> O Liberal do Pará, nº 220, ano XI, Agradecimento e convite, 27 set 1879, p.2 c.2.

## ORGANOGRAMA FAMILIAR DE JOÃO DA CRUZ



### 3. João Francisco da Cruz: um cidadão negro no Pará.

Entre os diversos cidadãos negros que atuaram no Brasil imperial, a trajetória de Luís Gama se destaca como elucidativa no que diz respeito às questões relacionadas à cidadania negra. Utilizando a literatura como campo para debates de ideias e crítica social, denunciava com veemência o preconceito social e lutava pelos direitos legais dos escravizados, os quais eram privados do direito à liberdade. Luís Gama, segundo Chalhoub, por meio de seus versos satíricos, afirmava a existência de uma tradição africana comum aos negros brasileiros. A literatura, assim, se apresentava como um meio eficaz para o estabelecimento de diálogos e para a construção de uma identidade negra no Brasil imperial, promovendo a luta contra a opressão e a marginalização social.

Apesar do significativo número de livres e libertos no Brasil a partir da década de 1870, a discriminação racial continuava presente na sociedade brasileira, afetando a vida de homens, mulheres e famílias negras em todo o país. Na década de 1880, o registro de práticas cotidianas de indivíduos e agentes do Estado evidenciou a naturalização do lugar social das pessoas não brancas na sociedade civilizada e cidadã. De acordo com Ana Flávia Magalhães Pinto, apesar da representatividade dos pretos e pardos na cidadania legal, as arbitrariedades cometidas contra essas pessoas geravam prejuízos em todos os aspectos de suas vidas.<sup>72</sup>

<sup>72</sup> PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Para quem quiser ver: Cidadania negra e preconceito de cor nas páginas da Gazeta da Tarde (1880-1887)*. Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015, p.2 e 4. Disponível em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/ana%20flvia%20magalhes%20pinto.pdf>

A historiografia nos mostra que a luta pela cidadania de negros e reconhecimento do seu lugar social como agente civilizado, não é uma realidade apenas do Brasil. Ao encontrar uma carta de um descendente de haitiano, um homem negro chamado Edouard Tinchant, Rebecca Scott e Jean Hébrard destrincha a trajetória de cinco gerações de uma família constituída pela união entre uma africana e um francês. O surpreendente dessa pesquisa é que envolve sujeitos desde o final do século XVIII até a luta contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial, entre a África, Américas do Norte e Central e Europa.<sup>73</sup>

Os autores nos convidam a perceber a relevância que os protagonistas, desde a geração de Rosalie, passando pela sua filha Elisabeth e chegando ao seu neto Edouard Tinchant e seus parentes, atribuíam aos documentos escritos, os quais foram em grande parte produzidos por eles ou a pedido deles. Esses documentos demonstram a luta por direitos, preservação da liberdade e cidadania, e revelam como os protagonistas valorizavam a escrita como meio de registrar e preservar suas reivindicações. De maneira semelhante, João Francisco da Cruz, assim como a família Tinchant, demonstrava consciência acerca de sua cidadania e produzia documentos e escritos que confirmavam sua posição como cidadão, na busca pela defesa de seus direitos e luta contra a discriminação racial.

Para ser reconhecido como “empresário e cidadão responsável”, Tinchant teve que criar uma rede de solidariedade e reconhecimento social. Ele foi diretor de uma escola para crianças libertas, veterano da União da Guerra Civil Americana, representante multirracial no sexto distrito de Nova Orleans e tornou-se um próspero fabricante de charutos finos na Bélgica (Antuérpia) com uma filial no México, gerenciada por seu irmão, o qual era chamado de Don Joseph Tinchant, tratamento dirigido para quem era considerado um cidadão naquele país.

João Francisco da Cruz desde o Maranhão veio traçando algo similar que Tinchant e outros negros no Mundo Atlântico fizeram. Ajustaram-se ao estilo de vida que a sociedade branca exigia para ser considerado um cidadão bem-quisto. Cruz foi um “negro com espada a cinta”, ao se tornar alferes e tenente da guarda cidadã, isso incomodou muita gente, em especial, na civilizada Belém, que começava a enriquecer com a exploração da borracha. Foi alguém que via a “juventude estudantesca” como o futuro de uma sociedade mais justa e livre dos preconceitos sobre o “homem de cor”. Tornou-se subdelegado de um distrito bastante frequentado devido ao largo da Igreja de Nazaré e investiu dinheiro em comércios e na produção

---

<sup>73</sup> SCOTT, Rebecca J.; HÉBRARD, Jean M. Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação. Tradução: Vera Joscelyne, Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

de um jornal. Tudo isso não o impediu de frequentar bares em bairros populares, circulasse em cortiços e rodas de samba.

A luta diária desses “homens e mulheres de cor”, livres ou libertos, era se afastar da condição de escravizados, garantindo maiores chances de obter ascensão econômica, social e política. Contudo, cada uma dessas conquistas acompanhava uma luta constante em torno do combate ao racismo que era evidenciado pelo estigma da cor.<sup>74</sup> A violência contra a cidadania negra era tamanha que virava até motivo de deboche, como nos alerta Ana Flávia Magalhaes Pinto, e materializada em registros escritos abertos ao público, como os *trioletes*, por exemplo, mas que também serviram para denunciar e alertar a precariedade dessa cidadania e empreender ações abolicionista e antirracista.

João Francisco da Cruz, aos 24 anos, apresentava-se como um “cidadão inofensivo e bem conhecido”, tornando-se ativo tanto na esfera cívica quanto na política. Sua cidadania era evidenciada por vários elementos marcantes em sua vida. Um deles era sua participação ativa na Guarda Nacional, onde progrediu de alferes para primeiro tenente, demonstrando seu compromisso com sua patente na guarda cidadã. Além disso, se destacava por sua elegibilidade política. Sua renda e propriedades o tornavam um cidadão apto a exercer esse direito, proporcionando-lhe a oportunidade de participar ativamente das decisões que moldavam a sociedade.

A jornada de João da Cruz em busca da plena cidadania não foi isenta de desafios. Como proprietário de um jornal, suas expressões e posicionamentos enfrentavam críticas e injúrias devido à maneira como exercia sua cidadania. As publicações polêmicas desse veículo frequentemente geravam controvérsias e tensões em torno de sua atuação pública. Apesar de sua posição como cidadão ativo e reconhecido, a forma como João da Cruz exercia sua cidadania incomodava diferentes grupos, desencadeando debates intensos e visões divergentes. Suas ações e opiniões evidenciavam as tensões inerentes à sua busca por uma participação plena na sociedade. Dessa maneira, a complexidade de sua experiência de cidadania revela os obstáculos e conflitos enfrentados por indivíduos negros na construção de suas trajetórias cívicas.

A história de João da Cruz é um exemplo de perseverança na busca por igualdade, reconhecimento e participação ativa na sociedade em que vivia. Mesmo enfrentando preconceitos e ataques, ele se tornou um cidadão atuante, deixando um legado significativo de

---

<sup>74</sup> DIÓRIO, Renata Romuldo. SCOTT, Rebecca J; HÉBRARD, Jean M. Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, set./dez. 2015, Resenha, p.916.

representatividade. Sua destacada atuação como membro da Guarda Nacional, sua elegibilidade política e seu envolvimento tanto no cenário político-partidário quanto no movimento abolicionista são evidências claras de sua influência e participação no intenso debate sociopolítico da época.

No testamento de João da Cruz, são apresentadas informações relevantes sobre seus patrimônios, permitindo-nos obter uma visão mais precisa de sua cidadania. Em seu testamento, ele menciona a posse de quatro terrenos, todos registrados em nome de seus filhos, o que revela não apenas sua condição material, mas também seu status como cidadão com direitos e responsabilidades. Além disso, as benfeitorias, como a construção de uma barraca em um terreno pertencente ao médico liberal Pedro Leite Chermont e a hipoteca de um terreno ao advogado e vereador liberal Felipe José de Lima, evidenciam sua influência e conexões em diferentes esferas da sociedade. Vale ressaltar que, além desses bens e imóveis, João da Cruz também possuía uma casa em um terreno amplo, elevado e livre de alagamentos no arraial de Nazaré.<sup>75</sup>

Após o falecimento de João Francisco da Cruz em abril de 1887, foram divulgadas informações sobre a alienação de seus bens, tanto em periódicos quanto em editais oficiais, bem como em seu testamento. Os anúncios em jornais do período, apresentam uma relação detalhada do espólio disponível para arrematação em leilão. Dentre os itens listados, destacam-se obras literárias e jurídicas, joias em ouro, vestuário, objetos domésticos variados e móveis. Além dos bens, as propriedades também foram submetidas ao leilão, incluindo sua residência localizada na travessa 14 de Março e dois terrenos, um situado na travessa José Bonifácio e outro na travessa Caldeira Castelo Branco. Este procedimento teve por finalidade liquidar as obrigações financeiras do falecido, como possíveis dívidas e assegurar a arrecadação da venda de seu patrimônio aos três filhos, conforme estabelecido em seu testamento.

**De espolio, moveis, mercadorias e miudesas**

**SEGUNDA-FEIRA 27**

O agente Guedes da Costa, autorizado pelo illm. sr. dr. juiz de orphãos, venderá em leilão, o espolio do finado João Francisco da Cruz, na casa sita ao arraial de Nazareth, canto da travessa 14 de Março, diversos livros de direito e litteratura, obras de ouro sendo: relógio, aneis, botões etc, roupas de uzo, diversas mindezas, cortinados, oratorio, espelho, lavatorio, banca para escrever, carteira, cama para casados 1 mobilia de sala, e muitos outros objectos de uzo domestico que tudo será vendido ao maior preço – ás 3 horas.<sup>76</sup>

<sup>75</sup> CMA, 11º Vara Cível, Fabiliano, Testamento de João Francisco da Cruz, p. 3, 1887, Cx.35a. Sobre sua casa ver Diário de Belém, nº 147, Ano XIX, Anuncios, 03 jul 1886, p.3.

<sup>76</sup> O Liberal do Pará. Leilões. Belém, nº 140, ano XVII, 23 jun. 1887, p. 3, c. 3.

**Juizo de orphãos**

O dr. João Polycarpo dos Santos Campos juiz de direito de orphãos de Belem do Para, por S. M. o Imperador, a quem Deus guarde etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que findos os 20 dias de pregões do estylo, irá à praça á porta da sala das audiencias no palacete provincial ás 9 horas da manhã, nos dias 3, 7, 10 de dezembro proximo vindouro, o immovel abaixo declarado pertencente aos bens do finado João Francisco da Cruz, para o pagamento do passivo do mesmo a saber: Um terreno sito á travessa 14 de Março, proximo á estrada da Constituição, fazendo frente para o lateral do quartel de infantaria, situado ao arraial de Nazareth, na parte dos fundos, medindo 32,0m de frente e 39,0m de fundos, tendo duas palhoças cobertas de palha, e uma barraca de madeira, avaliado em 3:000\$000.<sup>77</sup>  
(...)

**EDITAES**

O dr. João Polycarpo dos Santos Campos, juiz de direito de orphãos e ausentes de Belem do Pará, por S. M. o Imperador a Quem Deus Guarde etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que findo os 20 dias de pregões do estylo irá à praça á porta da sala das audiencias no palacete provincial ás 9 horas da manhã, depois d'audiencia do juiz nos dias 10, 14 e 17 de dezembro proximo vindouro, os immoveis abaixo declarados, pertencentes aos menores Pedro, Antonio e Etelvina, filhos do finado João Francisco da Cruz, a saber:

Um terreno á travessa Caldeira Castello Branco medindo 11,<sup>m0</sup> de frente e 165,<sup>m0</sup> de fundos até á travessa José Bonifacio, avaliado em rs. 250\$000. Um outro terreno á mesma travessa Caldeira Castelle Branco contiguo ao acima descripto, medindo 11,<sup>m0</sup> de frente a 165,<sup>m0</sup> de fundos até á travessa José Bonifacio, avaliado em rs. 250\$000. ambos comprados a Josepha Philomena Rubim.<sup>78</sup>

A trajetória de João da Cruz, um homem negro livre, revela sua plena consciência da cidadania e o compromisso em reivindicar direitos e lutar por igualdade. A posse de propriedades, como os terrenos e benfeitorias mencionados em seu testamento, não apenas simboliza suas conquistas materiais, mas também denota sua participação ativa na sociedade. Ao ressaltar sua propriedade desses bens, João da Cruz reafirma seu papel como cidadão, demonstrando seu engajamento na economia, comunidade e vida política da época, desafiando assim as expectativas e preconceitos impostos à população negra.

Ao estabelecer relações com profissionais de diferentes áreas, como médicos, advogados e vereadores liberais, João da Cruz revelava sua inserção em um contexto social mais amplo, estabelecendo conexões que ultrapassavam os limites de sua esfera pessoal. Essas interações evidenciam que sua busca por igualdade não se restringia apenas à conquista de seus próprios direitos, mas também buscava estabelecer vínculos com indivíduos de diferentes estratos sociais, compartilhando desafios em comum e lutando pela valorização de sua dignidade como homem negro. A trajetória de João da Cruz reflete sua plena consciência do

<sup>77</sup> O Liberal do Pará. Editaes. Belém, nº 261, ano XVII, 18 nov. 1887, p. 3, c. 5 e 6. O valor do imóvel foi reduzido para 2:400\$000 a partir de 11 de dezembro, ver idem, nº 279, p.3, c.5.

<sup>78</sup> Diário de Belém. Editaes. Belém, nº 283, ano XX, 16 dez. 1887, p. 3, c. 4.

conceito de cidadania, revelando sua determinação em afirmar sua posição na sociedade mesmo em meio a um contexto desafiador e discriminatório.

A menção aos negócios e transações com diversas pessoas e empresas como o engenheiro e empreiteiro Antonio Homem Loureiro Siqueira, Silva Santos & C<sup>ia</sup>, Tavares Cardoso & C<sup>ia</sup> e Tavares de Amorim & C<sup>ia</sup>, demonstrava a participação de João da Cruz no mundo dos negócios, estabelecendo parcerias e alianças estratégicas. Além disso, a declaração de posse de documentos e créditos de várias pessoas, ressalta a confiança depositada em João da Cruz como um intermediário ou representante legal, reforçando sua reputação como um cidadão confiável e competente no trato de assuntos financeiros e legais.

A inclusão de objetos pessoais, como um guarda-roupa, máquina de costura e joias de ouro no testamento de João da Cruz, sugere seu interesse pela moda e cuidado com o vestuário, conforme ilustrados nos triolés e nas notas jornalísticas. Além disso, a posse das joias de ouro revela seu apreço por objetos de valor e sua estratégia de investimento para parte de suas rendas. Esses objetos mencionados no testamento oferecem pistas sobre seus gostos e interesses, contribuindo para um retrato mais completo de sua personalidade, estilo de vida e seu papel ativo na sociedade, bem como suas relações socioeconômicas. Em suma, demonstra João da Cruz exercendo plenamente sua cidadania.

A preocupação com o bem-estar dos doentes na província do Maranhão revela, em sua trajetória de vida, um aspecto adicional de seu civismo. No ano de 1883, ele se dedicou na arrecadação de fundos para auxiliar os afetados pela epidemia de varíola na região. Essa ação solidária demonstra seu comprometimento com a comunidade e sua participação ativa em momentos desafiadores. Ao abraçar essa causa humanitária, João da Cruz deixou claro seu espírito altruísta e sua determinação em aliviar o sofrimento daqueles que enfrentavam a doença. A importância dessa iniciativa pode ser observada no jornal *O Liberal do Pará*, que documentou o seguinte.

**Lê-se** na «Pacotilha» do Maranhão: – Recebemos por este vapor um officio da illustrada redacção do «Correio do Norte», do Pará, acompanhado de dous vales postaes no valor de 85\$000 reis, para ser entregue á digna commissão dos estudantes maranhenses, afim de a distribuir pelos indigentes variolosos. Amanhã publicaremos o officio e cumprimos o honroso mandato que nos foi commettido.

E' este officio que hontem recebemos da illustrada redacção do «Correio da Norte», do Pará:

Redacção do «Correio do Norte», no Pará, 15 de Fevereiro de 1883.

Illm. sr. – Não podendo esta redacção ser indifferente aos flagellos que actualmente alligem a população dessa provincia, nem tão pouco ao sentimento de beneficencia e caridade manifestado pelos habitantes de Belem, resolveu abrir uma subscrição em favor dos desvalidos que ahi se debatem com os horrores da peste e da miseria, cujo

producto tem a honra de enviar a v. s. nos inclusos vales postaes, rogando-lhe haja de entregal-a a ilustre commissão dos estudantes, encarregada dos socorros aos affectados da epidemia que ahi grassa, afim de que lhe dê a devida applicação. E' pequeno o obulo que temos arrecedado, mas se é insignificante no valor, não o é pela expontaneidade com que fora conseguido.

Prevalecendo-nos da opportunidade, temos a honra de antecipar nossos agradecimentos com a expressão sincera do nosso respeito e consideração, subscrevendo-nos.

De v. s.

Att. vr.º e cr.º

João Francisco da Cruz.<sup>79</sup>

A notícia em questão descreve a manifestação de solidariedade e empatia com as vítimas da epidemia de varíola ocorrida na região do Maranhão em 1883. A fim de auxiliar os menos favorecidos e acometidos pela doença, a redação do jornal *Correio do Norte* instituiu uma subscrição para a arrecadação de fundos, que culminou em um montante de 85\$000 réis. Esse valor foi entregue aos estudantes maranhenses, que se encarregaram da distribuição aos afetados pela epidemia. Essa ação de caridade, que recebeu destaque à época, ressalta o envolvimento de João da Cruz em causas humanitárias, indicando sua preocupação com o bem-estar da comunidade em momentos desafiadores. Além disso, sua participação nesse processo revela sua importância como um cidadão negro engajado se posicionando como um exemplo relevante de atuação cidadã, especialmente em um contexto histórico marcado pelo estigma da cor.

É importante ressaltar que João Francisco da Cruz enfrentou desafios adicionais devido à sua condição de indivíduo negro em uma sociedade que era marcada pelo sistema escravista. Sua busca por reconhecimento e valorização como pessoa estava sujeita às relações sociais concretas estabelecidas na época, uma vez que a cidadania não poderia ser plenamente alcançada dentro de um contexto escravista baseado em leis abstratas. Nesse contexto, a conquista da cidadania estava mais fundamentada em relações interpessoais do que em normas constitucionais distantes.<sup>80</sup> As manifestações de preconceito e racismo presentes na sociedade da época eram claramente evidenciadas nas controvérsias em torno das publicações e empreendimentos de João da Cruz.

<sup>79</sup> O Liberal do Pará. Noticiarios. Belém, nº 48, ano XV, 2 mar. 1883, p. 3, c. 3. A notícia original pode ser encontrada em: Pacotilha. Despachos. Maranhão, nº 48 e 49, ano III, 17 e 18 fev. 1883, p. 2, c. 6 (idem).

No texto, logo abaixo da publicação do ofício do dia 18 de fevereiro na *Pacotilha*, havia o seguinte trecho: “– Ao sr. Raul de Oliveira Almeida, único representante da digna comissão dos estudantes maranhenses, que atualmente se acha nesta capital, entregamos a quantia de que trata o ofício, cumpridos agora, em nome dos infelizes quem se destina a esmola, agradecer sinceramente a ilustrada redação do Correio do Norte os seus sentimentos de comiserção pelos que sofrem. «Quem dá aos pobres empresta a Deus».”

<sup>80</sup> DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*. 5º ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997. p. 19. Ver também: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2018.

A análise do papel desempenhado por ele no cenário sociopolítico do século XIX revela a complexidade das experiências vividas pelos cidadãos negros na época. As fontes históricas, como a carta enviada por João da Cruz a um jornal maranhense, na qual ele se apresentava como um “cidadão inofensivo e bem conhecido”, sua participação na guarda cidadã, alcançando a patente de primeiro tenente, sua elegibilidade política garantida por sua renda anual, seu testamento que revela informações sobre suas propriedades, bens e conexões sociais, e sua consciência humanitária, fornecem uma base sólida para uma discussão aprofundada sobre a cidadania dos negros, as adversidades enfrentadas, a luta contra o preconceito e o racismo no final do século XIX.

#### **4. A imprensa paraense e os abolicionistas negros: a disparidade de reconhecimento entre João Francisco da Cruz e José Agostinho dos Reis.**

A imprensa paraense desempenhou um papel crucial na promoção e consolidação do movimento abolicionista no final do século XIX. Atuando como principal voz do movimento, os jornais moldavam as celebrações da libertação, destacando personagens, eventos e locais significativos.<sup>81</sup> Conforme Vicente Salles, eles forneciam informações vitais sobre as tensões políticas e ideológicas da época, reforçando a integração do Pará nos eventos nacionais de libertação, como a libertação de Fortaleza em 1883 e do Ceará em 1884. Essas comemorações fortaleceram as redes sociais e de ativismo no Pará. Os jornalistas não apenas reportavam, mas participavam ativamente das festividades, integrando clubes abolicionistas e sociedades emancipadoras, desempenhando papéis essenciais na organização e promoção dos eventos. Esse engajamento da imprensa foi fundamental para articular estratégias abolicionistas e consolidar a memória social das lutas pela liberdade.

No Pará, durante o fervor do movimento abolicionista, destacaram-se dois intelectuais negros profundamente engajados na luta pela libertação dos escravizados: João Francisco da Cruz e José Agostinho dos Reis.<sup>82</sup> Contudo, a imprensa local tratou-os de maneira desigual, refletindo as complexas relações raciais da época. Raramente as ações, discursos e atuações de João da Cruz nos atos abolicionistas do início da década de 1880 tiveram espaço na imprensa local, como se houvesse uma intenção de minimizar sua importância. Em contrapartida, foi

---

<sup>81</sup> SALLES, Vicente. *O Negro no Pará sob o regime da escravidão*. Belém: IAP, programa Raízes, 2005, p. 344.

<sup>82</sup> Esta dissertação não tem a intenção de esmiuçar a trajetória e a memória de José Agostinho dos Reis. Apesar de sua importância histórica, existem poucos textos acadêmicos detalhados sobre sua vida e contribuições. Atualmente, Ana Flávia Magalhães Pinto está desenvolvendo uma pesquisa mais detalhada e ainda em andamento sobre esta figura emblemática, tanto em sua atuação no Rio de Janeiro quanto no Pará, explorando suas diversas facetas como professor, abolicionista, engenheiro, cientista, ativista e sindicalista de esquerda, entre outras.

nesse momento que ele se tornou alvo constante de ataques racistas em jornais como o *Diário de Notícias*, que publicava ofensas à sua ancestralidade e cor. Em contraste, José Agostinho dos Reis foi amplamente reconhecido e elogiado, sendo valorizado pela imprensa como um eloquente orador e respeitado intelectual. Essa disparidade no tratamento evidencia a ambiguidade da imprensa abolicionista, que, enquanto defendia a liberdade dos cativos, perpetuava preconceitos raciais, destacando a complexidade e os desafios enfrentados pelos abolicionistas negros no Pará e, em larga medida, no Brasil.

Os jornais *Diário de Notícias* e *Diário do Grão-Pará* destacaram-se como importantes veículos abolicionistas no Pará durante a década de 1880, combatendo a escravidão e o tráfico de “pele negra”. No entanto, seu apoio ao movimento abolicionista não impediu que criticassem expressões culturais negras, como rodas de samba e práticas de capoeira, revelando uma contradição intrínseca. Isso se torna evidente quando consideramos a menção de João Francisco da Cruz nas celebrações cearenses no Pará, na libertação de Benevides e seu engajamento como jornalista negro abolicionista, o que se mostra bastante controverso ao analisarmos os jornais cearenses sobre o assunto. No Pará, sua importância é omitida ou minimizada, mas é notória e elogiada no Ceará.

Em um editorial do *Correio do Norte* de 25 de março de 1884, João da Cruz destacou o marco significativo da Província do Ceará na luta contra a escravidão. Cruz ressaltou o papel pioneiro do Ceará ao conquistar sua emancipação, simbolizando um passo crucial rumo à libertação de todo o país. Entretanto, o editorial também incluiu críticas incisivas à persistência da escravidão em outras regiões do Brasil, destacando a urgência de erradicar essa prática desumana. O autor conclamou as demais províncias a seguirem o exemplo do Ceará e a se unirem na busca pela liberdade, enfatizando que somente quando todas as províncias se tornassem livres, o Brasil assumiria seu lugar de direito no cenário internacional como uma nação verdadeiramente livre e justa. Ao expressar seus sentimentos sobre a liberdade, declarou:

(...)

Somos todos livres, tão livres como é livre o pensamento; somos todos livres como são livres as nuvens; somos todos livres como é livre o mar; somos todos livres como livres são os sentimentos do nosso coração, que ama a quem quer, tanto em publico como em silencio; somos todos livres como é livre o sol, porque ninguem poderá impedir a sua luz!!!

(...)<sup>83</sup>

Após a venda do *Correio do Norte* em setembro de 1885, João da Cruz assumiu o papel

---

<sup>83</sup> Província do Ceará, nº 1, Ano I, 25 de Março, 25 de março de 1885, p.1, c.6.

de editor-chefe no jornal *A Colonia Portuguesa*. No seu segundo número, o periódico emitiu uma declaração vigorosa em apoio ao movimento abolicionista no Pará, delineando os princípios morais e a liberdade de pensamento que o norteiam. A instituição da escravidão é descrita como uma opressão cruel, à qual as regiões do norte do país estão se insurgindo com fervor. O termo “escravo” é sublinhado como algo repugnante, evocando uma imagem sombria e trágica. O jornal proclama-se abolicionista de coração, expressando a necessidade urgente de abolir a escravidão. João Francisco da Cruz, como editor-chefe do jornal e sendo ele próprio negro, personifica essa luta. Sua visão sobre a escravidão no Brasil é clara: é uma injustiça que deve ser erradicada. De acordo com o editorial, para pôr fim à escravidão no país, é imperativo “declarar guerra aos escravocratas” e contribuir para a construção de um futuro fundamentado na plena liberdade.<sup>84</sup>

João da Cruz estabeleceu parcerias com comerciantes, políticos e intelectuais abolicionistas. Em julho de 1882, um anúncio veiculado tanto no *Correio do Norte* quanto no *O Liberal do Pará* convocava a “mocidade estudantil” a formar um “pecúlio” para libertar escravizados, evidenciando a relevância da causa abolicionista para ele e seus contatos, incluindo os “homens de cor”. João da Cruz participou ativamente das efemérides cearenses de 1884 em Belém e esteve presente em Benevides durante a libertação dos cativos. A notícia da Redenção da Colônia de Benevides, publicada no *Correio do Norte* em 2 de abril de 1884, ressaltou sua participação nos eventos festivos, demonstrando sua dedicação à causa abolicionista e seu envolvimento com a comunidade local. É relevante destacar sua marcante presença na comitiva e nos festejos na colônia. Apesar de ter participado dos eventos formais, João da Cruz optou por não retornar à capital após o encerramento das celebrações oficiais, permanecendo em Benevides até o dia seguinte e integrando-se às festividades populares.<sup>85</sup>

Em uma edição do *Diário de Notícias* de 1884, na seção *Revista Jornalística*, foi destacado o editorial do *Correio do Norte* que abordava o abolicionismo no Pará. Nele, João da Cruz enfatizava que a ideia era amplamente aceita e apoiada pela população, e que a

<sup>84</sup> *A Colonia Portuguesa*, nº 2, Ano I, Editorial, 13 de setembro de 1885, p.1.

<sup>85</sup> Os festejos da libertação de Benevides ocorreram tanto no Teatro da Paz quanto na colônia libertada. Uma “procissão popular” envolveu rituais como banquetes, discursos, música e fogos de artifício. No dia 30 de março de 1884, a celebração teve início com uma alvorada de salva de tiros, seguida pela chegada da comitiva do presidente da Província do Pará e outros dignitários. Após um almoço, foram realizados brindes e saudações à liberdade. Todos partiram na madrugada do dia 30 de março do porto de Belém nos vapores “Souza Franco” e “Belém”. Alguns participantes optaram por cavalgar até o ramal de Benfica, onde embarcariam nos vagões do trem Estrada de Ferro de Bragança com destino à colônia. A chegada da comitiva em Benevides foi recebida com fogos e uma sessão solene, com a entrega de cartas de liberdade. Essa breve descrição é encontrada detalhadamente em alguns jornais da época, enquanto outros apenas anunciaram a redenção de Benevides ou simplesmente ignoraram o feito.

determinação coletiva era tão forte que não havia forças, por mais desprezíveis que pudessem parecer, capazes de derrubar o abolicionismo. João da Cruz criticou, neste editorial, aqueles que rotulavam os adeptos da causa libertadora de “abolicionistas de bens alheios”, em referência à ideia de propriedade atribuída aos escravizados. No entanto, João da Cruz estava convicto de que os abolicionistas paraenses estavam agindo em prol de uma causa justa e racional, apesar dos eventuais obstáculos que pudessem surgir. Esse posicionamento reflete a profundidade de sua convicção e seu comprometimento com a luta pela emancipação dos escravizados.<sup>86</sup>

José Agostinho dos Reis é uma figura emblemática na história do Pará, tendo superado barreiras raciais e sociais como engenheiro e professor. Nascido escravizado em 1854 em Belém, foi alforriado por sua mãe, que lutou por seu futuro. Educado inicialmente em escolas católicas e posteriormente formado em engenharia no Rio de Janeiro, sua trajetória evidencia a educação como ferramenta de emancipação. Conforme destaca Ana Flávia Magalhães Pinto, Agostinho dos Reis não apenas desafiou as restrições legais impostas aos negros pela Constituição de 1824, mas também alcançou sucesso significativo, envolvendo-se ativamente na política paraense, justificando uma análise aprofundada de sua trajetória, mesmo não sendo a única experiência de superação entre negros daquela época.<sup>87</sup> Filiado inicialmente ao Partido Conservador e depois ao Partido Republicano Democrático, ele circulou habilmente entre abolicionistas radicais e líderes políticos. Historiadores paraenses como Vicente Salles, José Maia Bezerra Neto e Marcelo Lobo ressaltam sua capacidade de articulação, consolidando sua influência tanto na capital do Império quanto nas regiões Norte e Nordeste, sublinhando a importância de sua atuação na história abolicionista brasileira.

José Agostinho dos Reis desempenhou um papel fundamental como delegado da *Confederação Abolicionista da Corte* nas províncias do Ceará, Amazonas e Pará, promovendo fervorosamente a abolição da escravatura. No Pará, participou de várias associações e clubes abolicionistas, como a *28 de Setembro*, tanto em funções efetivas quanto honorárias. Em abril de 1884, o periódico cearense *Libertador* destacou uma sessão literária na qual Agostinho dos Reis proferiu um discurso significativo como representante de várias organizações abolicionistas.<sup>88</sup> O *Diário de Notícias* de junho de 1884 veiculou uma série de manifestações sobre a libertação do Amazonas e, dentre várias publicações, o periódico destacou uma frase de

---

<sup>86</sup> Diário de Notícias, nº 97, Ano V, Revista Jornalística, 20 de abril de 1884, p.2, c.2.

<sup>87</sup> PINTO, Ana Flávia Magalhães, LIMA, Helder Lameira de e LOBO, Marcelo Ferreira. *Experiências da liberdade no Pará: Confirma as trajetórias de Agostinho dos Reis e de João da Cruz, homens negros que tiveram uma atuação importante na luta abolicionista no Estado do Pará*. Diário do Pará, 12 de dezembro de 2021, caderno A12. Acesso: <https://dol.com.br/noticias/para/687339/os-negros-paraenses-que-lutaram-contr-a-escravidao?d=1>

<sup>88</sup> Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE), nº 71, Ano IV, S. Libertadora: O Ceará no Pará, As festas de Liberdade, 14 de abril de 1884, p.2, c.6.

Agostinho dos Reis, sobre a terra onde o rio “repele o jugo do mar”, evocando a ideia de que a liberdade é intrínseca à natureza e à resistência local. Essa metáfora reforça o sentimento de orgulho e autonomia da região, sugerindo que a escravidão era incompatível com a essência amazônica, destacando a importância da atuação de Reis na luta pela abolição.<sup>89</sup>

O *Diário de Notícias*, em março de 1884, publicou uma edição especial sobre a libertação de Benevides. Apesar de não citar o nome de João Francisco da Cruz, um desafeto deste periódico, mencionou repetidamente seus discursos e publicações no *Correio do Norte*. Em contraste, José Agostinho dos Reis teve seu nome mencionado diversas vezes, incluindo um texto onde ele celebra Benevides como livre do “terrível cancro social da escravidão” e expressa a esperança de que o “sol da liberdade” logo brilhará em todo o território brasileiro. Essa disparidade na cobertura evidencia a diferença de tratamento entre os dois abolicionistas negros pela imprensa local, refletindo as tensões e preconceitos da época.<sup>90</sup>

José Agostinho dos Reis é um nome frequentemente mencionado nos periódicos das províncias do Norte e Nordeste e até mesmo da Corte. Por muito tempo, foi citado em trabalhos e pesquisas acadêmicas no contexto do movimento abolicionista, sendo erroneamente considerado um destacado homem branco. No entanto, pesquisas mais recentes, indicam que Agostinho dos Reis era, na verdade, um notável homem negro. Essa revelação desafia as narrativas tradicionais e destaca a importância de uma reavaliação crítica das fontes históricas, sublinhando como os preconceitos raciais podem distorcer a percepção e o reconhecimento de figuras históricas importantes.

Certamente João da Cruz conheceu José Agostinho dos Reis, dois homens negros livres que experimentaram o processo de emancipação de maneiras distintas. Apesar de ser intelectual e bem-sucedido, João da Cruz teve que enfrentar ataques racistas constantes, que visavam lembrá-lo de sua suposta posição social inferior. Sua presença nas celebrações cearenses no Pará e seu papel na libertação de Benevides ressoam como testemunho vivo de sua dedicação à causa da emancipação. Contudo, a narrativa que se teceu em torno de João da Cruz revela as fissuras na percepção pública sobre seu legado. José Agostinho dos Reis também obteve sucesso em sua carreira como engenheiro e professor de economia política na Escola Politécnica e no Liceu de Artes e Ofícios, contudo, foi constantemente elogiado na imprensa local e nacional. Suas trajetórias ressaltam a agência e a contribuição dos homens negros intelectuais no movimento abolicionista no Pará. Embora semelhantes em muitos aspectos, elas

---

<sup>89</sup> Diário de Notícias, nº 159, Ano V, Solicitados, 13 de junho de 1884, p.3, c.1.

<sup>90</sup> Diário de Notícias, nº 74, Ano V, 30 de março de 1884, p.1, c.4.

evidenciam as disparidades raciais presentes nos jornais da época. No entanto, ambos compartilham uma determinação inabalável em sua luta pela liberdade da escravidão.

## CAPÍTULO 2:

### **Entre *Triolets* e Notícias: um estudo dos poemas e notas que estereotiparam João da Cruz na imprensa paraense.**

O segundo capítulo desta dissertação se debruça sobre as dinâmicas da imprensa paraense no final do século XIX, explorando sua utilização como espaço de disputa literária, política e racial. Por meio da análise dos *trioletes*, gênero literário com forte apelo satírico, e de notas publicadas em jornais como o *Diário de Notícias*, busca-se compreender como esses elementos foram mobilizados para estereotipar figuras públicas, em especial João Francisco da Cruz. A escolha desse recorte não é aleatória: trata-se de uma oportunidade para investigar as articulações entre poder, racismo e imprensa em um contexto marcado pela transição entre a escravidão e a construção de uma cidadania ainda excludente.

A imprensa do período atuava como um palco de debates públicos, onde diferentes vozes competiam pelo direito de definir narrativas e identidades. Nesse cenário, João da Cruz emerge como uma figura central, sendo alvo de uma série de poemas satíricos que transcendiam o humor para cristalizar preconceitos sociais e raciais. Esses textos, publicados na seção “Solicitados” – espaço pago que funcionava como um fórum público nos jornais –, revelam as tensões da época e o papel da imprensa na manutenção ou subversão de hierarquias sociais.

Ao longo do capítulo, apresenta-se uma análise detalhada dos *trioletes*, evidenciando suas características formais e sua adoção pela imprensa como instrumento de ataque e defesa. Embora assinados com pseudônimos como “Filho do Borges” e “dr. Soka”, os autores eram conhecidos por João da Cruz e pelos demais envolvidos nas disputas, o que conferia um caráter ainda mais pessoal e direto aos ataques. Essa prática evidenciava a tensão entre o anonimato simbólico proporcionado pelos pseudônimos e o reconhecimento das redes sociais e intelectuais que os envolviam. O estilo e o conteúdo dos poemas refletem as dinâmicas da sociedade belenense do final do século XIX, que, apesar de apresentar sinais de modernidade e efervescência cultural, estava estruturada em valores raciais e sociais excludentes, características inerentes ao seu contexto histórico.

Outro aspecto abordado é o papel estrutural do jornal no reforço dessas narrativas. A disposição dos *trioletes* na terceira página do *Diário de Notícias*, estrategicamente colocados para atrair a atenção do leitor, revela como os elementos materiais do periódico contribuíam para moldar a percepção pública. Esse uso deliberado do espaço físico do jornal evidencia a intencionalidade por trás da publicação dos *trioletes*, que não eram apenas um exercício literário, mas também uma ferramenta de disputa simbólica.

O capítulo avança explorando os principais temas abordados nos *trioletes* relacionados a João da Cruz: raça, política, carnaval e morte. A análise desses temas não apenas ilumina as estratégias discursivas dos autores, mas também permite compreender como eles dialogavam com os debates mais amplos da sociedade paraense da época. O tom satírico e a linguagem mordaz desses textos eram instrumentos de persuasão e de controle simbólico, usados para consolidar ou contestar posições de poder.

Adicionalmente, discute-se a representação de João da Cruz como o “Pae João”, figura associada ao folclore e à resignação. Essa associação, longe de ser neutra, carrega implicações profundas sobre como a sociedade enxergava homens negros em posições de destaque. Embora os *trioletes* o caricaturassem como alguém submisso, as evidências analisadas ao longo do capítulo demonstram a sua atuação ativa e combativa, desafiando essas representações simplistas.

Ao destacar a dimensão literária e política dos *trioletes*, o capítulo contribui para uma leitura mais ampla da imprensa como espaço de construção e contestação de identidades. Os jornais, mais do que simples veículos de informação, atuavam como arenas de disputas culturais e políticas, onde os embates eram travados não apenas com palavras, mas também com os significados que elas carregavam.

Por fim, o capítulo coloca os *trioletes* em perspectiva ao examiná-los como parte de uma tradição mais ampla de escrita satírica no Brasil oitocentista. Essa abordagem permite reconhecer como esse gênero foi mobilizado em diferentes contextos para expressar desde críticas mordazes até celebrações irônicas. No caso de João da Cruz, os *trioletes* não apenas documentam os ataques que ele enfrentou, mas também refletem as complexidades de sua trajetória e a resistência que ele ofereceu.

Desse modo, este capítulo contribui para o cenário historiográfico ao aprofundar a compreensão sobre os usos da imprensa oitocentista como espaço de disputa literária, política e racial. A análise dos *trioletes* e das relações que eles estabelecem com o contexto social da época enriquece a investigação acerca de João da Cruz, permitindo desvendar nuances de sua trajetória e das tensões que permeavam sua luta por reconhecimento.

### 1. O gênero literário *triolet*: o que é e para que serve.

E' o negro mais petulante  
Que de Athenas há fugido,  
Além de velhaco atrevido . . .  
E' o negro mais petulante,  
Passa por livre o birbante  
O patife, o marióla,

O preto João d'Angola,  
E' o negro mais petulante.  
*Jansem.*<sup>91</sup>

O leitor certamente já deve ter tido contato com termos como poema, soneto, poesia e romance. No entanto, seria possível que ainda não tenha ouvido falar de formas literárias como o *triolet* e o *epigrama*. É importante ressaltar que este capítulo não tem como objetivo abordar a História da Literatura ou os diferentes estilos literários. Ele se debruça sobre o mundo de homens letrados, notadamente aqueles vinculados à imprensa no fim do século XIX, que encontravam nas suas produções escritas uma forma de expressão para as suas visões acerca do mundo que viviam.

Durante as pesquisas realizadas no jornal *Diário de Notícias*, na década de 90, por meio da antiga máquina de microfilme, surgiu o contato com versos que nos apresentariam uma figura até então despercebida para nós, mas com presença constante em diversos assuntos na Belém dos fins dos oitocentos, a ponto de ser perseguido, xingado, injuriado e desonrado. Na sua seção “Solicitados” apareceu uma série de poemas satíricos identificados na folha impressa como “*Triolet*”. Eles atacavam um sujeito chamado “João da Cruz”, sempre associado à cultura negra, com versos extremamente preconceituosos em uma coluna paga de um jornal abolicionista. Mas antes de expor o conteúdo e a análise desses “*choradinhos*”, como eram chamados no jornal, se faz necessário entender o que é um *triolet*.

Um *triolet*, em português triolé, é quase sempre um poema de estrofe de oito linhas e seu esquema de rimas é ABaAabAB<sup>92</sup>, onde a primeira, quarta e sétima linhas são idênticas, assim como as linhas segunda e final, tornando os pares iniciais e final idênticos também. Num tradicional *triolet* francês, a segunda e terceira linhas não repetitivas rimam com a repetição da primeira, quarta e sétima linhas, enquanto a sexta linha não repetitiva rima com a segunda e oitava linhas de repetição.<sup>93</sup> A “Flor da Mocidade” de Machado de Assis é um bom exemplo de triolé.

- |   |   |                              |
|---|---|------------------------------|
| 1 | A | Eu conheço a mais bela flor; |
| 2 | B | És tu, rosa da mocidade,     |
| 3 | a | Nascida, aberta para o amor. |
| 4 | A | Eu conheço a mais bela flor. |
| 5 | a | Tem do céu a serena cor,     |
| 6 | b | E o perfume da virgindade.   |

<sup>91</sup> Diário de Notícias, nº 289, Solicitados, Triolet, 24 dez 1882, p.3.

<sup>92</sup> No esquema ABaAabAB dos *triolet*s, as letras maiúsculas indicam os versos que se repetem, enquanto as minúsculas representam versos únicos.

<sup>93</sup> MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literário. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 452. Original de 1928.

7 A Eu conheço a mais bela flor,  
8 B És tu, rosa da mocidade.

Machado de Assis<sup>94</sup>

Em 1880, o editor da *Revista Ilustrada* do Rio de Janeiro, em uma “maré de benevolência”, ensinou ao “Sr. U. D. Son.” a escrever um *triolet*. Esse gesto pode ser interpretado como uma evidência do interesse e da valorização que o gênero literário despertava na época, além de mostrar como a disseminação da técnica de escrita era importante para os aspirantes ao gênero, a fim de não se tornarem apenas “triolistas”.

“É um pequeno poema bom para a satyra ou epigramma, consta de oito versos de oito syllabas, e é composto sobre duas rimas, começando mais commummente por um verso masculino; n’este caso o primeiro, terceiro e quinto rimam entre si; e o segundo com o sexto. O primeiro volta como estribilho de modo a formar o quarto verso e, seguido do segundo formam o setimo e oitavo”.<sup>95</sup>

No mesmo artigo, o autor aproveitou a oportunidade para aconselhar o destinatário a aprender com a lição que lhe fora dada, pois seus *triolet*s não atendiam aos critérios estabelecidos pelo editor. Embora em “vazante de matéria”, a revista decidiu não publicar os *triolet*s do “Sr. U. D. Son.”, o que não o impediu de publicá-los em um jornal carioca. Ao que tudo indica, tal episódio reflete a clássica disputa entre escritores da virada do século XIX. Cumpre salientar que a crítica literária não se limitou aos triolés, mas estendeu-se também aos sonetos e à forma de escrita do autor em questão.

“Ao Sr. U. D. Son.- Apesar de escripto ‘á luz de um sol claro’ está muito torto o seu soneto; e Toby, que é o poeta da casa, é feroz contra o verso b. Aprenda a modelar sonetos com F. Xavier e appareça”.<sup>96</sup>

“Ao Sr. U. D. Son.- Não está mal feito, palavra! Mas, sinceramente, não entendemos o sentido.”<sup>97</sup>

Os triolés estão presentes em grande parte dos jornais no Brasil ao longo do século XIX. Não era exclusivo dos jornais ou revistas literárias. Era usado de diversas formas. Para expressar amor, homenagem, raiva e, sobretudo, ironizar e satirizar. No ano de 1885 na província de Santa Catarina, o jovem João da Cruz e Sousa, publicou nas páginas de *O Moléque*, uma série de triolés tendo como título “*Questão Brocardo*”, sobrenome do comerciante branco que agrediu a socos e pontapés um jovem escravizado indefeso. Cruz e Souza não intencionava atacar

<sup>94</sup> ASSIS, Machado. Flor da Mocidade. In: Obra Completa, Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente no Rio de Janeiro, por B.-L. Garnier, em 1870.

<sup>95</sup> Revista Ilustrada (RJ), nº 192, Ano 3, Livro da Porta, 1880, p.2.

<sup>96</sup> Idem, nº 190, Ano 3, Livro da Porta, 1880, p.2.

<sup>97</sup> Idem, nº 210, Ano 3, Livro da Porta (do quintal), 1880, p.6.

especificamente o comerciante escravocrata, mais as figuras do Delegado e do Chefe de Polícia, os quais eram consideradas, pelos editores do jornal, como “indiferentes aos desmandos senhoriais e omissos com relação às suas obrigações como mantenedores da ‘ordem’, do ‘dever’ e da ‘justiça’”<sup>98</sup>.

1 A Triolet fura essa pansa  
 2 B do Delegado — és um russo;  
 3 a revolução n’esta dança...  
 4 A Triolet fura essa pansa,  
 5 a fura, fura como a lança  
 6 b ou como no boi um chuço;  
 7 A Triolet fura essa pansa  
 8 B do Delegado — és um russo  
**Cruz e Souza**<sup>99</sup>

O triolé teve certa popularidade no final do século XIX entre os escritores brasileiros. Machado de Assis e Cruz e Souza são exemplos de escritores negros que usaram este estilo nos jornais que atuaram. Poetas que seguiram com maestria a forma clássica francesa ABaAabAB deixando apenas cinco linhas originais. Como nós podemos constatar na *Revista Ilustrada*, muitos triolés fugiram da regra e foram alvos de críticas por parte de escritores. O valor estético é importante no estudo da literatura, porém, como Pierre Bourdieu<sup>100</sup> salientou, outros aspectos como valores sociais, históricos, morais não devem ser desprezados no texto literário, ou seja, produção não deixa de ser um reflexo das experiências históricas e sociais que as sociedades passam ao longo do tempo.

No Pará, os triolés situaram-se entre o humor e o insulto. Eram sempre publicados na seção paga chamada de *Solicitados* onde se publicavam de tudo como bem indica o *Editorial* do jornal *Diário de Notícias* de 1º de outubro de 1886, ao mencionar algumas intenções evidenciadas nessa seção:

“Ha espíritos levianos q’acham prazer em brincar com os outros: a sua arma é o humorismo, mas repelle tudo quanto possa nodoar a reputação alheia e sombreiar o lar domestico com desgosto de alguns insultos.  
 Nem sempre a valla commum, onde o povo paga para desabafar-se, é o oásis do

<sup>98</sup> SOUZA, Luiz Alberto de. A Cor e a Forma: História e literatura na obra do jovem Cruz e Sousa (1861-1888). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, CFCH. PPGH. Florianópolis, SC, 2012, p. 160. O historiador Luiz Alberto de Souza analisa nesta Dissertação a trajetória do Cruz e Sousa ainda jovem em Santa Catarina e a sua produção abolicionista. Reconstrói sua militância contra o trabalho escravo e reflete sobre as relações entre produção intelectual e engajamento político de escritores negros no Brasil do final do século XIX.

<sup>99</sup> CRUZ E SOUSA, João da. (Zat). Questão Brocardo. *O Molêque*, n. 21, Desterro, 10 maio 1885. Apud: SOUZA, Luiz Alberto de. Op. cite. p. 163.

<sup>100</sup> BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

desesperado beduíno q’ deseja fazer imprecizações; nem a moralidade de baixa esfera dá com suas águas á altura de um solicitados de um jornal conceituado, para d’hai extravasar-se e sujar o proprio jornal.”<sup>101</sup>

Foi nessa mesma “valla commum” – a seção *Solicitados* – que anos antes teve início os *Triolets* atacando o João da Cruz. Em meio ao abolicionismo e a recriminação à cultura negra africana,<sup>102</sup> o jornal *Diário de Notícias* publicou, entre dezembro de 1882 e março de 1883, uma série de 102 poemas satíricos entre ataques e defesas que se transformaram em uma verdadeira saga. No final do triolé de 08 de março de 1883 saiu uma nota no jornal informando que ficavam suspensas definitivamente suas publicações. Elas reapareceram, no entanto, em 1885 com uma publicação no mês de maio e outra no mês de junho e quatro delas no mês de setembro, em 1886 com uma no mês de agosto e em 1887 com duas no mês de fevereiro. Nestas últimas ainda encontramos menções ao João da Cruz. Também foi publicado um longo triolé no jornal *A Constituição* em 1884 dedicado a ele.

Além dos *Triolets*, foram publicadas nesta mesma seção do *Diário de Notícias* cinco adivinhações, um epigrama, dois romances, um soneto, dois poemets e uma fábula tendo como alvo o João da Cruz. Essas séries parecem à primeira vista versos preconceituosos sobre o negro em um jornal declaradamente abolicionista, já que se referiam ao nascimento e à falta de inteligência deste sujeito, sempre associando-o à cultura negra. Contudo, um olhar mais atento sobre tais publicações nos revela ideias e (pré)conceitos sobre o lugar do negro intelectualizado e politicamente engajado na causa abolicionista e como isso reflete no comportamento de uma parcela da sociedade da época, permitindo perceber inferências que desnudam formas de se pensar e dizer sobre os negros em contexto no qual se articulava a extinção gradual da escravidão.

## 2. Palavras em duelo: os jornais como arena de debates e conflitos.

Mas que pilheria de truz!  
Oh! Que trote bem passado!  
Pobre bruto João da Cruz!  
Mas que pilheria de truz!  
Redactor! . . . ele! . . . Jesus!  
E redactor illustrado! . . .  
Mas que pilheria de truz!

<sup>101</sup> Diário de Notícias, nº 222, Ano VII, Editorial, 01 out 1886, p.2.

<sup>102</sup> LIMA, Helder Lameira de. *Malditos de raça, malditos de cor: a imprensa abolicionista paraense e seus atropelos raciais*. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas e LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto (Org.). **Faces da História da Amazônia**. Associação Nacional de História - ANPUH Seção Pará. 1ed. Belém: Paka-Tatu, 2006, v. 1, p. 383-418.

Oh! Que trote bem passado!<sup>103</sup>

Na “civilizada Belém do século XIX”, segundo o jovem e ardiloso jornalista e folclorista paraense Antônio de Pádua Carvalho (1860-1889)<sup>104</sup>, que sempre assinava seus textos com o pseudônimo *Sganarello*, “encontravam-se jornais a cada passo e leitores aos empurrões por causa de uma folha de papel impressa”<sup>105</sup>. Descrição de uma Belém de causar inveja a qualquer um dos grandes órgãos da imprensa atual. Afinal, Belém era realmente “civilizada” a ponto de ter tantos jornais circulando? Os diversos catálogos de jornais existentes mostram que não era tão exagerada à descrição feita pelo Pádua Carvalho. No mesmo jornal em que Sganarello escreveu sobre a cidade onde os jornais eram lidos nos “botequins, nas tabernas, nos cantos, nos bondes, nos trapiches”, teve início uma série de três artigos sobre a história do jornalismo paraense, lembrando que o Pará talvez fosse a Província com maior número de jornais no Brasil.<sup>106</sup>

Não se pode negar que a História da imprensa no Pará é recheada de jornais. Vale aqui lembrar os esforços pioneiros de Remijio de Bellido<sup>107</sup> e Manuel Barata<sup>108</sup> que se dedicaram catalogar aproximadamente 730 periódicos paraenses entre 1822 a 1908, bem como Theodoro Braga, que em um artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) de 1918, anunciava um catálogo comemorativo ao centenário da imprensa no Pará, apresentando na ocasião sua “pequena coleção de exemplares de jornais e periódicos paraenses (composta de 448 exemplares de 1º número e 144 de números avulsos)”<sup>109</sup> de 1908 a 1918.

Embora o *Diário de Notícias* tenha se destacado como um importante jornal abolicionista em Belém na década de 1880, suas denúncias contra as injustiças do sistema escravocrata contradiziam sua postura contrária à cultura negra. Em 1881, o jornal tomou

<sup>103</sup> Diário de Notícias, nº 53, Ano IV, Solicitados, Triolet, 8 mar 1883, p.3 c.1. Primeira parte do último triolé publicado com a imagem do guariba e com a nota de roda pé que dizia: “Agora é sério: fica suspensa publicação dos *Triolets*”. Reapareceram, no *Diário de Notícias*, somente em meados de 1885.

<sup>104</sup> Pádua Carvalho foi um grande observador e escritor dos costumes, das tradições e hábitos de gente simples. Suas obras foram registradas na imprensa paraense, em especial, no Diário de Notícias, no qual foi jornalista desde 1885 até morrer em 1889 aos 29 anos. Ávido por escrever e apaixonado pela imprensa e pelo jornalismo acabou registrando o cotidiano da Belém dos fins dos oitocentos. Cf: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo, 1870-1950*. 1996. 428 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

<sup>105</sup> Diário de Notícias, nº 204, Ano VII, Entre-colunas, 10 set 1886, p.2/c.4.

<sup>106</sup> Idem. Um pouco de história: Jornalismo paraense, p.2

<sup>107</sup> BELLIDO, Remijio de. Catálogo dos jornais paraenses: 1822 -1908. Pará: Imprensa Oficial, 1908.

<sup>108</sup> BARATA, Manuel. Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908. In: Formação histórica do Pará. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

<sup>109</sup> BRAGA, Theodoro. Jornais Paraenses de 1908 a 1918. Revista do IHGP, 1918, p.344.

medidas drásticas para demonstrar seu comprometimento com a causa abolicionista, fechando suas colunas para qualquer notícia que pudesse contribuir para a manutenção do trabalho escravo. No ano seguinte, desencadeou uma campanha ferrenha contra o tráfico de “pelle negra” na província, evidenciando ainda mais o envolvimento do jornal com a causa abolicionista. No entanto, em 1883, o *Diário de Notícias* assumiu uma postura de controle de manifestações dos negros, como as rodas de samba, as reuniões em tabernas, as rodas de capoeira e o banho no litoral por pessoas “de cor”. Essa contradição evidencia a complexidade das relações entre o movimento abolicionista e a questão racial no contexto da sociedade paraense do final do século XIX.

A partir de 20 de dezembro de 1882 o *Diário de Notícias* passou a publicar na seção *Solicitados* os *Triolets*, *Advinhações*, *Epigrammas* entre outros, atacando veementemente João Francisco da Cruz. A partir de fevereiro de 1883, os *Triolets* vieram acompanhados da imagem de um guariba.<sup>110</sup>

**FIGURA 6**  
**Triolet acompanhado com a imagem de um guariba**

**Triolet**

*(Para ser cantado ao violão)*

De mãe guariba nascido,  
Macaco és, pae João;  
Não és gente, és macacaõ (sic)  
De mãe guariba nascido,  
Mostra o rabo, pae *ticó!*  
Pulador de galho em galho,  
Não ha banana, ha vergalho:  
Mostra o rabo, pae *tico!*  
Olha o negro, o preto velho,  
Piscando vesgo p'ra gente!  
Já d'ahi, ó repellente:  
Olha o negro, o preto velho!  
*Quatá, de prego,* macaco,  
O que és tú João da Cruz?  
Macacão, tira o capuz,  
*Quatá, de prego,* macaco!

*Roberto.*



Diário de Notícias, 20 de fevereiro de 1883, Seção Solicitados, p.3, c.1

<sup>110</sup> Guariba é o nome popular dado a uma espécie de primata pertencente à família Atelidae e ao gênero *Alouatta*. Eles são encontrados principalmente na América Central e do Sul. Os guaribas são conhecidos por seus gritos altos e distintos, que são usados para comunicar e defender seu território.

A associação entre João da Cruz e o guariba tem origem no preconceito relacionado à cultura negra e ao estereótipo do macaco, mas também reflete o fato de que João da Cruz expressava suas ideias de forma contundente e às vezes barulhenta, como os gritos do animal. Suas opiniões frequentemente incomodavam parte da elite branca paraense e causavam polêmica na imprensa do final do século XIX.

A escolha de publicar os triolés na terceira página do *Diário de Notícias* reflete a lógica editorial predominante nos jornais do final dos oitocentos, nos quais as páginas ímpares assumiam papel de destaque. Estruturalmente, a terceira página concentrava uma variedade de conteúdos, como folhetins, anúncios e seções pagas, incluindo o “Solicitados” ou “a pedidos”. Esse espaço estratégico garantia maior visibilidade para textos que buscavam capturar a atenção de diferentes públicos, funcionando como um ponto focal da leitura.

Ao situar os triolés nesse espaço privilegiado, o jornal maximizava seu impacto e assegurava que essas publicações alcançassem um público amplo. Embora inseridos em um contexto de humor e sátira, os triolés desempenhavam um papel central na construção de imagens e percepções sociais, contribuindo para reforçar estereótipos e moldar narrativas preconceituosas sobre João da Cruz. A estrutura física do jornal, portanto, não era neutra; ela atuava como um elemento ativo na difusão dessas mensagens.

Esse posicionamento estratégico evidencia a habilidade dos editores em explorar os recursos materiais do jornal para potencializar a circulação de conteúdos carregados de tensões sociais e políticas. No caso dos triolés, a exposição na terceira página ampliava sua repercussão, permitindo que esses textos influenciassem o imaginário coletivo da sociedade paraense do período.

Além dos poemas satíricos em forma de triolé, outra forma literária utilizada para ridicularizar João da Cruz foi a *Advinhação*, publicada em 01 de março de 1883, oferecendo um prêmio para quem acertasse a charada. No dia seguinte, o jornal publicou um *Epigrama*, que satirizava a sua condição de liberdade. Ambas as publicações revelam a intensa campanha de difamação e preconceito que o jornal promovia contra a figura de João da Cruz.

#### ADVINHAÇÃO

Onde pára o João da Cruz?  
Se o negro è macaco  
A infeliz que deu-lhe á luz  
O que é, o que será?

Manta.<sup>111</sup>

<sup>111</sup> *Diário de Notícias*, nº 47, Ano IV, Solicitados, 01 mar 1883, p.3.

### Epigramma

Tem Cruz dos pergaminhos  
 De mui grande utilidade:  
 Sua patente de alferes  
 E a carta de liberdade,  
 Com o primeiro elle prova  
 Que é um moço enobrecido,  
 Com o segundo também,  
 Que não é um preto fugido.  
 O alferes vacca-mestra.<sup>112</sup>

A adivinhação e o epigrama são exemplos de como o preconceito racial era disseminado na imprensa belenense no século XIX. A associação do nome João da Cruz com o macaco e a sugestão de que ele poderia ser um “preto fugido” evidenciam a visão racista que permeava a sociedade da época. Além disso, o uso de diferentes formas literárias demonstra a habilidade dos autores em se expressar através da escrita e usar a sátira para criticar a condição social do negro naquele contexto histórico. Esses textos são importantes fontes para entendermos as representações negativas e estereotipadas dos afrodescendentes na literatura brasileira e na imprensa do século XIX, bem como para refletirmos sobre a persistência do racismo estrutural na sociedade brasileira contemporânea.

João da Cruz foi alvo de uma série de versos que sugeriam uma ascendência negra e africana em sua linhagem. Os versos apontavam que sua mãe era uma negra escravizada, descrita com termos pejorativos como “macaca”, “burra” e “mula”, e que seu parto foi dolorido e prolongado. Seu pai, de acordo com os triolés, seria o “preto Euzébio bichento”, que teria escolhido seu nome. Esta referência à ascendência negra de João da Cruz, enfatizada nos versos, ressaltava uma linha divisória que o colocava à margem dos círculos intelectuais e economicamente privilegiados da capital do Pará. Tais círculos procuravam afirmar, por meio de referências à sua descendência negra, que ele não fazia parte do grupo social que estava almejando.

É possível constatar que somente dois jornais paraenses publicaram triolés envolvendo João da Cruz, sendo eles o *Diário de Notícias* e *A Constituição*, este último como órgão oficial do partido Conservador, publicou um único triolé na seção *Solicitados* no dia 07 de maio de 1884. O triolé enfatiza que ele foi um homem que exerceu várias atividades, como mascate, quitandeiro e lojista, mas que não tinha um nome valorizado na sociedade. Além disso, o texto o descreve como um poeta, dramaturgo e redator, que também vendia café e fazia pipoca. Ele era visto como um aprendiz de jornalista e alcoviteiro, que queria dar lições aos juízes, mas que era considerado por muitos como um canalha e birbante. O triolet traz à tona as diferentes

<sup>112</sup> Idem, nº 48, Ano IV, Solicitados, 02 mar 1883, p.3.

facetas de João da Cruz e as críticas sociais direcionadas a ele.

### **Triolet**

Cae aqui, cae acolá  
levanta, quebra o nariz  
em dias de bebedeira,  
João da Cruz, do chafariz,  
cae aqui, cae acolá,  
levanta, quebra o nariz.

Foi mascate, quitandeiro,  
lojista sem ter um – X –,  
foi moleque hoje liberto  
João da Cruz, do chafariz,  
foi mascate, quitandeiro,  
lojista sem ter um – X –,

E' poeta, dramathurgo,  
redactor, segundo diz,  
torra café, *faz pipoca*,  
João da Cruz, do chafariz,  
é poeta, dramathurgo,  
redactor, segundo diz,

E' cavalheiro de indústria  
de gazeteiro aprendiz,  
das *farpellas* alcoviteiro,  
João da Cruz, do chafariz,  
é cavalheiro de indústria  
de gazeteiro aprendiz,

Quer dar lições aos juizes . . .  
é elle mesmo quem diz;  
que canalha! que birbante!  
João da Cruz, do chafariz,  
quer dar lições aos juizes . . .  
é elle mesmo quem diz;

*A Filha do lavrador sovina.*

Este triolé claramente ilustra os estereótipos associados aos negros no Brasil, como alcoolismo, malandragem e traços físicos distintos, como um nariz proeminente. Embora essas descrições tenham a intenção de depreciar João da Cruz, elas nos convidam a exercitar a imaginação e a visualizá-lo. Ao reunirmos outros triolés, é possível formar uma imagem mais completa de João da Cruz, como um homem alto e robusto, com barba inglesa, cabelo bem-cuidado, sempre bem-vestido e com uma flor vermelha na lapela. Esse triolé em particular também serve como um resumo das atividades exercidas por João da Cruz, demonstrando que, como muitos homens daquela época, ele era um polímata, uma pessoa com conhecimento em diversas áreas.

Maurel Barbosa, na obra *O Pajé: literatura, naturalismo e história no Pará do século XIX*,

retrata o cenário da literatura amazônica das últimas décadas dos oitocentos, em especial no período de virada para o século XX, a partir da figura de Marques de Carvalho, o “gladiador das letras”. Para Eustachio de Azevedo, citado por Maurel, este

momento de ‘lutas salutares’ e discussões a respeito do movimento abolicionista, que ‘bastante concorreu entre nós, para o cultivo das letras; publicavam-se poematos, idealizavam-se contos, arquitetavam-se romances, sendo o *pivot* em que giravam, a propaganda contra o *escravismo*’<sup>113</sup>.

Os *trioletes* foram publicados no jornal *Diário de Notícias* no contexto da modernidade e das formulações patológicas sociais, revelando que a arena das letras no Pará possuía um “gladiador” que era alvejado para além do campo literário. Ele também era marcado pela cor e por sua posição política e respondeu a altura assim como fez Luiz Gama nos jornais paulistas.

As fontes indicam que João Francisco da Cruz foi filho de uma escravizada, nasceu livre, migrou do Maranhão, alfabetizado, instruído, escreveu poemas, sonetos e versos satíricos. Era funcionário público, ligado do partido Liberal, alferes e primeiro tenente da Guarda Nacional, possuía conhecimento jurídico (solicitador), destemido, abolicionista, jornalista e soube tecer alianças e provocar a ira de muitos que constantemente o atacavam marcando a sua ascendência africana.

Soube elevar-se na sociedade belenense, tornando-se proprietário de uma tipografia, bem como redator do jornal semanário, noticioso e literário *Correio do Norte* em 1882, o qual durou até agosto de 1885. Neste mesmo ano tornou-se editor do jornal *A Colônia Portuguesa*. Chegou patrocinar artistas locais, dono de propriedades, assíduo frequentador do Teatro da Paz, de bares, da Tabacaria Paraense, de cortiços e rodas de samba. Morreu de complicações cardíacas na virada de abril para maio de 1887 e foi enterrado no cemitério de Santa Izabel.

### **3. Entre pseudônimos e ataques: a intenção por trás dos *Triolets* e *Bons Bocados d’O filho do Borges*.**

Estás illudido enganado,  
O’ immundo gazeteiro!  
Sei que és burro chapado! . . .  
Estás illudido enganado,  
João da Cruz, tu nem pintado,  
Para collega te quero!

---

<sup>113</sup> AZEVEDO, José Eustachio de. *Antologia Amazônica* (poetas paraenses). – 3ª ed. – Belém: Conselho de Cultura, 1970, p.17. Citado por Maurel Ferreira Barbosa. *O Pajé: literatura, naturalismo e história no Pará do século XIX*. Belém: IAP, 2013, p.56-57.

Estás illudido enganado,  
O' immundo gazeteiro!  
*O filho do Borges.*<sup>114</sup>

No contexto dos triolés, embora os pseudônimos tenham sido empregados, torna-se evidente que as trocas de versos não eram meramente um exercício poético descompromissado. Pelo contrário, cada conjunto de triolés parece estar estrategicamente direcionado para abordar situações específicas ou para lançar críticas diretas a determinados indivíduos. Apesar do grande público que acompanhava esses duelos poéticos possivelmente não conhecer a identidade por trás dos pseudônimos, é plausível inferir que o destinatário e um grupo mais restrito estavam cientes dos autores por trás dos triolés. Um exemplo notório é a série de triolés associada aos pseudônimos “*O filho do Borges*”, “*Filho do Borges*” e “*Borges Filho*”, que parecem ser a mesma pessoa e ser um dos jornalistas responsáveis pela publicação dos *Triolets* no *Diário de Notícias*. Este padrão sugere uma dinâmica peculiar entre os autores dos triolés, seus alvos e um círculo mais restritos de espectadores que possuíam conhecimento sobre os bastidores dessas trocas literárias.

#### **Triolet**

Quem m'importa te enraiveças,  
E queiras morder a gente?  
Aguça mais o teu dente! . . .  
Quem m'importa te enraiveças!  
Mas, vê bem, tu não te esqueças:  
– Quanto mais enraivecido  
És p'ra mim mais divertido . . . –  
Quem m'importa te enraiveças!

E's tu só quem me faz rir,  
Eu não te posso mais largar,  
E's um bobo, á teu pezar,  
E's tu só quem me faz rir,  
Onde quer que possas ir  
Debicar-te á grosso, ó preto,  
O' João da Cruz, te prometto!  
E's tu só quem me faz rir,  
*O filho do Borges.*<sup>115</sup>

Este triolé do “*O filho do Borges*” expressa a ideia de que “quanto mais enraivecido” João da Cruz ficava, “mais divertido” se tornava, mostrando a natureza desafiadora do autor. A referência de Cruz como “preto” mostra o viés racial nas provocações, destacando nuances de preconceito e estigmatização da cor. A promessa de continuar a ridicularização, combinada com

<sup>114</sup> Diário de Notícias, nº 39, Ano IV, Solicitados, Triolet, 20 fev 1883, p.3 c.1.

<sup>115</sup> Diário de Notícias, nº 17, Ano IV, Solicitados, Triolet, 23 jan 1883, p.2 c.6.

a afirmação de que “não o pode largar”, indica um compromisso deliberado do autor em perturbar João da Cruz. Essa série satírica pode ser interpretada como parte de um contexto mais amplo de duelos literários ou rivalidades entre o João da Cruz e seu grupo com o autor do triolé. Cinco dias depois, foi publicada uma série de *triolet*s, dos quais três foram assinados pelo “*Filho do Borges*”, como podemos observar a seguir.

#### **Triolet**

O' poeta, ó João fagote!  
 Já te mandei o retrato.  
 No fundo de um bispote,  
 O' poeta, ó João fagote!  
 Que mais queres, lançarote?  
 Não sejas assim tão ingrato!  
 O' poeta, ó João fagote!  
 Já te mandei o retrato.

Porque ficaste zangado?  
 O *mimo* não te agradou?  
 Não estavas bem retratado?  
 Porque ficaste zangado?  
 Tu melhor serias pintado . . .  
 Mas a *tinta* se acabou . . .  
 Porque ficaste zangado?  
 O *mimo* não te agradou?  
*Filho do Borges.*

Vou te mandar de presente . . .  
 Outro *mimo* delicado,  
 No qual regales o dente,  
 Vou te mandar de presente . . .  
 Irá fresquinho, inda quente  
 Com molho bem temperado . . .  
 Vou te mandar de presente . . .  
 Outro *mimo* delicado . . .

Não vás agora abusar,  
 E tomar indigestão . . .  
 Trinca aos poucos, de vagar,  
 Não vás agora abusar . . .  
 E quando *a cousa* acabar  
 Manda dizer me, João,  
 Não vás agora abusar,  
 E tomar indigestão . . .  
*Idem.*

#### *(Aviso)*

Resolvi e está assentado;  
 João da Cruz, não te consome,  
 Vulgarizar o teu nome  
 Resolvi e está assentado.  
 Fica, portanto, avisado  
 Qu'em breve virá à luz  
 A tua historia, João da Cruz,  
 Resolvi e está assentado.

Por honra minha prometto,

E' fé minha e eu espero  
 Ser justo e o mais severo,  
 Por honra minha prometo.  
 Vás ter, pois, em um folheto  
 Além d'esta versalhada  
 A tua historia narrada  
 Por honra minha prometto. [\*]  
*Idem.*

[\*] Resolvi suspender a publicação dos *trioletes*, colleccionando-os em um folheto, que breve será distribuido, contendo, além dos que têm sido publicados e outros por publicar, a cronologia do nosso heróe. <sup>116</sup>

Os versos satíricos apresentados nesta sequência de triolés, revelam uma série de estereótipos associados a excrementos e ocupações consideradas de baixo prestígio pelo autor. Dentre as expressões utilizadas, encontramos referências a um penico com o termo “*bispote*”, a fezes ao empregar “*mimo delicado*” e “*a cousa*”, além da frase “*Já te mandei o retrato*”. O termo “*lançarote*” é empregado para caracterizar o indivíduo que auxilia o cavalo durante a reprodução. Ademais, o autor faz uso da expressão “*João fagote*”, que se refere a um instrumento longo de sopro, reforçando a caracterização de João da Cruz como um homem de estatura elevada.

O terceiro triolé revela-se particularmente interessante, constituindo-se como um “aviso” dirigido a João da Cruz por parte do “*Filho do Borges*”. Nele, o autor anuncia sua decisão de cessar a difamação do nome de João da Cruz, comprometendo-se a não mais “vulgarizar” sua reputação. Além disso, antecipa que em breve a história de João da Cruz será tratada de maneira “justa e severa”, não apenas através das “versalhadas”, mas também em folhetos. Contudo, em uma nota adicional, o autor informa que optou por suspender a publicação dos *trioletes*, planejando compilá-los em um folheto que seria distribuído ao público.<sup>117</sup> Este folheto incluiria não apenas os já publicados, mas também aqueles que ainda não tinham sido divulgados, acompanhados por uma cronologia detalhada sobre o herói João da Cruz, em tom irônico, já que o contexto revela mais uma tentativa de ridicularizá-lo do que de exaltar a sua figura. Apesar da promessa do “*Filho do Borges*”, observa-se que outros triolés foram assinados por ele após essa declaração, conforme evidenciado nas publicações subsequentes.

<sup>116</sup> Diário de Notícias, nº 22, Ano IV, Solicitados, Triolet, 28 jan 1883, p.2 e 3 c.6 e 1.

<sup>117</sup> É relevante destacar que a promessa do autor de compilar os *trioletes* já publicados, junto com os que ainda seriam divulgados, em um folheto despertou especial interesse. Apesar de uma investigação exaustiva ter sido realizada na tentativa de localizar esse material, não foi possível encontrá-lo. Ademais, não há evidências concretas que comprovem a efetiva publicação do referido folheto.



### Triolet

Prometti deixar-te em paz:  
 João da Cruz, gosa-a com geito . . .  
 Eu não te debico mais,  
 Prometti deixar-te em paz.  
 Mas n'outra cahir não váes!  
 Anda, pois, muito direito!  
 Prometti deixar-te em paz:  
 João da Cruz, gosa-a com geito . . .

Se discrepares um passo,  
 Eu te vou de rijo ao couro;  
 Torneio-te mais o cachaço,  
 Se discrepares um passo,  
 Estás livre, mas . . . no laço  
 O' *Narciso* de monturo!  
 Se discrepares um passo,  
 Eu te vou de rijo ao couro.

*Borge Filho.*<sup>118</sup>

Este é o primeiro *triolet* após a promessa do “*Filho do Borges*” ou “*Borges Filho*” de deixar João da Cruz em paz. Entretanto, a forma como essa promessa é apresentada carrega consigo uma dose significativa de ironia e ameaça. A expressão “*gosa-a com geito*” sugere uma depreciação desrespeitosa, indicando que João da Cruz pode desfrutar de sua paz, mas de maneira peculiar, como se sua simples existência fosse motivo de escárnio. A segunda estrofe intensifica a ambiguidade da mensagem ao mencionar que, caso João da Cruz<sup>119</sup> cometa um deslize, o autor o castigará severamente. O uso das expressões “*vou de rijo ao couro*” e “*cachaço*” insinua violência física e humilhação, aumentando a tensão na mensagem.

Às vésperas do período da Quaresma, após inúmeros *triolet*s sobre João da Cruz e o Carnaval, “*Borges Filho*” redigiu outra “versalhada”, prometendo, mais uma vez, deixá-lo em paz, demonstrando “clemência no tempo de penitência”. Na segunda estrofe, ele apela à sociedade para perdoar o “ignorante e tratante” Cruz, mesmo que tal gesto possa ser em vão, conforme expresso na frase “*É favor talvez de balde*”.<sup>120</sup>

A quaresma váe entrar,  
 – O tempo da penitencia, –  
 O João da Cruz vou deixar  
 A quaresma váe entrar.  
 Ao pobre diabo provar

<sup>118</sup> Diário de Notícias, nº 23, Ano IV, Solicitados, Triolet, 30 jan 1883, p.2 c.1.

<sup>119</sup> A expressão “*Narciso de monturo*” é uma metáfora utilizada de maneira satírica, fazendo alusão à figura da mitologia grega, Narciso, conhecido por sua beleza excepcional e pela paixão por sua própria imagem refletida na água. No caso de João da Cruz, essa metáfora adquire contornos específicos, visto que, ao contrário da beleza mítica de Narciso, ele contemplava apenas um “monte de lixo”, isto é, o monturo, que supostamente representava. Isso reflete a visão preconceituosa sobre ele e, em larga medida, sobre os afrodescendentes da época.

<sup>120</sup> No contexto bíblico, a palavra “*de balde*” é empregada para comunicar a noção de algo realizado em vão, sem alcançar resultado ou propósito, servindo como um alerta para evitar ações fúteis ou inúteis.

Eu quero a minha clemencia  
 A quaresma váe entrar  
 – O tempo da penitencia, –

E' obra da caridade  
 Perdóar ao ignorante  
 E' favor talvez de balde,  
 E' obra de caridade  
 A' rogo da sociedade  
 Eu perdô o ao tratante  
 E' obra da caridade  
 Perdóar ao ignorante.

*Borges Filho.*<sup>121</sup>

Em outro triolet, “*Borges Filho*” satiriza a figura de João da Cruz, utilizando a metáfora de Netuno, o deus romano do mar. O objetivo era zombá-lo por se considerar um homem poderoso. A afirmação de que João da Cruz não poderia ser Netuno, já que o deus não possuía cauda, sugere que ele era mais comparável ao diabo, que, na visão cristã, se assemelha à descrição mitológica dos sátiros. Contudo, ao nosso ver, o autor não deixa de fazer uma alusão velada à figura do macaco com cauda, um estereótipo depreciativo frequentemente atribuído aos negros. Ademais, a repetição da frase “*Netuno nunca foi negro*” revela uma tentativa de deslegitimar a posição de João da Cruz, apontando para a cor de sua pele como um obstáculo à sua ascensão, como podemos observar logo abaixo.

Esta não lembra ao diabo . . .  
 O Joaõ da Cruz Feito Neptuno,  
 Mas um Neptuno com rabo . .  
 Esta não lembra ao diabo!  
 E p'ra levar á obra ao cabo  
*Elle* chama á *ella* Juno!  
 Esta não lembra ao diabo!  
 O Joaõ da Cruz feito Neptuno! . . .

Neptuno nuca foi preto!  
*Illustrissimo* PAE FACA,  
 Erraste! Não está direito!  
 Neptuno nuca foi preto!  
 Se não és um *Pan* perfeito,  
 Um *Satyro* és de casaca!  
 Neptuno nuca foi preto!  
*Illustrissimo* PAE FACA!

*Borges Filho.*<sup>122</sup>

Na segunda parte dos versos, o autor afirma que João da Cruz nunca foi um “*Pan*

<sup>121</sup> Diário de Notícias, nº 28, Ano IV, Solicitados, Triolet, 06 fev 1883, p.3 c.1.

<sup>122</sup> Diário de Notícias, nº 35, Ano IV, Solicitados, Triolet, 15 fev 1883, p.3 c.4. Cabe aqui ressaltar que discutiremos o “folclore do pae João” de forma mais detalhada ao longo do segundo capítulo desta dissertação. Não é adequado neste momento explicar a expressão “*Illustrissimo PAE FACA!*”, sendo esta uma das várias ocasiões em que João da Cruz será associado a essa expressão e suas derivações.

perfeito”, sugerindo que, embora Cruz possa compartilhar algumas das qualidades associadas a mítica personagem – como ser travesso e amante da música –, ele não se ajustava perfeitamente ao molde. Para o autor, João da Cruz seria mais comparável a um sátiro, figura mitológica caracterizada por sua aparência semelhante à humana, mas com cauda, chifres e orelhas de asno ou cabrito, conhecida por sua natureza selvagem e libidinosa. Ao descrever João da Cruz como um “*Satyro* de casaca”, o autor insinua que, apesar de sua fachada respeitável simbolizada pela “casaca”, ele mantinha uma natureza selvagem e indisciplinada, assemelhando-se aos sátiros.

Estes ataques, expressos de forma satírica nos triolés no *Diário de Notícias*, não apenas desqualificavam João da Cruz por sua ascendência negra, mas também exploraram sua atuação como jornalista e proprietário de um periódico, destacando uma mescla de racismo e rivalidade profissional. A utilização de termos que afirmavam que o negro seria uma “burra raça presunçosa”, presentes nos ataques, evidencia a brutalidade do preconceito racial que permeava o discurso da época, indicando a competição hostil no universo jornalístico. João da Cruz, apesar de ser um cidadão politicamente ativo, torna-se alvo de uma retórica que não apenas busca desqualificá-lo racialmente, mas também desmerecer seu papel como profissional da imprensa.

Este cenário é claramente observado em outro triolé do “*O filho do Borges*”. Neste contexto, João da Cruz, possivelmente tendo solicitado o fim dos triolés – algo que “*Borges Filho*” prometeu várias vezes – faz um apelo ao “*coleguismo*” jornalístico. No entanto, o autor do triolé, irritado com este apelo, rejeita veementemente a ideia de ter João da Cruz como colega, mesmo que este fosse pintado de branco. Esta sequência de eventos ilustra a tensão existente entre os dois personagens, evidenciando a resistência de “*Borges Filho*” em aceitar João da Cruz em seu círculo profissional.

Invocando o colleguismo!  
 O negro pedio compaixão  
 Em nome do jornalismo,  
 Invocando o colleguismo!  
 Que ha maior cynismo  
 Ou mais audaz presumpção?!  
 Invocando o coleguismo,  
 O negro pedio compaixão!

Estás illudido enganado,  
 O’ immundo gazeteiro!  
 Sei que és burro chapado! . . .  
 Estás illudido enganado,  
 João da Cruz, tu nem pintado,  
 Para collega te quero!

Estás illudido enganado,  
O' immundo gazeteiro!  
*O filho do Borges.*<sup>123</sup>

Os triolés que trataram do suposto parto de João da Cruz, intitulados “*O parto de um burro*”, e que iremos expor ao longo do segundo capítulo, tiveram início em 25 de fevereiro de 1883, sendo este assinado com o pseudônimo “*O Roza*”. A continuação da história só veio à tona em 03 de março, sem indicação de autoria. No dia seguinte, a conclusão foi publicada novamente sem assinatura. Curiosamente, uma nota de rodapé esclareceu que, atendendo a pedidos de muitos amigos, as publicações dos triolés relacionados a João da Cruz seriam encerradas naquele dia, 04 de março de 1883, e quem subscreveu a nota foi “*Borges Filho*”. Contrariando essa declaração, as publicações persistiram até 08 de março, quando surgiu outra nota sem identificação informando, de forma séria, a suspensão dos *triolet*s.

### FIGURA 7 Promessa de suspensão dos *triolet*s

**Triolet (†)**  
 Mas que pilheria de truz!  
 Oh! Que trote bem passado!  
 Pobre bruto João da Cruz!  
 Mas que pilheria de truz!  
 Redactor! . . . ele! . . . Jesus!  
 E redactor illustrado! . . .  
 Mas que pilheria de truz!  
 Oh! Que trote bem passado!  
 Se elle não sabe o que faz . . .  
 Se elle não sabe o que diz . . .  
 Se é um . . . testa . . . e nada mais.  
 Se elle não sabe o que faz . . .  
 Um palmo o pobre rapaz  
 Não vê além do nariz.  
 Se elle não sabe o que faz . . .  
 Se elle não sabe o que diz.  
 +  
 Mas porque catingas tu,  
 O' meu alferes tizado?  
 Ou catinga ou petiú . . .  
 Mas porque catingas tu?  
 João da Cruz, de teu avô  
 E' essa catinga legado?  
 Mas porque catingas tu,  
 O' meu alferes tizado?  
 (†) Agora é sério: fica suspensa  
 publicação dos *triolet*s.



Diário de Notícias, nº 53, Ano IV, Solicitados, Triolet, 08 mar 1883, p.3 c.1.

<sup>123</sup> Diário de Notícias, nº 39, Ano IV, Solicitados, Triolet, 20 fev 1883, p.3 c.1.

Este conjunto de expressões reflete uma abordagem depreciativa, revelando uma visão preconceituosa e estigmatizante em relação a atividades e símbolos que, historicamente, foram associados aos afrodescendentes. Tais estereótipos não apenas evidenciam a linguagem utilizada por “*Borges Filho*” e seu grupo, mas também perpetuam essas visões, dando o tom dos demais triolés que apresentaremos no segundo capítulo. Vale lembrar que João da Cruz e seu grupo publicaram triolés como resposta aos ataques sofridos no *Diário de Notícias*, já que a coluna “*Solicitados*” era paga. Isso ficará mais evidente quando apresentarmos a sequência de triolés entre João da Cruz e José Xavier Ferreira, conhecido como “*dr. Soka*”.

Além de diversos triolés, *O Filho do Borges* assinava um folhetim dominical chamado “Bons Bocados”, que frequentemente abordava o *Correio do Norte* e João da Cruz. A intenção dessa coluna era satirizar eventos e figuras da sociedade de Belém em 1882. A expressão “Bons Bocados” possuía um duplo sentido: convidava o leitor a “saborear deliciosas” histórias como se fossem pedaços apetitosos de um banquete de gafes e fofocas; por outro lado, revelava, o que o autor considerava, as dificuldades e embaraços enfrentados por figuras, jornalistas, religiosos e grupos da sociedade belenense da Belle-Époque.

Apesar de abordar semanalmente diversos acontecimentos com uma escrita debochada e palavras coloquiais, a coluna “Bons Bocados” teve uma duração limitada, com apenas seis publicações. Em apenas duas dessas edições, João da Cruz não foi citado. A breve existência da coluna e o foco recorrente em João da Cruz sugerem que a coluna pode não ter alcançado o sucesso desejado ou que sua intenção principal em satirizar e atacar figuras específicas, especialmente João da Cruz, não foi bem aceita, refletindo as tensões e rivalidades da época.

“O illustre redactor do Correio do Norte, cujo estylo alambicado e correctissimo pode muito bem igualar-se ao charivarinismo soez de qualquer Ricardo, botou no dia 6, n’esta cidade, os seguintes bons bocados: (...)

E... e uma rosa encarnada, preza à lapella do eroúsi, e um anel de brilhante do Garantido, a mostrar-se aos frequentadores do theatro, são tambem coisas bem bonitas, do agrado mesmo da raça, que se coça p’ra cima.”<sup>124</sup>

“O nosso sympathico Cruz, o solicitador-poeta, eterno amolador do Correio do Norte, pouco, quase nada produziu em sua edição de 13. É que a musa, que inspirou aquelles mimosos versos, oferecidos ao sr. Meira, estava talvez com dôres de barriga. (...)

E por aí além vão o impagável Cruz da rosinha encarna lá.  
Não são mãos os pedacinhos, que ahi ficam transcritos.”<sup>125</sup>

“Trabalhava uma noite, no theatro da Paz, o prestidigitador Bosco. O Cruz, que se achava repimpado na sua cadeira, a mirar o *garantido*, foi de repente surpreendido pelo homem, que pediu-lhe emprestado o *cano*, mais ou menos n’estes termos:  
— ‘Signorito, faz favor me empresta seu chapeau.’

<sup>124</sup> Diário de Notícias, nº 255, Ano III, Folhetim do Diário, Bons Bocados, 12 nov 1882, p.2, c.6.

<sup>125</sup> Diário de Notícias, nº 261, Ano III, Folhetim do Diário, Bons Bocados, 19 nov 1882, p.2, c.4 e 5.

- Com muito gosto, sr. Bosco.
- Agradecido, signorito. Eu váe agora fazer uma piquena suerte de prestidigitação, cem pós de pirlimpimpim.
- Pòde fazer, monsiù, póde fazer.
- Um, dous, tres; por artes de berliques e berloques, quem mattou o caõ foi o Beata . . . Oh! signorito, tiene vòs dentro de vuestro chapeau una grande quantidade de fitas: usted es mercador ? . .
- N’outro tempo, hoje sou escriptor.
- Bueno, bueno. Aqui tiene mais uma macaca ! Oh! signorito, gosta del cuchuita? E por ahi foi o homem, tirando mil cousas do chapeo do Cruz.
- Este, amolado com a historia, prometeu tratar da sorte de Bosco e d’outras cousas, que andam por esse *mundo de meu Deus*.
- Esperemos, pois.”<sup>126</sup>

Os trechos dos “Bons Bocados” dedicados a João da Cruz, escritos por *O Filho do Borges*, exemplificam a violência dos ataques pessoais e profissionais dirigidos contra ele. Os textos não apenas ridicularizam seu trabalho literário e sua pessoa pública, mas também empregam a sátira para questionar sua integridade e competência. Ao chamá-lo de “solicitador-poeta” e “amolador do Correio do Norte”, o autor da coluna minimiza as contribuições de João da Cruz, sugerindo que ele era uma figura irritante e sem importância. O episódio no Teatro da Paz, onde um prestigiado mágico faz truques com o chapéu de João da Cruz, serve para humilhá-lo publicamente, reforçando a imagem de um homem vaidoso e superficial. Esses ataques refletem não só a rivalidade entre os jornais, mas também uma tentativa de deslegitimar João da Cruz, explorando aspectos raciais e sociais para diminuir sua influência e prestígio na sociedade paraense. Através dessa análise, percebe-se como a imprensa da época utilizava o humor e a sátira para moldar a opinião pública e atacar figuras controversas como João da Cruz.

Normalmente, *O Filho do Borges* dedicava pelo menos duas colunas de seu “Bons Bocados” a João da Cruz e às publicações do *Correio do Norte*, sempre em tom irônico e debochado. Em duas edições, João da Cruz foi a principal figura atacada, tomando mais da metade das seis colunas do folhetim. Uma dessas edições abordou a passagem de Vênus, mencionando que, apesar da província não ter telescópios apropriados, João da Cruz, com seus “olhos de lince”, teria observado o fenômeno e questionado alguns cientistas sobre os resultados do tão esperado evento secular.

“Comecemos hoje, meu caro leitor, pela *passagem de Venus*, a deusa do amor. Não direi que todos a viram a passear pelo disco do astro rei, porque houve muita gente que, ainda mesmo munida de vidros fumaçados, não conseguiu vêr senão o sol. E' que nem todos possuem olhos de lynce . . .  
 (...) Temos o Cruz, q'é meio taberneiro, meio astrônomo; discipulo do sr. Sergio

<sup>126</sup> Diário de Notícias, nº 277, Ano III, Folhetim do Diário, Bons Bocados, 10 dez 1882, p.2, c.6.

Damasceno; porém como elle se tem por demais afundado no estudo das sciencias exactas, ficou por tal forma aturdido, que descreu de tudo, chegando a affirmar que Venus não tinha feito o giro, anunciado pelos maiores mathematicos e astrônomos de maior vulto.<sup>127</sup>

A outra edição fez uma espécie de histórico irônico de parte da vida de João da Cruz no Maranhão e sua chegada ao Pará. Curiosamente, essa publicação foi encontrada muito depois dos triolés durante as pesquisas, coincidindo com informações dos almanaques e jornais das duas províncias. Outro detalhe é que os “Bons Bocados” começaram antes dos triolés, sendo, portanto, o precursor das notas em tom jocoso de *O Filho do Borges* sobre João da Cruz.

---

<sup>127</sup> Idem. c. 1 e 2

## Folhetim do Diário

### BONS BOCADOS

Não ha nada como ser-se jornalista! . . .

O homem, que abraça essa vida, julga-se, e com razão, um homem respeitavel, temido e mesmo inimitavel. Outro qualquer ente, aos seus olhos prescurtadores, não passa de miseraveis pygmeus, incapaz ligar duas idéias. Encarregado da doutrinação do povo, o jornalista é sempre orgulhoso não conhece a modestia porque talvez confie bastante na sua erudição, que o colloca acima das vulgaridades.

O exemplo de tudo isto temos nós no grande João da Cruz, redactor proprietario e responsavel do *Correio do Norte*.

Esse cavalheiro tem sabido elevar-se na sociedade, em que vive, porque é dotado de grande força de vontade; se tem subido muito, deve-o a si, aos seus proprios merecimentos.

E isto elle repete a muitos.

João da Cruz tem tambem a sua historia, como qualquer homem celebre.

Nascido na *Athenas Brasileira*, na terra dos poetas Ewertons e outros, Cruz, aos 14 annos dedicara-se a vida commercial, estabelecendo-se com uma quitanda.

Mas oh! destino do homem, Cruz não nascera para essa vida, que o ia embrutecendo.

A necessidade obrigara-o a ser quitandeiro, porém isso não o inhibia de curvar-se á mesa do trabalho e escrever mimosos versos, que primavam pelo estylo suave e belleza de metrificacão, varios outros artigos litterarios, os quaes eram publicados aos domingos nos jornaes litterarios da terra.

A's vezes entrava na quitanda um freguez, e Cruz, que procurava no tecto de uma *tasca* uma inspiração, de nada se apercebia.

– Olá, seu João, me avie: de cá quatro vintens de bagrinho seco, dous de camarão e dous de farinha de páo branco.

– Não ha nada d'isso; deixe-me pelo amôr de Deus, homem; por sua causa perdi agora um dos meus melhores pensamentos! . . .

E o Cruz curvava-se de novo sobre as tiras de papel amarello.

Quitandeiro e poeta . . . . não, isso não podia continuar.

Morra-se á fome; soffra-se as privações que soffrera Bocage, mas, por Deus! não se mate a inspiração!

Assim pensou o homem, e a *tasca* foi vendida em leilão, passando-se para nossa terra o bom do quitandeiro.

No Pará fez-se solicitador mas como o seu desejo era e é o de fazer figura, João da Cruz creou o *Correio* e empunhou a penna do jornalista.

Criterioso em seus annunciados, tendo já firmado a sua reputação escripto imparcial, tudo váe correndo perfeitamente bem, como se evidencia os seguintes tópicos, de sua ultima edição: “Acaba de ser exposta á venda uma brochura importantissima, onde se acham coordenado os apontamentos sobre agravos civeis e commerciaes, etc.”

.....  
“As *rabecas* descordoadas, e lá creadas pela imaginação, os *flautins* assobiados, os *fagotes* a imitação, o *baixo* sem *baixo*, a *flauta* aérea, o *clarinete* figurado, o *piston* sem bocal, dão a essa orchestra improvisada, uma similhaça dos que tocam os meninos na rua.”

.....  
“Que não poderá defender-se das justas accusações que lhe são feitas, por ter consentido em que fosse importada tão má *mercadoria*, é siso intuitivo, etc.”

.....  
“Por toda parte fôcos de miasmas prejudiciaes a vida, se desenvolvem disputando lugar a sua malifica acção.”

.....  
“Custa-nos realmente a crer, mas pelo menos è o que o *vox populi* proclama . . .”

.....  
“. . . porque alli se encontra desenvolvidos com profusão os rudimentos . . .”

.....  
“. . . a saude do corpo consente que esse vapor atracasse no trapiche, e a saude publica que para este se transportasse o cadavel de um dos enfermos, que a alli se demorou infeccionado ainda mais aquelles lugares e suas circumvisinhança!

Pobre *Cadavel!* . . . .

Cruz, amigo Cruz! tempo virá, em que os povos te faraõ a devida justiça! . . . .

O Ricardo tambem foi corôado . . . .

(...)

*O Filho do Borges*<sup>128</sup>

<sup>128</sup> Diário de Notícias, nº 267, Ano III, Folhetim do Diário, Bons Bocados, 26 nov 1882, p.2, c.1-3.

#### 4. Temas recorrentes nos triolets: a questão racial em destaque.

A sorte mangou com tigo . . .  
 Ventre preto deu-te á luz.  
 Preto és, ó João da Cruz.  
 A sorte mangou com tigo . . .  
 Tens na Africa o umbigo  
 Lá bem no centro plantado . . .  
 Preto és, negro é teu fado . . .  
 A sorte mangou com tigo . . .<sup>129</sup>

Os triolés foram utilizados como uma forma de expressar mensagens e sentimentos de diferentes naturezas, endereçados a um indivíduo específico ou a um grupo determinado. No caso dos triolés dirigidos a João da Cruz, sua origem pode ser datada a partir de 20 de dezembro de 1882. Embora possam parecer, à primeira vista, versos elogiosos ao “portento poeta”, uma análise mais aprofundada do conjunto de triolés revela que seu início foi relativamente suave em comparação com os demais, denotando uma progressão gradual de intensidade e conteúdo crítico e racial.

##### **Trioleto**

Tu és grande talento . . .  
 N’este seculo de luz!  
 Gosto de ti, João da Cruz . . .  
 Tu és grande talento . . .  
 – Poeta – és um portento  
 O genio o mais fecundo  
 A quem admira o mundo! . . .  
 Tu és um grande talento . . .

Gosto de ti, João da Cruz . . .  
 E’s o homem necessario . . .  
 Segue o teu itinerario . . .  
 Gosto de ti, João da Cruz  
 – O bobo alegre carafuz –  
 Te chamam ahi pela rua,  
 Mas a posteridade é tua . . .  
 Gosto de ti, João da Cruz.

*J. Branco.*<sup>130</sup>

A primeira estrofe do triolé dedicado a João da Cruz enfatiza a sua condição de poeta, uma característica extraordinária e incomum para alguém considerado um “carafuz”, termo utilizado para se referir a mestiços descendentes de negros e índios no Pará do século XIX. As expressões “talento” e “gênio” são utilizadas de forma irônica, reforçando a ideia de que João

<sup>129</sup> Diário de Notícias, nº 6, Ano IV, Solicitados, Trioleto, 10 jan 1883, p.3 c.2.

<sup>130</sup> Diário de Notícias, nº 285, Ano III, Solicitados, Trioleto, 20 dez 1882, p.3.

da Cruz não era realmente digno desses elogios. Na segunda estrofe, a frase “segue seu itinerário” é empregada para lembrá-lo do seu lugar na sociedade e para mantê-lo em sua suposta posição inferior.

A partir da publicação do primeiro triolé, o jornal *Diário de Notícias* passou a publicá-los diariamente na terceira página, dentro da mesma seção. Em alguns casos, os triolés foram iniciados no final da última coluna da segunda página e continuaram na primeira coluna da terceira. Inicialmente, um único triolé era publicado por dia, mas, com o decorrer dos três meses seguintes, o número de publicações aumentou gradualmente, com alguns triolés ocupando até três colunas inteiras, evidenciando o crescente destaque que a seção passou a ter no jornal.

O segundo triolé seguiu a mesma linha do primeiro. Parece ser elogioso à primeira vista, mas traz expressões e ideias de duplo sentido que desqualificam o João da Cruz, tais como “jumento”, “descendência”, “burro”, “bugiar”. A palavra “bode” ou sinônimos aparecem nos triolés. Neste caso específico a frase é bem comum para a época “Meu illustre *dr. Bode?*”. Luiz Gama no seu livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (1859) publicou um dos seus mais conhecidos poemas, denominado “Quem sou eu?”, popularmente chamado de “Bodarrada”, nome derivado da palavra “bode” que na gíria da época significava negro ou mulato.<sup>131</sup>

#### **Triolet**

Não consinto! Passa fóra!  
Que te chamem de jumento!  
E's um homem de talento . . .  
Não consinto! Passa fóra!  
Que um casal muito embora  
De burros te desse a luz,  
Eu gosto de ti, João da Cruz . . .  
Não consinto! Passa fora!

Manda o mundo bugiar  
Este mundo linguarudo,  
Onde a *honra* sofre tudo . . .  
Manda o mundo bugiar . . .  
A tua [altura] chegar  
Quem é acaso que póde,  
Meu illustre *dr. Bode?* . . .  
Manda o mundo bugiar . . .

*Roza.*<sup>132</sup>

Em 1882, a palavra “dr. Bode” foi destacada nos triolés em alusão à atuação jurídica de João da Cruz como solicitador, que era frequentemente satirizada nos jornais, especialmente

<sup>131</sup> AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, Coleção Várias Histórias, 1999.

<sup>132</sup> *Diário de Notícias*, nº 286, Ano III, Solicitados, Triolet, 21 dez 1882, p.3.

nos de posição conservadora, como o *Diário de Belém* e *A Constituição*. No entanto, foi o *Diário de Notícias* que mais ironizava suas ações como advogado. É importante lembrar que João da Cruz, na dita função, chegou a questionar a Junta de Governo do Pará, por meio de uma petição, por ter aceitado a proposta de João Campbell, então dono do *Diário de Notícias*, para impressão e brochura dos relatórios de província.<sup>133</sup>

No triolé do dia 23 de dezembro, o quarto da sequência, a segunda estrofe diz: “A inveja não te perdoa, te chama d'asno pedaço, o *dr. Bode*, o palhaço (...)”<sup>134</sup> O termo traz uma conotação pejorativa carregada de significados sociais fortes ligados à discriminação racial e foi usado no Rio de Janeiro como categoria de cor, conforme sugere Mary Karasch.<sup>135</sup> No Pará, ele também foi usado como sinônimo de ascendência negra ou mulata, indicando os escravizados racialmente mistos.

A cor como diferença é uma tônica nos versos satíricos desde o início da série. A palavra “preto” aparece no terceiro triolé quando diz: “E’s preto... mero acidente... Hoje em dia a côr não é nada, A fidalguia pomada... E’s preto... mero acidente...”. O autor do triolé, de maneira irônica, desvaloriza a importância da cor ao mesmo tempo em que ridiculariza a ideia de nobreza associada à ascendência de João da Cruz, ao utilizar a expressão “fidalguia pomada”. Esse registro irônico do autor reflete uma tentativa de deslegitimar a postura de João da Cruz, insinuando que ele estava se passando por algo que não era. A expressão “fidalguia pomada” sugere que João da Cruz não possuía nenhuma origem nobre, mas sim uma atitude arrogante e ostentadora, criando uma imagem de si mesmo que não correspondia à realidade. Assim, a crítica do autor do triolé é dirigida à tentativa de João da Cruz de se destacar socialmente, mesmo que para isso fosse necessário exagerar ou criar uma imagem de suas conquistas ou status.

O uso da expressão “rei de breu” em outro triolé dirigido a João da Cruz reforça a ideia de que, mesmo detendo uma posição social privilegiada como cidadão e alferes, ele ainda era estigmatizado por sua cor de pele. Tal expressão pode ser entendida como uma crítica mordaz à pretensão de João da Cruz em se colocar como um membro da elite, em um contexto social onde a hierarquia era rigidamente estabelecida. A publicação deste triolé no *Diário de Notícias* em 31 dezembro de 1882, sob o pseudônimo “B. de Itaco” evidencia a recorrência do uso dos

<sup>133</sup> A Constituição, nº166, Ano XI, Noticiário, Thesouro Provincial, 23 jul de 1884, p.2. Outros jornais publicaram a mesma notícia neste dia.

<sup>134</sup> Diário de Notícias, nº 288, Ano III, Solicitados, Triolet, 23 dez 1882, p.2.

<sup>135</sup> KARASCH, Mary. *Slave life in Rio de Janeiro. 1808-1850*. Princeton University Press, 1987, p.6. Apud: AZEVEDO, Elciene. Op. Cit., p.48.

triolés como forma de sátira sociopolítica e racial na época.

### **Triolet**

O que rei diz, esta dito . . .  
 Vejamos se tens coragem  
 De dar a tal pilotagem . . .  
 O que rei diz, esta dito . . .  
 Prometteste, João Cabrito,  
 Quando findar o debique  
 Metter me o *casco* á pique!  
 O que rei diz, esta dito . . .

Tu és rei . . . mas rei de breu . . .  
 Es um possante molusco,  
 Mas quem te receia, patusco?  
 Tu és rei . . . mas rei de breu . . .  
 A despeito do orgulho teu,  
 Ao toque d'esta viðla  
 Has de dansar, João d'Angola! . . .  
 Tu és rei mas rei . . . de breu . . .

*B. de Itaco. . .*<sup>136</sup>

O artigo do *Folhetim*, publicado no dia 21 de junho de 1885, no *Diário de Notícias* e escrito sob o pseudônimo “John Cracknell”, evidencia como a questão da ascendência de João da Cruz era recorrente entre ele e seus oponentes. A questão da origem e status social eram importantes nesse contexto, e os triolés foram usados como meio de sátira para expor e ridicularizar a suposta falsa nobreza de João da Cruz.

(...) na litteratura-esgoto, a valla transborda, as materias escorrem, alastram, irrompem dos fundos para a sala, inundam, sóbem até ao **lugar nobre** donde o sr. 1º tenente João da Cruz expoz ao publico, em 1ª e 2ª via de artigo de fundo, a **sua genealogia**, os **seus foros de nobreza**, o seu posto de general Broum na guarda nacional e no jornalismo paraense, do qual é muito digno zabumba (...) <sup>137</sup>

De fato, João da Cruz escreveu sobre sua genealogia em meados de 1885, ano em que obteve a patente de primeiro tenente da guarda nacional, e por conta disso, gerou um grande debate, ao afirmar que somente os “nobres recebiam tal patente” e que o Brasil o havia concedido tal honra. Essa declaração provocou uma série de artigos, folhetins e triolés sobre o assunto, como será abordado posteriormente no terceiro capítulo.

Os triolés do dia 24 de dezembro de 1882 mantiveram o tema da ascendência e incluem a expressão “escravo” pela primeira vez aos versos.

### **Triolet**

Eu pago á quem me trazer  
**Um escravo de cor escura,**

<sup>136</sup> Diário de Notícias, nº 294, Ano III, Solicitados, Triolet, 31 dez 1882, p.3 c.2.

<sup>137</sup> Idem, nº 189, Ano VI, Folhetim, De nariz tapado . . ., 21 jun 1885, p.2. Grifos nossos.

**Robusto e de boa altura;**  
 Eu pago á quem me trouxe.  
 Fugio-me, não sei dizer  
 A que tempo. O carafuz  
 Se chama – João da Cruz –  
 Eu pago á quem me trouxe.

E' o negro mais petulante  
 Que de Athenas há fugido,  
 Além de velhaco atrevido . . .  
 E' o negro mais petulante,  
**Passa por livre o birbante**  
**O patife, o marióla,**  
**O preto João d'Angola,**  
**E' o negro mais petulante.**

*Janssem.*

+

Negro, não te conheces!  
 Hei de pôr-te á mostra a calva . . .  
 E depois . . . mandar-te á fava . . .  
 Negro, não te conheces! . . .  
**A tua ascendencia esqueces**  
**E te supões cousa boa . . .**  
 Tu, moleque de rua,  
 Negro, não te conheces!

E's meu, ó João da Cruz!  
 Enquanto poder, te prometto,  
 Te hei de pôr a meu jeito . . .  
 E's meu, ó João da Cruz!  
 Braveja, meu bruto, pois  
 Que eu não te deixo, *Guiné*,  
 Em ramo verde por o pé . . .  
 E's meu, ó João da Cruz.

*Borges pai.*

Alguns dias antes destes triolés, o *Diário de Notícias* publicou uma nota na seção *Varietades*, assinada pelo pseudônimo “Arthur Gerard”, que mencionava a descoberta de um “certo mistério” sobre a origem de João Francisco da Cruz, redator-chefe e proprietário do *Correio do Norte*. A nota sugeria que Cruz era originário de uma fazenda pertencente aos Jansens do Maranhão e que ainda não haviam sido liquidadas as contas com o dono da fazenda.  
<sup>138</sup> Essa nota gerou uma série de triolés no jornal, incluindo o do dia 31 de dezembro de 1882, que fez referência a Anna da Luz ou dona Anna, uma das mais conhecidas da família Jansen<sup>139</sup>,

<sup>138</sup> *Diário de Notícias*, nº 283, Ano III, *Varietades*, 17 dez 1882, p.3.

<sup>139</sup> Família de descendência europeia que se instalou na Província de São Luís do Maranhão. Ana Jansen é a mais conhecida da família, transformou-se em um mito no Maranhão. “Donana, a rainha do Maranhão” como era mais conhecida, firmou-se como uma das maiores produtoras de algodão e cana-de-açúcar do Império, além de possuir o maior número de escravizados da região. Sobre o assunto Cf: MORAES, Jomar. *Ana Jansen, Rainha do Maranhão*, 2 ed. São Luís: Edições AML, Série Documentos Maranhenses vol.18, 1999. SANTOS, Waldemar. *Perfil de Ana Jansen*. São Luís: Sioge, 1978. VIVEIROS, Jerônimo de. *A Rainha do Maranhão*. São Luís: Departamento de Cultura do Estado, 1965.

que ao topar com João da Cruz no Pará teria exclamado

**Triolet**

Quem *havera* de dizer? . . .  
 Exclamou Anna da Luz  
 Ao topar com João da Cruz;  
 Quem *havera* de dizer!  
 Como venho hoje te vêr!  
 Por aqui todo pimpão  
 Flor no peito . . . anel na mão . . .  
 Quem *havera* de dizer!

Descobriste o mel de pão . . . . .  
 Já sei, já sei, meu brejeiro  
 Deixaste de ser quitandeiro,  
 Descobriste o mel do pão . . . .  
 Não passas aqui a mingão . . .  
 Pintas aqui o Simão . . .  
 Bravos! Bravos! João!  
 Descobriste o mel do pão . . .

*Um de Alcantara.*

O triolé sugere que João da Cruz, era, na verdade, um escravizado que havia fugido das fazendas dos Jansens no Maranhão. A menção a dona Anna, que o encontrou “todo pimpão com um anel na mão”, insinua que ele teria utilizado de malandragem e astúcia para enganar as pessoas no Pará e alcançar seus objetivos. O poema também revela o preconceito contra os escrav e sua luta por liberdade e igualdade, que era frequentemente reprimida pelas elites no Brasil.

As expressões “burro”, “asno”, “louco”, “besta” e “animal”, frequentes nos triolés, revelam o pensamento racial que permeava o século XIX. Muitos intelectuais brasileiros, em suas teses sobre a mestiçagem, endossavam a ideia de que as chamadas “raças inferiores” estavam destinadas a comportamentos criminosos e doenças mentais. A literatura, por sua vez, assumiu um papel importante na disseminação dessas ideias no Brasil. Dentre os estudiosos que interpretaram teóricos como Gobineau, Agassiz, Haeckel, Darwin e, sobretudo, Spencer, destacam-se Sílvio Romero (1851-1914), José Veríssimo (1851-1916), Nina Rodrigues (1862-1906) e Euclides da Cunha (1866-1909), que ajudaram a criar uma versão nacional das diversas teorias raciais do final do século XIX. A discussão sobre raça não se limitava a museus etnológicos, institutos históricos, escolas de direito e medicina, mas também se fazia presente no cotidiano das cidades, como na imprensa e nos triolés dirigidos a João da Cruz, que exemplificam essa realidade.<sup>140</sup>

<sup>140</sup> É importante ressaltar, assim como muitos estudiosos já fizeram, que nossa abordagem ao conceito de “raça” não se limita a um aspecto biológico. Em vez disso, consideramos “raça” como uma construção social. Este ponto de vista é apoiado por uma vasta literatura sobre o assunto. Conferir, entre tantos outros: SANTOS, Gislene

Em grande parte dos triolés, é possível identificar a recorrência de referências e associações à figura do “macaco”, que são atribuídas tanto a João da Cruz quanto a sua mãe. Expressões como “Giba”, “guariba”, “Simão” e “cuatá” - espécie de macaco-aranha - são algumas das utilizadas para esse fim. É relevante ressaltar que o jornal *Diário de Notícias* publicou, em 31 de dezembro de 1882, dois triolés e um soneto “Oferecido ao macaco João Francisco d'Angola”. Essas referências não são isoladas, e possuem base em teorias científicas, tanto evolucionistas quanto criacionistas, que foram difundidas no século XIX.

Durante a Expedição Thayer (1865-1866), o cientista suíço Louis Agassiz, que residia nos Estados Unidos, e sua esposa Elizabeth Agassiz, realizaram uma extensa viagem pelo Brasil. Em suas renomadas palestras, ministradas em diversas localidades, incluindo Belém, Agassiz utilizou macacos como modelo ao comparar “índios e negros da Amazônia” no capítulo intitulado “*Permanência dos traços característicos nas diferentes espécies humanas*”, presente em sua obra “*Viagem ao Brasil (1865-1866)*”. Adotando uma perspectiva criacionista, Agassiz se recusava a aceitar a ideia de que a espécie humana branca havia evoluído de macacos antropomórficos, como defendiam os evolucionistas associados às teorias darwinianas, mas considerava tal possibilidade para outras raças.

Para Louis Agassiz as imperfeições físicas das “raças inferiores” eram animaisca a ponto de afirmar que o “porte do negro lembra os *Hilobatas* esguios e irrequietos, ao passo que o índio tem algo do orango inativo, lento e pesado”.<sup>141</sup> Para ele os negros desta região eram no geral deselegantes ao andar, lembrando um chimpanzé, pois eram “cambaios, e, neles, os quadris como a curva das pernas são habitualmente infletidos”.<sup>142</sup> Elizabeth Agassiz chegou a afirmar em suas anotações que em nenhum lugar do mundo se poderia estudar tão completamente a mistura de tipos como na Amazônia.<sup>143</sup>

João da Cruz sentiu literalmente na pele os efeitos desse tipo de pensamento que influenciou a mente de tantas pessoas ao longo da história e perdura em nossa sociedade. Infelizmente é muito comum associar o negro ao macaco. E esse foi um dos temas mais recorrente nos triolés e em notícias ligadas ao João da Cruz. O jornal *Diário de Belém*, bastante popular na época, na seção *A Pedidos* do dia 28 de junho de 1884 publicou o seguinte;

---

Aparecida dos. A invenção do ser negro: naturalizaram a inferioridade os negros. São Paulo, Educ/Fapesp; Rio de Janeiro, Pallas, 2005.

<sup>141</sup> AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. “Permanência dos traços característicos nas diferentes espécies humanas”. In: *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2000, (Coleção O Brasil visto por estrangeiros), p. 486.

<sup>142</sup> Idem, p. 487.

<sup>143</sup> Idem, “Em Tefê”. In: *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2000, (Coleção O Brasil visto por estrangeiros), p. 237-239.

**Ora o guariba! . . .**

O desfrutavel JOÃO DA CRUZ dando noticia da penultima apresentação da companhia dramatica diz, com toda aquella **symica pose** com que anda de rosa ao peito: – “eu prefiro o dramatico ao lyrico” (...)

Ora! . . . ahi está porque dizem: – **sempre é preto** . . .

(...)

Não gosta do lyrico. Poderá! **Natura casus**. O gosto coaduna-se perfeitamente com a sua **darwinica natureza**.

Se o lyrico constasse de marimbas, berimbáos, carimbós, batuques e camaleões, então sim, pae João, lá estaria cahido a tremilicar.

Ora, pae *Zoan*, o mel não se faz para a bocca do asno, nem se deve jogar as perolas aos porcos.<sup>144</sup>

Foi a partir de 1870 que as teorias darwinianas tiveram maior repercussão no Brasil. Surgiram vários estudos e produção intelectual e científica impregnados de discursos ideológicos que influenciaram o pensamento social. Todos estavam preocupados com o futuro do país, previsto como duvidoso, sob a alegação de ser um país de mestiços. Foi então que a questão da raça passou a ser discutida por cientistas, intelectuais, jornalistas, médicos e bacharéis em direito, fiéis admiradores dos teóricos racialistas europeus.

João da Cruz experimentou, de forma concreta, as consequências do estereótipo que associava os negros aos macacos, um pensamento enraizado na sociedade. A partir de 20 de fevereiro de 1883, os triolés publicados no *Diário de Notícias* passaram a estampar a figura de um guariba sentado, mantendo-se até o final da série. Este período foi marcado pela raridade de imagens no jornal. Nesse dia em especial, foram publicadas apenas três: a primeira delas, em destaque no centro da primeira folha, trazia um homem lendo um jornal com a propaganda do dia; na quarta folha, havia uma propaganda de tabaco com algumas pequenas imagens ao centro; e, por fim, a figura do guariba em destaque foi publicada na terceira folha, como podemos observar abaixo.

---

<sup>144</sup> Diário de Belém, nº 146, Ano XVII, A Pedidos, 28 jun 1884, p.3. Grifos em negrito nosso.

FIGURA 8  
Primeira aparição da figura do guariba em destaque no Diário de Notícias

Em Drogarias, no dia 17 do mês actual, foi inaugurada a linha telegraphica estragica, que ligará a fronteira com a capital da provincia.

Toda a imprensa argentina ao occupar do facto da pretensão inusitada a esse signal de forças brabanças em territorio argentino.

Podem os ditos governos a maxima energia para reclamar a devida reparação a offensa feita a intelligencia de os territorios.

**SOLICITADOS**



**Triplet**  
[Para ser cantado no teatro]  
De mãe guariba nascido,  
Macaco ex, pae João;  
Nada es gente, es macaco  
De mãe guariba nascido,  
Mostra o rabo, pae João;  
Faleado de galho em galho,  
Nada ha banana, ha vegeilha;  
Mostra o rabo, pae João!

**EDITAES**

**Monte de Socorro de Paris.**  
Leilão de pedras em 24 de fevereiro de 1883.

Faço publico em execução de ordem do conselho fiscal da caixa economica e monte de socorro de Paris, que, de conformidade com o art. 45 do regulamento de 18 de abril de 1874, serão vendidos em leilão para pagamento do monte de socorro os objectos empenhados no mesmo, que não foram resgatados, sendo o preço estipulado no respectivo contracto. O leilão será feito em 24 do presente mez em uma das salas do estabelecimento, e nella estarão patentes durante os tres dias antes anterior ao leilão os pedres que tem de ser vendidos, e que constam das cautillas e objectos d'isso mencionados. Os d'isso dos pedres poderão resgatar-se ate o ultimo dia anterior ao leilão, pagando a importância do capital, juros e despesas de annuncios. O excellento de producto da venda dos pedres sobre a importancia do empréstimo, juros e mais despesas, será pago a quem de direito for, em vista do conhecimento ou cautilla do deposito, e não sendo reclamado dentro de cinco dias, contados da data do leilão, prescreverá a favor do monte de socorro na forma do art. 46 do mencionado regulamento.

O arrematante pagará a banca o preço da arrematação e o comissão ao agente de leilões.

Cautillas—  
1.315. Um cordão de ouro de dez quilates, pesando 86 gram.  
1.314. Uma medalla e um trançom de ouro de 18 quilates, pesando 31 gram.; um cordão de ouro de 14 quilates, pesando 35 gram.  
1.310. Um cordão de ouro de 18 quilates, pesando 44 gram.  
1.311. Um par de pedras de ouro de 10 quilates, pesando 12 gram.; duas enfiadas de conchas de ouro de 10 quilates, pesando 44 gram.  
1.311. Dois cordões, uma volta de ouro de 18 quilates, pesando 68 gram.; um par de botões de ouro de 14 quilates, pesando 12 gram.; duas enfiadas de conchas de ouro de 10 quilates, pesando 44 gram.  
1.313. Um par de botões com a letra A, uma Santa Lucia, dois pares de lençóis e uma caibola para relógio com anete, toda de

**Finco**  
O encyclopedista Sr. Gibelli BARÃO DE LA ROCHELLE, [apelido] tabaco-leite como vão do olho? . . . ] devido naturalmente ao má tempo, só teve, por ovinhos, sua sua conferencia de domingo, 4 jatos pangatos!  
Esses mesmos não pagaram o imposto de 12000 reis.  
Polvo da sra. Almeida, que ainda d'esta vez não sabrá do captivo?  
A CAIXA DO THEATRO  
Deparando-me com um artigo no Jornal da Tarde, de 14 do corrente, em que diz que os 12. Alvariz foram uns dos moços que achavam-se na occasião da distribuição de premios no collegio do Amparo, onde portaram-se bastante inconvenientes perante essa casa de educação, e, como somos muitos irmãos, supponho ser do meu dever declarar que não fui lá tal festa e que o meso proceder está bastante longe dos epithetos que o mesmo autor do tal artigo quiz emprestar-me. Se deu resposta á Lei artigo, e para que não julgue o publico ser eu o autor da má accção, que a nossa educação reprova.  
Com isto julgo justificar-me com o publico.  
Parl. 19—2—83.  
Domingos Ferreira Lima.

**ANNUNCIOS**

**Rigor da Moda**  
125000  
125000  
125000

**Chapéus da última moda**  
PARA SENHORAS  
Acabam de chegar chapéus de feltro, ocellia, velludo, de feltro, o qual já tem 4 annos de uso, garralado, e tão perfeito como o vinho da Porto.  
Vende-se na CASA BAYHANA, primeiro deposito de tabacos, charutos, cigarros de todas as qualidades, cachimbos, lequillas, etc., e um variadissimo sortimento de objectos para os srs. fumantes. Preços baratissimos.  
Não se esquecendo os bons lanchos.

**AGENCIA**  
Resulise & C.  
Rue Vaneau, Paris  
Filial no Largo do Carmo, aperturas de Bazar

CURA PROMPTA E IMMEDIATA das moléstias provenientes do empoecimento do sangue. Chlorose, Anemia, Fraqueza, Neuralgia, Perda, Encopropica, Gastrites, Febriles, Palpitações, Tembranças, Idade critica, e todos os vicios do sangue.

Os doctores, que não foram curados por outros ferruginos, devem tomar as **Pinellas Coquet**. A cura é certa, e o successo tem sido bastante na França e em todos os vizes estrangeiros.

Este ferruginoso não causa prisão de ventre, como as pinulas, Blandard e outros preparados similares.

**Depositario C. X. Autran.** Para.

**Chapéus PARA SENHORAS**  
Encontra-se chapéus de palha da Itália, com plumas, gosto moderno e bonito.  
Nota: Dama de Paris.

**Charutos da fabrica de F. J. Cardoso da Bahia**  
Chegaram estes apreciaveis charutos de diversas matreiras para a mercaderia de Joaquim M. da Silva. Rua de Santo Antonio.

**Thesouraria do Ouro Largo das Mercês.**  
Neste estabelecimento ha constantemente a venda grande sortimento de tranços, sendo os preços de agrada.

**Bixins.**  
De Haubourg, as melhores que tem vindo ao mercado, vendem-se e applicam-se.

**Obras de cabelo.**  
Prepara-se toda e qualquer obra de cabelo, tendo para isso um perfeito artista, que executa com gosto e paciencia os mais aprimezados trabalhos.

**Barbearia.**  
Um pessoal habilitado esta sempre a ordem do respectivo publico.

**LABORATORIO HOMOEOPATHICO DO DR. Julio Mario & Comp.**  
A—RUA DA INDUSTRIA N. 7—A  
PREÇOS SEM ALTERAÇÃO  
PARA 1883

30 grammas de tintura, da qual se dynamização	\$5000
15 . . . . .	\$2500
10 . . . . .	\$1500
5 . . . . .	\$800
3 . . . . .	\$500
2 . . . . .	\$300
1 . . . . .	\$200
1/2 . . . . .	\$100
1/4 . . . . .	\$50
1/8 . . . . .	\$25
1/16 . . . . .	\$12
1/32 . . . . .	\$6
1/64 . . . . .	\$3
1/128 . . . . .	\$1
1/256 . . . . .	\$0

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da qual se dynamização  
15 . . . . .  
10 . . . . .  
5 . . . . .  
3 . . . . .  
2 . . . . .  
1 . . . . .  
1/2 . . . . .  
1/4 . . . . .  
1/8 . . . . .  
1/16 . . . . .  
1/32 . . . . .  
1/64 . . . . .  
1/128 . . . . .  
1/256 . . . . .

30 grammas de tintura, da

publicados no *Diário de Notícias*, a imagem do guariba foi criada com a intenção de difamar e atacar João da Cruz, associando-o aos macacos. Embora a imagem possa parecer tosca ou malfeita, é importante lembrar que a intenção não era criar uma obra de arte, mas sim uma imagem que reforçasse o estereótipo racista da época. Além disso, a produção em massa de imagens ainda não era comum, o que tornava as imagens raras no jornal.

O tema do preconceito racial é recorrente nas sátiras dos triolés relacionados a João da Cruz. Além de ser chamado de “macaco”, ele também era referido como “burro” em várias ocasiões. Essa associação era feita com frequência ao animal em si ou à suposta falta de inteligência atribuída à sua ascendência africana. Desde o início da série, é mencionado que João da Cruz teria nascido de um casal de burros. Esse tema é explorado em diversos triolés, como: “ele é burro”, “maselento burro”, “O’ pobre burro inocente!”, “morreu o burro, coitado!”, “Neptuno, burro ou Vulcano?”, “Do burro o nome ao lápuz, Por elle foi declarado – Que o chamara – Jº da Cruz”, “E’ burro de burra raça”, “Sei que és burro chapado!” e “(...) que p’ra burro tem geito”<sup>145</sup>. Satirizaram tanto com esse tema que chegaram a fazer uma longa série de triolés intitulado “O parto de um burro”. A primeira foi publicada no dia 25 de fevereiro de 1883 e as demais nos dias 03 e 04 de março do mesmo ano.

Eles narram um “caso medonho e feio” que ocorreu a “luz do dia” por “força da bruxaria”. Um burro deitado gemia até que viu “um João da Cruz obrar”. A “obra” se levantou e se pôs a apalpar, o burro olhou para a “obra” e “disse estupefato”: “Estranho acontecimento! Eu dar a luz um jumento!” Então a “obra” exclamou: “Impossível! Não pode ser! De um ventre muar eu nascer!” Respondeu-lhe o burro sério: “A verdade é que te pus, podes morrer que és forro!” E o “negro aflito” questionava: Ó “burro maldito! Não tinhas mais que fazer?” “Estaria eu bem servido” se tivesse morrido na hora do parto. Respondeu-lhe o burro amuado: Querias que eu morresse? “És muito amável”, a tua morte ninguém sentiria. “Tu és, burro, a vilania! Retorquiu o João da Cruz”. Respondeu-lhe o burro: “Não te contesto o argumento! Mas o fato é que te pus. Não és vilão. . . és talento! Mas saíste cá de dentro, destas tripas, João da Cruz!” Não fiques mal comigo, disse o “POIA”<sup>146</sup> sentido. “Me deste na tripa abrigo, meu *conceito* está perdido”. Vai

<sup>145</sup> Diário de Notícias, nº 286, Ano III, Solicitados, Triolet, 21 dez 1882. Idem, nºs 16, 32, 35, 37 e 39, Ano IV, Solicitados, Triolet, 21 jan 1883, 11, 15, 17 e 20 fev 1883. Idem, nº 52, Ano IV, Solicitados, Advinhação, 07 mar 1883. Respectivamente.

<sup>146</sup> A expressão “poia” é uma forma vulgar e pejorativa de se referir a excrementos, frequentemente utilizada em contextos despectivos. Embora tenha sido amplamente usada no passado, carrega uma forte conotação negativa e foi frequentemente empregada para desqualificar indivíduos, especialmente negros, reforçando estereótipos discriminatórios. No século XIX, essa expressão servia não apenas para insultar, mas também como uma ferramenta para desumanizar pessoas negras. No caso de João da Cruz, detratores utilizaram essa expressão para ridicularizá-lo, sugerindo que ele não havia sido “parido”, mas “cagado”, com a intenção de rebaixá-lo e reforçar sua marginalização social, desconsiderando sua humanidade e dignidade. A análise de expressões populares e suas implicações literárias

com Deus sossegado! “Replicou o burro a ri”. Não penses que me sinto honrado por te chegar a parir. Meio alegre e acanhado, depois de tê-lo beijado, fez Cruz sua despedida. O burro correspondeu, e “beijando o PARTO seu”, “assinalou lhe a *nobreza*”. “O POIA partiu tristonho!” E de vez em quando dizia: “Desta origem me envergonho!” E o burro olhando o “POIA” como quem diz: “*Honra faz ao ventre donde saio! . .*”<sup>147</sup>

Este é o resumo da história do dolorido nascimento de João da Cruz, segundo seus adversários, evidenciando a visão preconceituosa em relação aos negros na época. É importante lembrar que João da Cruz se tornou um homem bem-sucedido, com recursos semelhantes ou maiores do que muitos que o atacaram. Entre as diversas hipóteses para os motivos desses ataques diários, evidenciados nos triolés aqui apresentados, a questão racial parece ter sido bastante frequente, uma vez que era um tema amplamente discutido naquela época.

O vocabulário e o sentido das palavras usadas contra João da Cruz revelam – mesmo sabendo do risco do anacronismo – uma sociedade que acreditava na diferença racial marcada pela cor. A “cor negra” sempre esteve associada ao “sombrio”, ao “luto”, ao “maléfico”, ao “perigoso”, ao “bestial”, ao “inculto”. Não importava todo o esforço de João da Cruz em se apresentar como um homem culto e com bens materiais, ele sempre era alvejado pela cor que representava a sua “raça”. Ele foi chamado de: “a obra”, “alferes tismado”, “barrigudo”, “beijo caído”, “besta”, “besta preta”, “bichento”, “Bijagó de negra raça”, “birbante”, “bruto”, “burra raça”, “cachorro”, “cafuz”, “carafuz”, “catinguento”, “cavalo”, “cegueta”, “chibatante”, “cuatá”, “corujão”, “filho d’Angola”, “gazeteiro”, “guariba”, “granadeiro”, “jumento”, “macaco”, “marióle”, “isolene”, “negralhão”, “negro”, “negro velho”, “ouranga”, “pae faca”, “parto”, “pé cumprido”, “poia”, “preto fugido”, “rei do breu”, “talento”, “tição”, “traçalho”, “vaca”, “velhaco”, “vil mateiro”. Todas essas palavras estão ligadas a estereótipos impingidos aos negros. Elas estão relacionadas a macacos, às regiões da África, à malandragem, à preguiça, à “cor negra”, a animais de carga e a excremento.

João da Cruz, e possivelmente o grupo que o apoiava, composto por companheiros jornalistas do *Correio do Norte*, também utilizou a expressão “burro” para se referir a um dos seus atormentadores, o engenheiro baiano e diretor das oficinas do Arsenal de Marinha da capital da Província do Grão Pará, José Xavier Ferreira, apelidado por Cruz de “dr. Soka”. José Xavier chegou ao Pará em 1877 para assumir o seu cargo e não demorou para integrar-se a um

---

pode ser encontrada nas obras de **Mário de Andrade** (especialmente em sua obra *Paulicéia Desvairada*), e em dicionários especializados em gírias e expressões regionais brasileiras, como o *Dicionário de Gírias Brasileiras*, de **José Carlos de Azeredo**, ou o *Dicionário de Expressões Populares*, de **Carlos Drummond de Andrade**, que fornecem uma análise detalhada sobre o uso popular da palavra.

<sup>147</sup> Idem. números 44, 49 e 50, Ano IV, Solicitados, Triolet, 25 fev 1883, 03 e 04 mar 1883, p.3.

círculo social ligado à imprensa.

Não raro a palavra “burro”, seja como animal de carga, seja como falta de inteligência, ser usada para desqualificar os africanos e seus descendentes no Brasil. É interessante percebemos que João da Cruz a usou da mesma forma em um homem branco. Os triolés dedicados ao “dr. Soka” usaram expressões como “Cabeça de burro velho”, “Burro és . . . burro serás . . .”, “Burro velho como tu”. Na edição de 14 de janeiro de 1883 foi publicado o seguinte triolé no *Diário de Notícias*

#### Triolet

Que parelha interessante!  
E como se unem os dous,  
O Soka e o João da Cruz!  
Que parelha interessante!  
Um é negro e possante,  
O outro branco magrinho  
Cor de velho pergaminho.  
Que parelha interessante!

Oh! Que estupendo caso!  
Ao branco ensina o preto  
A manipular o soneto . . .  
Oh! Que estupendo caso!  
Agora sim, [vae tudo raso . . . ]  
São dous poetas de truz  
O Soka e o João da Cruz  
Oh! Que estupendo caso!

Belem.<sup>148</sup>

O pseudônimo sugere que alguém do jornal *Diário de Belém*, inimigo declarado de João da Cruz e de seu jornal, não se conteve e ironizou o confronto entre o José Xavier e João da Cruz, mostrando que os versos satíricos foram ganhando um público maior a cada publicação. Certo que tal público era o que constantemente estava em conflito com João da Cruz. A questão da cor é bem latente nesse triolé já que o articulista achava interessante um “preto” ensinar um “branco” a manipular sonetos. Este é um exemplo de triolés que deixam pistas sobre o porte físico e aparência de João da Cruz, neste caso, um “negro e possante” enquanto o “dr. Soka” era um “branco magrinho”.

As ofensas ao José Xavier seguiram padrão semelhante as que foram ditas ao João da Cruz. Ele foi chamado de “cabeça de burro velho”, “escaravelho”, “dedo de taboca”, “bigode de penacho”, “bigode de rabo de foca”, “cavalo”, “bode”, “excremento”, “incompetente”, “bobo”, “badalhoca” (testículo), “Xavico Ferreiro”, “quebra calçada”, “vaca magra”, “égua mal ensinada”, “dr. da burridade”, “asno”, “burrito”, “filho de uma minhoca”, “filho de um cabrito”,

<sup>148</sup> Diário de Notícias, nº 10, Ano IV, Solicitados, Triolet, 14 jan 1883, p.3.

“escudeiro de um urubu”, “sendeiro” (cavalo pequeno bom para carga), “égua dos capinzais”, “Camelo Zé Xavier”, “dr. dos quatro pés”, “meu bispote” (penico), “jumento”, “animal”, “anu”, “pirento” e “fedorento”. Vale lembrar que essa disputa seguiu uma sequência de dezesseis triolés entre os dias 12 e 28 de janeiro de 1883 e que as ofensas ao João da Cruz foram muito maiores. E foi nessa disputa que apareceu o único triolé assinado pelo próprio João da Cruz.

#### Outro

Você tem p'ra *cousa* geito . . .  
 E parece ter nascido.  
 Pra bobo divertido . . .  
 Você tem p'ra *cousa* geito . . .  
 Mas, olhe que o seu soneto  
 A' seu pesar, meu *doutor*,  
 Coxea, além do fedor . . .  
 Você tem p'ra *cousa* geito . . .  
 Sáia, *doutor*, da latrina! . . .  
 O lugar não é decente  
 Se limpe, se faça gente . . .  
 Sáia, *doutor*, da latrina! . . .  
 A sua educação fina  
 Comprometter você quer?  
 O' *seu doutor* Xavier,  
 Sáia, *doutor*, da latrina! . . .  
*João da Cruz.*

Durante essa “disputa satírica” muitas coisas foram se revelando. Fica nítido que João da Cruz era o alvo principal, mas também fica explícito que havia um grupo ligado a ele e que se envolveu na arena das letras. O triolé do dia 18 de janeiro de 1883 começa com um aviso bem eloquente ao “dr. Soka: “Eu sou a mão da vingança, dos Lucas, Gaspar e Braga”. Dois triolés, um do dia 12 e outro no dia 13 de janeiro de 1883 são assinados por Gaspar e Lucas respectivamente. Não encontramos nenhum registro de assinatura com o pseudônimo Braga. Em resposta ao João da Cruz foi publicado um triolé no dia seguinte

(...)  
 Diminue o teu furor! . . .  
*Cinco cacetes por junto.*  
 P'ra bater n'um só, é muito!  
 Diminue o teu furor! . . .  
 Se pódes d'elles dispor.  
 Em dar pancada não penses,  
*Empalha os teus cearenses!* . . .  
 Diminue o teu furor! . . .  
 Maria Rita.<sup>149</sup>

De fato, João da Cruz se aproximou de vários cearenses no Pará, imigrantes como ele, e que possuíam tabernas e pequenas vendas, ofício que Cruz exerceu no Maranhão e que não

<sup>149</sup> Diário de Notícias, nº 14, Ano IV, Solicitados, Triolet, 19 jan 1883, p.3.

deixou de praticá-la no Pará. Afora os triolés, outras notícias de forma depreciativa diziam que ele não seria um jornalista de verdade e sim um vendedor de café e açúcar. É verdade que na tipografia do *Correio do Norte* vendia “por todo o preço os preparos completos para uma torração de café”.<sup>150</sup> Vale lembrar que o escritório do *Correio* funcionou, durante o seu primeiro ano, na residência dos Maia & Menezes, comerciantes e possíveis sócios de João da Cruz. No mesmo endereço também funcionou uma loja de tecidos chamada Casa Encarnada. Não nos estranharia se aparecessem fontes revelando que o mesmo local serviu de ponto de encontros e reuniões e que delas surgiu o Club Abolicionista Estudantina Paraense.

João da Cruz hipotecou um terreno na travessa Quatorze de Março, possuindo duas barracas e um barracão, ao advogado e vereador liberal Felipe José de Lima, que entre outras denúncias por parte dos jornais conservadores, estava ligado a venda de açúcar na província do Pará de forma ilícita. O jornal *Diário de Belém* encampou uma série de denúncias de corrupção e facilitação de negócios por parte da presidência da província as empresas ligadas a ele e seu grupo, chamando-os de “viveiro dos *phelippes*”; e que foram respondidas com provas contrárias as acusações e publicadas no jornal *O Liberal do Pará*. Por ser vereador pelo 4º Distrito, onde residia João da Cruz, e por ser liberal, nos parece razoável imaginar Cruz fazendo parte dos “*phelippes*” o que explicaria, em parte, os ataques do *Belém* ao João da Cruz.<sup>151</sup>

Em agosto de 1882 João Francisco da Cruz chegou a ser acusado, em uma pequena nota no *Diário de Notícias*, de defloramento.<sup>152</sup> Muitos triolés usaram como tema a ligação dele com “sua musa” e outras mulheres. Entre esses versos satíricos foi publicado um soneto, em 31 de dezembro de 1882, oferecido ao “macaco João Francisco d’Angola” que faz uma espécie de anedota da vida dele. O último verso diz o seguinte: “E agarrado ficou do cupidinho, n’um samba, onde esse Deus ferrou-lhe as garras”. O interessante é que cada verso possui uma nota no final da coluna onde se publicou o soneto. E a nota referente ao verso supracitado diz que “não foi n’um *samba* e sim n’um *cortiço* que Romeu encontrou a sua Julieta. Invejosos.”<sup>153</sup> (Ver Apêndice, p.161-162)

---

<sup>150</sup> *Correio do Norte*, nº 3, Ano I, Anúncios, 18 set 1882, p.4.

<sup>151</sup> O bacharel Felipe José de Lima emerge como uma figura recorrente nas páginas dos jornais desde a década de 1870. Sua presença abrange questões relacionadas a terras e propriedades no interior, bem como concessões, como o calçamento e trilhos dos bondes, durante o auge da economia da borracha. Sua participação no comércio de açúcar e borracha, assim como sua atuação política, é evidenciada em debates acalorados quando ocupava o cargo de vereador, especialmente em confrontos com os conservadores. Além disso, há registros que indicam sua posse de escravizados até a década de 1880. Em relação ao exposto no parágrafo, consultar os jornais *Diário de Belém* e *Liberal do Pará* do mês de junho de 1882.

<sup>152</sup> *Diário de Notícias*, nº 173, Ano III, p.2. “Consta que se acha envolvido n’uma historia de defloramento o solicitador João da Cruz.”

<sup>153</sup> *Idem*, nº 294, Ano II, Solicitados, Soneto, p.3

O triolé de 06 de janeiro de 1883 mantém o tema. Vale lembrar que nesse período João da Cruz era viúvo. Os versos insinuam que Cruz era um sedutor e um perigo para as famílias, pois ele era uma “obra de Vulcano”, “de puro ventre africano” e um “cupidinho de carvão”.

### Triólet

[Cartão de reis]

Tu és das moças querido . . .  
 Agora sim . . . já percebo . . .  
 O' filisardo mancebo,  
 Tu és das moças querido . . .  
 Pena é teres nascido  
 Como obra de Vulcano  
 De puro ventre africano!  
 Tu és das moças querido . . .  
 Das familias á pedido  
 Não me posso recusar:  
 Has de amanhã descansar,  
 Das familias á pedido  
 Socega, pois, João Cupido,  
 Cupidinho de carvão,  
 Estás de [feria], João,  
 Das familias á pedido.

*Um cliente.*

Nos parece totalmente viável que homens como João da Cruz pudessem circular entre figurões da sociedade no Teatro da Paz e pessoas comuns em rodas de samba e cortiços. A questão da descendência da cor também é latente nesses versos, pois existe uma preocupação explícita em “avisar as famílias” do perigo do “preteamento” de seus herdeiros. O triolé de 11 de janeiro de 1883 dizia que já era tempo do Cruz se casar, pois estava envelhecendo e para ele já havia uma noiva, uma “teteia, a joia, a bella” e tão “NOBRE” como ele. Era a “boneca de acapú”. Mais uma vez surge à questão da união conjugal. Acapu é uma madeira muito escura sugerindo que Cruz se casasse com uma mulher negra como ele. Não é à toa que o triolé do dia seguinte dizia: “Poeta, desperta a musa! (...) No teu estylo faceiro, (...) Teu canto encanta . . . seduz . . . Não prives de um goso a gente!”

Então qual seria a mulher certa para João da Cruz na concepção daqueles que o atacavam? Seria uma preta do cortiço frequentadora de rodas de samba e empregada de alguma casa de família. Parece que a ideia de casa grande e senzala não tinham desaparecido entre alguns jornalistas dos ditos jornais abolicionistas de Belém. “Eu fico tôla, pateta, quando te ouço, meu mico, a tua musa seduz” dizia a segunda parte do triolé de 18 de janeiro de 1883, que foi assinado com o pseudônimo “A caseira”. O “Romance á vapor” de 30 de janeiro de 1883 sintetiza a visão de muitos jornalistas em relação ao lugar de João da Cruz na sociedade. Apesar de convidado para um baile “afidalgado” a “bella sinhasinha” responde indignada ao “mettido figurão”, depois de um pedido de contradança, para ir para a cozinha, onde era seu lugar.

**Romance á vapor**

Uma vez o João Francisco  
 também foi convidado,  
 e apresentou-se ás sallas  
 d'um baile afidalgado.  
 Mettido e abotoado  
 no grande casacão,  
 a flôr sempre no peito,  
 lá fez seu figurão . . .  
 Causou sério reparo  
 a cuja negra bisca;  
 e a critica implacavel  
 se move e o belisca . . .  
 Uma jovem donairoza  
 segreda á sua amiga:  
 – Por esta eu não contava! . . .  
 Dudú, olha! . . . q'figa! . . .  
 Da signal a orchestra,  
 vae a dança começar;  
 e o negro anda a procura  
 de moça para par.  
 A' primeira, que elle vê,  
 sem mais o traste avançar,  
 E disse meio a rir:  
 – Me cede a contradança?  
 Respondeu-lhe indignada  
 A bella sinhasinha:  
 – Você não se conhece!  
 Vá lá para a cosinha! . . .  
 O preto atrapalhado  
 Não sabe o que dizer.  
 Depois de longa pausa  
 Começa a se mexer;  
 e antes de mais nada  
 agarra a catimploria  
 e sem dizer – Adeus –  
 lá vae de porta a fora.  
 Moral: – O' João Francisco,  
 quem não se conhece  
 Soffre o que soffreste,  
 só isso é que merece.

*Um conviva.*

Seis meses após o suposto envolvimento de João da Cruz em uma “história de defloramento”, foi publicado, em meio à série de triolés com o “dr. Soka”, um “Romance á vapor” que parecer insinuar o que havia ocorrido.

**Romance á vapor**

Com pés de lã o safado,  
 um dia, que dia cheio!  
 o João da Cruz fez entrada  
 de uma familia no ceio.  
 A familia pobre gente!  
 iludida pela côr,  
 não pensou que recebia  
 um negregado sem pudor.

O negro, bem á vontade  
 ao lado de incauta moça,  
 foi o tempo aproveitando  
 até que, quebrou-se a louça.  
 E quando os miseros paes  
 os olhos quiseram abrir,  
 estava consumada a obra . . .  
 e o João da Cruz a dormir . . .  
 Procuram em vão o negro,  
 o negro tinha arribado,  
 deixando ali a deshonra  
 por seu natural legado.  
 Moral: – O’ João Francisco,  
 tu já deve ter ouvido:  
 – quem com ferro fere,  
 com ferro será ferido.  
*Um cearense.*

O uso dos *romances à vapor*, assim como dos *trioletes*, foram empregados como meio de atacar João da Cruz. A sua presença em círculos que a sociedade considerava restritos para os negros, criava limites socioculturais, especialmente para aqueles que haviam superado tais limitações, como era o caso de João da Cruz. Como afirma Rodrigo Camargo de Godoi, no final do século XVIII e início do século XIX, surgia uma intelectualidade negra, composta por filhos e netos de escravizados que conseguiram se afastar da condição de cativo, ascender socialmente e ocupar cargos em diversas áreas, desde a medicina até o jornalismo e a política.<sup>154</sup>

A integração dos afrodescendentes à elite cultural do Império sempre foi uma tarefa difícil, uma vez que o preconceito impedia o acesso a muitas oportunidades. De acordo com Ana Flávia Magalhães Pinto, os esforços dos descendentes de africanos para superar as barreiras colocadas ao exercício da cidadania tiveram que se valer dos canais de poder e prestígio estabelecidos na época. Nesse contexto, João da Cruz adotou uma linha política bem definida e se aproximou de comerciantes portugueses e cearenses, além de magistrados e bacharéis locais, como forma de ampliar sua rede de influência e obter mais espaço na sociedade.

## 5. Temas recorrentes nos triolets: política, morte e carnaval.

Estás illudido enganado,  
 O’ immundo gazeteiro!  
 Sei que és burro chapado! . . .  
 Estás illudido enganado,  
 João da Cruz, tu nem pintado,  
 Para collega te quero!  
 Estás illudido enganado,

<sup>154</sup> GODOI, Rodrigo Camargo de. Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861). São Paulo: Edusp, 2016, 392 p.

O' immundo gazeteiro!<sup>155</sup>

Após uma extensa pesquisa, não foi possível encontrar registros oficiais da filiação de João da Cruz ao Partido Liberal. No entanto, as fontes consultadas indicam que ele mantinha uma forte ligação e dedicação a este partido. Ao falecer, João da Cruz foi reconhecido pelo jornal *O Liberal do Pará* como um dedicado correligionário e eleitor liberal da paróquia de Nazaré. A nota informou que ele havia dado seu último suspiro em 31 de março de 1887, destacando sua vinculação com o partido e a importância que teve em sua vida política. Essa declaração reforça a ideia de que João da Cruz manteve uma forte relação com o Partido Liberal, embora não haja registro oficial de sua filiação.

**“João Francisco da Cruz**

Depois de um longo e penoso sofrimento, exhalou, ante-hontem a noite, o ultimo alento vital o nosso dedicado co-religionario João Francisco da Cruz, solicitador dos audotorios e ex-redator e proprietario do ‘Correio do Norte’ e da ‘Colonia Portugueza’.

O finado era natural da provincia do Maranhão e eleitor liberal da parochia de Nazareth.

Enviamos os nossos pezames aos seus filhos e parentes.”<sup>156</sup>

O *Diário de Notícias*, que no período em questão se declarava apartidário, mas onde foram publicados os triolés, chegou a divulgar uma pequena nota com o título “Solicitador Cruz” em negrito e com a fonte aumentada comunicando seu falecimento.<sup>157</sup> O *Diário de Belém*, órgão conservador, anunciou na coluna “archivos dos mortos”, que haviam sido inumados no cemitério de Santa Izabel, os cadáveres de três pessoas e entre os falecidos constava o seguinte: “João Francisco da Cruz, maranhense, lesão cardíaca”.<sup>158</sup>

A morte de um adversário político era respeitada, na medida do possível, pelos demais jornalistas. A honorabilidade intelectual ditava a regra. Foi assim quando da morte, em janeiro de 1886, do jornalista Manuel Gomes de Cantuária Monteiro, editor-chefe do *Diário de Notícias*, responsável pelo jornal durante as publicações dos triolés. Entre as pessoas que estavam presentes ao enterro, João da Cruz, na época editor do jornal *A Colonia Portugueza*, teve a honra de conduzir o caixão com o corpo de Cantuária da capela até a sepultura.<sup>159</sup>

Os jornais, em especial os de linha conservadora como o *Diário de Belém*, mostraram-se pouco interessados com a morte de João Francisco da Cruz, um jornalista liberal,

<sup>155</sup> Diário de Notícias, nº 39, Ano VI, Solicitados, Triolet, 20 fev 1883, p.3. c.1

<sup>156</sup> O Liberal do Pará, nº 74, Ano XVII, Noticiário, João Francisco da Cruz, 02 abr 1887, p.2. c.2.

<sup>157</sup> Diário de Notícias, nº 74, Ano VIII, Solicitador Cruz, 02 abr 1887, p.2. c.6

<sup>158</sup> Diário Belém, nº 74, Ano XX, Archivo dos mortos, 02 abr 1887, p.3. c.1.

<sup>159</sup> Diário de Notícias, nº 21, Ano VII, Sahimento, 28 jan 1886, p.2.

abolicionista, negro e atuante na vida política-administrativa da cidade de Belém do Pará na qual escolheu viver até o seu último suspiro de vida. No dia 31 de janeiro de 1883, o *Diário de Notícias* publicou um canto fúnebre sem assinatura dedicado ao Cruz.

#### Nenia<sup>160</sup>

Pobre *Flávio!* Coitado! . . .  
 Deu em *vaza barris* . . .  
 Onde dão as almas vis,  
 Quando menos é esperado!  
 Mas, em *honra* do finado,  
 D’esse poeta infeliz,  
 O que nunca á nenhum fiz,  
 Ficar á ao meu cuidado  
 O seu epitáfio escrever,  
 E n’esse sentido hade ser:  
 – Aqui jaz . . . n’este buraco . . .  
 No fundo d’este covão,  
 O COPIDO DE CARVÃO,  
 O João da Cruz, o MACACO.

No dia seguinte, foi publicado um triolé que ridicularizava a notícia veiculada por um jornal<sup>161</sup> sobre a suposta morte de João da Cruz. O argumentador afirmou que João da Cruz era protegido pelos deuses do carnaval, os quais não permitiriam que ele morresse durante o período do entrudo, uma festa tão esperada por ele. De fato, foram divulgados dois triolés: um em 04 de fevereiro, que zombava do fato de um “negro” como João da Cruz se vestir como um príncipe, e outro em 06 de fevereiro de 1883, que anunciava a participação do seu “carbôneo cordão” vestido “á turca” com seu “gorro dourado” e com um “chanfalho retorcido à cinta”. No dia 08 de fevereiro, foi publicado o seguinte triolé.

#### Trioleto

*O club João da Cruz*  
 O negro pintou Simão . . .  
 De rei d’Angola vestido,  
 O negro alferes João,  
 O negro pintou Simão . . .  
 Chamou do povo atenção  
 E foi do povo applaudido . . .  
 O negro pintou Simão . . .  
 De rei d’Angola vestido.

De terça-feira na tarde,  
 O seu carboneo cordão  
 Percorreu toda cidade

<sup>160</sup> Nênia é uma palavra de origem latina que significa “lamento fúnebre” ou “elegia”. Na literatura, a nênia é um poema ou composição poética que tem como tema a morte ou a lamentação de uma pessoa falecida. A palavra também pode ser usada para se referir a um canto fúnebre, uma elegia ou um réquiem. Dicionário online de latim: *Latin Dictionary and Grammar Aid* da University of Notre Dame (<https://archives.nd.edu/whitaker/dictpage.htm>).

<sup>161</sup> Não foi divulgado o nome do jornal no triolé. Pesquisamos os disponíveis entre os dias 27 e 30 de janeiro de 1883 e não encontramos nenhuma referência sobre o assunto.

Foi do dia a novidade  
 O club do pae João,  
 De terça-feira na tarde,  
 O seu carboneo cordão.  
*França.*

Os indivíduos que perseguiram João da Cruz demonstraram desconforto com a menção à “realeza negra” na cidade. Apesar de se tratar de uma fantasia, possivelmente usada por ele para provocar incômodo em seus oponentes, João da Cruz percorreu as ruas da cidade vestido e caracterizado como um rei, e por que não um rei de Angola? Essa atitude revela a “agência do sujeito negro, bem como sua humanidade num mundo que insiste em desumanizá-lo.”<sup>162</sup>

Todo ato é político, não necessariamente partidário, e os triolés revelam muito dos dois. Não podemos descartar que alguns deles foram motivados por questões partidárias, pois como dissemos, João da Cruz era ligado ao partido Liberal, muito próximo a membros do partido, mantinha negócios comerciais e financeiros com o mesmo grupo. Em contrapartida tinha seu nome linchado nos jornais de linha conservadora como *A Constituição* e o *Diário de Belém*. O *Diário de Notícias* entre os anos de 1882 e 1885, período em que foram publicados os triolés, não se posicionou partidariamente, como os outros dois citados, mas estava em constante atrito com os jornais *O Liberal do Pará* e o *Correio do Norte*, e vice-versa. O primeiro como órgão oficial do partido Liberal e o segundo, jornal de João Francisco da Cruz, como mais um “voluntário operário do progresso e da civilização há professar ideais liberais”.<sup>163</sup>

Durante o período em que João da Cruz publicava suas notícias no *Correio do Norte*, o jornal *A Constituição*, veículo oficial do partido conservador, mantinha-se em constante confronto político-partidário com o jornal *O Liberal do Pará*. Esse atrito acabou se estendendo também ao *Correio do Norte*, sobretudo em 1884, quando João da Cruz publicou informações sobre possíveis ameaças à ordem pública por parte do partido conservador. *O Liberal do Pará* entrou na disputa, republicando editais e outras colunas do *Correio do Norte* sobre o assunto e passando a defender João da Cruz e atacar os jornais conservadores.

Curiosamente, *A Constituição* não considerava o *Correio do Norte* uma ameaça para suas questões político-partidárias até então. Embora tenha afirmado que só tomou conhecimento da existência do jornal de João da Cruz muito tempo depois de sua fundação em 1882, deixou claro que já o conhecia e, motivado por questões partidárias, passou a atacar o proprietário e redator do jornal com base em sua cor, como mostra a nota a seguir

<sup>162</sup> BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. Revista Sociedade e Estado – Volume 33, Número 1, janeiro/abril 2018, p. 120.

<sup>163</sup> *O Liberal do Pará*, nº 196, Ano XIV, Noticiário, Correio do Norte, 05 set 1882, p.2.

**Ameaça de alteração da ordem publica.** – O collega do *Diario de Noticias* chama nossa atenção para o que disse um correio do norte sobre tentarem os conservadores alterar a ordem publica por acasião de reunir-se a Assembléa. A fonte d'onde nasceu tal noticia é tão impura que tomal-a em consideração seria um contrassenso.<sup>164</sup>

A palavra “impura” claramente tem duplo sentido, mais do que se referir ao *Correio do Norte*, ela denota a ideia de que seu redator e proprietário, por ser negro, é sujo, imoral e mentiroso. Não é à toa que *A Constituição* foi o único jornal, além do *Diário de Notícias*, a publicar, como já vimos, um triolé. Uma espécie de resumo dos triolés e notícias publicadas sobre o João da Cruz entre 1882 e 1883, reafirmando a visão que os seus adversários, políticos ou não, tinham em relação a ele, sobretudo no tocante racial.

## 6. Os *triolet*s sobre o “Pae João”: um negro resignado?

De mãe guariba nascido,  
Macaco és, pae João;  
Não és gente, és macacaõ (SIC)  
De mãe guariba nascido,  
Mostra o rabo, pae tico!  
Pulador de galho em galho,  
Não ha banana, ha vergalho:  
Mostra o rabo, pae tico!<sup>165</sup>

Os triolés, adivinhações, anedotas e notas jornalísticas sobre o João Francisco da Cruz por várias vezes fizeram menção a expressão “pae João”, assim como dos seus derivados, “pae faca”, “pae tico”, “pae traçalho” e “pae Zoan”. Na virada do século XIX para o XX alguns estudiosos e folcloristas brasileiros passaram a discutir o que ficou conhecido como o “folclore do pai João”.

Tal discussão está relacionada à figura emblemática do *Uncle Thomas*, personagem principal de *Uncle Tom's Cabin* da escritora Harriet Beecher Stowe. Sua obra foi traduzida para o português como *A cabana do pai Tomás* e vendeu mais de quatro milhões e meio de exemplares nos Estados Unidos e no mundo. Stowe era uma abolicionista sulista e passou escrever folhetins nos jornais denunciando os abusos sofridos pelos escravizados nas fazendas. *Uncle Tom* foi publicado como livro em 1852 e ganhou o mundo. Nele a autora construiu a figura de um negro mártir, que resistia de forma passiva e aceitava os sofrimentos e perdoava seus agressores, bem ao estilo de vários abolicionistas da época, e que acabou por influenciar

<sup>164</sup> A Constituição, nº 56, Ano XI, Noticiário, Ameaça de alteração da ordem publica, 08 mar 1884, p.2.

<sup>165</sup> Diário de Notícias, nº 39, ano IV, Solicitados, Triolet, 20 fev 1883, p.3. c.1.

os escritos e análises dos folcloristas brasileiros entre 1880 e 1950 sobre a figura de *Uncle Thomas* por todo Brasil.

Foi Arthur Ramos, médico psiquiatra, antropólogo e folclorista alagoano, no livro *O folclore do negro do Brasil*, publicado em 1935, que batizou as canções sobre o “negro velho” das fazendas de “folclore do Pai João”. Como nos lembra Martha Abreu, foram os folcloristas que consagraram a figura de Pai João como um negro resignado, medroso, sofredor e submisso à dominação cristã, senhorial e branca. Contudo a historiadora deixa claro que esses contos foram transcritos pelos folcloristas em um período de intenso debate, luta e avanços políticos dos negros e mestiços desde fins do século XIX, no movimento abolicionista, o que gerou o tom e a intenção por trás das palavras agregadas ao personagem Pai João.<sup>166</sup>

A historiadora Martha Abreu apresentou uma perspectiva inovadora para a interpretação das narrativas do Pai João, tendo como base as observações de folcloristas que frequentemente utilizavam expressões satíricas e irônicas em suas canções. Segundo Abreu, tais expressões revelam uma forma de “vingança do negro”, o que sugere a presença de traços de resistência, audácia e inteligência na figura do Pai João. Esta abordagem propõe uma reflexão mais aprofundada sobre a forma como as histórias são contadas e sobre o papel das personagens negras na construção da identidade cultural brasileira.

Não podemos esquecer que os triolés são produções literárias e como tal, estão associados ao seu tempo. Eles narram angústias, medos, preconceitos e, nos mostram, possíveis realidades existentes no momento da sua criação.<sup>167</sup> O jornal *Diário de Notícias* chegou a publicar sete triolés e uma “adivinhação” chamando João da Cruz de “pae”. O *Diário de Belém* o chamou de “pae Zoan” em uma nota bem *darwinista* como observamos na página 93 deste capítulo.

---

<sup>166</sup> ABREU, Martha. Outras histórias de Pai João: Conflitos raciais, protesto escravo e irrelevância sexual na poesia popular 1880-1950. *Afro-Ásia*, 31 (2004). Acessar em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21076/13668>. Ver também: Idem, Pai João e *Uncle Tom*. In: Da senzala ao palco: canções escravas e racismo nas Américas (1870-1930). São Paulo: Editora da UNICAMP, 2017. e-book.

<sup>167</sup> Segundo Sandra Pesavento, as narrativas históricas e literárias têm sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo. O historiador Jacques Le Goff afirma que os documentos literários e artísticos são fontes privilegiadas, pois são histórias das representações da realidade de uma época, e que, as fontes literárias, podem e devem ser utilizadas como fontes históricas. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: Leituras da História e da Literatura**. In: História da Educação, ASPHF/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003. Ver Também: LE GOFF, Jacques. **As mentalidades: uma história ambígua**. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 4ª Ed; 1995. p.76.

No triolé do dia 24 de fevereiro de 1883 publicado pelo *Diário de Notícias*, mais uma vez podemos observar a tentativa de ataque ao João da Cruz, utilizando-se de argumentos baseados em sua descendência africana, sua atuação jornalística e o conteúdo de seu jornal. É possível notar que esses triolés revelam não apenas uma representação distorcida do personagem, mas também refletem as inseguranças e temores daqueles que os escreveram.

#### **Triolet**

Bijógó de negra raça,  
 Figura de frei Tição,  
 Custou-te cara a lição,  
 Bijógó de negra raça?  
 Culpado és, **pae Traçalho**  
 D'este fandango diario . . .  
 E' bem triste teu fadario:  
 Culpado és, **pae Traçalho**.

Corujão da matta virgem,  
 Põe-te em pé, João da Cruz,  
 Negro velho, carafuz,  
 Corujão da matta virgem;  
 Qu'importa não tenhas rabo?  
 Macaco há, sem rabicho,  
 Não comas do pé o bicho:  
 Qu'importa não tenhas rabo?

*Mãe Maria.*<sup>168</sup>

Ao falar de “negra raça”, “frei Tição”, “negro velho”, “carafuz” e “Corujão da mata virgem”, este triolé busca evidenciar uma ascendência africana, associada, especialmente naquele período, à ideia de raça inferior, resultante do cientificismo moderno que acabou por materializar conceitos racistas, atitudes intolerantes e movimentos nacionalistas discriminatórios contra grupos considerados “indesejáveis”. O triolé também o relaciona a um inseto muito comum na Amazônia, a mutuca, chamada de “bijógó” no vocábulo crioulo, uma espécie de mosca, geralmente preta, que se alimenta de sangue e possui uma picada dolorida. Além disso, o triolé sugere que o destino do indivíduo estava predestinado, marcado por um triste fado de ser negro, daí a alcunha de “pai Traçalho”. Contudo, entendemos que esse triolé, como muitos outros, revelam o medo de um homem afrodescendente estar na posição que ele chegou e a angústia daqueles que constantemente se incomodam com suas diárias notas jornalísticas, muitas vezes frenéticas como um “fandango”, e irritante, para eles, como uma mutuca.

A expressão “PAE FACA” foi a mais comum entre os triolés e adivinhações publicadas no *Diário de Notícias* entre o final de janeiro e início de março de 1883. Essas fontes literárias,

<sup>168</sup> Diário de Notícias, nº 43, Ano IV, Solicitados, Triolet, 24 fev 1883.

cujas histórias buscam recuperar os micros e macros enredos cotidianos, revelam muito da ação de João da Cruz àqueles que constantemente o atacavam nos jornais de Belém, a ponto da necessidade de estampar diariamente versos satíricos sobre suas ações, narrativas, estilo de barba, relacionamentos entre outros, como podemos observar nos fragmentos de triolés abaixo.

Queiras ou não, pouco importa!  
 João da Cruz, ó meu PAE FACA,  
 Eu não te largo a casaca . . .  
 Queiras ou não, pouco importa!  
 A parada vae-te torta . . .  
 E's negro, gosta de samba?  
 Dansarás na corda bamba,  
 Queiras ou não, pouco importa!

Em debicar-te não canço,  
 O' PAE FACA, ó João da Cruz!  
 Te faças bravo ou bem manço,  
 Em debicar-te não canço.  
 Ao monturo atiro e lanço  
 O que te sae da boca a flux. . .  
 Em debicar-te não canço,  
 O' PAE FACA, ó João da Cruz!

Neptuno nuca foi preto!  
 Illustrissimo PAE FACA,  
 Erraste! Não está direito!  
 Neptuno nuca foi preto!  
 Se não és um Pan perfeito,  
 Um Satyro és de casaca!  
 Neptuno nuca foi preto!)

– Ou é besta, ou é vacca . . .  
 A gargalhar repetia;  
 O João da Cruz, o PAE FACA,  
 Ou é besta, ou é vacca . . .  
 Não sei porque sou macaca,  
 Mas não sou tão porcaria! . . .  
 Ou é besta, ou é vacca . . .  
 A gargalhar repetia.

ADIVINHAÇÃO  
 Quantos annos tem ao certo  
 O nosso alferes PAE FACA?  
 Porque usa barba ingleza?  
 Será pateta ou esperto? . . .  
 Será besta ou será vacca?  
 De que data é sua nobresa? . . .<sup>169</sup>

<sup>169</sup> Diário de Notícias, nº 18, 30, 35 e 51, Ano IV, Solicitados, Triolet, 24 jan 1883 (p.2 c.6), 09 e 15 fev1883 (p.3

### CAPÍTULO 3:

#### **Entre Controvérsias e Relações de Poder: João da Cruz na Imprensa de Belém.**

A figura de João Francisco da Cruz emerge como um dos protagonistas mais complexos e controversos na história da imprensa de Belém durante a segunda metade do século XIX. Conhecido tanto por sua atuação incisiva como editor-chefe do *Correio do Norte* quanto por seu envolvimento em polêmicas públicas, João da Cruz utilizou o poder da palavra escrita para desafiar as estruturas sociais e políticas de seu tempo. Este capítulo examina como ele navegou e moldou as relações de poder através da imprensa, destacando sua habilidade em polemizar e construir alianças estratégicas.

O uso da controvérsia como ferramenta de luta foi uma das marcas registradas de João da Cruz. Suas críticas afiadas e sua disposição para enfrentar adversários poderosos lhe renderam tanto aliados quanto inimigos. Em suas publicações no *Correio do Norte*, ele abordava temas sensíveis com uma habilidade única para polemizar. Por exemplo, sua cobertura do trânsito de Vênus em 1882 destaca seu interesse e conhecimento em ciências exatas, desafiando os homens de ciência da época com suas observações e questionamentos. Essas abordagens, frequentemente satirizadas por *O Filho do Borges*, demonstram como João da Cruz utilizava a controvérsia não apenas como um meio de expressão, mas como uma estratégia para mobilizar e influenciar a opinião pública.

O trânsito de Vênus, um fenômeno astronômico raro que mobilizou cientistas e figuras de prestígio ao redor do mundo, também despertou o interesse de João da Cruz. Esse evento, que envolveu desde o imperador Dom Pedro II até intelectuais e jornalistas locais, simbolizava o fascínio da época pelas descobertas científicas e pelos avanços da modernidade. Apesar de não ser um cientista de formação, João da Cruz dedicou-se ao estudo do tema, participando de conferências e escrevendo sobre o assunto com entusiasmo e propriedade. Suas contribuições, no entanto, não foram poupadas de críticas e ironias, como as feitas por *O Filho do Borges*, que utilizou o tom sarcástico para questionar a legitimidade de Cruz no debate científico. A reação irônica de parte da imprensa paraense às observações de João da Cruz sobre o fenômeno evidencia a tensão entre seu papel de jornalista e as expectativas da elite intelectual da época.

Além das controvérsias científicas, João da Cruz também se envolveu em debates sobre inovação tecnológica, como os experimentos aeronáuticos em Belém. Sua interação com inventores como Júlio César e Manoel Vianna Coutinho, bem como sua presença em eventos significativos, reforça seu papel ativo na cena intelectual e jornalística da cidade. As sátiras e

---

c.3 e p.3 c.4), Triole e Adivinhação, 06 mar 1883 (p.3 c.2). Consequentemente.

críticas que recebeu por suas opiniões ousadas e questionamentos demonstram sua habilidade em usar a controvérsia para destacar temas importantes e desafiar o *status quo*, estabelecendo-se como um polemista extraordinário e uma figura central nas discussões de sua época.

Além das disputas abertas, João da Cruz também teceu uma complexa rede de relações na imprensa de Belém. Suas conexões iam além dos simples antagonismos, incluindo alianças com intelectuais, políticos e outros jornalistas que compartilhavam suas visões ou reconheciam seu valor estratégico. A análise dessas relações revela a profundidade de sua influência e a capacidade de João da Cruz em navegar pelas intrincadas teias de poder da época.

No entanto, suas conexões iam além das associações formais. João da Cruz cultivou amizades e alianças informais, muitas vezes utilizando encontros sociais, correspondências privadas e colaborações literárias como meios de fortalecer seus laços. Essas interações não apenas ampliavam sua rede de apoio, mas também lhe permitiam influenciar sutilmente o pensamento de seus contemporâneos. Por exemplo, ele frequentemente trocava cartas com intelectuais, discutindo ideias e estratégias que seriam posteriormente refletidas em seus artigos e editoriais. Esse intercâmbio de ideias não apenas enriquecia seu próprio trabalho, mas também criava um senso de comunidade intelectual, unida por objetivos comuns de progresso e justiça.

Além disso, João da Cruz sabia como utilizar os eventos sociais e culturais da cidade para expandir sua influência. Ele comparecia a saraus, lançamentos de livros e reuniões políticas, onde podia interagir diretamente com líderes de opinião e formadores de políticas. Essas ocasiões ofereciam oportunidades para negociações e alianças, muitas vezes resultando em apoio mútuo em momentos críticos.

As rivalidades, por outro lado, também desempenhavam um papel crucial em sua trajetória. Em um ambiente jornalístico competitivo, as disputas com outros jornalistas não eram meramente pessoais, mas refletem conflitos mais amplos sobre ideologias e controle de narrativas. João da Cruz enfrentava esses desafios com uma combinação de astúcia e habilidade retórica, utilizando suas rivalidades para fortalecer sua posição e destacar suas convicções.

O contexto social e político da época, marcado por intensas transformações, fornecia o pano de fundo para suas ações. Em um período de mudanças rápidas e frequentemente turbulentas, a habilidade de João da Cruz em forjar e manter essas complexas relações era um testemunho de sua adaptabilidade e visão estratégica. Ele não apenas respondia aos eventos ao seu redor, mas também os moldava ativamente, utilizando suas conexões para promover causas de liberdade e justiça.

Este capítulo, portanto, não apenas explora as alianças e rivalidades de João da Cruz, mas também revela as estratégias subjacentes que ele empregava para navegar pelas dinâmicas

de poder. Através de uma análise detalhada dessas relações, fica claro como ele se consolidou como uma figura central em um período de intensas transformações sociais.

### **1. A controvérsia como ferramenta de luta: João da Cruz e sua habilidade em polemizar.**

Não julguem que o João da Cruz  
E' nenhum analphabeto,  
E' polemista profundo  
No artigo em duplicata,  
Dobra o artigo de fundo  
E' polemista profundo  
Que embasbaca meio mundo  
Co'a sua arrojada lata!  
E' polemista profundo<sup>170</sup>

Cruz viveu no período em que a comunidade científica internacional estava entusiasmada, em especial os astrônomos, matemáticos e físicos, com o trânsito de Vênus pelo disco solar. A passagem deste planeta entre o Sol e a Terra é um evento raro, que ocorre em intervalos de 105,5 ou 121,5 anos, com um segundo trânsito ocorrendo oito anos após o primeiro. Nessas raras ocasiões, é possível observar o planeta cruzar o disco solar como um pequeno círculo enegrecido pelo ofuscamento causado pela intensa luz solar.<sup>171</sup>

Em dezembro de 1874, período em que João da Cruz estava de mudança para o Pará, depois de mais de um século, Vênus deu o ar de sua graça e provocou uma corrida científica entre norte americanos e europeus, principalmente os franceses, bem como fustigou os poetas de então. O Brasil enviou o engenheiro e astrônomo Antônio Francisco de Almeida do Imperial Observatório para se aperfeiçoar em Paris e acompanhar a missão francesa que ia ao Japão fotografar o trânsito de Vênus.<sup>172</sup> Oito anos depois, em dezembro de 1882, a “deusa do amor”, cruzava o “astro rei” novamente. Um ano antes, em outubro de 1881, representantes de 14 países reuniram-se, em Paris no Congresso da Comissão Internacional da Passagem de Vênus, para elaborar as instruções a serem adotadas durante a observação da passagem de 1882.

Dom Pedro II ficou particularmente interessado em tal evento que enviou um pedido especial ao Parlamento para autorizar a participação efetiva do Brasil na corrida científica. Esse pedido implicava em construir três observatórios temporários, com requinte de permanente, em

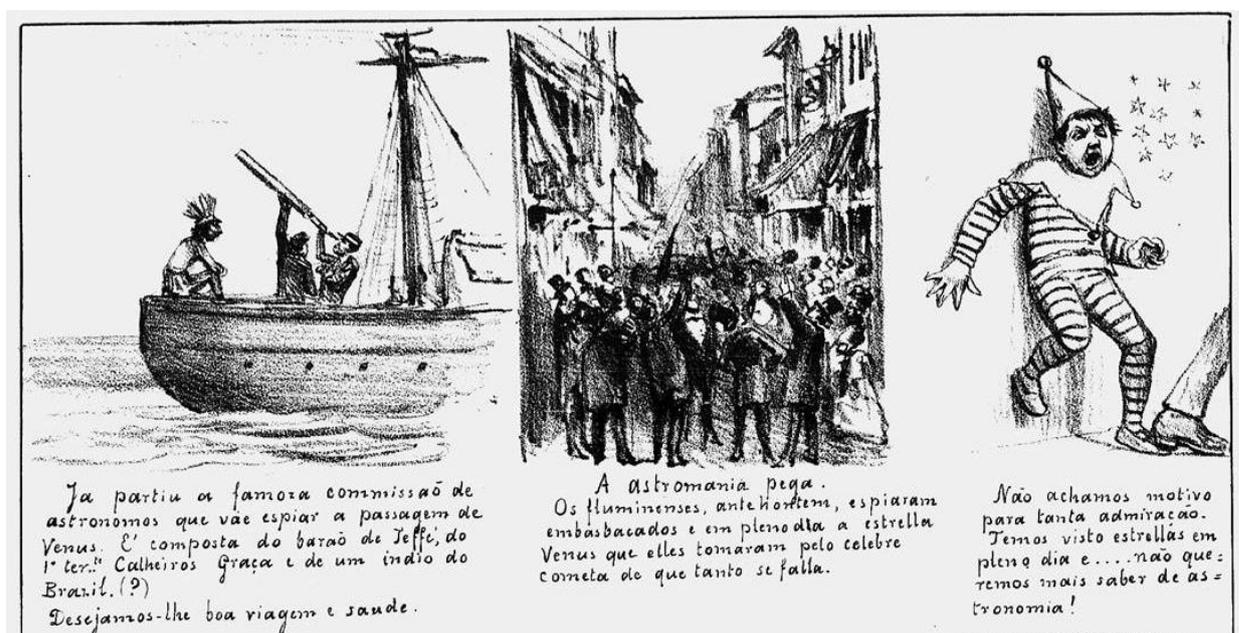
<sup>170</sup> Diário de Notícias, nº 139, ano VI, Seringadeias, 21 jun 1885, p. 3 c. 4.

<sup>171</sup> MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Nos braços de Vênus às poltronas da Academia. Revista Navigator, nº1/2005. Disponível em: [www.revistanavigator.com.br/navig1/art/N1\\_art1.pdf](http://www.revistanavigator.com.br/navig1/art/N1_art1.pdf).

<sup>172</sup> Idem, p. 3.

Pernambuco, Chile (Punta Arenas) e Ilha de São Thomaz (possessão dinamarquesa nas Antilhas). Os deputados, senadores e a imprensa, em especial a fluminense, com destaque para a *Revista Illustrada*, se opuseram à participação do Brasil nessa empreitada mundial, alegando gasto desnecessário de verbas. Entre debates fervorosos no Parlamento e ironia da imprensa nacional, foi concedido ao ministério do império o crédito de 30:000\$000 para ser aplicada às despesas das expedições.<sup>173</sup>

**FIGURA 9**  
**Sátira sobre o trânsito de Vênus pelo disco solar em 1882**



Revista Illustrada, Rio de Janeiro, nº 316, Ano 7, 23 set 1882, p.4.

O leitor deve estar se perguntando o que tudo isso tem a ver com João da Cruz. Assim como muitos de seus contemporâneos, ele parecia estar se preparando para o evento secular da passagem de Vênus em 1882. Os jornais de Belém anunciaram que o engenheiro e bacharel José Agostinho dos Reis, outro negro paraense notável, havia explicado o assunto para várias pessoas no Teatro da Paz. Embora a participação de João da Cruz na palestra não possa ser comprovada, é possível supor que ele estava interessado no tema, uma vez que se dedicou a estudar termos técnicos relacionados à passagem de Vênus. Apesar de não termos acesso ao conteúdo completo do *Correio do Norte*, é possível inferir que João da Cruz publicou algo a respeito do evento secular, já que os jornais de Belém noticiaram que ele havia se preparado para comentar sobre o assunto. Infelizmente, somente dois números do jornal estão disponíveis

<sup>173</sup> Anais do Senado do Império do Brasil, Ano de 1882, Livro 4. Disponível em [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais\\_Império/1882/1882%20Livro%204.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Império/1882/1882%20Livro%204.pdf)

para consulta, o que impede uma análise mais detalhada do conteúdo publicado por João da Cruz.

No dia 10 de dezembro de 1882, quatro dias depois do tal fenômeno, o *Diário de Notícias* publicou um artigo do “O Filho do Borges”, conhecido por ser um grande crítico de João da Cruz. No texto, ele afirmou que a maioria das pessoas no Pará não conseguiu ver o esperado “ponto negro” no sol durante o evento da passagem de Vênus, mesmo usando vidros esfumados por querosene. O colunista disse que embora a província não tivesse telescópios apropriados, João da Cruz, com seus “olhos de lynce”, teria conseguido ver o fenômeno. Segundo o “O Filho do Borges”, João da Cruz, que ele descreve como “meio taberneiro e meio astrônomo”, se aprofundou no estudo das ciências exatas e ficou aturdido com o que viu, chegando a desacreditar das informações divulgadas pelos astrônomos mais renomados.

Assim – dizia ele [João da Cruz] – não podemos ainda resolver o problema da parallaxe solar. Venus – hão de sustentar isto mais tarde os homens da sciencia – não passou pelo disco do sol, e sim ultrapassou-o, indo collocar-se além do disco, isto é, quasi no meio do sol.

Entendo – continuava o homem – que Venus, em vez de descrever a linha curva, q’observamos, devia correr sobre o disco do sol, afim de determinar a parallaxe, isto é, ‘o arco celeste comprehendida entre o lugar verdadeiro do astro e o seu lugar apparente.’

E pois – conclui – entendo q’ os homens só se enganaram n’um ponto, isto é, em vez de dizerem: *passagem pela metade da cara do sol*, disseram – *passagem pelo disco do sol*.

E agora . . . vá contestal-o quem quizer metter-se em boas . . .<sup>174</sup>

O que fica claro, apesar do colunista ironizar sua opinião, é que Cruz procurou entender aquele fenômeno lendo e participando de conferências. Diferente de muitos jornalistas que criticaram todo o rebuliço em torno do tal fenômeno, muitas pessoas viram aquele episódio como um momento importante para se entender o universo e ampliar as discussões da física e matemática. O fato do João da Cruz ousar a questionar os homens das ciências envolvidas naquele fenômeno irritava seus opositores e gerava críticas ferrenhas tornando-se um polemista extraordinário.

Em outro de seus folhetins dominicais, o “O Filho do Borges” comentava sobre o “aeronausta paraense” Júlio Cesar e sobre a sua viagem à França para apresentar ao mundo o seu *Victoria*, um balão experimental não tripulado de estrutura fusiforme dissimétrica que conseguia se deslocar sem ser levado pelo vento como um balão comum conseguindo a inédita navegação aérea na direção oposta à corrente de ar.<sup>175</sup> O articulista continua afirmando que no

<sup>174</sup> Diário de Notícias, nº 277, Ano III, Folhetim do Diário, Bons Bocado, 10 dez 1882, p.2.

<sup>175</sup> Júlio César Ribeiro de Souza foi um jornalista respeitado e atuante em vários jornais no Pará, poeta, professor competente, autor de uma gramática premiada, destacado funcionário público, diretor da Biblioteca Pública,

Pará existiam “enfizados” poucos dispostos a aceitar as teorias do aeronauta e que os paraenses podiam esperar, “de *cadeirinha preguiçosa*, o tal balão” que estava sendo construído por Júlio César.<sup>176</sup>

Não há menção ao João da Cruz nesse folhetim, mas não é todo mal pensar que ele estivesse entre os “enfizados” dado os fracassos de fazer voar o protótipo “Santa Maria de Belém”, de proporções bem maiores que o Victoria, no Largo da Sé, em 12 de julho de 1884. O jornal *O Liberal do Pará* de 2 de junho de 1885, publicou que o paraense Manoel Vianna Coutinho fez uma conferência particular em uma das salas da redação daquele jornal e que depois de sua explanação apresentou seu pequeno balão fazendo “todos os movimentos com que pretende dar a direção à navegação aérea”. A imprensa local apenas se fez representar pelas redações do *Diário de Notícias*, da *Constituição*, d’*O Liberal do Pará* e do *Correio do Norte*. Além destas folhas, “muitos cavalheiros” assistiram à conferência e saíram bastante satisfeitos com o êxito que obteve Coutinho.

O jornal enfatiza que o aeróstato apresentado era “totalmente diferente” de tudo o que havia sido visto até aquele momento e expressava o desejo de que Coutinho encontrasse o apoio necessário para construir um balão de maior porte. Na época, o inventor fez vários pedidos às autoridades locais e nacionais por ajuda financeira para a realização de seus experimentos e a construção de um aeróstato maior. Além disso, o jornal publicou um “solene protesto” de Coutinho contra qualquer indivíduo que se atrevesse a plagiar sua invenção, considerando-o o mais desprezível homem e a nação que consentisse, a mais infame e miserável do universo.

Em 1884, após não conseguir inflar seu balão em Belém, Júlio César ficou extremamente desapontado ao saber do voo do La France. Em 9 de agosto, o balão dirigível francês, decolou de Chalais-Meudon, perto de Paris, e percorreu cerca de 8 km em 23 minutos, antes de retornar ao ponto de partida. Esse foi o primeiro voo tripulado em que um balão dirigível foi capaz de decolar, voar e pousar no mesmo local. Júlio César afirmava que o La France era uma cópia não autorizada de seu projeto, e tentou fazer uma denúncia internacional

---

aboliconista atuante e secretário de Estado. Mas talvez o que ele mais gostava de ser era inventor. Ele é reconhecidamente o precursor da dirigibilidade aeronáutica. Sobre o assunto conferir CRISPINO, Luís Carlos Bassalo. *Júlio César Ribeiro de Sousa e a Dirigibilidade Aérea*. In: ALVES, Jerônimo de Alencar (org.), *Múltiplas Faces da História das Ciências na Amazônia*. Editora da Universidade Federal do Pará, Belém, 2005, p. 197-230. Ver também BASSALO, José Maria Filardo; ALENCAR, Paulo de Tarso dos Santos; CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BECKMANN, Clodoaldo Fernando Ribeiro. *Júlio César Ribeiro de Sousa - Memórias sobre a Navegação Aérea*. Belém do Pará: Editora da UFPA, 2003. Ver ainda VISONI, Rodrigo Moura; CANALLE, João Batista Garcia. *O sistema de navegação aérea de Júlio César Ribeiro de Souza*. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 32, n. 2, 2601 (2010), História da Física e Ciências Afins, [www.sbfisica.org.br](http://www.sbfisica.org.br).

<sup>176</sup> Diário de Notícias, nº 283, Ano III, Folhetim do Diário, Bons Bocado, 12 dez 1882, p.2.

contra os franceses. Entretanto, não há evidências concretas de que o projeto do La France tenha sido baseado no Santa Maria de Belém, além do mais, a sua patente havia caducado meses antes do voo do aeróstato francês.

É notável como a história do desenvolvimento tecnológico aeronáutico em Belém se entrelaça com as questões políticas e sociais da época, e João da Cruz, como jornalista ativo na cidade, não ficou alheio a essa conjuntura. Há indícios de que ele escreveu sobre o pequeno balão do Coutinho e conviveu com os dois inventores e aeronautas paraenses. No entanto, alguns triolés publicados em jornais da época, em tom jocoso, insinuam que a mente do João da Cruz voava de forma desastrosa, comparável a “certos balões da cidade”.

É interessante notar a presença de João da Cruz em eventos significativos da época, como na conferência do “incansável abolicionista” Júlio César, no Club Abolicionista dos Patriotas. Na ocasião, cerca de quatrocentas pessoas aplaudiram intensamente a entrega de uma carta de liberdade à negra Victorina. Dentre os presentes, destacavam-se personalidades ilustres, tais como João Campbell, proprietário do *Diário de Notícias*, as senhoras Antônia Freire e Soares, representantes do “belo sexo”, além do Major Salles, representante da polícia, dentre outros. A colônia cearense e a redação do *Correio do Norte* fizeram-se representar pelos ilustres senhores Virgílio Nunes e João Francisco da Cruz.<sup>177</sup>

## **2. Entre alianças, rivalidades e “linhagem de nobreza”: a rede de João da Cruz na imprensa de Belém.**

Consoante ao que já foi mencionado, em 04 de março de 1883, foi comunicado que, “a pedido de muitos amigos”, cessariam as publicações dos triolés a respeito de João da Cruz, permitindo-lhe ficar em paz. Entretanto, os poemas satíricos continuaram a ser veiculados até o dia 08 de março de 1883, data em que o editor do jornal *Diário de Notícias* publicou a seguinte nota: “Agora é sério: fica suspensa a publicação dos triolets”.

Em junho de 1885, o jornal *Diário de Notícias* retomou os ataques a João Francisco da Cruz, por meio de tiras, notas e triolés bastante agressivos, que desqualificavam ainda mais sua posição como jornalista e proprietário de jornal. É relevante mencionar que Cruz havia colocado sua tipografia à venda naquele mesmo ano. O conteúdo desses triolés destaca-se pelas sátiras direcionadas à suposta “linhagem de nobreza” de João da Cruz, as quais foram impulsionadas pelas publicações do *Correio do Norte* acerca da recente nomeação de Cruz como primeiro

---

<sup>177</sup> *Diário de Notícias*, nº 125, Ano V, Club dos Patriotas, 1 jun 1884, p.1.

tenente da Guarda Nacional pelo Império. Além disso, a associação de João da Cruz com outros jornalistas, incluindo alguns notáveis na cena literária da época, gerou uma série de publicações críticas e satíricas, explorando sua relação com esses indivíduos. Após um período de relativa calma, João da Cruz voltou a ser alvo frequente nos jornais *Diário de Notícias* e *Diário de Belém*.

A coluna *Rebuçados d'estalo* do *Diário de Notícias* foi criada para satirizar notícias de outros jornais, jornalistas e eventos em Belém. Em sua primeira publicação foi dedicada ao “macaco João” do “porco Correio”.<sup>178</sup> No entanto, a coluna teve curta duração. Embora não fosse assinada, ela estabeleceu o tom dos ataques a João Francisco da Cruz, que também foram feitos em outras seções do jornal, como *Folhetins* e *Solicitados*. Essas seções incluíam notas intituladas “*instantaneos á Carvalho Vianna, Urbano de Maille*”, “*Burridades e asneiras do João da †*”, “*Quadras do João da Cr, o macaco*”, “*Ao 1º tenente João da Cruz!*”, “*O lavrador sovina*”, bem como outras notas críticas e satíricas como “*Carta a Urbano de Maille*”, “*Commissão litteraria*”, “*Seringadeias*”, “*Artigo de fundo*”, “*Visicatorio litterario*”, “*Ao publico sensato*”, “*O lavrador sovina, Juiso critico*”, “*Descarga serrada!*”, “*Sr. Redactor*” e “*Diccionario bestialógico*”.

Esta dissertação não tem como objetivo investigar os motivos que levaram João da Cruz a se associar a determinados jornalistas em 1885. No entanto, é relevante notar que, independentemente de quem estivesse próximo a Cruz e ao seu jornal, eles eram alvo de ataques e críticas depreciativas.

Em 1885, João da Cruz e o *Correio do Norte* foram associados a três figuras do jornalismo paraense, entre elas Urbano de Maille, pseudônimo de Antonio José da Costa. Esse guarda-livros português escrevia vários artigos e crônicas na imprensa belenense, em especial no *Diário de Notícias*, mas sofria de tuberculose e morreu ainda jovem em 1889.<sup>179</sup> Em junho de 1885, foi publicado no *Solicitados* do *Diário de Notícias* um longo texto intitulado “*Instantaneo à Carvalho Vianna*”, dedicado a Urbano de Maille, que já havia se mudado para o *Correio do Norte*. O articulista afirmava que Antonio José da Costa chegou a ser um bom literato, mas que se tornou “discípulo laureado do João da Cruz - *o cara dura da imprensa*” ao escrever as quintas e domingos no “*Gallinha morta*”, ou seja, no *Correio do Norte*.<sup>180</sup>

<sup>178</sup> *Diário de Notícias*, nº 129, ano VI, *Rebuçados d'estalo*, 10 jun 1885, p.2 c.4.

<sup>179</sup> *Idem*, nº 254, ano X, *Falleceu*, 09 nov 1889, p.2 c.7.

<sup>180</sup> O título do “*Solicitados*” também satiriza a coluna de outro jornalista que se aproximou de João da Cruz em 1885, Carvalho Vianna. Cf: *Diário de Notícias*, nº 130, ano VI, *Solicitados*, 11 jun 1885, p.3 c.3. Não foi apenas o *Diário de Notícias* que criticava Urbano de Maille por estar ligado ao João da Cruz no *Correio do Norte*, o *Diário de Belém* também chegou a publicar sátiras a esse respeito. Cf. *Diário de Belém*, nº 127, ano XVIII, *Pedaço de*

Outro jornalista que se aproximou de João da Cruz foi o português Ilídio de Carvalho Vianna. Ele destacava-se como um cronista perspicaz e atento aos movimentos da Belle-Époque em Belém, escrevendo folhetins dominicais e assinando duas seções do jornal *Diário de Belém*, intituladas “Instataneos” e “Visicatorios”. Ao que tudo indica, a aproximação entre Carvalho Vianna e João da Cruz se deu mais pela amizade pessoal do que pelo interesse profissional, já que ele permaneceu escrevendo para o *Diário de Belém* até sua morte em 1885. No mês de setembro desse mesmo ano, o jornal *A Colonia Portuguesa*, cujo editor-chefe era João da Cruz, publicou uma nota desejando pronta recuperação ao “digno amigo e colega” que havia sido acometido pelo beribéri.<sup>181</sup> Em 10 de outubro de 1885, o jornal *Diário de Belém* informou o falecimento do jovem jornalista, aos 28 anos de idade.<sup>182</sup>

Custódio de Oliveira Lima foi o jornalista mais notável entre os três mencionados, sendo também um escritor, poeta e dramaturgo renomado em Portugal e no Rio de Janeiro, onde viveu. Ele é conhecido por ter escrito o drama “O Anjo da Caridade”, dedicada à dona Maria Pia de Saboia, Rainha Consorte de Portugal entre 1862 e 1889.<sup>183</sup> Em junho de 1885, o corpo cênico do Grêmio Literário Português apresentou pela primeira vez o drama abolicionista “A orphã e o escravo”, escrito por ele. Na terceira apresentação, em julho do mesmo ano, no Theatro-Circo Cosmopolita, Oliveira Lima interpretou o papel principal, *Mário, o escravo*, a “pedido geral da classe comercial”.<sup>184</sup> Custódio de Oliveira Lima foi alvo de constantes ataques no *Diário de Notícias* por um indivíduo que se autodenominava *Spirita*, em referência a sua participação em encontros espíritas e à publicação de textos relacionados ao sobrenatural. Parece ter sido uma pessoa muito querida, inclusive em Portugal, uma vez que várias defesas foram publicadas em seu nome no *Diário de Belém*. No decorrer de sua carreira, ele acabou se aproximando de João Francisco da Cruz, primeiro no *Correio do Norte* e depois em *A Colonia Portuguesa*.

Antonio José da Costa, Carvalho Vianna e Oliveira Lima foram figuras importantes na imprensa de seu tempo, com carreiras consolidadas em periódicos locais, nacionais e portugueses. No entanto, quando se aproximaram de João Francisco da Cruz, encontraram resistência e hostilidade de alguns jornalistas do *Diário de Notícias* e do *Diário de Belém*, que os chamaram de “Santíssima Trindade”. Esses ataques revelam a intensa rivalidade e

---

ouro, 07 jun 1885, p.3 c.3.

<sup>181</sup> *A Colonia Portuguesa*, nº 2, ano I, Carvalho Vianna, 13 set 1885, p.4 c.1.

<sup>182</sup> *Diário de Belém*, nº 229, ano XVIII, Carvalho Vianna, 10 out 1885, p.2 c.3. Ver também: *O Liberal do Pará*, nº 229, ano XV, Obituário, 10 out 1885, p.3 c.2. Ver ainda: *Diário do Gram-Pará*, nº 229, ano 34, 10 out 1885, Obituário, p. 2 c.4.

<sup>183</sup> *Diário de Notícias*, nº 55, ano V, À rainha de Portugal, 07 mar 1884, p.3 c.2.

<sup>184</sup> *Diário de Belém*, nº 160, ano XVIII, Theatro-Circo Cosmopolita, 18 jul 1885, p.3 c.4-5

intolerância existente no meio jornalístico da época, onde as diferenças de opiniões muitas vezes eram tratadas de forma agressiva e pessoal, como podemos observar a seguir.

**Intantaneos á Cravalho Vianna  
Ou o “espião e o commissario”**

**II**

**Santíssima Trindade**

(*Ao Beré*)

- Um . . . um pedaço d’asno.
- Outro . . . um asno e um pedaço.
- *Tercio* . . . pedaço d’asno ilustre.
- 
- Urbano de Maille! . . .
- Carvalho Vianna!! . . .
- Oliveira Lima!!! . . . .
- 
- Trindade na inspiração.
- Triangulo das Luminarias.
- Triumvirato “Gallinha morta”.
- 
- Gemeos.
- Genuinos.
- Genios de cilha.
- 
- Que viste e ouviste?
- Instantaneos e visicatórios.
- Spiritismo e “A caridade de um Anjo”.
- 
- São de força.
- De força bruta.
- Uns *brutamontes*.
- 
- Resumindo:
- Um só pae verdadeiro:
- O Mendes do Mercado.

*Carvalho e Mello*<sup>185</sup>

Vale lembrar que Antonio José da Costa, o Urbano de Maille, escreveu para o *Diário de Notícias*, tendo recebido elogios póstumos do jornal em 1889. Carvalho Vianna, por sua vez, escrevia para o *Diário de Belém*. Ambos, apesar de sua experiência e reconhecimento na imprensa local e nacional, foram alvo de críticas e ironias, sendo chamados de “Triumvirato ‘Gallinha morta’”, em referência ao jornal *Correio do Norte*. Além disso, algumas notícias sugerem que não havia harmonia entre eles e que sentiam vergonha de escrever no jornal de João da Cruz.

. . . que o celebre Carvalho Vianna metteu-se em tranpesco velho no banquete do O’  
Lima . . .  
. . . que a causa rebentou, por causa de um brinde feito em nome do *Corsario do Norte*  
. . .

<sup>185</sup> Diário de Notícias, nº 132, ano VI, Solicitados, 13 jun 1885, p.3 c.3.

. . . que o Cruz ficou envergonhado e bradou: “Você é uma besta!” . . .<sup>186</sup>

(...)

Finda a suculenta quando a maravilhosa produção do poeta [Oliveira Lima], estampando roda pé, lança os olhos á secção “Colaboração”, da cuja folha [Correio do Norte], e chamando minha atenção o titulo – “Eu e um individuo qualquer”, – procurei saber quem era o illustre collaborador, quem assignava, qual era a *cruz*.<sup>187</sup>

No ano de 1885, dois jornalistas de origem russa, conhecidos como os irmãos Ivans, passaram a colaborar com o jornal *Correio do Norte*. Embora tenham chegado à cidade como médicos dentistas, divulgando a promessa de extração sem dor e vendendo um elixir que alegavam curar quase todas as doenças, não demorou para que esses “moscovitas moujiks” fundassem a empresa “nihilista-gramatical” Ivan & Cia. Embora não seja objetivo desta dissertação aprofundar a história desses irmãos russos, é notório o ódio que eles causaram em muitos jornalistas de Belém com seus artigos, sendo considerados por alguns uma ameaça à imprensa local. Seus textos eram cheios de críticas ferrenhas aos políticos locais, à elite da cidade e à sociedade em geral. Tais críticas, muitas vezes, beiravam o escândalo e geravam forte reação.

A contenda entre os irmãos Ivans e os demais jornalistas de Belém atingiu seu ápice quando os russos passaram a escrever os *Folhetins* e os *Solicitados* no *Correio do Norte*. Em um longo *Folhetim* intitulado “De nariz tapado...”, publicado no *Diário de Notícias* em 21 de junho de 1885 sob o pseudônimo John Cracknell, foram feitas duras críticas às seções escritas pelos irmãos russos no *Correio*. O texto sugeria que os artigos eram tão podres, comparáveis a excrementos, que ninguém conseguia se aproximar daquele jornal sem tampar o nariz. O próprio Urbano de Maille, segue o folhetinista do *Diário*, apressou-se em declarar, “em letra redonda”, que não tomava parte das “borracheiras semanais” de Ivan & Cia. O *Folhetim* sugeriu ao português Antonio José da Costa, o Urbano de Maille, que se desejasse manter uma imagem “limpa e desinfetada”, deveria deixar o *Correio* o mais rápido possível.<sup>188</sup>

De fato, Urbano de Maille chegou a escrever alguns folhetins para o *Correio do Norte*, como mostra a seguinte nota republicada no *Diário de Belém*, mesmo durante o período em que ele estava acometido pelo beribéri.

#### **Pedaço de ouro**

Esta é selecta

O *Correio do Norte* de hontem deu a seguinte notícia:

“Folhetim. – Do nosso illustre amigo o sr. Urbano de Maille, recebemos um folhetim que vae no lugar competente; esse nosso illustre amigo, acostumado ás lides de imprensa della não se póde afastar, ainda mesmo com sacrificio do “reposo que deve ter mais horas do descanso”.

<sup>186</sup> Idem, nº 140, ano VI, Rebuçados d'estalos, 23 jun 1885, p.3 c.1.

<sup>187</sup> Idem, nº 74, ano VI, Variedade, Proscenio, O poeta em scena, 05 abr 1885, p.3 c.1.

<sup>188</sup> Idem, nº 189, ano VI, Folhetim, 21 jun 1885, p2.

“Agradecemos o sacrifício, e comprimentamos ao nosso distinto amigo.”  
 Sim senhor!  
 Ah! Lamego! . . .<sup>189</sup>

Acreditamos que o ponto de partida para o recrudescimento dos novos ataques perpetrados contra João Francisco da Cruz tenha sido a divulgação de sua promoção de alferes para o posto de primeiro tenente da Guarda Nacional. Embora não seja possível o acesso ao artigo na íntegra, um fragmento publicado pelo *Diário de Notícias* nos parece especialmente relevante, uma vez que, em nossa percepção, João da Cruz parece reafirmar suas raízes africanas, o que não era muito comum nas histórias de “homens de cor”, salve pouquíssimos, como Luiz Gama, por exemplo, que diziam com todas as letras, “sou preto”, “sou negro” e daí?<sup>190</sup>

O “*Solicitados*” intitulado “Burridades e asneiras do João da †” de 19 de junho de 1883 é uma crítica contundente ao jornal *Correio do Norte*. O autor do texto faz duras críticas à qualidade da escrita e do vocabulário utilizado pelo João da Cruz, citando diversos exemplos de palavras mal escritas e frases mal construídas. Além disso, o texto censura a “postura pedante e pretensiosa do redator” que se retrata como um fidalgo e busca se vangloriar de sua patente de primeiro tenente. No entanto, é importante destacar que, apesar das críticas feitas ao redator e ao jornal, o texto não fornece nenhum elemento que permita avaliar a sua credibilidade. Contudo, a fonte traz uma transcrição que o *Diário de Notícias* fez do artigo de fundo que João da Cruz escreveu no seu jornal, onde afirmava que havia recebido a patente de primeiro tenente como os fidalgos do Império, como podemos observar a seguir

#### **Burridades e asneiras**

DO JOÃO DA †

O *Correio do Norte*, que tem o arrojo de pedir, 4\$500 rs, por uma assinatura de tres meses, publicou ontem as seguintes burridades do seu redator bunda:

Pesso, aggrede, trintá, dissime, dispresiveis, afastão, for-se, munturo, etc, etc.

Quanto ao resto do aranzel, veja o leitor a força do bruto n’esse angú de virgulas e pontos e virgulas, não fallando na pedanteria typa do macaco barrigudo, agaloado, de espadagão retorcido, como macaco de realejo:

“**Não me envergonharia repito, e até para mim seria uma gloria ter esse nascimento**, e hoje occupar um lugar na sociedade dos fidalgos, porque o meu paiz deu-me uma patente DE 1º TENENTE, e essa patente dá a quem a possuir, o gráo de nobreza.

(...).”

Olha o fidalgo negras-nuven! *Fiau!*

*Sôr tenente!*<sup>191</sup>

<sup>189</sup> Diário de Belém, nº 127, ano XVIII, A pedidos, “*Pedaço de ouro*”, 07 junho 1885, p.3 c.3.

<sup>190</sup> Cuti (Luiz Silva). Literatura negro-brasileira – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito)

<sup>191</sup> Diário de Notícias, nº 137, ano VI, *Solicitados*, Burridades e asneiras, 19 jun 1885, p.3 c.4.

Escrever sobre sua patente e relacioná-la a ideia de nobreza e como isso foi uma grande honra para ele, rendeu um turbilhão de anedotas e críticas, tornando-se motivo de chacota para alguns jornalistas, mostrando que João da Cruz seguia seu itinerário, como diziam vários triolés, e cada vez mais atribuía ao seu currículo, status que incomodavam parte da sociedade dita intelectual, em especial, os homens ligados a imprensa. Essa irritação é facilmente detectada pela forma que escreviam sobre o assunto, como podemos observar

**Seringadeias**

Fazer da aguia gallinha,  
E' mui facil, certamente;  
Da gallinha fazer aguia,  
– Só o *primeiro tenente!*  
*João da †*<sup>192</sup>

Vale ressaltar que a escolha dos pseudônimos utilizados durante a nova série de ataques a João da Cruz foi significativa, uma vez que a maioria deles fazia referência ao grupo de pessoas que o apoiaram durante esse período, incluindo os irmãos Ivans e o “triumvirato” Oliveira Lima, Carvalho Vianna e Urbano de Maille. Além disso, a assinatura “João da †” foi amplamente utilizada e evocava a ideia de um jornalista já “morto” e de um jornal destinado à falência, o que deu origem à expressão “galinha morta”. Essa assinatura também remetia à prática de usar uma cruz para assinar documentos de indivíduos analfabetos ou semianalfabetos no século XIX. Dois meses após esses novos ataques, João da Cruz decidiu colocar à venda a tipografia do *Correio do Norte*.

As notas irônicas que acompanham a nova série de ataques ao João da Cruz insinuam que ele teria escrito uma espécie de autobiografia para provar que era merecedor da patente de primeiro tenente da Guarda Nacional. A recorrência dessas notas em diversos números do *Diário de Notícias* e no *Diário de Belém*, como pode ser constatado na imagem abaixo, indica o quanto o tema ganhou destaque e como a figura de João da Cruz se tornou alvo de constantes críticas e especulações. Nesse contexto, muitos detalhes da vida do Cruz no Maranhão foram expostos, incluindo informações sobre seu possível ano de nascimento.

---

<sup>192</sup> Diário de Notícias, nº 138, ano VI, Solicitados, Seringadeias, 20 jun 1885, p.3 c.2.

# FIGURA 10 Folha com diversas notas sobre João da Cruz

**Suicídio**  
A senhora de Ananã, entre outros, a bordo da tarde, suicidou-se a bordo de uma barca, deixando a sobrevivência de João da Cruz, que era empregado de Joaquim Felipe da Silva e Silva.

O irmão materno, José de Deus, com a idade de 18 annos, ao ser informado, correu ao local, e encontrou a senhora já morta, e a filha, que estava gravemente ferida, e a quem levou ao hospital de S. Thome, onde se recuperou.

Ananã, a 15 de Junho, foi levado a pagamento ao lazareto de S. Thome, sendo doente de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Proseas policiaes**  
Uma mulher e collega de S. Thome, que se negava a ser levada ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**A' proposito**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Requerimentos curules**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Correções gremiaes**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Jury**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Despachos da presidencia**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Felleamento**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Informações**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Fatos de S. João**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Theatro de Paz**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Obituario**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Quadras populares**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Theatro-circo**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Solicitados**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Programa**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Serviço de carros**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Commissão litteraria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sringadeias**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sociedade Beneficente Uniao Operaria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Violatorio litterario**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**So publico senqento**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Programa**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Serviço de carros**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Commissão litteraria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sociedade Beneficente Uniao Operaria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Violatorio litterario**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**So publico senqento**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Programa**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Serviço de carros**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Commissão litteraria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sociedade Beneficente Uniao Operaria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Violatorio litterario**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**So publico senqento**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Programa**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Serviço de carros**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Commissão litteraria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sociedade Beneficente Uniao Operaria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Violatorio litterario**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**So publico senqento**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Programa**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Serviço de carros**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Commissão litteraria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sociedade Beneficente Uniao Operaria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Violatorio litterario**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**So publico senqento**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Programa**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Serviço de carros**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Commissão litteraria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

**Sociedade Beneficente Uniao Operaria**  
O Sr. João da Cruz, que se negava a ser levado ao lazareto, e a quem se deu o nome de S. Thome, e a quem se deu o nome de S. Thome.

Abaixo, apresentamos as transcrições das notas em destaque na figura 7

**Ao 1º tenente João da Cruz**

*(Para ser cantado na toada do camaleão)*

Minha gente venhão vêr  
Da imprensa o campeão;  
Amarra, meu bem, amarra  
O macaco de galão.

Dramaturgo afamado,  
Girondin de profissão;  
Amarra, meu bem, amarra  
O macaco de galão.

Da reserva elle é tenente,  
No segundo batalhão;  
Amarra, meu bem, amarra  
O macaco de galão.

Solicitador de causas  
– Pela nossa Relação.  
Amarra, meu bem, amarra  
O macaco de galão.

Se quereis que te descreva  
Pede ao Maia protecção;  
Amarra, meu bem, amarra  
O macaco de galão.

*Ivan & C<sup>ia</sup>*

**Comissão litteraria**

Consta que seguem no primeiro paquete para o Maranhão, com 1 ½ ou 2 dias de viagem, os illustrados redactores da *Gallinha morta*, Spirita do Xingú e Carvalho Instantaneo, afim de escavarem nos archivos da freguesia da Curupira, na capital d'aquella provincia, o assento do illustrado 1º tenente redactor chefe da mesma folha. A mesma comissão se esforçará por obter um exemplar, hoje raro, das obras impressas pelo dito redactor chefe na sua provincia, constantes de versos feitos á covado na sua loja da rua do Sól, e um drama sacro – *A filha do lavrador Sovino*.

**Seringadeias**

Quando o *nobre* João da Cruz  
Deita fallas na gazeta  
Vae tudo de catrapúz!  
Quando o *nobre* João da Cruz  
Despeja asneira a flux  
Da sua douda caneta  
Quando o *nobre* João da Cruz  
Deita fallas na gazeta!  
Elle é *nobre* por direito  
De macacaria ascendencia;  
O paiz rendeu-lhe preito,  
Elle é *nobre* por direito  
E por mui legal efeito  
D'uma *primeira tenência*,  
Elle é *nobre* por direito  
De macacaria ascendencia  
Não julguem que o João da Cruz  
E' nenhum analphabeto  
Que o nome assigne de †  
Não julguem que o João da Cruz  
Por ter jeito de lapuz  
Seja um typo obsoleto,

Não julguem que o João da Cruz  
 E' nenhum analphabeto,  
 E' polemista profundo  
 No artigo em duplicata,  
 Dobra o artigo de fundo  
 E' polemista profundo  
 Que embasbaca meio mundo  
 Co'a sua arrojada lata!  
 E' polemista profundo  
 No artigo em duplicata!

**Ao publico sençato**

Tendo, escapolido ainda na 3ª publicação! do meu munturo muitas; incorreições incorretas dividas por eu não ter, sido previnido em tempo, privino, ao publico sançato que estou perparando com vagar a 3ª denúnciação, para um dos proçimos, numeros em que haver falta de materia.

Tremão horda, de bandidos!!!

O 1º tenente, com nobreza!

João da †

A leitura das notas apresenta uma ironia em relação à recente promoção de João da Cruz à patente de primeiro tenente, em que o autor satiriza a associação entre a patente e a questão da nobreza, além de destacar os erros gramaticais frequentes no *Correio*. Dentre as notas, a “*Commissão litteraria*” chama atenção, pois apresenta uma suposta viagem de Oliveira Lima e Carvalho Vianna aos arquivos da freguesia da “Currupira” na capital do Maranhão, em busca do assento do ilustre primeiro tenente redator-chefe do *Correio do Norte*, João da Cruz. A comissão tinha como objetivo encontrar elementos que comprovassem a honorabilidade de João da Cruz, incluindo raras obras impressas que continham versos feitos a côvado em sua loja da rua do Sol, além de um drama sacro intitulado “*A Filha do Lavrador Sovino*”.

Considerando a falta de registros históricos que comprovem a existência de uma freguesia com o nome de Currupira no Maranhão, é possível que os articulistas da época estivessem fazendo uma ironia ao mencionar uma cidade fictícia. O texto ridiculariza a obsessão do João da Cruz em buscar histórias que, supostamente, não passavam de sua própria imaginação. Essa estratégia de ridicularização através da ironia era comum na imprensa do século XIX. No entanto, é importante notar que essa é apenas uma possibilidade de interpretação e que outras leituras podem ser feitas a partir da fonte histórica.

A publicação de um longo folhetim no *Diário de Notícias*, criticando os “podres artigos” dos irmãos Ivans no *Correio do Norte*, sugere que o clima entre os jornalistas das duas folhas estava bastante tenso. Além disso, as notas irônicas que preencheram a terceira página do jornal, com destaque para a patente de primeiro tenente, a “linhagem nobre” e os erros gramaticais de João da Cruz, mostram que as críticas contra ele se tornaram frequentes e agressivas novamente. Esses episódios deixam claro o clima hostil e o embate presente na imprensa da época.

No decorrer do ano de 1883, além da imagem do guariba sentado, que era estampada em alguns triolés, o jornal também veiculou outras representações visuais associadas a João da Cruz. Em 19 de junho, foi publicada a figura de um homem barrigudo e barbudo, enquanto no dia seguinte, um homem mascarado com uma lira na mão e uma espada na cintura foi impresso nos *Solicitados* do *Diário de Notícias*. Ambas as imagens compartilham características comuns presentes nos triolés que descreveram João da Cruz. Contudo, é crucial ressaltar que essas representações visuais possuem uma natureza carnavalesca e foram empregadas pelo jornal em outras ocasiões e em diferentes anos.

**FIGURA 11**  
Representações visuais associadas a João da Cruz



Diário de Notícias, nº 137 e 138, ano VI, Solicitados, 19 e 20 junho 1885, p.3 c.4 e p.3 c.2. Respectivamente.

Como já mencionado, a maioria dos triolés direcionados a João da Cruz apresentaram pseudônimos e, infelizmente, não foi possível descobrir a identidade dos autores por trás dessas assinaturas durante o tempo de uma dissertação. A única exceção foi “dr. Soka”, que na verdade era o baiano José Xavier Ferreira. Na tabela abaixo, é possível observar os pseudônimos usados nos triolés e outras notas. É importante destacar que algumas delas não apresentaram assinaturas.

**QUADRO 1**  
**Lista dos Triolets, Sonetos, Romance à Vapor, Fábulas, Adivinhações, Epigramas e os pseudônimos nos periódicos *Diário de Notícias* e *A Constituição***

Nome do Periódico: Diário de Notícias				
Data	Título	Sessão	Página/Coluna	Pseudônimo/Assinatura
26/11/1882	Bons Bocados	Folhetim	p.2	Filho do Borges
20/12/1882	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	J. Branco.
21/12/1882	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	Roza
22/12/1882	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	Godóes
23/12/1882	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	O garantido
24/12/1882	Triolet (1)	Solicitados	p.3 c.2/3	Jansem
24/12/1882	Triolet (2)	Solicitados	p.3 c.2/3	Borges pai
28/12/1882	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	A afilhada
29/12/1882	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	Beltrão
30/12/1882	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	Maria Joanna
31/12/1882	Triolet (1)	Solicitados	p.3 c.2	B. de Itaco. . . .
31/12/1882	Triolet (2)	Solicitados	p.3 c.2	Um de Alcantara
31/12/1882	Soneto	Solicitados	p.3 c.3	Um admirador
03/01/1883	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	Xandoca
04/01/1883	Triolet	Solicitados	p.2 c.6 / p.3 c.1	A mãe Maria
05/01/1883	Triolet	Solicitados	p.2 c.6 / p.3 c.1	Um policia
06/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	Um cliente
09/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	Rosa
10/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	Nogueira
11/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	(obs: sem assinatura)
12/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	Penante
12/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	Gaspar
13/01/1883	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	Um collega
13/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.2 c.6	Lucas
14/01/1883	Triolet (1)	Solicitados	p.3 c.1	A mana Guilhar mina
14/01/1883	Triolet (2)	Solicitados	p.3 c.1/c.2	Belem
14/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.2	P. Silvio
16/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	Xico risada
16/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.2	Florencio
17/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	cap. Xavier
17/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.2	João da Cruz
18/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	A caseira
18/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.2	[Engenhering]
19/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.2	Maria Rita
20/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	O filho do dito
20/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	Paiva
21/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	[Secundino]
21/01/1883	Outro (1) – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	O gallinheiro
21/01/1883	Outro (2) – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	O pai da infeliz
21/01/1883	Outro (3) – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	Milbourne
21/01/1883	Outro (4) – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	João H
23/01/1883	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	O filho do Borges
23/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.2 c.6	O chicote
24/01/1883	Triolet	Solicitados	p.2 c.6	Cornelio
24/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.2 c.6	S. Miguel
25/01/1883	Triolet	Solicitados	p.3 c.1	Hermes
25/01/1883	Outro – (Triolet)	Solicitados	p.3 c.1	José do Patrocinio

26/01/1883	Trioleto	Solicitados	p.2/3 c.1	Maria Maroca “a popular”
26/01/1883	Outro – (Trioleto)	Solicitados	p.2/3 c.1	Zeno
27/01/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.2	Juliano
27/01/1883	Outro – (Trioleto)	Solicitados	p.3 c.2	Lavigne
28/01/1883	Trioleto	Solicitados	p.2 c.6	Filho do Borges
28/01/1883	Outro (1) – (Trioleto)	Solicitados	p.2 c.6	Filho do Borges
28/01/1883	Outro (2)/Aviso – (Trioleto)	Solicitados	p.3 c.1	Filho do Borges
28/01/1883	Outro (3) – (Trioleto)	Solicitados	p.3 c.1	Muchinga
28/01/1883	Outro (4) – (Trioleto)	Solicitados	p.3 c.1	Aranjo
30/01/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	Borge Filho
30/01/1883	Romance à Vapor	Solicitados	p.3 c.1	Um conviva
31/01/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.2	Roza
31/01/1883	Nenia	Solicitados	p.3 c.3	(obs: sem assinatura)
01/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	Tapia
01/02/1883	Romance à Vapor	Solicitados	p.3 c.2	Um cearense
02/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	Cappelloni
02/02/1883	Trioleto (2)	Solicitados	p.3 c.1	Mestre Lisboa
04/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.2	O cosinheiro
06/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	Oreste
06/02/1883	A quaresma vae entrar	Solicitados	p.3 c.1	Borges Filho
08/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	França
08/02/1883	Trioleto (2)	Solicitados	p.3 c.1	Mala real
09/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.3	(obs: sem assinatura)
10/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.3	Zé piloto
11/02/1883	Fábula	Solicitados	p.3 c.1	Osorio
11/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.2	Trajano
11/02/1883	Outro – (Trioleto)	Solicitados	p.3 c.2	Padre Gavião
13/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	Prata piloto
14/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.3	Damasceno
15/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.4	Cavalcanti
15/02/1883	Trioleto (2)	Solicitados	p.3 c.4	Aureliano
15/02/1883	Trioleto (3)	Solicitados	p.3 c.4	Borges Filho
17/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.2	Pereirinha
18/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3 c.1	Buarque
18/02/1883	Trioleto (2)	Solicitados	p.3 c.1	Queixada de ferro
18/02/1883	Trioleto (2)	Solicitados	p.3 c.1	Queixada de ferro
20/02/1883	Trioleto (começa a imagem)	Solicitados	p.3/c.1	Roberto
20/02/1883	Trioleto (2)	Solicitados	p.3/c.1	D. Arsenia
20/02/1883	Trioleto (3)	Solicitados	p.3/c.1	O filho do Borges
21/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3/c.4	Janoca
22/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3/c.1	Raymunda
23/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3/c.1	O anel do Garantido
24/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.2/c.6	Mãe Maria
25/02/1883	Trioleto (O parto do burro)	Solicitados	p.3/c.1	O Rosa
27/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3/c.3	Itaparica.
27/02/1883	ADVINHAÇÃO	Solicitados	p.3/c.3	(obs: sem assinatura)
28/02/1883	Trioleto	Solicitados	p.3/c.2	Teixeira
01/03/1883	Trioleto/ADVINHAÇÃO	Solicitados	p.3/c.3	Manta
02/03/1883	Trioleto/ADVINHAÇÃO	Solicitados	p.3/c.2	Callejão
02/03/1883	Epigrama	Solicitados	p.3/c.3	O alferes vacca-mestra
02/03/1883	Trioleto	Solicitados	p.3/c.3	Pedro Achado
03/03/1883	Trioleto (O parto do burro 2)	Solicitados	p.3/c.2/3	Sem assinatura (continua)
04/03/1883	Trioleto (O parto do burro 3)	Solicitados	p.3/c.3	Calunga

04/03/1883	Nota: fim dos triolts	Solicitados	p.3/c.3	Borges Filho
06/03/1883	Triolet	Solicitados	p.3/c.2	Joaquina Tatú
06/03/1883	ADVINHAÇÃO	Solicitados	p.3/c.2	(obs: sem assinatura)
07/03/1883	Triolet	Solicitados	p.2/c.6 – p.3/c.1	O mestre Nicoláo
07/03/1883	ADVINHAÇÃO	Solicitados	p.2/c.6 – p.3/c.1	(obs: sem assinatura)
07/03/1883	Escovação do Cruz	Solicitados	p.3/c.1	A ceará da estrada da Independencia
08/03/1883	Triolet	Solicitados	p.3/c.1	(obs: sem assinatura) – suspende os triolts.
10/06/1885	Burridades e asneiras	Solicitados	p.3 c.4	Sôr tenente!
20/06/1885	Quadras do João da Cr	Solicitados	p.3 c.2	Ivan & Cia
20/06/1885	Seringadeias	Solicitados	p.3 c.2	João da †
20/06/1885	Artigo de fundo	Solicitados	p. 3 c. 3	O. Lima & Cia
21/06/1885	Ao 1º tenente João da Cruz	Solicitados	p. 3 c. 3	Ivan & Cia
21/06/1885	Commissão litteraria	Solicitados	p. 3 c. 3	(obs: sem assinatura)
21/06/1885	Seringadeias	Solicitados	p. 3 c. 4	(obs: sem assinatura)
21/06/1885	Ao publico sençato	Solicitados	p. 3 c. 4	João da †
24/06/1885	O Lavrador Sovino (parte)	Solicitados	p.3/c.2 a 4	Publicação do jornal
24/06/1885	Descarga cerrada!	Solicitados	p.3/c. 4	(obs: sem assinatura)
24/06/1885	Triolet	Solicitados	p.3/c. 4	Maille, Ivan & Cia.
24/06/1885	Sr. Redator	Solicitados	p.3/c. 4	Til
24/06/1885	Dicionario Bestialogico	Solicitados	p.3/c. 4 a 5	Chimpazé!

Nome do Periódico: A Constituição (Ano XI)				
Data	Título	Sessão	Página/Coluna	Pseudônimo/Assinatura
07/05/1884	Triolets	Solicitados	p.2/c.3	A Filha do lavrador sovina

\*Estão excluídos dessa lista de pseudônimos notícias e alguns folhetins que falaram sobre o João da Cruz.

A partir do mês de agosto de 1885, João da Cruz colocou à venda a tipografia do *Correio do Norte*, que possuía material novo e acessórios próprios para trabalhos de encadernação.<sup>193</sup> A tipografia foi adquirida pelos republicanos, que fundaram o jornal *A República*. Nesse mesmo ano, João Francisco da Cruz assumiu o cargo de editor-chefe do jornal *A Colonia Portuguesa*, que recebeu muitos elogios da imprensa em geral, mesmo por aqueles que haviam perseguido e atormentado João da Cruz anteriormente.

Em seu segundo número, o periódico fez uma enfática declaração ao movimento abolicionista no Pará por meio de um extenso editorial, apresentando os princípios morais e a liberdade de pensamento que o orientavam.

Vimos hoje apresentar nossos leitores a feição mais característica dos sentimentos que nos animam, desenrolando diante de seus olhos a parte mais luminosa da nossa bandeira.

Educados no são principios da moral e da liberdade de pensamento, deviamos necessariamente sentir pulsar no peito esse entusiasmo ardente pelas grandes idéas, – entusiasmo que synthetisa a sublimidade da alma e depõe eloquentemente em pról

<sup>193</sup> Podemos encontrar tais anúncios no *O Liberal do Pará, Diário de Belém*, entre outros e, muito provavelmente, no *Correio do Norte*.

da possibilidade da regeneração do coração humano pela pratica das virtudes, dos bons costumes, da philantropia.

Parece que debaixo do lindo firmamento azul que cobre as gigantes florestas da Amazonia,– este sublime El-Dorado,– o homem sente dentro de si com impulso poderosissimo de uma força occulta que o impelle a acalentar as mais santas e louvaveis idéas. Dir-se-hia que, creando tudo sublimemente grande n’esta admiravel zona equatorial, a Providencia não quiz que seus povoadores deixassem-se ficar na inercia, perante os innumerados exemplos de grandeza que lhes dava a natureza. Por isso, creou corações susceptiveis dos maiores empreendimentos, e deu-lhes a força necessaria para o pôrem em execução, arcando contra qualquer obstaculo que sobrevenha.

E assim que venha as provincias do norte do grande Imperio agitem-se raivosa contra tyrannia da escravidão, pressurosamente sollicitas quebrarem com braço firme as cadeiras que atavam no cepo os pulsos os infelizes escravos!

Escravos! Palavra maldita, que fére os labios de quem as pronuncia, repercutindo lugubrememente no cerebro com o écho longinquo de algum anathema terrivelmente fatidico! Escravo! Sarcasmo pungente, que define a lucta retrograda do homem contra homem, da intelligencia contra a intelligencia, forte contra o fraco,– luta esteril de bons fructos, mas exuberante de fructos preciosos e envenenados!

A *Colonia Portugueza* confessa-se abolicionista de coração, não possuida d’essas idéas chimericas de phantasias irrealisaveis, mas animada de um desejo, de uma convicção da urgência palpitante de se extinguir o trabalho do braço escravo. Em frente dos nobres sentimentos que alimentam os seus dignos e respeitaveis colegas da imprensa paraense, outras opiniões não poderemos ter, porque o exemplo, quando bom, é o melhor bem com que se póde notar a sociedade.

Por essas causas, bem alto nos declaramos abolicionistas e sentimo-nos animados e dispostos para a luta em pról dos infelizes escravos.

“O homem actual,– disse a *Revista Contemporânea*, do Ceará, quando redigida por Marques de Carvalho e Mucio Javrot,– deve sujeitar-se á lei das evoluções modernas, deve procurar ser como a época em que vive.”

Nada nos deterá. Abriremos guerra aos escravocratas, e contribuiremos, posto que modestamente, com o nosso pequeno contingente para os alicerces d’esse esplêndido edificio que se começa de construir, e que se chamará – A LIBERDADE PLENA DO GRANDE IMPÉRIO DO CRUZEIRO.<sup>194</sup>

A escravidão é retratada como uma opressão cruel, contra a qual as regiões do norte do país estão se revoltando vigorosamente. O termo “escravo” é enfatizado como algo repulsivo, evocando uma imagem sombria e triste. O jornal assumiu-se abolicionista de coração, expressando a urgência de abolir o trabalho escravo. João Francisco da Cruz, como editor-chefe do jornal e sendo ele mesmo negro, personifica essa luta. Sua visão sobre a escravidão no Brasil é clara: é uma injustiça que deve ser abolida. E para acabar com a escravidão no país, segundo o editorial, é necessário abrir guerra aos escravocratas e contribuir para a construção de um futuro baseado na plena liberdade. Ele desempenhou suas funções no jornal até sua morte em abril de 1887, aparentemente sem qualquer crítica à sua atuação na *Colonia*.

<sup>194</sup> A *Colonia Portugueza*, nº 2, Ano I, Editorial, 13 set 1885, p.1.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, examinamos a complexa trajetória de João Francisco da Cruz, um poeta e jornalista negro que, entre 1874 e 1887, enfrentou e desafiou as barreiras raciais e sociais em Belém do Pará. O jornal abolicionista *Diário de Notícias* publicou, entre 1882 e 1885, uma série de *Triolets* que frequentemente o atacavam com termos pejorativos como “macaco”, “guariba”, “cuatá” (macaco-aranha), “tição”, “rei do breu”, “burra raça” e outros, refletindo o racismo da época. Filho de uma escravizada, nascido livre e migrado do Maranhão, João Francisco da Cruz era alfabetizado e instruído, e escreveu obras literárias compostas por poemas, peças teatrais, sonetos e versos satíricos. Ele exerceu diversas funções públicas e políticas, sendo funcionário público, membro do Partido Liberal, alferes e tenente da Guarda Nacional, além de possuir conhecimento jurídico como solicitador. Sua atuação como proprietário do jornal *Correio do Norte* e editor-chefe de *A Colônia Portuguesa* destacou seu papel como abolicionista e intelectual engajado. Freqüentador assíduo do Teatro da Paz, bares, cortiços e rodas de samba, ele possuía propriedades e bens. Contudo, apesar de seus méritos, enfrentou constante discriminação racial.

A reconstrução da trajetória de João Francisco da Cruz envolveu uma abordagem metodológica intrincada, que se beneficiou significativamente dos avanços tecnológicos em ferramentas de busca em bibliotecas digitais. Embora os primeiros contatos com os *triolet*s tenham ocorrido ainda na década de 1990, através de microfímes, foi com o aperfeiçoamento dessas tecnologias que se tornou possível montar um quadro mais detalhado de sua vida e obra. A pesquisa digital em jornais, embora facilitadora, não substituiu a tarefa crítica do historiador. Por exemplo, uma busca por “triolet” no jornal *Diário de Notícias* revelou apenas 18 ocorrências – um número apenas ligeiramente superior ao obtido em 1997, sem essas ferramentas. No entanto, a pesquisa manual permitiu identificar 102 *triolet*s, além de outros gêneros literários, como romances à vapor, epigramas, sonetos, poematos, adivinhações e fábulas, todos relacionados a João Francisco da Cruz. A partir dessas descobertas, outras notícias relevantes foram encontradas, muitas vezes a partir de pequenas notas que conduziam a informações mais substanciais em outros periódicos do Pará, Maranhão, Nordeste e até Rio de Janeiro. Este trabalho exigiu não apenas a utilização de recursos digitais, mas também uma análise crítica e contextualizada para interpretar adequadamente as fontes e recompor a trajetória de João Francisco da Cruz.

A metodologia empregada nesta dissertação para traçar a trajetória de João da Cruz abordou cuidadosamente os desafios do anacronismo e do estruturalismo. Evitar anacronismos

era fundamental para não atribuir significados inadequados aos sujeitos históricos, enquanto um enfoque estruturalista excessivo poderia limitar a compreensão do contexto cultural e social dos objetos de estudo. Para equilibrar essas abordagens, a pesquisa combinou uma análise crítica das fontes com uma sensibilidade ao contexto histórico específico. A utilização de fontes cartoriais, como testamentos, e periódicas, incluindo jornais digitalizados, permitiu a reconstrução de uma narrativa detalhada e contextualizada da vida de João Francisco da Cruz. Integrando essas fontes diversas, a pesquisa buscou não apenas relatar eventos, mas também compreender as dinâmicas sociais e culturais que moldaram a experiência de João Francisco da Cruz, apresentando uma perspectiva inexplorada de sua trajetória.

A pesquisa sobre João Francisco da Cruz também pode ser percebida como um estudo inserido no campo da Micro-História<sup>195</sup> ao adotar uma abordagem focada na trajetória de um indivíduo negro livre em Belém do Pará, entre 1875 e 1887. Utilizando fontes cartoriais e periódicas, esta investigação destaca suas experiências e desafios no contexto do racismo e das dinâmicas sociais da época. Inspirado no estudo de caso de Ginzburg em “Os Queijos e os Vermes”, que revela crenças populares e tensões culturais por meio da história de Menocchio, esta pesquisa explora as interações entre raça, classe e poder no Brasil do século XIX. Além de beneficiar-se dos métodos da Micro-História, contribui para a compreensão das experiências dos negros livres e das dinâmicas raciais no Brasil, elucidando as nuances do racismo e da resistência abolicionista através da análise detalhada da vida de João Francisco da Cruz e de sua representação nos jornais abolicionistas.

A investigação sobre a vida de João Francisco da Cruz também se insere no debate sobre a biografia como um desafio historiográfico, conforme argumentado por Maria da Glória de Oliveira em sua obra “Escrever Vidas, Narrar a História: A Biografia como Problema Historiográfico no Brasil Oitocentista”. Oliveira enfatiza o potencial da biografia para mostrar nuances da sociedade e cultura do século XIX, ao mergulhar na vida de figuras como João da Cruz, oferecendo uma visão aprofundada das dinâmicas raciais, sociais e políticas da época. Essa abordagem permite uma análise detalhada das experiências individuais em diálogo com o

---

<sup>195</sup> A Micro-História se dedica à análise detalhada e aprofundada de pequenos eventos ou indivíduos para iluminar aspectos mais amplos da sociedade e da cultura. Essa prática historiográfica valoriza a minúcia e o contexto local, enfatizando a importância de estudar experiências individuais e cotidianas para evidenciar estruturas sociais e culturais mais amplas. Carlos Ginzburg, em seu influente trabalho “Os Queijos e os Vermes”, exemplifica perfeitamente essa abordagem. Ginzburg foca na vida de Menocchio, um moleiro italiano do século XVI, para explorar as crenças e o pensamento popular da época. Através de uma análise detalhada dos depoimentos de Menocchio durante seu julgamento pela Inquisição, Ginzburg revela as complexas interações entre cultura popular e cultura erudita, demonstrando como as ideias e a vida cotidiana de um indivíduo comum podem fornecer uma compreensão significativa sobre o contexto histórico e cultural mais amplo. Cf. GINZBURG, Carlo. *Os Queijos e os Vermes: O Cosmos de um Moleiro do Século XVI*. Traduzido por John Tedeschi e Anne Tedeschi. Edição revisada. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013.

contexto histórico mais amplo, destacando a relevância da biografia na historiografia. Ao reconstruir a trajetória de João Francisco da Cruz, este estudo enriquece nossa compreensão das complexas relações entre o indivíduo e a sociedade, sublinhando o papel fundamental das narrativas biográficas na historiografia do Brasil oitocentista.

Ao longo desta dissertação, a análise dos triolés revelou a complexidade e a riqueza da vida desse indivíduo, destacando sua luta incessante por reconhecimento e cidadania em um contexto marcado por preconceito e exclusão. A história de João Francisco da Cruz não é apenas um relato de perseverança pessoal, mas também uma representação da resistência coletiva dos afrodescendentes que, mesmo diante de inúmeras adversidades, conseguiram se destacar em diversas áreas e conquistar espaços de poder e prestígio. Este estudo buscou trazer à tona as estratégias de resistência e superação adotadas por esses indivíduos, ressaltando a importância de suas contribuições para a sociedade brasileira. Assim, exploramos a complexa dinâmica enfrentada por sujeitos negros livres, intelectuais e abolicionistas no Brasil do século XIX, marcado por persistente discriminação racial e a presença contínua da escravidão.

Durante a realização desta dissertação, enfrentamos desafios consideráveis na busca pelos registros de nascimento e casamento de João Francisco da Cruz. Essa lacuna persistiu mesmo após exaustivas pesquisas em jornais, tanto nas seções de anúncios de nascimentos e matrimônios quanto em volumes digitalizados de Batismos e Casamentos disponíveis online no Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL, MA). Esses esforços abrangeram o período de 1842 a 1843, associado ao seu nascimento, e a década de 1860, que acreditamos ser o período do seu casamento, considerando o surgimento de seu primogênito no final de 1863. Vale ressaltar que estas buscas focaram nas localidades da Vila do Paço do Lumiar e São Luís, locais que, ao que indicam os registros históricos, desempenharam papéis significativos ao longo da trajetória de João da Cruz no Maranhão.

No contexto do nascimento de João da Cruz, na década de 1840, é notório que a população maranhense era predominantemente composta por indivíduos negros, englobando mestiços, libertos, livres e escravizados. Segundo Mariléia Cruz (2011), as famílias de origem africana no Maranhão do século XIX apresentavam uma estrutura familiar complexa, onde os laços de parentesco e a repetição de nomes entre gerações eram práticas comuns e de grande importância cultural. Outro aspecto que chama atenção é que o sujeito dessa dissertação possui prenome e sobrenome coincidente com os genitores e parentes próximos, padrão comum entre os filhos de uniões legítimas, ressaltando-se a repetição do sobrenome paterno. Este fenômeno, conforme analisado por Mariléia dos Santos Cruz, reforça a identidade e a herança familiar, evidenciando a persistência de práticas culturais africanas mesmo em um ambiente de severa

discriminação racial e social. Assim, a escolha dos nomes em tais famílias não era apenas uma convenção social, mas também uma forma de resistência e preservação de laços culturais e familiares, revelando a resiliência e a adaptabilidade das comunidades afrodescendentes no Maranhão do século XIX.<sup>196</sup>

Ao investigar as fontes periódicas e cartoriais disponíveis, surgem diversas facetas da vida de João da Cruz, desde sua atuação como comerciante e membro da Guarda Nacional até seu envolvimento no sistema jurídico como solicitador. A análise de seu testamento e das notícias que o mencionam em jornais do Maranhão, Pará, Nordeste e até na Corte, revela não apenas sua habilidade profissional, mas também os embates políticos e as tensões sociais da época. Esses registros destacam a complexidade de sua vida, evidenciando tanto sua resiliência quanto a maneira como lidava com as estruturas sociais e jurídicas para afirmar sua presença e importância. João Francisco da Cruz não foi apenas um participante passivo, mas um agente ativo que enfrentou e desafiou as normas discriminatórias, deixando um legado que contribui para a compreensão das estratégias de resistência e adaptação dos afrodescendentes no Brasil oitocentista.

A prática de legar bens por meio de testamento, comum entre os proprietários da época, adquire uma dimensão particular no caso de João Francisco da Cruz, um homem negro livre. Similarmente aos demais cidadãos com certa renda, ele possuía propriedades, conforme evidenciado em seu testamento. Este documento não apenas atesta sua integração na sociedade da época, mas também assegura que seus herdeiros usufruíssem dos mesmos benefícios. Além disso, o testamento evidencia a observância dos padrões familiares estabelecidos. João Francisco da Cruz era esposo de Maria José da Silva Cruz e pai de três filhos legítimos, dois dos quais seguiram os passos dos pais ao contrair matrimônio. Dessa forma, ele reproduzia o padrão familiar típico dos grupos brancos abastados da época, refletindo uma dinâmica social em que o acesso e a manutenção de certos privilégios eram preservados mesmo entre indivíduos de origem afrodescendente.

O testamento de João da Cruz emerge como uma fonte rica para a compreensão de sua cidadania e conexões sociais, proporcionando uma análise detalhada de seu status e papel na

---

<sup>196</sup> Mariléia dos Santos Cruz ressalta a disparidade na composição de nomes entre filhos naturais e legítimos, observada nos registros de casamento analisados por ela no Maranhão do século XIX. Filhos naturais frequentemente têm apenas um nome, combinação de prenomes sem sobrenome ou sem correspondência entre sobrenomes maternos. Em contraste, filhos legítimos têm prenomes e sobrenomes coincidentes com os dos pais. A autora ainda destaca a necessidade de estudos para entender os critérios na atribuição de sobrenomes a escravizados e seus descendentes no Brasil, indicando diferenças em relação às práticas de famílias de origem europeia. Cf: CRUZ, Mariléia dos Santos. Famílias e alunos de origem africana no Maranhão do século XIX. Cadernos de Pesquisa, v.41. n°144, set./dez. 2011, p.939.

sociedade da época. A referência às propriedades e bens revela não apenas sua condição financeira, mas também sugere sua participação ativa no mercado imobiliário. Ao mencionar a posse de quatro terrenos em nome de seus filhos, João da Cruz se posiciona como um proprietário de bens e imóveis, denotando seu status econômico. Essa posse de propriedades indica não apenas sua capacidade de acumular riqueza, mas também a intenção de garantir um futuro mais estável para sua família, refletindo uma preocupação com o bem-estar e o legado familiar.

A conexão estabelecida com o médico liberal Pedro Leite Chermont e a hipoteca de um terreno ao advogado e vereador liberal Felipe José de Lima revela uma possível colaboração ou parceria estratégica, apontando para uma rede de contatos influentes. Esse relacionamento contribuiria significativamente para seu reconhecimento social. A menção aos negócios com diversas personalidades e empresas, como o engenheiro e empreiteiro Antonio Homem Loureiro Siqueira, Silva Santos & Cia., Tavares Cardoso & Cia. e Tavares de Amorim & Cia., destaca a participação ativa de João da Cruz no cenário empresarial. Além disso, a declaração de posse de documentos e créditos de várias pessoas realça sua reputação como intermediário confiável e competente em assuntos financeiros e legais, consolidando sua posição como um cidadão respeitado e influente na sociedade.

O testamento de João da Cruz possibilitou o estudo das suas relações familiares e revela não apenas os detalhes da vida de seus filhos, mas também proporcionou uma análise mais aprofundada sobre a dinâmica familiar e os desafios enfrentados por eles ao longo do tempo. A trajetória de Antonio da Silva Cruz, o filho mais velho, evidencia não apenas uma jornada acadêmica brilhante como médico, mas também sua notável carreira militar, alcançando a patente de Major-Médico, permeada por cargos de destaque e reconhecimento por seu mérito profissional. Seu falecimento repentino em 1914, enquanto dirigia o Sanatório Militar de Lavrinhas, em São Paulo, marcou o fim de uma vida de realizações.

A vida de Pedro Nolasco da Silva Cruz, por sua vez, é marcada por desafios diferentes, refletidos em sua breve trajetória como professor municipal interino e suas responsabilidades no Registro Civil de São Luís. Sua morte precoce, aos 27 anos, encerra uma história repleta de potencial não totalmente realizado, mas revela também sua contribuição para a sociedade maranhense em seu curto período de vida. Já Etelvina da Silva Cruz emerge como um elo fundamental entre as gerações, destacando-se não apenas por seu papel como mãe e esposa, mas também por sua presença constante nos registros familiares, demonstrando uma forte conexão com sua família mesmo diante das adversidades.

Ao analisar as relações familiares de João da Cruz, torna-se evidente a importância de

explorar não apenas a vida do protagonista central, mas também o contexto social e histórico no qual sua família estava inserida. Através de uma cuidadosa investigação nos jornais da época, foi possível reconstruir parte da árvore genealógica da família, revelando conexões e detalhes que enriquecem nossa compreensão da vida de João da Cruz. No entanto, as lacunas deixadas pela ausência de fontes específicas, como correspondências pessoais ou diários, destacam a necessidade contínua de pesquisa e investigação para ampliar nosso entendimento sobre as complexas teias familiares que moldaram a história de João da Cruz e de seus descendentes.

A análise crítica dos poemas e das notas publicadas que estereotiparam João da Cruz na imprensa paraense do final do século XIX permite entender as complexas dinâmicas sociais e culturais desse período histórico. Através de uma abordagem detalhada, é possível perceber como essas publicações moldaram e refletiram as percepções sociais da época. Esses textos, longe de serem simples produções literárias ou jornalísticas, desempenharam um papel crucial na construção e manutenção de estereótipos raciais que afetaram profundamente a vida dos indivíduos retratados, como João da Cruz, e a percepção coletiva sobre a população negra.

Parte da imprensa paraense não apenas perpetuou imagens negativas de João da Cruz, mas também contribuiu para a construção de uma visão estigmatizada da população negra em geral. Através dos jornais, ideias racistas e discriminatórias encontraram um canal poderoso de divulgação, influenciando o imaginário coletivo. Esses estereótipos eram reforçados por meio de uma linguagem carregada de preconceitos e pela escolha de temas que ridicularizavam e desumanizavam os indivíduos retratados. A maneira como essas narrativas eram construídas revela muito sobre as tensões raciais e sociais da época.

Os poemas satíricos, particularmente os *Triplets*, desempenharam um papel central nesse processo de estigmatização. Publicados frequentemente na seção *Solicitados* dos jornais, esses textos exploravam temas como raça, política, morte e carnaval, refletindo as tensões sociais e os conflitos da época. A análise desses poemas revela as estratégias utilizadas para ridicularizar e desumanizar João da Cruz, transformando-o em um símbolo dos preconceitos sociais. A escolha dos triolés, com sua estrutura repetitiva e rítmica, facilitava a memorização e a disseminação dessas ideias preconceituosas, tornando-as ainda mais perniciosas.

No contexto específico do jornal *Diário de Notícias*, esses poemas satíricos, situados entre o humor e o insulto, constituíram uma saga, marcada por ataques e defesas, que se estendeu ao longo do tempo, refletindo os debates acalorados em torno do abolicionismo e da cultura negra africana. Embora tenham sido suspensos em março de 1883, os triolés reapareceram posteriormente em outras ocasiões, indicando a persistência desse tipo de

representação e discussão na imprensa paraense.

A exploração dos triolés como forma literária e ferramenta de opressão destaca a importância de analisar não apenas o conteúdo, mas também a estética e a técnica desses textos. A estrutura repetitiva e ritmada dos triolés contribuía para a memorização e disseminação das ideias preconceituosas, tornando-os um veículo eficaz de propaganda racial. Além disso, a natureza breve e concisa dos triolés permitia uma rápida assimilação das ideias neles contidas, potencializando seu impacto social e cultural. A estética dos triolés, com sua musicalidade e ritmo, contrastava com o conteúdo violento e opressor, criando uma dissonância que aumentava a eficácia da mensagem preconceituosa.

Além dos triolés, outras formas literárias como epigramas, sonetos, poemets e romances curtos também foram utilizadas para atacar João da Cruz. Essas diversas abordagens literárias mostram como a imprensa explorava múltiplos gêneros para perpetuar estereótipos, adaptando suas estratégias de acordo com o público e o contexto. A análise desses diferentes gêneros literários revela como cada um deles contribuía de maneira única para a construção e disseminação de estereótipos raciais. Os *Epigramas* e as *Adivinhações*, por exemplo, com seu caráter breve e afiado, eram ideais para veicular críticas rápidas e mordazes, enquanto os *Sonetos*, com sua estrutura mais elaborada, permitiam uma exploração mais profunda e complexa das ideias preconceituosas.

Ao explorar a utilização desses diferentes gêneros literários, fica evidente que a imprensa paraense possuía uma estratégia bem definida para perpetuar estereótipos raciais. Cada gênero tinha sua função específica e seu público-alvo, permitindo que as ideias preconceituosas alcançassem uma ampla gama de leitores. Essa diversidade de abordagens literárias revela uma sofisticação na maneira como a mídia manipulava a opinião pública e perpetuava as desigualdades raciais. A escolha de publicar esses textos em jornais, um meio de comunicação de massa, amplificava ainda mais seu alcance e impacto, moldando as percepções sociais de uma forma profunda e duradoura.

A análise detalhada dos triolés e de outras formas literárias utilizadas para estigmatizar João da Cruz revela também a complexidade das relações raciais e sociais no Pará do século XIX. Esses textos literários não eram apenas reflexos passivos da sociedade, mas também agentes ativos na construção das percepções sociais sobre a população negra. A escolha de temas, a linguagem utilizada e a forma como as narrativas eram construídas demonstram uma intenção clara de reforçar estereótipos e justificar a marginalização social dos negros. Essa análise permite entender melhor as dinâmicas de poder e as relações de opressão que moldaram a sociedade paraense nesse período.

O estudo dos triolés direcionados a João da Cruz destaca como a questão racial foi central na construção e disseminação de estereótipos negativos. A frequente associação de João da Cruz com macacos e burros, expressa através de termos como “guariba”, “Simão”, “cuatá”, “burra raça” e “jumento” nos triolés, revela uma tentativa sistemática de desumanizá-lo e ridicularizá-lo. Publicados durante um período de ascensão das teorias raciais, tanto evolucionistas quanto criacionistas, esses triolés refletiam e fortaleciam preconceitos enraizados. A influência de figuras como Louis Agassiz, que comparava negros a macacos em suas palestras, e a disseminação dessas ideias na imprensa, ilustram como a literatura e o jornalismo se tornaram instrumentos poderosos na manutenção das hierarquias raciais. A representação de João da Cruz como “rei de breu” ou “macaco” não apenas questionava sua ascensão social, mas também buscava reafirmar seu lugar subalterno na sociedade.

A análise dos triolés e dos contextos em que foram publicados, incluindo referências como “Dr. Bode” e a suposta nobreza africana de João da Cruz, revelam a profunda presença do racismo na sociedade paraense do século XIX. A sátira, ao desqualificá-lo com ênfase em sua cor e origem, evidencia a colaboração da imprensa na perpetuação de estereótipos raciais. O uso de imagens, como a figura do guariba nos triolés, apesar de raro devido às limitações tecnológicas da época, reforçava visualmente essas mensagens racistas. Apesar de seu sucesso financeiro e social, João da Cruz não conseguiu escapar do estigma racial imposto pela sociedade branca. Termos pejorativos como “alferes tismado”, “beijo caído” e “filho d’Angola” não apenas buscavam desqualificá-lo como indivíduo, mas também reafirmavam a suposta inferioridade racial dos negros, em um período marcado pela força crescente das teorias raciais. Esses triolés reforçavam os preconceitos arraigados, revelando a resistência da sociedade branca à ascensão social dos negros e mestiços.

A disputa satírica entre João da Cruz e José Xavier Ferreira, o dr. Soka, revela a complexidade das relações sociais e raciais daquele contexto. João da Cruz, ao utilizar a mesma retórica depreciativa contra um homem branco, inverteu momentaneamente os papéis, destacando o caráter arbitrário das ofensas raciais. No entanto, a virulência e a quantidade de triolés dirigidos contra ele, em comparação com seus oponentes, deixam claro que João da Cruz era o alvo principal devido à sua ascendência africana. A inserção de triolés assinados por membros de sua rede de apoio demonstra que João da Cruz não estava sozinho em sua luta, mas contava com aliados que também usavam a sátira como arma. Esses confrontos literários são emblemáticos de uma época em que a imprensa não apenas refletia, mas ativamente moldava as percepções raciais, mostrando que a luta contra o racismo era travada também nas páginas dos jornais.

A análise dos “*romances à vapor*” publicados sobre João da Cruz revela não apenas a profundidade do preconceito racial, mas também o medo latente da miscigenação e da perda de controle social por parte da elite branca. Mesmo sendo um homem de sucesso e influência, João da Cruz não escapou das constantes tentativas de desqualificação por meio de insultos raciais e ataques pessoais. Os versos satíricos publicados nos jornais conservadores reforçavam a ideia de que negros eram inferiores e não mereciam ascender socialmente. Acusações e insultos, como “macaco João Francisco d’Angola” e “cupidinho de carvão”, buscavam relegar João da Cruz ao lugar social considerado adequado pela elite branca da época: o cortiço e a cozinha.

Por outro lado, João da Cruz reagiu às investidas racistas, demonstrando que a resistência dos afrodescendentes estava presente em diversas esferas, inclusive no jornalismo e na literatura satírica. Ao integrar uma rede de apoio composta por liberais e figuras influentes, e ao publicar suas respostas, Cruz desafiou os limites impostos pelo racismo da época. Esse cenário revela que, apesar das barreiras, os afrodescendentes encontraram maneiras de se inserir nos espaços de poder e influência, criando uma intelectualidade negra que, embora marginalizada, conseguiu se afirmar e lutar por seus direitos.

Os temas recorrentes nos triolés e nas notícias sobre João da Cruz refletem não apenas as disputas políticas e partidárias da época, mas também aspectos culturais e sociais que permeavam a sociedade paraense do século XIX. A presença constante de críticas políticas nos versos satíricos evidencia a polarização ideológica entre os partidos Liberal e Conservador, com João da Cruz sendo alvo frequente de ataques por sua filiação e atividade política. Além disso, a temática da morte, seja na notícia de seu falecimento ou nos triolés que brincavam com sua suposta partida, revela como a vida e a reputação dos indivíduos estavam intrinsecamente ligadas à esfera pública e política, onde as disputas muitas vezes extrapolavam os limites do debate racional e adentravam o campo da difamação e ridicularização.

Os triolés sobre o carnaval destacam-se como um elemento de afirmação da identidade afro-brasileira, representado pela figura de João da Cruz, que, ao vestir-se como um rei de Angola, desafiava as convenções sociais e raciais da época. Sua postura de enfrentar estereótipos e assumir uma identidade negra orgulhosa e poderosa nas ruas de Belém revela a complexidade das relações raciais e culturais no Brasil imperial. Ao desfilar como um rei negro, João da Cruz não apenas contestava as normas sociais vigentes, mas também reivindicava seu lugar de pertencimento e protagonismo na sociedade paraense, mesmo diante das constantes tentativas de marginalização e difamação por parte dos setores conservadores.

A figura de João da Cruz foi frequentemente retratada de maneira caricatural e resignada, alinhando-se ao arquétipo do “Pae João”. Essa representação não apenas

subestimava suas capacidades e contribuições, mas também reforçava uma visão simplista e depreciativa das pessoas negras. Os folcloristas brasileiros, influenciados pela figura icônica de Uncle Thomas em “A Cabana do Pai Tomás”, criaram um modelo de resistência passiva para o negro mártir. Arthur Ramos<sup>197</sup> nomeou as canções sobre o “negro velho” das fazendas como “folclore do Pai João”, consagrando a figura de um negro resignado e submisso. No entanto, uma análise mais profunda proposta por Martha Abreu revela nuances de resistência e inteligência nesses relatos, sugerindo uma forma de “vingança do negro”. Os *trioletes*, como expressões literárias de seu tempo, refletem não apenas uma visão distorcida de João da Cruz, mas também as inseguranças e temores daqueles que os produziram. A recorrência de termos pejorativos como “pae faca”, “pae ticó”, “pae traçalho” e “pae Zoa”, revela não apenas a tentativa de desqualificação, mas também o incômodo causado por João da Cruz à elite branca, evidenciando seu protagonismo e impacto nos jornais de Belém.

A participação de João da Cruz em eventos relevantes da época, como conferências científicas e encontros abolicionistas, denota seu comprometimento com as questões sociais e políticas em que vivia, enriquecendo assim a construção de uma memória histórica que transcende sua figura individual e se estende à história social e cultural do Pará do século XIX. Sua atuação como jornalista e intelectual controverso alimentou debates e diálogos na imprensa local de sua época, instigando-nos a ponderar sobre o papel dos indivíduos na formação do conhecimento e na transformação da sociedade. Nesse sentido, João da Cruz se revela como uma figura complexa e multifacetada, cujo legado ultrapassa as polêmicas e controvérsias de seu tempo, influenciando o panorama cultural e político de sua era.

A nomeação de João da Cruz como primeiro tenente da Guarda Nacional em 1885 desencadeou uma série de ataques satíricos e críticas depreciativas, associando a patente à ideia de nobreza e ridicularizando tanto sua pessoa quanto sua escrita. O uso de pseudônimos e representações visuais caricatas acentuou a natureza carnavalesca desses embates, refletindo um ambiente hostil e agressivo na imprensa da época. Além das críticas diretas a João da Cruz, a inclusão de figuras como os irmãos Ivans, Antonio José da Costa, Carvalho Vianna e Custódio de Oliveira Lima na narrativa jornalística adicionou complexidade ao panorama. A proximidade desses jornalistas com João da Cruz suscitou reações adversas de outros veículos, resultando em ataques e ironias que evidenciavam as divergências e animosidades presentes no meio jornalístico paraense. O uso frequente de pseudônimos e a veiculação de notas satíricas foram estratégias habituais para desqualificar e ridicularizar tanto João da Cruz quanto seus

---

<sup>197</sup> RAMOS, Arthur. *O Folclore do Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1935.

aliados, demonstrando uma dinâmica de disputa e confronto na esfera midiática da época.

À luz das investigações realizadas sobre as intrincadas relações na imprensa de Belém no final do século XIX, torna-se evidente que os embates jornalísticos entre diferentes periódicos e seus protagonistas não se limitavam apenas a disputas ideológicas e políticas, mas também refletiam dinâmicas sociais e culturais mais amplas da época. A figura central de João da Cruz, suas alianças e rivalidades com outros jornalistas destacam-se como elementos fundamentais para compreendermos não apenas os bastidores da imprensa paraense daquele período, mas também as tensões e conflitos que permeavam a sociedade local. As estratégias discursivas, como o uso de pseudônimos e a veiculação de notas satíricas, revelam não apenas as disputas pelo controle narrativo, mas também as estratégias de deslegitimação e desqualificação do outro. Esse estudo nos permite refletir sobre a complexidade das relações midiáticas e as formas como estas contribuíram para moldar identidades, discursos e representações na sociedade belenense do século XIX.

Ademais, ao analisar os ataques direcionados a João da Cruz e seus aliados, é possível perceber como questões como honra, prestígio e posição social estavam intrinsecamente ligadas à dinâmica jornalística da época. A associação entre a patente de primeiro tenente da Guarda Nacional e a ideia de nobreza, por exemplo, revela a importância dos símbolos e das representações sociais na construção e na contestação de poder no contexto local. Portanto, ao finalizar este estudo, ressalta-se a relevância de se compreender a história da imprensa não apenas como um reflexo das disputas políticas e ideológicas, mas também como um campo de conflitos e negociações que contribuíram para a produção e circulação de discursos e identidades na sociedade paraense do século XIX.

A descrição de Belém como uma cidade “civilizada”, repleta de jornais e leitores ávidos, contrasta fortemente com as práticas discriminatórias evidenciadas nas publicações satíricas e críticas dirigidas a figuras negras. Os jornais, portanto, desempenhavam um papel duplo: eram veículos de disseminação de ideias abolicionistas e, ao mesmo tempo, perpetuadores de discursos racistas e excludentes. Esta dualidade sublinha a complexidade do ambiente jornalístico paraense, onde os ideais de liberdade e igualdade coexistiam com práticas sociais profundamente enraizadas no racismo.

Além disso, a contradição entre as posturas abolicionistas do *Diário de Notícias* e sua atitude crítica em relação às manifestações culturais negras ilustra a ambiguidade do movimento abolicionista no Pará. Embora o jornal fosse um fervoroso defensor da abolição, suas atitudes em relação à cultura negra indicam um apoio limitado à verdadeira inclusão social dos negros. As críticas às rodas de samba, capoeira e outras práticas culturais negras demonstram que,

mesmo entre os abolicionistas, havia um desejo de moldar a participação dos negros na sociedade de acordo com padrões eurocêntricos e elitistas. Assim, a história do jornalismo paraense nos finais do século XIX não é apenas uma narrativa de progresso e luta pela liberdade, mas também uma história de resistência contra a plena integração e valorização da cultura negra, refletindo as profundas contradições da sociedade da época.

A análise da vida de João Francisco da Cruz, um cidadão negro no Pará, revela nuances significativas sobre as dinâmicas sociais e políticas do século XIX. Semelhante a figuras como Luís Gama e Edouard Tinchant, João da Cruz enfrentou inúmeros desafios e adversidades na busca por uma cidadania plena. Sua participação ativa na Guarda Nacional, seu envolvimento na esfera política e sua atuação como empresário e jornalista demonstram não apenas uma consciência cívica aguçada, mas também uma determinação firme em combater o preconceito e promover a igualdade racial. No entanto, sua trajetória também evidencia as tensões e contradições da sociedade brasileira daquela época, onde a discriminação racial era profundamente enraizada e as conquistas individuais de cidadania frequentemente eram contestadas e questionadas.

Ao examinarmos o legado de João da Cruz, é fundamental reconhecer não apenas suas realizações, mas também os inúmeros obstáculos que enfrentou em sua jornada. Sua atuação como “cidadão conhecido” ressalta a importância da persistência na luta por direitos e reconhecimento social. Destacando-se como membro da Guarda Nacional, candidato elegível, participante ativo na esfera política e no movimento abolicionista, João da Cruz deixou um legado significativo de representatividade. Além disso, sua participação em ações solidárias, como a arrecadação de fundos para os afetados pela epidemia de varíola no Maranhão, demonstra sua preocupação com o bem-estar da comunidade e sua contribuição para causas humanitárias. Através dessas ações e conquistas, João da Cruz reafirma sua identidade como um cidadão negro consciente de seus direitos e deveres.

A trajetória de João Francisco da Cruz no Pará do século XIX ilustra vividamente os desafios enfrentados por indivíduos negros em uma sociedade marcada pelo sistema escravista. Sua busca por reconhecimento e valorização estava intrinsecamente ligada às relações sociais estabelecidas na época, onde a cidadania era mais determinada por interações interpessoais do que por normas constitucionais abstratas. Nesse contexto, o preconceito e o racismo eram claramente evidentes nas controvérsias em torno das publicações e empreendimentos de João da Cruz. A análise de seu papel no cenário sociopolítico do século XIX revela a complexidade das experiências vividas pelos cidadãos negros. Fontes históricas como sua correspondência com jornais, sua ascensão na guarda cidadã, sua elegibilidade política, seu testamento e sua

consciência humanitária fornecem uma base sólida para uma discussão aprofundada sobre a cidadania dos negros, as adversidades enfrentadas e a luta contra o preconceito e o racismo no final do século XIX.

O estudo do preconceito racial nas sátiras dos triolés dirigidos a João da Cruz revela que a desumanização e os insultos racistas têm raízes profundas na sociedade brasileira. Termos como “macaco”, “burro”, “guariba” e “cuatá” eram utilizados para desqualificar João da Cruz e outros indivíduos negros. Infelizmente, esses insultos não são restritos ao passado. Casos recentes de racismo, como os ataques ao jogador Vinícius Júnior na Espanha, as danças imitando macacos no Brasil e os insultos racistas dirigidos a crianças, mostram a perpetuação dessas atitudes discriminatórias ao longo do tempo. Esses episódios atuais evidenciam que o racismo estrutural ainda está enraizado na sociedade, manifestando-se de maneiras variadas, mas igualmente prejudiciais.

A análise da trajetória de João da Cruz e dos insultos que ele sofreu destaca a persistência do racismo e a desumanização dos negros ao longo dos séculos. Assim como João da Cruz foi alvo de comparações com macacos e outros estereótipos raciais, Vinícius Júnior e muitos outros continuam a enfrentar ataques semelhantes hoje. Esses eventos mostram que, apesar dos avanços sociais e legais, o preconceito racial e o racismo permanecem como uma realidade dolorosa para muitos negros. Comparar os insultos do passado com os do presente nos ajuda a entender a continuidade dessas práticas discriminatórias, ressaltando a necessidade de uma luta constante por reconhecimento, respeito e igualdade. As experiências de João da Cruz no século XIX e as vivências dos negros atualmente revelam que o combate ao racismo é uma batalha contínua que exige atenção e ação persistentes em todas as esferas da sociedade.

## FONTES

### FONTES PERIÓDICAS:

*Acervo da Biblioteca Pública “Arthur Vianna” (BPAV)*

1. Jornal Correio do Norte (PA)
2. Jornal Diário de Belém (PA)
3. Jornal Diário de Notícias (PA)

*Acervo Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital)*

#### **Pará:**

1. Almanaque do Diário de Belém (1876)
2. Almanaque Paraense: Administração, Comércio, Indústria e Estatística (1883)
3. Jornal A Colônia Portuguesa
4. Jornal A Constituição
5. Jornal Correio do Norte
6. Jornal Diário de Belém
7. Jornal Diário de Notícias
8. Jornal do Pará
9. Jornal O Liberal do Pará

#### **Maranhão:**

10. Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial (1866)
11. Jornal Diário do Maranhão
12. Jornal O Apreciável
13. Jornal O Paiz
14. Jornal Pacotilha
15. Jornal Publicador Maranhense

#### **Ceará:**

16. Jornal Gazeta do Norte
17. Jornal Libertador
18. Jornal Província do Ceará

**Rio de Janeiro:**

19. Jornal Diário de Notícias
20. Jornal do Comércio
21. Revista Ilustrada

**FONTE CARTORIAL:**

*Centro de Memória da Amazônia (CMA)*

1. Fundo: TJE. 11º Vara Cível, Fabiliano, **Testamento de João Francisco da Cruz**, 1887, Cx.35ª.

**OUTRAS FONTES:**

ANAIS DO SENADO do Império do Brasil, Ano de 1882, Livro 4. Disponível em [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais\\_Imperio/1882/1882%20Livro%204.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1882/1882%20Livro%204.pdf)

CÂMARA dos Deputados. Constituição de 1824. Decreto nº 5.135, de 13 de novembro de 1872. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5135-13-novembro-1872-551577-publicacaooriginal-68112-pe.html>

FÉ DE OFÍCIO do Major Médico Dr. Antonio da Silva Cruz. Ministério da Defesa, Exército Brasileiro, Arquivo Histórico do Exército - BIBLIEx - Biblioteca do Exército.

RELATÓRIOS dos Presidentes da Província do Grão-Pará. 09 de março de 1878. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=0&m=82&s=0&cv=1&r=0&xywh=15%2C228%2C1691%2C1193>

RELATÓRIOS dos Presidentes da Província do Grão-Pará. 18 de março de 1878. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=0&m=83&s=0&cv=1&r=0&xywh=-298%2C-107%2C2645%2C1866>

RECENSEAMENTO do Brasil de 1872. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento\\_do\\_Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. *Outras histórias de Pai João: Conflitos raciais, protesto escravo e irrelevância sexual na poesia popular 1880-1950*. Afro-Ásia, 31 (2004). Acessar em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21076/13668>.

ABREU, Martha. Pai João e *Uncle Tom*. In: *Da senzala ao palco: canções escravas e racismo nas Américas (1870-1930)*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2017. e-book.

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Permanência dos traços característicos nas diferentes espécies humanas**. In: *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2000, (Coleção O Brasil visto por estrangeiros).

ALONSO, Angela Flores. *Votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ASSIS, Machado. **Flor da Mocidade**. In: *Obra Completa*, Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente no Rio de Janeiro, por B.-L. Garnier, em 1870.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, Coleção Várias Histórias, 1999.

AZEVEDO, José Eustachio de. *Antologia Amazônica (poetas paraenses)*. – 3ª ed. – Belém: Conselho de Cultura, 1970.

BARATA, Manuel. **Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908**. In: *Formação histórica do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)*.

INTERCOM. Rev. Bras. De Com., S. Paulo, Vol. XX, nº 2, p. 87-102, jul-dez, 1997.

BARBOSA, Maurel Ferreira. *O Pajé: literatura, naturalismo e história no Pará do século XIX*. Belém: IAP, 2013.

BASSALO, José Maria Filardo; ALENCAR, Paulo de Tarso dos Santos; CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BECKMANN, Clodoaldo Fernando Ribeiro. *Júlio César Ribeiro de Sousa - Memórias sobre a Navegação Aérea*. Belém do Pará: Editora da UFPA, 2003.

BELLIDO, Remijio de. *Catálogo dos jornais paraenses: 1822-1908*. Pará: Imprensa Oficial, 1908.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal*. Revista Sociedade e Estado – Volume 33, Número 1, janeiro/abril 2018.

BEZERRA NETO, José Maia. *Fugindo, sempre fugindo: escravidão, fugas escravas e fugitivos na Amazônia brasileira (1840-1888)*. Teresina: Cancioneiro: 2023.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGA, Theodoro. *Jornais Paraenses de 1908 a 1918*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará - IHGP, 1918.

CAMPOS, Rafael Ramos. *Elites em guarda: composição e atuação político-militar dos agentes da Guarda Nacional do Maranhão (1839-1855)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão, Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, 2013, Orientador: Igor Gastal Grill, 137 f.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **Primeiros passos (1822-1930)**. In: *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 9º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 15-84.

CERTEAU, Michel de. **O lugar do morto e o lugar do leitor**. In: *A escrita da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013, pp. 108-111.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CRAVO, Ana Carolina Trindade. *“Haja cacêtes!; haja páo!” A Sociedade Libertadora de Benevides: abolicionistas, escravos e colonos na luta contra a escravidão (1881-1888)* / Ana Carolina Cravo. Orientador: José Maia Bezerra Neto. UFPA, 174 p.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo. **Júlio César Ribeiro de Sousa e a Dirigibilidade Aérea**. In: ALVES, Jerônimo de Alencar (org.), *Múltiplas Faces da História das Ciências na Amazônia*. Editora da Universidade Federal do Pará, Belém, 2005, p. 197-230.

CRUZ, Mariléia dos Santos. *Famílias e alunos de origem africana no Maranhão do século XIX*. Cadernos de Pesquisa, v.41. nº144, set./dez. 2011.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*. 5º ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo, 1870-1950*. 1996. 428 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais*

*paraenses, 1822-1922*. Revista Margens interdisciplinar. Abaetetuba: UFPA, vol. 2, número 3, 2005, p. 245-266.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. São Paulo: Edusp, 2016, 392 p.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, v. 47 nº 1.

KARASCH, Mary. *Slave life in Rio de Janeiro. 1808-1850*. Princeton University Press, 1987.

LE GOFF, Jacques. **As mentalidades: uma história ambígua**. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 4ª Ed; 1995.

LIMA, Helder Lameira de. **Aspectos da Imprensa no Pará: circulação e recepção do jornal Diário de Notícias**. In: FARIAS, William Gaia; PEREIRA, Pablo Nunes (Orgs.). *Imprensa Periódica na Amazônia*. 1ª ed., Ananindeua: Editora Cordovil E-books, 2019, v. 1, p. 238-252.

LIMA, Helder Lameira de. *Imprensa, movimento abolicionista e racismo na Belém dos últimos anos dos oitocentos*. Monografia de Especialização em História da Amazônia. Universidade Federal do Pará, UFPA, Orientadora: Magda Maria de Oliveira Ricci. 2002.

LIMA, Helder Lameira de. **Malditos de raça, malditos de cor: a imprensa abolicionista paraense e seus atropelos raciais**. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas e LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto (Org.). *Faces da História da Amazônia*. Associação Nacional de História - ANPUH Seção Pará. 1ed. Belém: Paka-Tatu, 2006, v. 1, p. 383-418.

LIMA, Helder Lameira de. *O Poder da Pena e do Discurso: Os Jornalistas e os Legisladores Paraenses no Movimento Abolicionista em Belém (1870-1889)*. Monografia de Graduação em História. Universidade Federal do Pará, UFPA, Orientadora: Magda Maria de Oliveira Ricci. 1999. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Carlos Denizar de Souza. *Festa da caridade: a representação do negro nas comemorações do abolicionismo belenense (1881-1888)*. Nova Revista Amazônica, v.2, 2019, pp. 117-130.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, Coleção: Descobrimdo o Brasil.

MATTOS, Hebe Maria. **Racialização e cidadania no Império do Brasil**. In: CARVALHO, José Murilo de e NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 350-391.

MATTOS, José Verissimo de. **A instrução e a Imprensa**. In: *Livro do Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literário*. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 452. Original de 1928.

MORAES, Jomar. *Ana Jansen, Rainha do Maranhão*, 2 ed. São Luís: Edições AML, Série Documentos Maranhenses vol.18, 1999.

MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Nos braços de Vênus às poltronas da Academia*. Revista Navigator, nº1/2005. Disponível em: [www.revistanavigator.com.br/navig1/art/N1\\_art1.pdf](http://www.revistanavigator.com.br/navig1/art/N1_art1.pdf).

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. 212 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O mundo como texto: Leituras da História e da Literatura*. In:

História da Educação, ASPHF/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. 1.ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Para quem quiser ver: Cidadania negra e preconceito de cor nas páginas da Gazeta da Tarde (1880-1887)*. Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015, p.2 e 4. Disponível em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/ana%20flvia%20magalhes%20pinto.pdf>

PINTO, Ana Flávia Magalhães, LIMA, Helder Lameira de e LOBO, Marcelo Ferreira. *Experiências da liberdade no Pará: Confira as trajetórias de Agostinho dos Reis e de João da Cruz, homens negros que tiveram uma atuação importante na luta abolicionista no Estado do Pará*. Diário do Pará, 12 de dezembro de 2021, caderno A12. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/687339/os-negros-paraenses-que-lutaram-contr-a-escravidao?d=1>

PULS, Maurício. *A intelectualidade negra do Império*. Revista Humanidades, Pesquisa FADESP 249, novembro de 2016.

RICCI, Magda Maria de Oliveira. *Os biógrafos em foco: história social e historiografia*. In: XIV Encontro Regional de História, 1998, São Paulo. Sujeito na história: práticas e representações. Bauru: Edusc, 1998. p. 171-172.

SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971. 3ª ed. rev. ampl. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Uma História Quase Impossível: Alain Corbin*. Projeto História, São Paulo, (19), nov. 1999. Entrevista realizada em Paris, no dia 11 de março de 1999.

SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da história: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo, Educ/Fapesp; Rio de Janeiro, Pallas, 2005.

SANTOS, Waldemar. *Perfil de Ana Jansen*. São Luís: Sioge, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2a- ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Coleção Espírito Crítico, Duas Cidades/Editora 34, 6ª ed., 2012, 1ª ed. de 1977.

SCOTT, Rebecca J.; HÉBRARD, Jean M. *Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação*. Tradução: Vera Joscelyne, Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SILVA, Jeffrey Aislan de Souza. *A guarda cívica: policiamento civilizador, criminalidade e conflitos urbanos na história social do Recife (1876-1890)*. Dissertação de Mestrado, UFRPE, Recife, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. [atualizada], Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Luiz Alberto de. *A Cor e a Forma: História e literatura na obra do jovem Cruz e Sousa*

(1861-1888). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, CFCH. PPGH. Florianópolis, SC, 2012.

VISONI, Rodrigo Moura; CANALLE, João Batista Garcia. *O sistema de navegação aérea de Júlio César Ribeiro de Souza*. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 32, n. 2, 2601 (2010), História da Física e Ciências Afins, [www.sbfisica.org.br](http://www.sbfisica.org.br).

VIVEIROS, Jerônimo de. *A Rainha do Maranhão*. São Luís: Departamento de Cultura do Estado, 1965.

## APÊNDICE

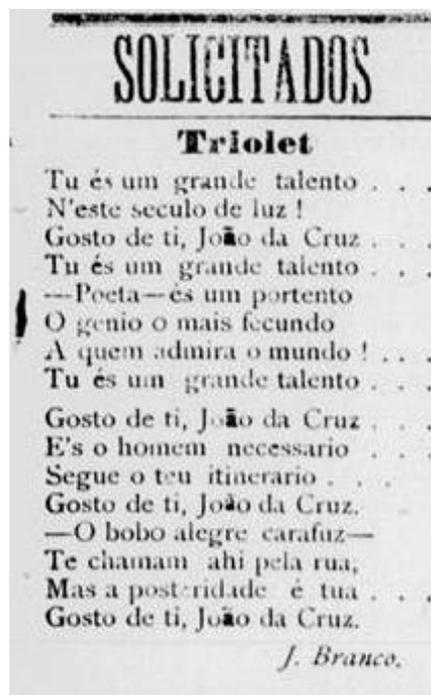
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
20/12/1882	Triolet (Ed. 00285 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

**Triolet**

Tu és grande talento . . .  
 N'este seculo de luz!  
 Gosto de ti, João da Cruz . . .  
 Tu és grande talento . . .  
 – Poeta – és um portento  
 O genio o mais fecundo  
 A quem admira o mundo! . . .  
 Tu és um grande talento . . .

Gosto de ti, João da Cruz . . .  
 E's o homem necessario . . .  
 Segue o teu itinerario . . .  
 Gosto de ti, João da Cruz  
 – O bobo alegre carafuz –  
 Te chamem ahi pela rua,  
 Mas a posteridade é tua . . .  
 Gosto de ti, João da Cruz.

*J. Branco.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
21/12/1882	Triolet (Ed. 00286 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

**Triolet**

Não consinto! Passa fóra!  
 Que te chamem de jumento!  
 E's um homem de talento . . .  
 Não consinto! Passa fóra!  
 Que um casal muito embora  
 De burros te desse a luz,  
 Eu gosto de ti, João da Cruz . . .  
 Não consinto! Passa fora!

Manda o mundo bugiar  
 Este mundo linguarudo,  
 Onde a honra sofre tudo . . .  
 Manda o mundo bugiar . . .  
 A tua [altura] chegar  
 Quem é acaso que póde,  
 Meu illustre *dr. Bode?* . . .  
 Manda o mundo bugiar . . .

*Roza.*



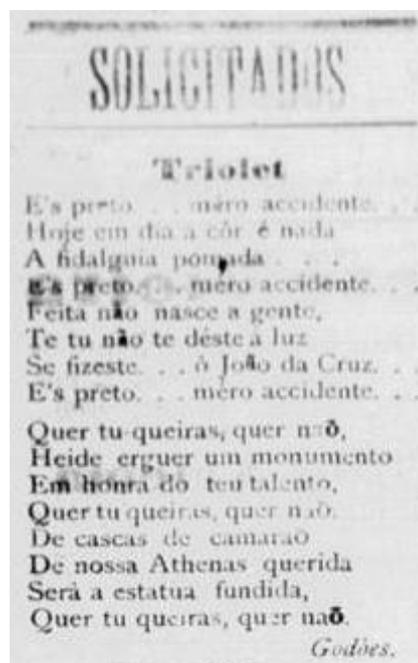
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
22/12/1882	Triolet (Edição 00287 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

E's preto . . . mero acidente . . .  
 Hoje em dia a côr é nada  
 A fidalguia pomada . . .  
 E's preto . . . mero accidente . . .  
 Feita não nasce a gente,  
 Te tu não te deste a luz  
 Se fizeste . . . ó João da Cruz . . .  
 E's preto . . . mero acidente . . .

Quer tu queiras, quer não  
 Heide erguer um monumento  
 Em honra do teu talento  
 Quer tu queiras, quer não  
 De cascas de camarão  
 De nossa Athenas querida  
 Será a estatua fundida,  
 Quer tu queiras, quer não

*Godões*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
23/12/1882	Triolet (Edição 00288 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Illustre filho . . . da lua! . . .  
 Poeta imenso . . . ingente . . .  
 De todos o mais valente . . .  
 Illustre filho . . . da lua! . . .  
 A posteridade é tua  
 E a fama te conduz . . .  
 Avante, meu João da Cruz,  
 Illustre filho . . . da lua! . . .

A inveja não te perdôa,  
 Te chama d'asno pedaço,  
 O *dr. Bode*, o palhaço . . .  
 A inveja não te perdôa! . . .  
 Abre tuas azas, voa! . . .  
 Deixa rosnar a canalha . . .  
 Poeta, ninguém te igualha! . . .  
 A inveja não te perdôa.

*O garantido*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
24/12/1882	Triolet (Edição 00289 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2/3

### Triolet

Eu pago á quem me trazer  
Um escravo de cor escura,  
Robusto e de boa altura;  
Eu pago á quem me trazer.  
Fugio-me, não sei dizer  
A que tempo. O carafuz  
Se chama – João da Cruz –  
Eu pago á quem me trazer.

E' o negro mais petulante  
Que de Athenas há fugido,  
Além de velhaco atrevido . . .  
E' o negro mais petulante,  
Passa por livre o birbante  
O patife, o marióla,  
O preto João d'Angola,  
E' o negro mais petulante.

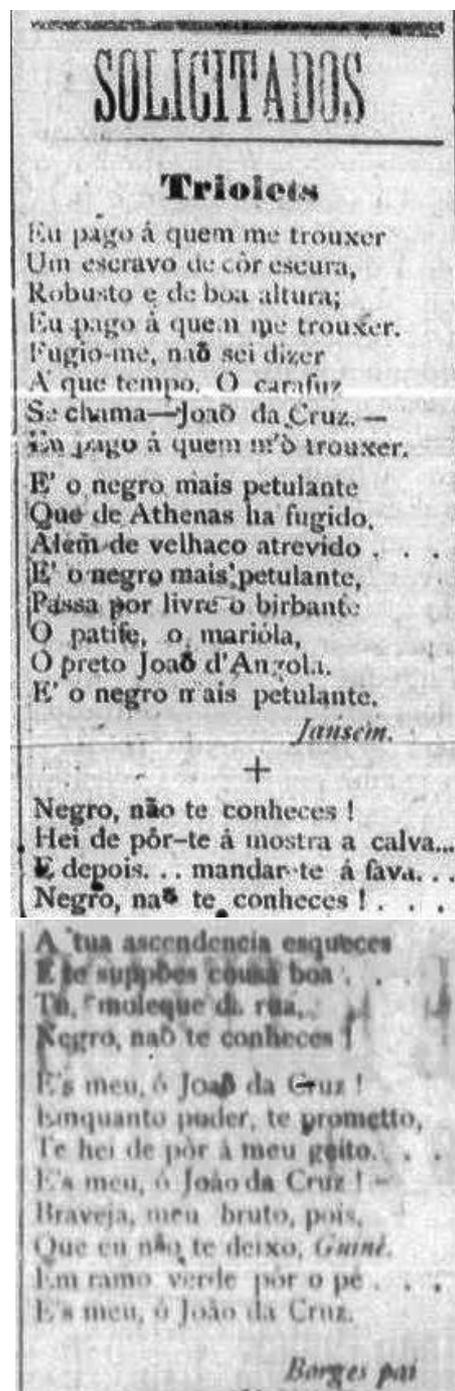
*Jansem.*

+

Negro, não te conheces!  
Hei de pôr-te á mostra a calva . . .  
E depois . . . mandar-te á fava . . .  
Negro, não te conheces! . . .  
A tua ascendencia esqueces  
E te supões cousa boa . . .  
Tu, moleque de rua,  
Negro, não te conheces!

E's meu, ó João da Cruz!  
Enquanto poder, te prometto,  
Te hei de pôr á meu jeito . . .  
E's meu, ó João da Cruz!  
Braveja, meu bruto, pois  
Que eu não te deixo, *Guiné*,  
Em ramo verde por o pé . . .  
E's meu, ó João da Cruz.

*Borges pai.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
28/12/1882	Triolet (Edição 00291 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Eras da pátria a esperança! . . .  
 Mas agora . . . que desgraça . . .  
 Que desdouro! . . . que chalaça! . . .  
 Eras da pátria a esperança! . . .  
 Quem espera sempre alcança;  
 Diz o adágio. Mentira!  
 E's o João da Cruz sem lyra . . .  
 Eras da pátria a esperança! . . .

Doudo estás, doudo varrido! . . .  
 Da razão a pura luz  
 Foi-te á garra, João da Cruz!  
 Doudo estás, doudo varrido! . . .  
 De tua sorte condoido,  
 Eu deploro o teu estado! . . .  
 Pobre João! . . . Coitado! . . .  
 Doudo estás, doudo varrido.

*A afilhada.*



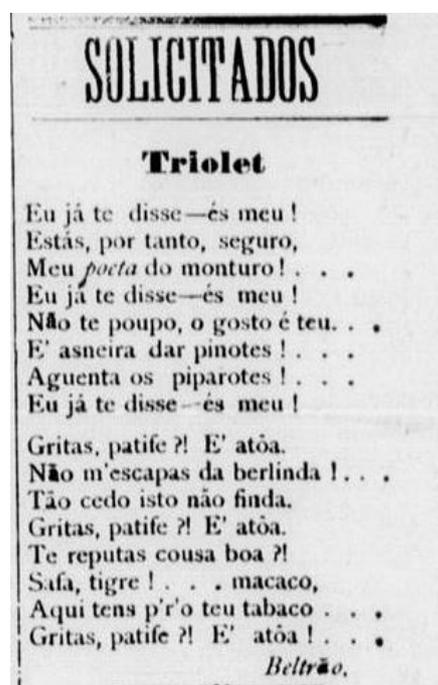
<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
29/12/1882	Triolet (Edição 00292 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Eu já te disse – és meu!  
 Estás, por tanto, seguro,  
 Meu *poeta* do monturo! . . .  
 Eu já te disse – és meu!  
 Não te poupo, o gosto é teu . . .  
 E' asneira dar pinotes! . . .  
 Aguenta os piparotes! . . .  
 Eu já te disse – és meu!

Gritas, patife?! E' atôa.  
 Não m'escapas da berlinda! . . .  
 Tão cedo isso não finda.  
 Gritas, patife?! E' atôa.  
 Te reputas cousa boa?!  
 Safa, tigre! . . . macaco,  
 Aqui tens p'r'o teu tabaco . . .  
 Gritas, patife?! E' atôa! . . .

*Beltrão.*



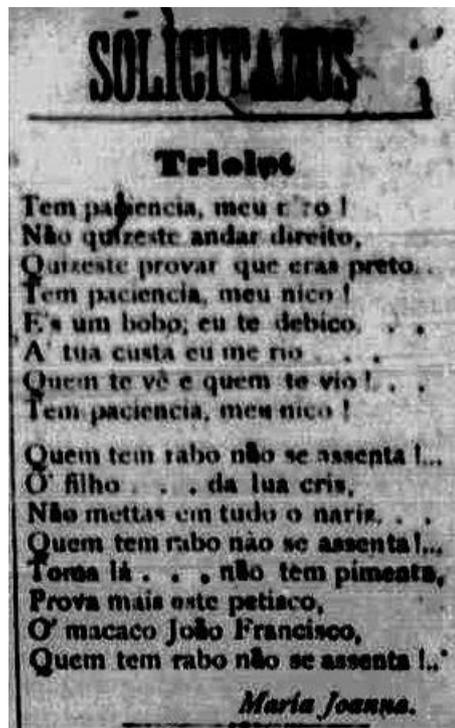
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
30/12/1882	Triplet (Edição 00293 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triplet

Tem paciencia, meu nico!  
 Não quizeste andar direito,  
 Quizeste provar que eras preto . . .  
 Tem paciencia, meu nico!  
 E's um bobo, eu te debico . . .  
 A tua custa eu me rio . . .  
 Que te vê e quem te vio! . . .  
 Tem paciencia, meu nico!

Quem tem rabo não assenta! . . .  
 O' filho . . . da lua cris,  
 Não mettas em tudo o nariz . . .  
 Quem tem rabo não assenta! . . .  
 Toma lá . . . não tem pimenta,  
 Prova mais este petisco,  
 O' macaco João Francisco,  
 Quem tem rabo não assenta! . .

*Maria Joanna.*



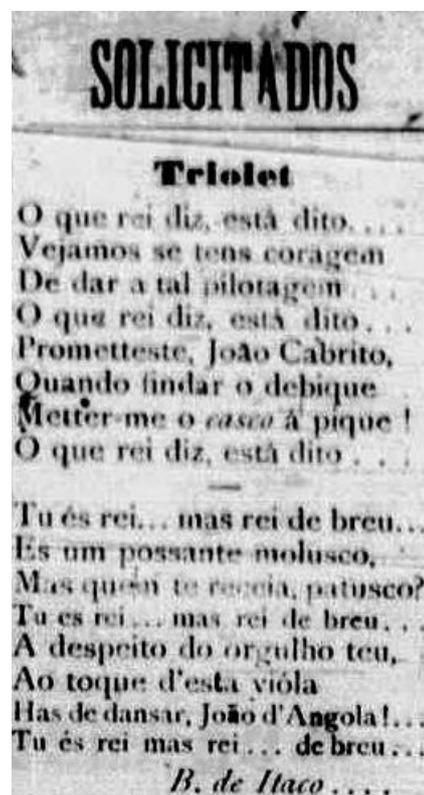
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
31/12/1882	Triplet (Edição 00294 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triplet

O que rei diz, esta dito. . .  
 Vejamos se tens coragem  
 De dar a tal pilotagem . . .  
 O que rei diz, esta dito. . .  
 Prometteste, João Cabrito,  
 Quando findar o debique  
 Metter me o casco á pique!  
 O que rei diz, esta dito. . .

Tu és rei . . . mas rei de breu . . .  
 Es um possante molusco,  
 Mas quem te receia, patusco?  
 Tu és rei . . . mas rei de breu . . .  
 A despeito do orgulho teu,  
 Ao toque d'esta vióla  
 Has de dansar, João d'Angola! . . .  
 Tu és rei mas rei . . . de breu . . .

*B. de Itaco. . . .*

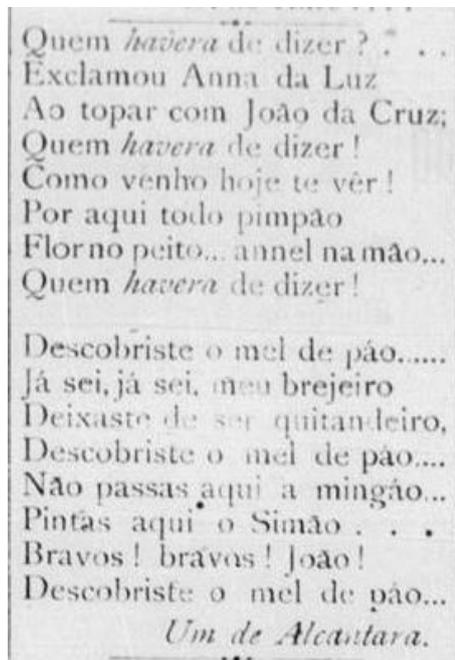


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
31/12/1882	Triolet (Edição 00294 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

Quem *havera* de dizer? . . .  
 Exclamou Anna da Luz  
 Ao topar com João da Cruz;  
 Quem *havera* de dizer!  
 Como venho hoje te vêr!  
 Por aqui todo pimpão  
 Flor no peito . . . anel na mão . . .  
 Quem *havera* de dizer!

Descobriste o mel de pão . . . . .  
 Já sei, já sei, meu brejeiro  
 Deixaste de ser quitandeiro,  
 Descobriste o mel do pão . . . .  
 Não passas aqui a mingão . . .  
 Pintas aqui o Simão . . .  
 Bravos! Bravos! João!  
 Descobriste o mel do pão . . .

*Um de Alcantara.*



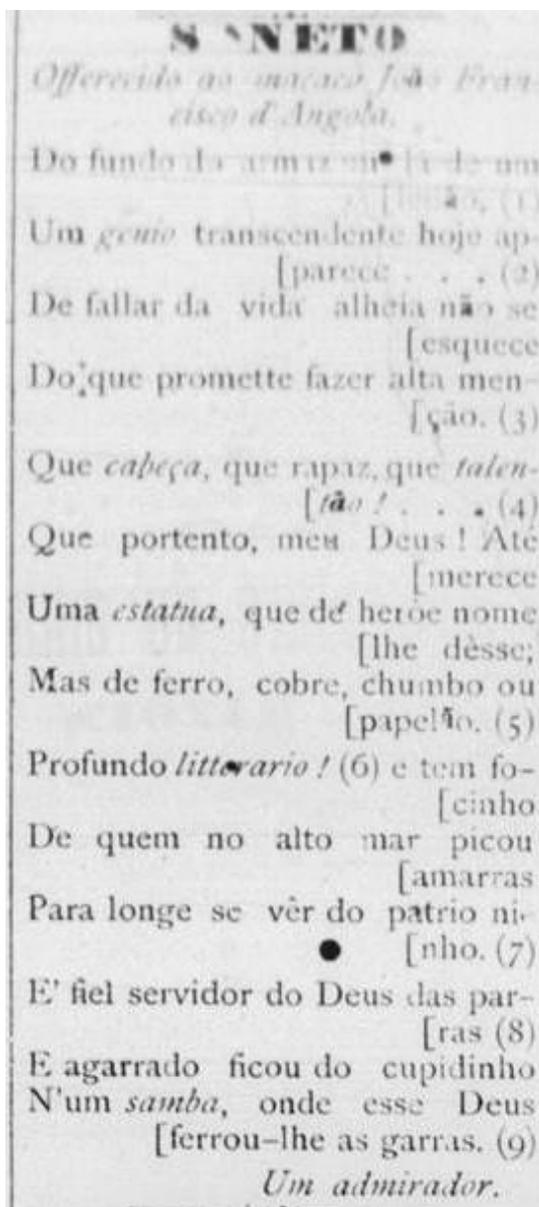
Quem *havera* de dizer? . . .  
 Exclamou Anna da Luz  
 Ao topar com João da Cruz;  
 Quem *havera* de dizer!  
 Como venho hoje te vêr!  
 Por aqui todo pimpão  
 Flor no peito... anel na mão...  
 Quem *havera* de dizer!  
  
 Descobriste o mel de pão.....  
 Já sei, já sei, meu brejeiro  
 Deixaste de ser quitandeiro,  
 Descobriste o mel de pão...  
 Não passas aqui a mingão...  
 Pintas aqui o Simão . . .  
 Bravos! bravos! João!  
 Descobriste o mel de pão...  
  
*Um de Alcantara.*

Nome do Periódico: Diário de Notícias			
31/12/1882	Soneto (Edição 00294 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.3

### SONETO

*Offerecido ao macaco João Francisco d'Angola.*

Do fundo do armazem {lá de um  
[leilão (1)}  
Um *gênio* transcendente hoje ap-  
[parece . . . (2)  
De falar da vida alheia não se  
[esquece  
Do que promete fazer alta men-  
[ção. (3)  
Que *cabeça*, que rapaz, que *talen-*  
[tão! . . . (4)  
Que portento, meu Deus! Até  
[merece  
Uma *estatua*, que de heroe nome  
[lhe desse;  
Mas de ferro, cobre, chumbo ou  
[papelão. (5)  
Profundo *litterario!* (6) e tem fo-  
[cinho  
De quem no alto mar picou  
[amarras  
Para longe se vêr do pátrio ni-  
[nho. (7)  
E' fiel servidor do Deus das par-  
[ras (8)  
E agarrado ficou do cupidinho  
N'um *samba*, onde esse Deus  
[ferrou-lhe as garras.(9)  
*Um admirador.*



## Nome do Periódico: Diário de Notícias

31/12/1882 | Nota do Soneto (Edição 00294 – BNDigital)

Solicitados

p.3 c.3

(1) Allude o poeta ao leilão feito em S. Luiz, no armazem que o João Francisco teve na rua do Sol, por baixo do sobrado do Colares Moreira, leilão que apenas rendeu 900\$000, quando o debito subia a 19 contos. As prateleiras só continham cartões vazios para enganar as vistas dos incautos.

(2) Aparece hoje, mas que elle é um genio, isso lá é elle, genio que tem vivido vida ignorada por sua reconhecida modestia.

(3) Não é por amor de falar da vida alheia que o *illustre* publicista veio á arena do jornalismo, e sim para se pôr os pontos nos iii . . . e para que se saiba que ele não veio ao Pará á cata de importancia, que elle tinha no torrão natal, como prova com a durindana que tem pendurada no lugar de honra na sua sala de visita.

(4) Que ele tem talento, a prova é o aplaudido drama “A filha do lavrador”, todo o Maranhão o conhece como uma obra prima.

(5) *Estatua* merece ele.

(6) Ninguem o pode negar.

(7) E' má a alluzão. Se o João Francisco deixou o Maranhão e veiu vender os seus oiros e depois se empregou no foro, é por que, sendo assessor de um magistrado, resolveu entrar para o foro, onde tem levado á parede muito bacharelzinho.

(8) Se elle bebe, è em casa, de noite e com seu dinheiro, não é da conta de ninguem.

(9) Não foi n'um *samba* e sim n'um *cortiço* que o Romeu encontrou a sua Julieta.

Invejosos.

(1) Allude o poeta ao leilão feito em S. Luiz, no armazem que o João Francisco teve na rua do Sol, por baixo do sobrado do Colares Moreira, leilão que apenas rendeu 900\$000, quando o debito subia a 19 contos. As prateleiras só continham cartões vazios para enganar as vistas dos incautos.

(2) Aparece hoje, mas que elle é um genio, isso lá é elle; genio que tem vivido vida ignorada por sua reconhecida modestia.

(3) Não é por amor de falar da vida alheia que o *illustre* publicista veio á arena do jornalismo, e sim para se pôr os pontos nos iii . . . e para que se saiba que elle não veio ao Pará á cata de importancia, que elle tinha no torrão natal, como prova com a durindana que tem pendurada no lugar de honra na sua sala de visita.

(4) Que elle tem talento, a prova é o aplaudido drama “A filha do lavrador”; todo o Maranhão o conhece como uma obra prima.

(5) *Estatua* merece elle.

(6) Ninguem o pode negar.

(7) E' má a alluzão. Se o João Francisco deixou o Maranhão e veiu vender os seus oiros e depois se empregou no foro, é por que, sendo assessor de um magistrado, resolveu entrar para o foro, onde tem levado á parede muito bacharelzinho.

(8) Se elle bebe, è em casa, de noite e com seu dinheiro, não é da conta de ninguem.

(9) Não foi n'um *samba* e sim n'um *cortiço* que o Romeu encontrou a sua Julieta.

Invejosos.

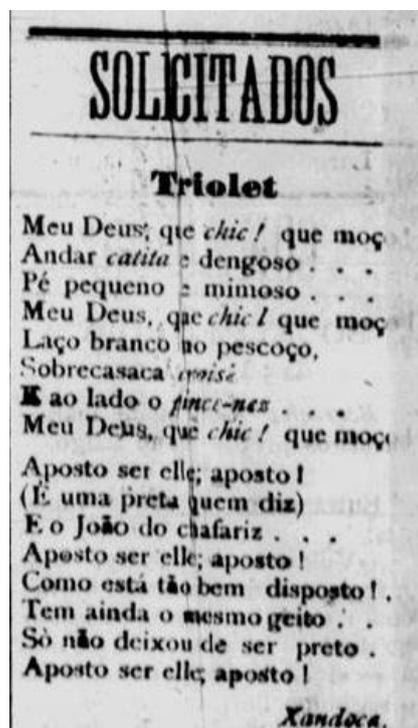
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
03/01/1883	Triolet (Edição 00001 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Meu Deus, que *chic!* Que moço!  
 Andar *catita* e dengonso . . .  
 Pé pequeno e mimoso . . .  
 Meu Deus, que *chic!* Que moço!  
 Laço branco no pescoço,  
 Sobrecasaca *croisè*  
 E ao lado o *pince-nez* . . .  
 Meu Deus, que *chic!* Que moço!

Aposto ser elle; aposto!  
 (É uma preta quem diz)  
 E o João do chafariz . . .  
 Aposto ser elle; aposto!  
 Como está tão bem disposto! . . .  
 Tem ainda o mesmo geito . . .  
 Só não deixou de ser preto . . .  
 Aposto ser elle; aposto!

*Xandoca.*

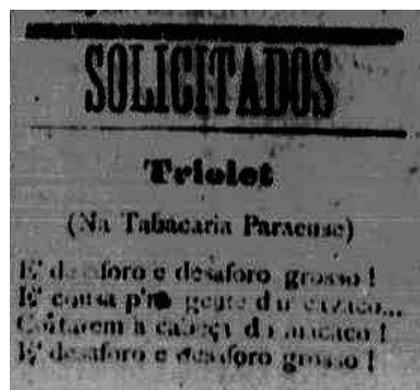


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
04/01/1883	Triolet (Edição 00002 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6 / p.3 c.1

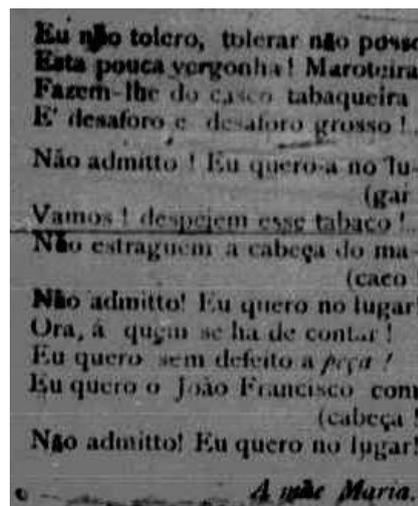
### Triolet

(Na Tabacaria Paraense)

E' desaforo e desaforo grosso!  
 E' cousa p'ra gente do cazaco . . .  
 [Cortarem] a cabeça do macaco!  
 E' desaforo e desaforo grosso!  
 Eu não tolero, tolerar não posso  
 Esta pouca vergonha! Maroteira!  
 Fazem-lhe do casco tabaqueira!  
 E' desaforo e desaforo grosso!



Não admitto! Eu quero-a no lu-  
 (gar!  
 Vamos! Despejem esse tabaco! . . .  
 Não estraguem a cabeça do ma-  
 (caco!  
 Não admitto! Eu quero no lugar!  
 Ora, á quem se ha de contar!  
 Eu quero sem defeito a *peça!*  
 Eu quero o João Francisco com  
 (cabeça!  
 Não admitto! Eu quero no lugar!  
*A mãe Maria.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
05/01/1883	Trioleto (Edição 00003 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6 / p.3 c.1

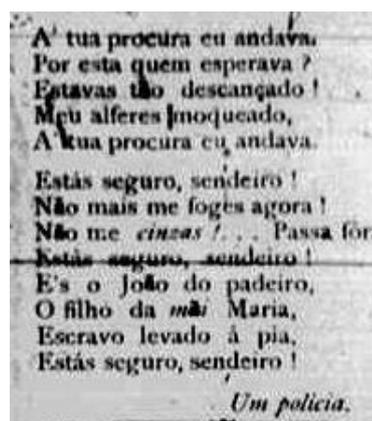
### Trioleto

(Na relação)

A' tua procura eu andava . . .  
 Custou, mas te peguei . . .  
 Da troça em nome da lei  
 A' tua procura eu andava . . .  
 Por essa quem esperava?  
 Estavas tão descaçado!  
 Meu alferes moqueado,  
 A' tua procura eu andava.

Estás seguro, sendeiro!  
 Não mais me foges agora!  
 Não me *cinzas!* . . . Passa fôra  
 Estás seguro, sendeiro!  
 E's o João do padeiro,  
 O filho da [mã] Maria,  
 Escravo levado á pia,  
 Estás seguro, sandeiro!

*Um policia.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
06/01/1883	Triolet (Edição 00004 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

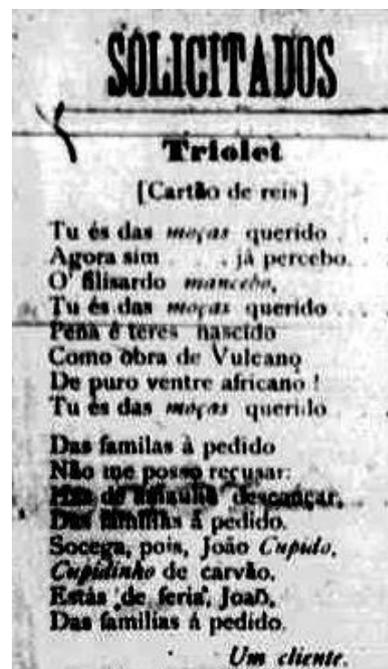
### Triolet

[Cartão de reis]

Tu és das *moças* querido . . .  
 Agora sim . . . já percebo . . .  
 O' filisardo *mancebo*,  
 Tu és das *moças* querido . . .  
 Pena é teres nascido  
 Como obra de Vulcano  
 De puro ventre africano!  
 Tu és das *moças* querido . . .

Das familias à pedido  
 Não me posso recusar:  
 Has de amanhã descançar. . .  
 Das familias á pedido  
 Socega, pois, João *Cupido*,  
*Cupidinho* de carvão,  
 Estás de [feria], João,  
 Das familias á pedido.

*Um cliente.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
09/01/1883	Triolet (Edição 00005 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

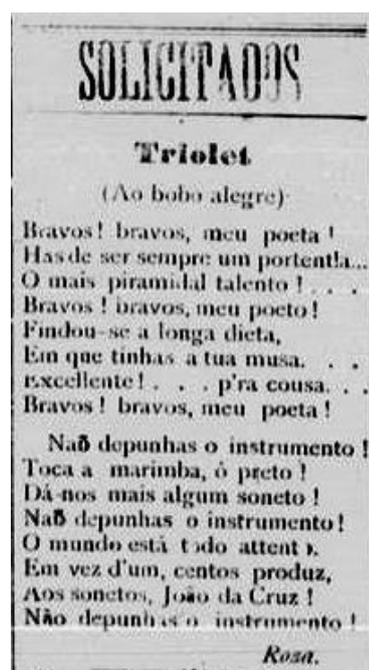
### Triolet

(Ao bobo alegre)

Bravos! bravos, meu poeta!  
 Hasde ser sempre um portenta! . . .  
 O mais piramidal talento! . . .  
 Bravos! bravos, meu poeta!  
 Findou-se a longa dieta.  
 Em que tinhas a tua musa . . .  
 Excelente! . . . p'ra cousa . . .  
 Bravos! bravos, meu poeta!

Não depunhas o instrumento!  
 Toca marimba, ó preto!  
 Dá-nos mais algum soneto!  
 Não depunhas o instrumento!  
 O mundo está todo attento.  
 Em vez d'um, centos produz,  
 Aos sonetos, João da Cruz!  
 Não depunhas o instrumento!

*Rosa.*



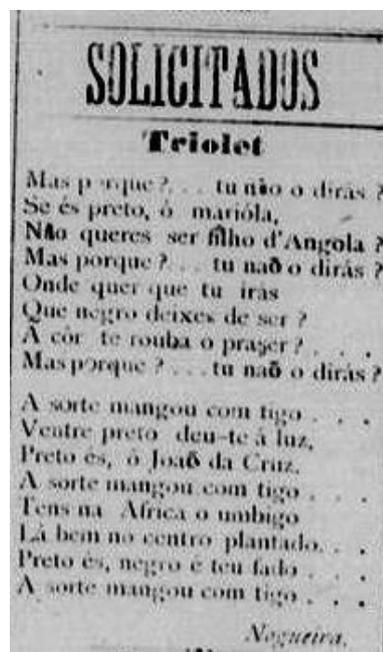
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
10/01/1883	Triolet (Edição 00006 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

Mas porque? . . . tu não o dirás?  
 Se és preto, ó mariola.  
 Não queres ser filho d'Angola?  
 Mas porque? . . . tu não o dirás?  
 Onde quer que tu iras  
 Que negro deixes de ser?  
 A côr te rouba o praser?  
 Mas porque? . . . tu não o dirás?

A sorte mangou com tigo . . .  
 Ventre preto deu-te á luz.  
 Preto és, ó João da Cruz.  
 A sorte mangou com tigo . . .  
 Tens na Africa o umbigo  
 Lá bem no centro plantado . . .  
 Preto és, negro é teu fado . . .  
 A sorte mangou com tigo . . .

*Nogueira.*



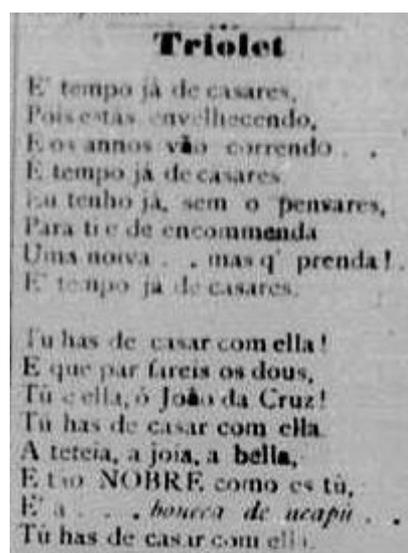
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
11/01/1883	Triolet (Edição 00007 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

E' tempo já de casares,  
 Pois estas envelhecendo,  
 E os annos vão correndo . . .  
 E' tempo já de casares.  
 Eu tenho já, sem o penvares,  
 Para ti e de encommenda.  
 Uma noiva . . . mas q' pretenda! . . .  
 E' tempo já de casares.

Tú has de casar com ella!  
 E que par fareis os dous,  
 Tú e ella, ó João da Cruz!  
 Tú has de casar com ella.  
 A teteia, a joia, a bella,  
 E tão NOBRE como es tú,  
 E' a . . . boneca de acapú . . .  
 Tú has de casar com ella.

*(obs: sem assinatura)*



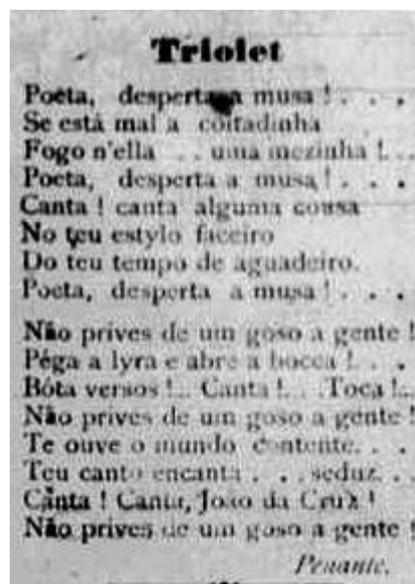
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
12/01/1883	Triolet (Edição 00008 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

Poeta, desperta a musa! . . .  
 Se está mal a coitadinha  
 Fogo n'ella. . . uma mezinha! . . .  
 Poeta, desperta a musa! . . .  
 Canta! Canta alguma cousa  
 No teu estylo faceiro  
 Do teu tempo de aguadeiro.  
 Poeta, desperta a musa! . . .

Não prives de um goso a gente!  
 Péga a lyra e abre a bocca! . . .  
 Bóta versos! . . . Canta! . . . Toca! . . .  
 Não prives de um goso a gente!  
 Te ouve o mundo contente . . .  
 Teu canto encanta . . . seduz . . .  
 Canta! Canta, João da Cruz!  
 Não prives de um goso a gente!

*Penante.*



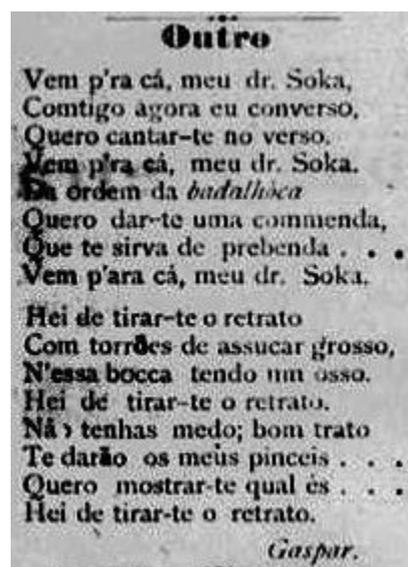
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
12/01/1883	Outro – (Triolet) (Ed. 00008 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Vem p'ra cá, meu dr. Soka,  
 Comtigo agora eu converso,  
 Quero cantar-te no verso.  
 Vem p'ra cá, meu dr. Soka.  
 Da ordem da *badalhoca*  
 Quero dar-te uma commenda,  
 Que te sirva de prebenda. . .  
 Vem p'ra cá, meu dr. Soka.

Hei de tirar-te o retrato  
 Com torrões de assucar grosso,  
 N'essa boca tendo um osso.  
 Hei de tirar-te o retrato.  
 Não tenhas medo; bom trato  
 Te darão os meus pinceis . . .  
 Quero mostrar-te qual ès . . .  
 Hei de tirar-te o retrato

*Gaspar.*

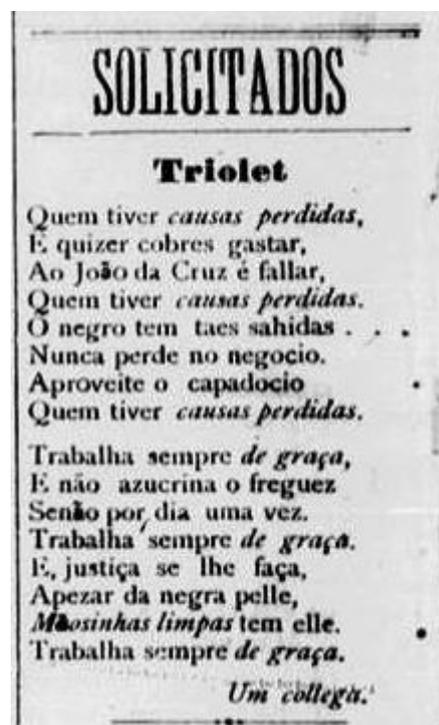


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
13/01/1883	Triolet (Edição 00009 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Quem tiver *causas perdidas*,  
 E quizer cobres gastar,  
 Ao João da Cruz é fallar,  
 Quem tiver *causas perdidas*.  
 O negro tem taes sahidas . . .  
 Nunca perde no negocio.  
 Aproveite o capadocio  
 Quem tiver *causas perdidas*.

Trabalha sempre *de graça*,  
 E não azucrina o freguez  
 Senão por dia uma vez.  
 Trabalha sempre *de graça*.  
 E, justiça se lhe faça,  
 Apezar de negra pelle,  
*Mãosinhas limpas* tem ele,  
 Trabalha sempre *de graça*.  
*Um collega.*



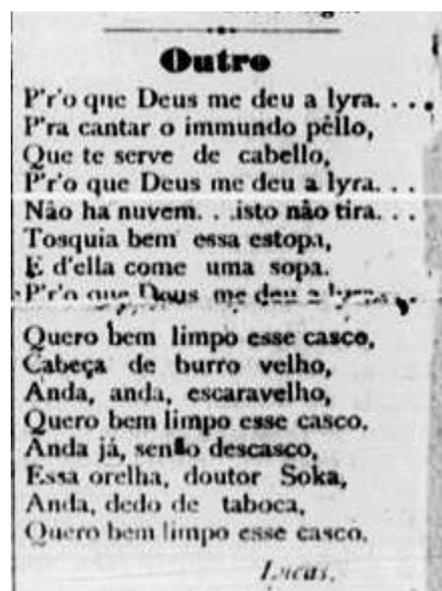
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
13/01/1883	Outro (Ed. 00009 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Outro

P'r'o que Deus me deu a lyra . . .  
 P'ra cantar o immundo pêllo,  
 Que te serve de cabelo,  
 P'r'o que Deus me deu a lyra . . .  
 Não há nuvem . . .isto não tira . . .  
 Tosquia bem essa estopa,  
 E d'ella come uma sopa.  
 P'r'o que Deus me deu a lyra . . .

Quero bem limpo esse casco,  
 Cabeça de burro velho,  
 Anda, anda, escaravelho,  
 Quero bem limpo esse casco.  
 Anda já, senão descasco,  
 Essa orelha, doutor Soka,  
 Anda, dedo de taboca,  
 Quero bem limpo esse casco.

*Lucas.*



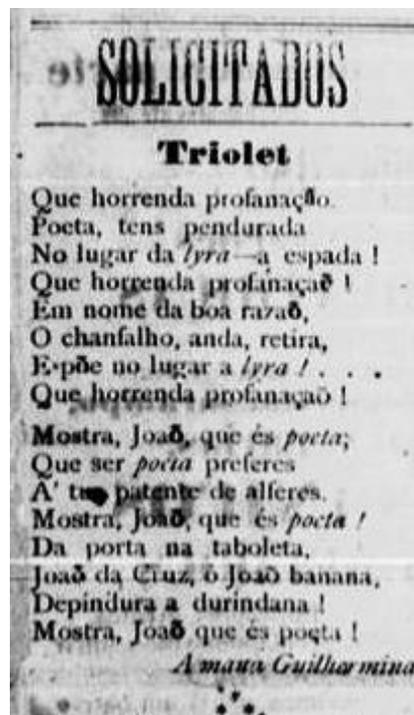
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
14/01/1883	Triolet (Edição 00010 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

Que horrenda profanação.  
Poeta, tens pendurada  
No lugar da *lyra* – a espada!  
Que horrenda profanação!  
Em nome da boa razão,  
O chanfalho, anda, retira,  
E põe no lugar a *lyra*! . . .  
Que horrenda profanação!

Mostra, João, que és *poeta*;  
Que ser *poeta* preferes  
A' tua patente de alferes.  
Mostra, João, que és *poeta*!  
Da porta na taboleta,  
João da Cruz, ó João banana,  
Depindura a durindana!  
Mostra, João que és *poeta*!

*A mana Guilhar mina.*

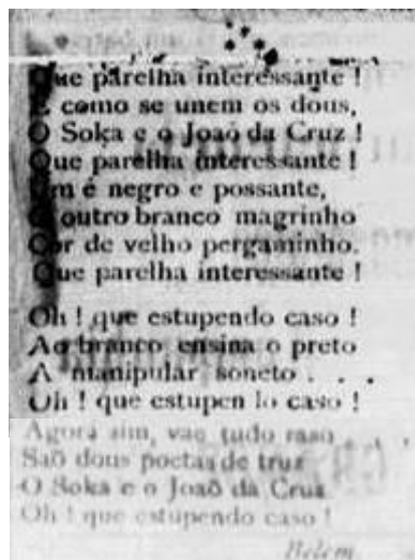


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
14/01/1883	Triolet (Edição 00010 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1/c.2

Que parelha interessante!  
E como se unem os dous,  
O Soka e o João da Cruz!  
Que parelha interessante!  
Um é negro e possante,  
O outro branco magrinho  
Cor de velho pergaminho.  
Que parelha interessante!

Oh! Que estupendo caso!  
Ao branco ensina o preto  
A manipular soneto . . .  
Oh! Que estupendo caso!  
Agora sim, [vae tudo raso . . . ]  
São dous poetas de truz  
O Soka e o João da Cruz  
Oh! Que estupendo caso!

*Belem.*

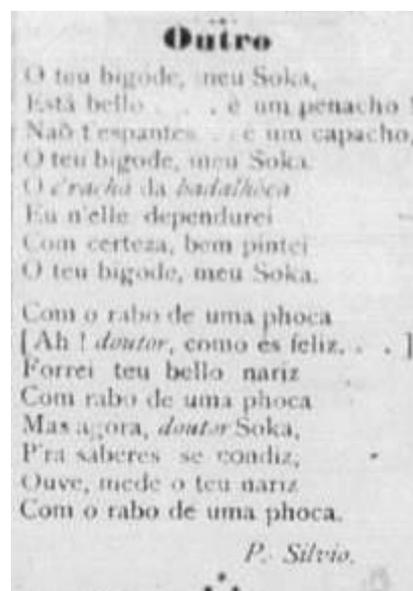


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
14/01/1883	Outro (Edição 00010 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Outro

O teu bigode, meu Soka,  
 Está bello . . . é um penacho!  
 Não [t'espante] . . . é um capacho,  
 O teu bigode, meu Soka,  
 O [ilegível] da *badalhoca*  
 Eu n'elle dependurei  
 Com certeza, bem pintei  
 O teu bigode, meu Soka.

Com o rabo de uma phoca  
 [Ah! *doutor*, como es feliz . . .]  
 Forrei teu bello nariz  
 Com rabo de uma phoca  
 Mas agora, *doutor* Soka,  
 Ouve, mede o teu nariz  
 Com o rabo de uma phoca.  
*P. Silvio.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
16/01/1883	Triolet (Edição 00011 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

É um presente engraçado . . .  
 Seria um presente rico,  
 Mas o presente é um penico.  
 É um presente engraçado . . .  
 No fundo leva pintado,  
 Em borrões d' estranha tinta . . .  
 Um preto de espada á cinta.  
 E' um presente engraçado.

Vou mandar de mimo ao *dito*  
 O seu retrato esculpido  
 E n'esse *quadro* mettido,  
 Vou mandar de mimo ao *dito* . . .  
 Levará por cima escripto;  
 – O teu RETRATO aqui puz . . .  
 Eu t'offereço, João da Cruz –  
 Vou mandar de mimo ao *dito*.

*Xico risada.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
16/01/1883	Outro (Ed. 00011 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

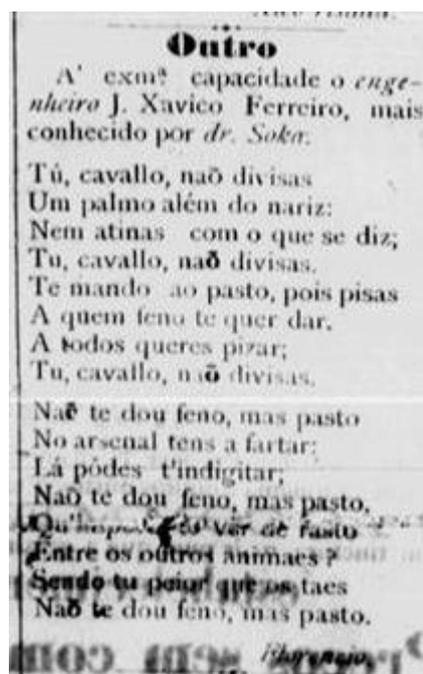
### Outro

A' exm<sup>a</sup> capacidade o  
*engenheiro* J. Xavico Ferreiro,  
 mais conhecido por *dr. Soka*.

Tú, cavallo, não divisas  
 Um palmo além do nariz:  
 Nem atinas com o que se diz;  
 Tu, cavallo, não divisas.  
 Te mando ao pasto, pois pizas  
 A quem feno te quer dar,  
 A todos queres pizar;  
 Tu, cavallo, não divisas.

Naõ te dou feno, mas pasto  
 No arsenal tens a farta:  
 Lá pôdes t'indigitar;  
 Naõ te dou feno, mas pasto.  
 [linha ilegível]  
 Entre os outros animaes?  
 Sendo tu pior que os taes  
 Naõ te dou feno, mas pasto.

*Florencio.*



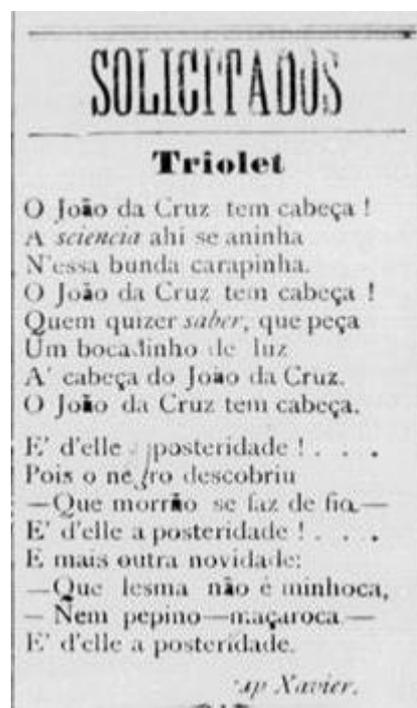
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
17/01/83	Triplet (Edição 00012 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triplet

O João da Cruz tem cabeça!  
 A *sciencia* ahi aninha  
 N'essa bunda carapinha.  
 O João da Cruz tem cabeça!  
 Quem quiser *saber*, que peça!  
 Um bocadinho de luz  
 A' cabeça do João da Cruz.  
 O João da Cruz tem cabeça!

E' d'elle [a] posteridade! . . .  
 Pois o negro descobriu  
 – Que morrão se faz de fio –  
 E' d'elle a posteridade! . . .  
 E mais outra novidade:  
 – Que lesma não é minhoca,  
 – Nem pepino – maçaroca –  
 E' d'elle a posteridade.

*cap. Xavier.*



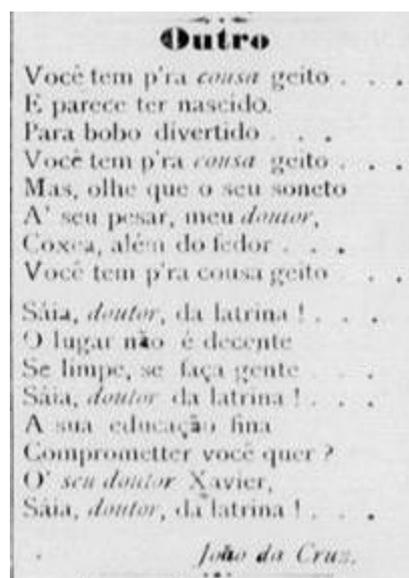
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
17/01/1883	Outro (Edição 00012 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Outro

Você tem p'ra *cousa* geito . . .  
 E parece ter nascido.  
 Pra bobo divertido . . .  
 Você tem p'ra *cousa* geito . . .  
 A' seu pesar, *seu doutor*,  
 Mas, olhe que o seu soneto  
 A' seu pesar, meu *doutor*,  
 Coxeia, além do fedor . . .  
 Você tem p'ra *cousa* geito . . .

Sáia, *doutor*, da latrina! . . .  
 O lugar não é decente  
 Se limpe, se faça gente . . .  
 Sáia, *doutor*, da latrina! . . .  
 A sua educação fina  
 Comprometer você quer?  
 O' *seu doutor* Xavier,  
 Sáia, *doutor*, da latrina! . . .

*João da Cruz.*

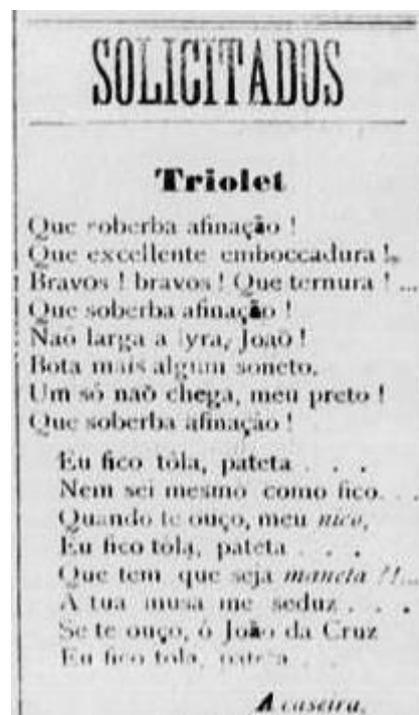


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
18/01/1883	Triolet (Edição 00013 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

Que soberba afinação!  
 Que excelente embocadura!  
 Bravos! Bravos! Que ternura! . . .  
 Que soberba afinação!  
 Não larga a lyra, João!  
 Bota mais algum soneto.  
 Um só não chega, meu preto!  
 Que soberba afinação!

Eu fico tôla, pateta . . .  
 Nem sei mesmo como fico . . .  
 Quando te ouço, meu *mico*.  
 Eu fico tôla, pateta . . .  
 Quem tem que seja *maneta*!! . . .  
 A tua musa me seduz . . .  
 Se te ouço, ó João da Cruz  
 Eu fico tôla, pateta . . .  
*A caseira..*



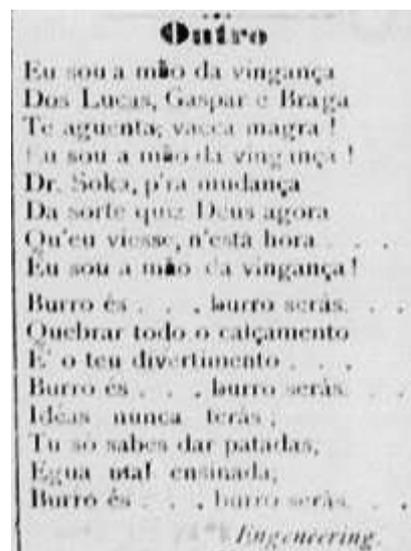
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
18/01/1883	Outro (Edição 00013 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Outro

Eu sou a mão da vingança  
 Dos Lucas, Gaspar e Braga  
 Te aguenta, vacca magra!  
 Eu sou a mão da vingança!  
 Dr. Soka, p'ra mudança  
 Da sorte quiz Deus agora  
 Qu'eu viesse, n'esta hora . . .  
 Eu sou a mão da vingança!

Burro és . . . burro serás . . .  
 Quebrar todo o calçamento  
 É o teu divertimento . . .  
 Burro és . . . burro serás . . .  
 Ideais nunca terás;  
 Tu só sabes dar patadas,  
 Egua mal ensinada,  
 Burro és . . . burro serás . . .

*[Engenhering].*



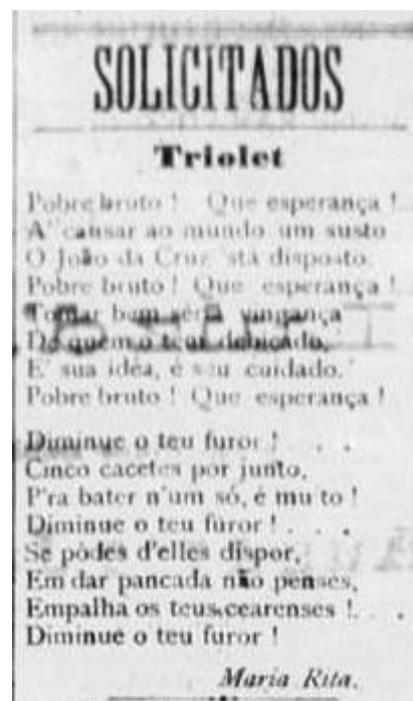
<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
19/01/1883	Triolet (Edição 00014 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

Pobre bruto! Que esperança!  
 A' causar ao mundo um susto  
 O João da Cruz está disposto  
 Pobre bruto! Que esperança!  
 [Tomar bem sera vingança]  
 De quem o [tear] dedicado.  
 Pobre bruto! Que esperança!

Diminue o teu furor! . . .  
 Cinco cacetes por junto.  
 P'ra bater n'um só, é muito!  
 Diminue o teu furor! . . .  
 Se pódés d'elles dispor.  
 Em dar pancada não penses,  
 Empalha os teus cearenses! . . .  
 Diminue o teu furor! . . .

*Maria Rita.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
20/01/1883	Triolet (Edição 00015 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

Estou com medo e arranjado! . . .  
 Eu não sei como do faço  
 Me escapará o espinhaço . . .  
 Estou com medo e arranjado! . . .  
 Estou aqui, estou enterrado  
 Com os ossos, feitos cangica,  
 E despesas na botica!  
 Estou com medo e arranjado! . . .

Fóra de lá o Borges!  
 Que vingança endiabrada;  
 Moer a gente a pancada!  
 Fóra de lá o Borges!  
 Taes ideas não forges!  
 João da Cruz, sê mais clemente!  
 Queres dar em comer gente?!  
 Fóra de lá o Borges!

*O filho do dito.*



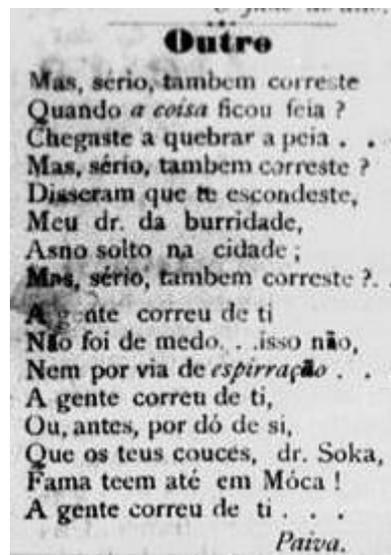
<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
20/01/1883	Outro (Edição 00015 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Mas, sério, também correste  
 Quando *a coisa* ficou feia?  
 Chegaste a quebrar a peia . . .  
 Mas, sério, também correste?  
 Disseram que te escondeste,  
 Meu dr. da burridade,  
 Asno solto na cidade;  
 Mas, sério, também correste? . . .

A gente correu de ti  
 Não foi de medo . . . isso não,  
 Nem por via de *espirração* . . .  
 A gente correu de ti,  
 Ou, antes, por dó de si,  
 Que os teus couces, dr. Soka,  
 Fama teem até em Móca!  
 A gente correu de ti . . .

*Paiva.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
21/01/1883	Triplet (Edição 00016 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triplet

*Homi'*esta! . . . Eu não sabia . . .  
 Tem feito progresso o mano . . .  
 Já tem na sala piano . . .  
*Homi'*esta! . . . Eu não sabia . . .  
 Mas será [sua senhoria]  
 Este instrumento que toca?  
 Estou com agua na bocca . . .  
*Homi'*esta! . . . Eu não sabia . . .

Vamos com Deus, elle é burro!  
 O meu mano João Francisco  
 Só serve para petisco . . .  
 Vamos com Deus, elle é burro!  
 Mau eu ensino o cachorro . . .  
 Quer passar por *cousa* boa.  
 Sou eu que lhe quebro a prôa . . .  
 Vamos com Deus, elle é burro!

*[Secundino].*



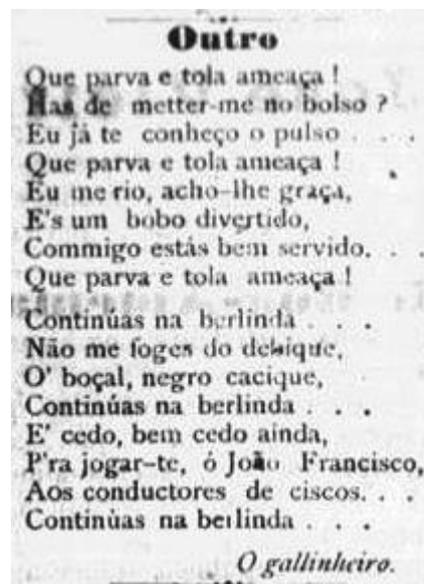
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
21/01/1883	Outro (Edição 00016 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Que parva e tola ameaça!  
 Has de metter-me no bolso?  
 Eu já te conheço o pulso . . .  
 Que parva e tola ameaça!  
 Eu me rio, acho-lhe graça,  
 E's um bobo divertido,  
 Commigo estás bem servido . . .  
 Que parva e tola ameaça!

Continúas na berlinda . . .  
 Não me foges do [debique].  
 O' boçal, negro cacique.  
 Continúas na berlinda . . .  
 E' cedo, bem cedo ainda,  
 P'ra jogar-te, ó João Francisco,  
 Aos conductores de ciscos . . .  
 Continúas na berlinda . . .

*O gallinheiro.*



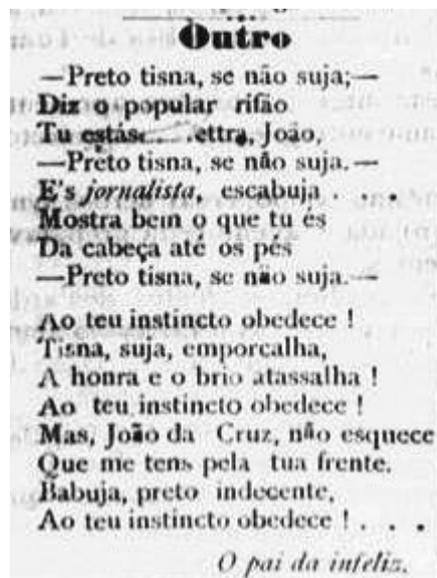
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
21/01/1883	Outro (Edição 00016 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

– Preto tisna, se não suja; –  
 Diz o popular rífão  
 Tu estás [ ettra], João,  
 – Preto tisna, se não suja; –  
 E's jornalista, escabuja . . .  
 Mostra bem o que tu és  
 Da cabeça até os pés  
 – Preto tisna, se não suja; –

Ao teu instinto obedece!  
 Tisna, suja, emporcalha,  
 A honra e o brio atassalha!  
 Ao teu instinto obedece!  
 Mas, João da Cruz, não esquece  
 Que tens pela tua frente,  
 Babuja, preto indecente,  
 Ao teu instinto obedece!

*O pai da infeliz.*



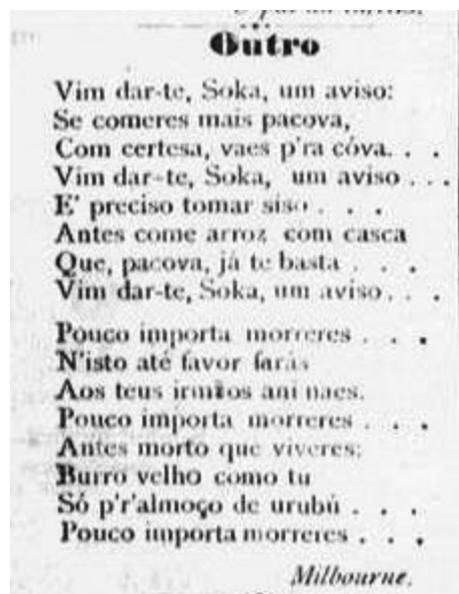
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
21/01/1883	Outro (Edição 00016 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Vim dar-te, Soka, um aviso:  
 Se comeres mais pacova,  
 Com certeza, vaes p'ra cóva . . .  
 Vim dar-te, Soka, um aviso . . .  
 E` preciso tomar siso . . .  
 Antes come arroz com casca  
 Que, pacova, j[a te basta . . .  
 Vim dar-te, Soka, um aviso . . .

Pouco importa morreres . . .  
 N`isto até favor farias  
 Aos teus irmãos animaes,  
 Pouco importa morreres . . .  
 Antes morto que viveres;  
 Burro velho como tu  
 Só p'r'almoço de urubu . . .  
 Pouco importa morreres . . .

*Milbourne.*



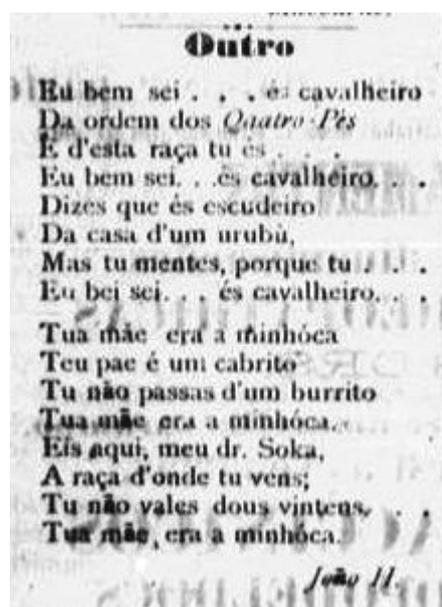
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
21/01/1883	Outro (Edição 00016 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Eu bem sei . . . é cavalheiro  
 As ordem dos *Quatro Pés*  
 E d`esta raça tu és . . .  
 Eu bem sei . . . é cavalheiro . . .  
 Dizes que és escudeiro  
 Da casa d`um urubu,  
 Mas tu mentes, porque tu . . .  
 Eu bem sei . . . é cavalheiro . . .

Tua mãe era a minhóca  
 Teu pae é um cabrito  
 Tu não passas d`um burrito  
 Tua mãe era a minhoca  
 Eis aqui, meu dr. Soka,  
 A raça d`onde tu vens;  
 Tu não vales dous vinténs . . .  
 Tua mãe era a minhóca

*João H.*



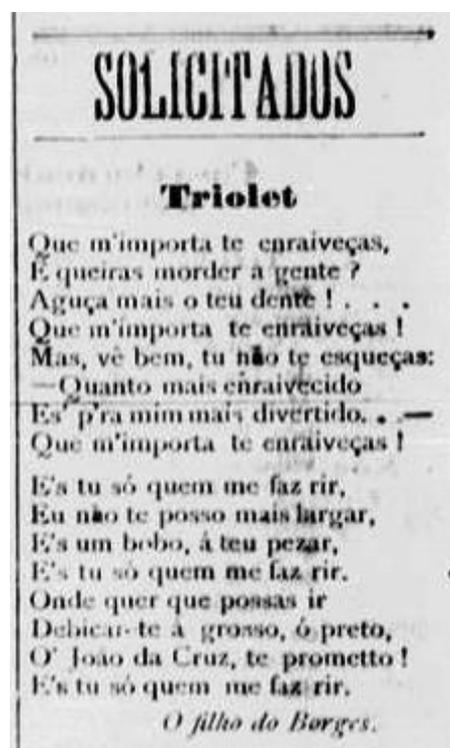
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
23/01/1883	Triolet (Edição 00017 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Quem m'importa te enraiveças,  
 E queiras morder a gente?  
 Aguça mais o teu dente! . . .  
 Quem m'importa te enraiveças!  
 Mas, vê bem, tu não te esqueças:  
 – Quanto mais enraivecido  
 És p'ra mim mais divertido . . . –  
 Quem m'importa te enraiveças!

E's tu só quem me faz rir,  
 Eu não te posso mais largar,  
 E's um bobo, á teu pezar,  
 E's tu só quem me faz rir,  
 Onde quer que possas ir  
 Debicar-te á grosso, ó preto,  
 O' João da Cruz, te prometto!  
 E's tu só quem me faz rir,

*O filho do Borges.*



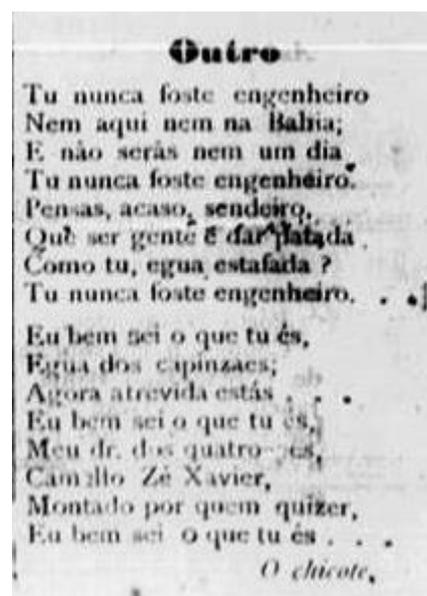
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
23/01/1883	Outro (Edição 00017 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Outro

Tu nunca foste engenheiro  
 Nem aqui nem na Bahia;  
 E não serás nem um dia  
 Tu nunca foste engenheiro.  
 Pensas, acaso, sendeiro,  
 Que ser gente e dar patada  
 Como tu, egua estafada?  
 Tu nunca foste engenheiro . . .

Eu bem sei o que tu és,  
 Egua dos capinzaes;  
 Agora atrevida estás . . .  
 Eu bem sei o que tu és,  
 Meu dr. Dos quatro pés,  
 Camello Zé Xavier,  
 Montado por quem quiser,  
 Eu bem sei o que tu és . . .

*O chicote.*

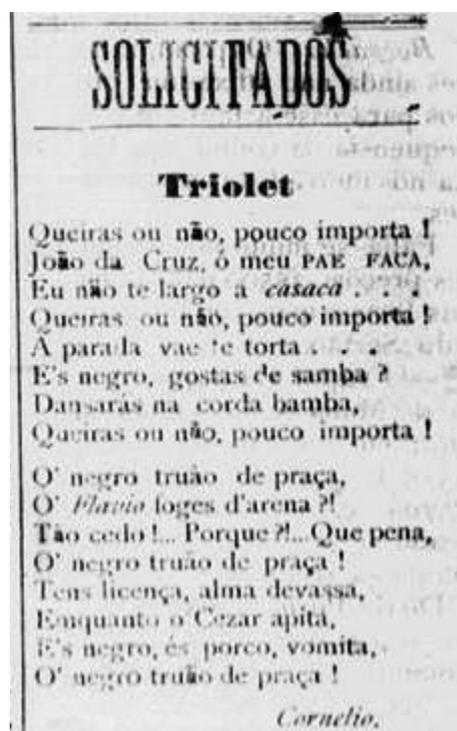


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
24/01/1883	Triolet (Edição 00018 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

Queiras ou não, pouco importa!  
 João da Cruz, ó meu PAE FACA,  
 Eu não te largo a *casaca* . . .  
 Queiras ou não, pouco importa!  
 A parada vae-te torta . . .  
 E's negro, gosta de samba?  
 Dansarás na corda bamba,  
 Queiras ou não, pouco importa!

O' negro truão de praça,  
 O' *Flavio* foges d'arena?!  
 Tão cedo! . . . Porque?! . . . Que pena,  
 O' negro truão de praça,  
 Tens licença, alma devassa  
 Enquanto o Cezar apita,  
 E's negro, és porco, vomita,  
 O' negro truão de praça,  
*Cornelio.*

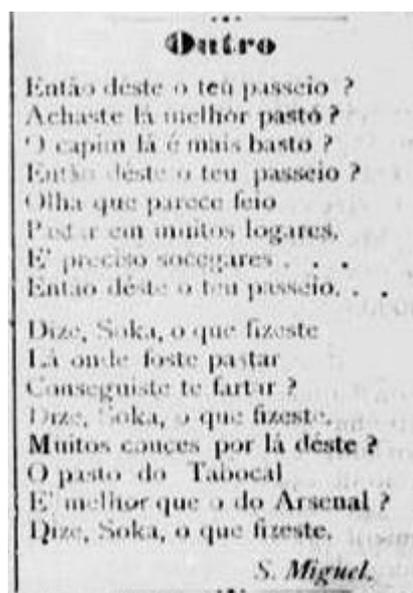


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
24/01/1883	Outro (Edição 00018 – BNDigital)	Solicitados	p.2 c.6

### Outro

Então deste o teu passeio?  
 Achaste lá melhor pastó?  
 O capim lá é mais basto?  
 Então deste o teu passeio?  
 Olha que parece feio  
 [Pastar] em muitos logares,  
 E' preciso sossegares . . .  
 Então déste o teu passeio . . .

Dize, Soka, o que fizeste  
 Lá onde foste pastar  
 Conseguiste te fartar?  
 Dize, Soka, o que fizeste  
 Muitos couces por lá deste?  
 O pasto do Tabocal  
 E' melhor que o do Arsenal?  
 Dize, Soka, o que fizeste.  
*S. Miguel.*



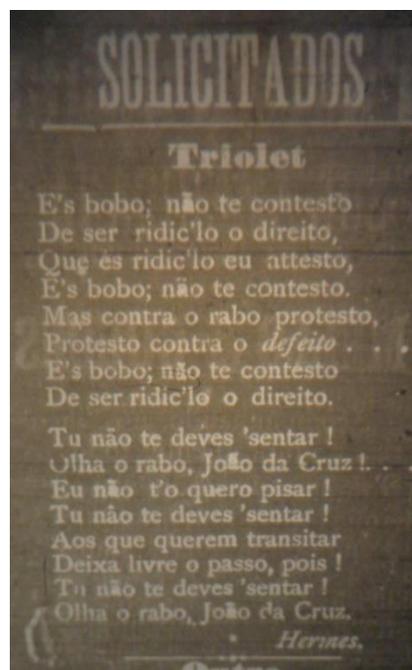
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
25/01/1883	Triolet (Edição 00019 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

E's bobo; não te contesto  
De ser ridic'lo o direito,  
Que és ridic'lo eu atesto,  
E's bobo; não te contesto.  
Mas contra o rabo protesto,  
Protesto contra o defeito . . .  
E's bobo; não te contesto  
De ser ridic'lo o direito.

Tu não te debes 'sentar!  
Olha o rabo, João da Cruz! . . .  
Eu não t'ó quero pisar!  
Tu não te debes 'sentar!  
Aos que querem transitar  
Deixa livre o passo, pois!  
Tu não te debes 'sentar!  
Olha o rabo, João da Cruz.

*Hermes.*



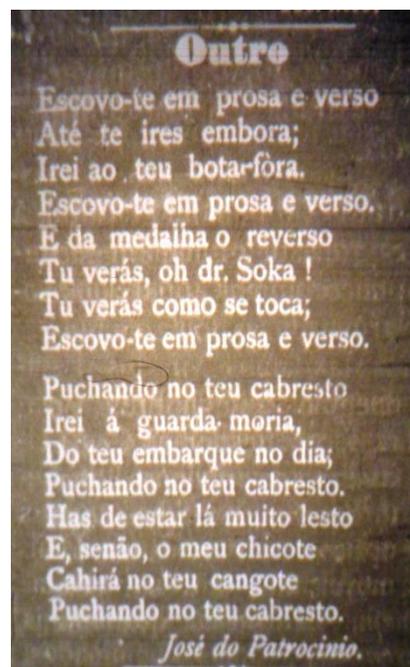
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
25/01/1883	Outro (Edição 00019 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Escovo-te em prosa e verso  
Até te ires embora/  
Irei ao teu bota-fôra.  
Escovo-te em prosa e verso.  
E da medalha o reverso  
Tu verás, oh dr. Soka!  
Tu verás como se toca;  
Escovo-te em prosa e verso

Puchando no teu cabresto  
Irei á guarda moria;  
Do teu embarque no dia;  
Punchado no teu cabresto.  
Has de estar lá muito lesto  
E, senão, o meu chicote  
Cahirá no teu cangote  
Puchando no teu cabresto

*José do Patrocinio.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
26/01/1883	Triolet (Edição 00020 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.2/3 c.1

### Triolet

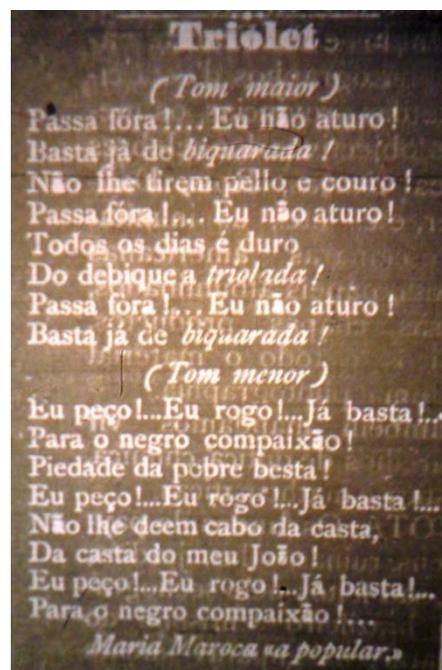
(Tom maior)

Passa fora! . . . Eu não aturo!  
 Basta já de *biquarada*!  
 Não lhe tirem pello e couro!  
 Passa fora! . . . Eu não aturo!  
 Todos os dias é duro  
 Do debique a *triolada*!  
 Passa fora! . . . Eu não aturo!  
 Basta já de *biquarada*!

(Tom menor)

Eu peço! . . . Eu rogo! . . . Já basta! . . .  
 Para o negro compaixão!  
 Piedade da pobre besta!  
 Eu peço! . . . Eu rogo! . . . Já basta! . . .  
 Não lhe deem cabo da casta,  
 Da casta do meu João!  
 Eu peço! . . . Eu rogo! . . . Já basta! . . .  
 Para o negro compaixão!

*Maria Maroca "a popular."*



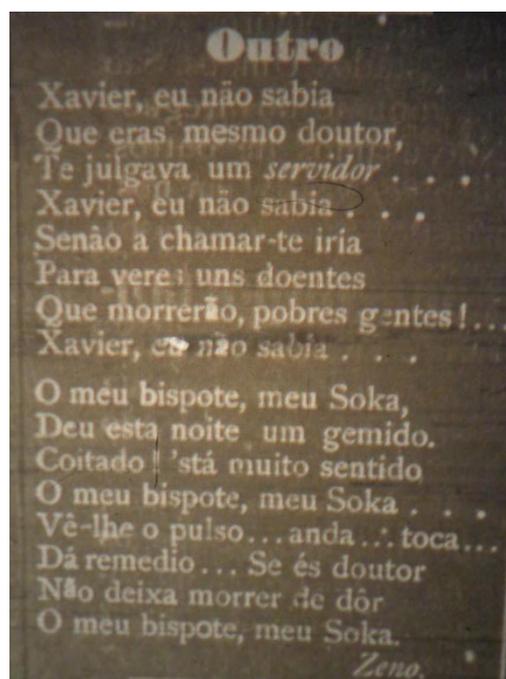
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
26/01/1883	Outro (Edição 00020 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.2/3 c.1

### Outro

Xavier, eu não sabia  
 Que eras mesmo doutor,  
 Te julgava um *servidor* . . .  
 Xavier, eu não sabia . . .  
 Senão a chamar-te iria  
 Para veres uns doentes  
 Que morrerão, pobres gentes!  
 Xavier, eu não sabia . . .

O meu bispote, meu Soka,  
 Deu esta noite um gemido.  
 Coitado! 'stá muito sentido  
 O meu bispote, meu Soka . . .  
 Vê-lhe o pulso . . . anda . . . toca . . .  
 Dá remedio . . . Se és doutor  
 Não deixa morrer de dôr  
 O meu bispote, meu Soka.

*Zeno.*



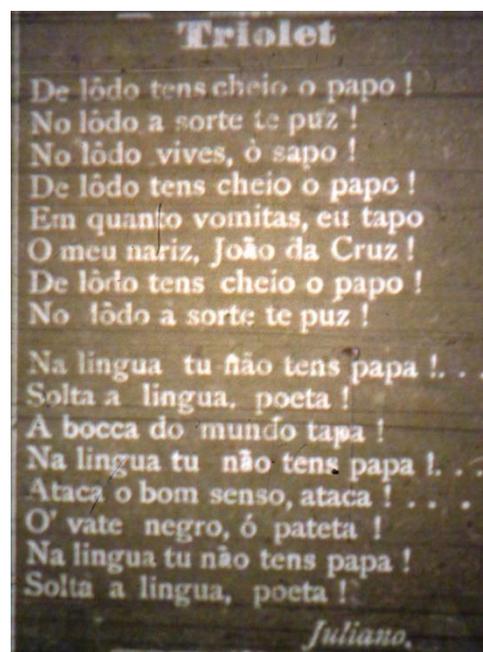
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
27/01/1883	Trioleto (Edição 00021 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.2

### Trioleto

De lôdo tens cheiro o papo!  
 No lôdo a sorte te puz!  
 No lôdo vives, ò sapo!  
 De lôdo tens cheiro o papo!  
 Em quanto vomitas, eu tapo  
 O meu nariz, João da Cruz!  
 De lôdo tens cheiro o papo!  
 No lôdo a sorte te puz!

Na lingua tu não tens papa! . . .  
 Solta a lingua, poeta!  
 A bocca do mundo tapa!  
 Na lingua tu não tens papa! . . .  
 Ataca o bom senso, ataca! . . .  
 O' vate negro, ó pateta!  
 Na lingua tu não tens papa!  
 Solta a lingua, poeta!

*Juliano.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
27/01/1883	Outro (Edição 00021 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.2

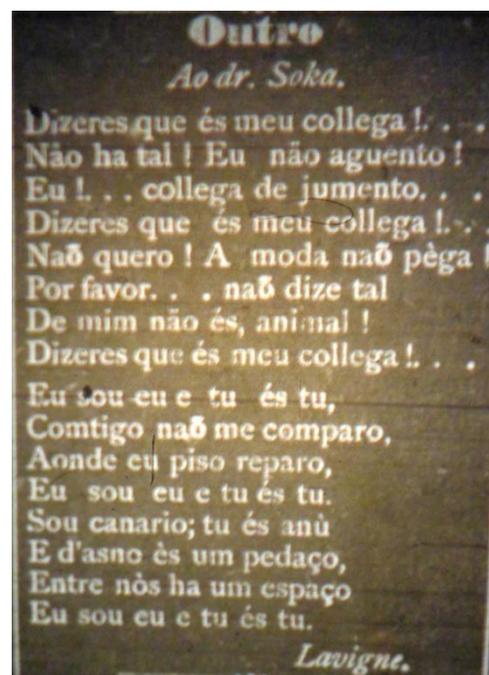
### Outro

*Ao dr. Soka.*

Dizeres que és meu collega! . . .  
 Não ha tal! Eu não aguento!  
 Eu! . . . colega de jumento . . .  
 Dizeres que és meu collega! . . .  
 Não quero! A moda não pèga!  
 Por favor . . . não dize tal  
 De mim não és, animal!  
 Dizeres que és meu collega! . . .

Eu sou eu e tu és tu,  
 Comtigo não me comparo,  
 Aonde eu piso reparo  
 Eu sou eu e tu és tu.  
 Sou canario, tu és anú  
 E d'asno és um pedaço,  
 Entre nós há um espaço  
 Eu sou eu e tu és tu.

*Lavigne.*



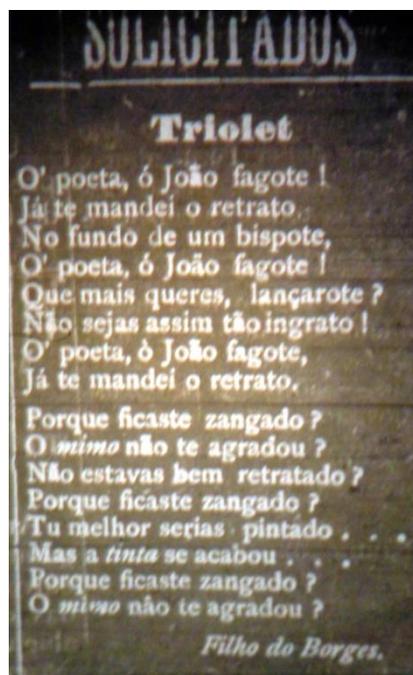
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/01/1883	Triolet (Ed. 00022 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.2 c.6

### Triolet

O' poeta, ó João fagote!  
 Já te mandei o retrato.  
 No fundo de um bispote,  
 O' poeta, ó João fagote!  
 Que mais queres, lançarote?  
 Não sejas assim tão ingrato!  
 O' poeta, ó João fagote!  
 Já te mandei o retrato.

Porque ficaste zangado?  
 O *mimo* não te agradou?  
 Não estavas bem retratado?  
 Porque ficaste zangado?  
 Tu melhor serias pintado . . .  
 Mas a *tinta* se acabou . . .  
 Porque ficaste zangado?  
 O *mimo* não te agradou?

*Filho do Borges.*

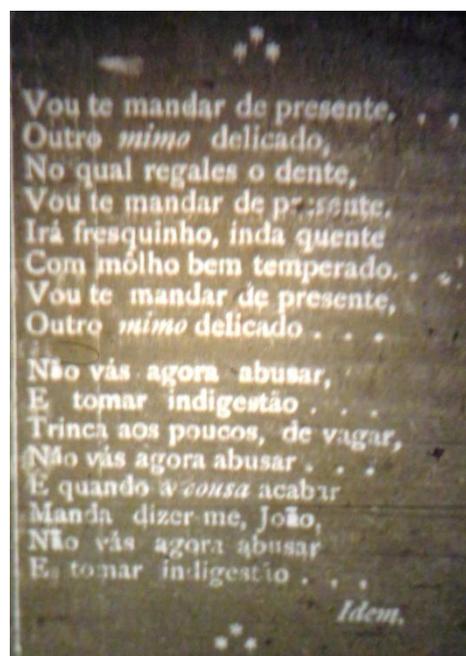


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/01/1883	Outro (Ed. 00022 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.2 c.6

Vou te mandar de presente . . .  
 Outro *mimo* delicado,  
 No qual regales o dente,  
 Vou te mandar de presente . . .  
 Irá fresquinho, inda quente  
 Com molho bem temperado . . .  
 Vou te mandar de presente . . .  
 Outro *mimo* delicado . . .

Não vás agora abusar,  
 E tomar indigestão . . .  
 Trinca aos poucos, de vagar,  
 Não vás agora abusar . . .  
 E quando *a cousa* acabar  
 Manda dizer me, João,  
 Não vás agora abusar,  
 E tomar indigestão . . .

*Idem.*



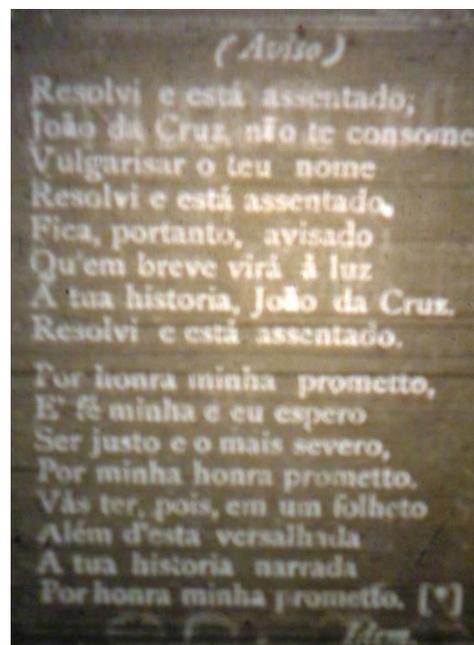
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/01/1883	Outro/Aviso (Ed. 00022 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

(Aviso)

Resolvi e está assentado;  
 João da Cruz, não te consome,  
 Vulgarisar o teu nome  
 Resolvi e está assentado.  
 Fica, portanto, avisado  
 Qu'em breve virá à luz  
 A tua historia, João da Cruz,  
 Resolvi e está assentado.

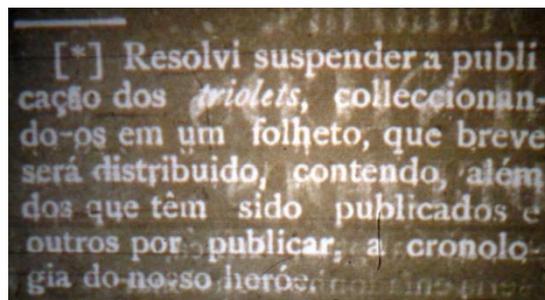
Por honra minha prometto,  
 E' fé minha e eu espero  
 Ser justo e o mais severo,  
 Por honra minha prometto.  
 Vás ter, pois, em um folheto  
 Além d'esta versalhada  
 A tua historia narrada  
 Por honra minha prometto. [\*]

*Idem.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/01/1883	Final da coluna	Solicitados	p.3 c.1

[\*] Resolvi suspender a publicação dos *trioletes*, colleccionando-os em um folheto, que breve será distribuido, contendo, além dos que têm sido publicados e outros por publicar, a cronologia do nosso heróe.



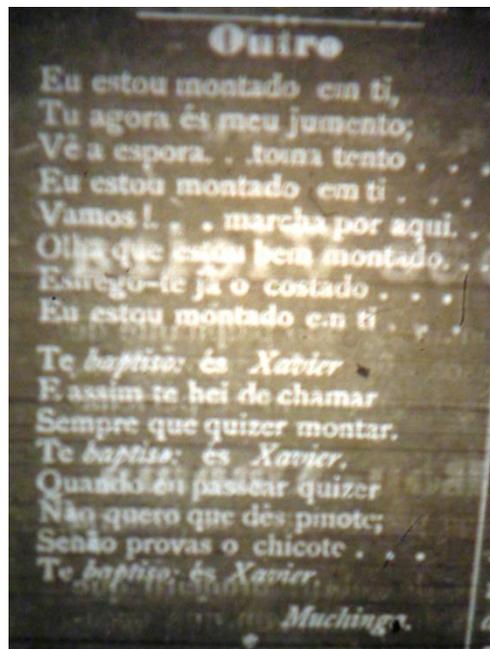
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/01/1883	Outro (Ed. 00022 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

### Outro

Eu estou montado em ti,  
 Tu agora és meu jumento;  
 Vê a espora . . . toma tento . . .  
 Eu estou montado em ti . . .  
 Vamos! . . . marcha por aqui . . .  
 Olha que estou bem montado . . .  
 Entrego-te já o costado . . .  
 Eu estou montado em ti . . .

Te *baptiso*: és *Xavier*  
 E assim te hei de chamar  
 Sempre que quizer montar.  
 Te *baptiso*: és *Xavier*.  
 Quando eu passear quizer  
 Não quero que dés pinote;  
 Senão provas o chicote . . .  
 Te *baptiso*: és *Xavier*.

*Muchinga.*

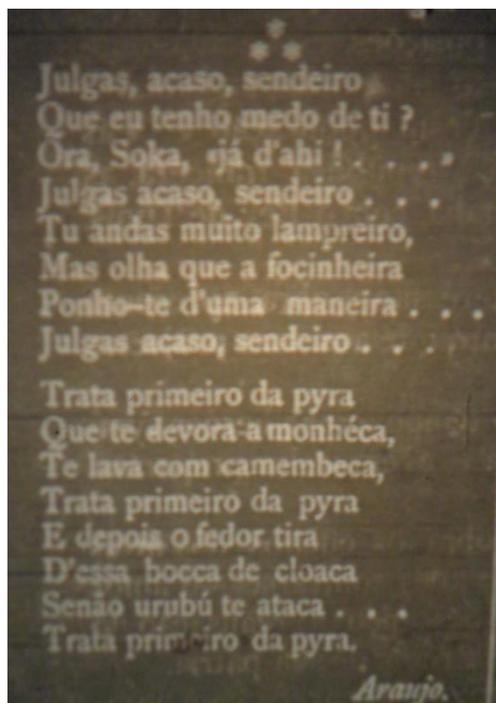


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/01/1883	Outro (Ed. 00022 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

Julgas, acaso, sendeiro  
 Que eu tenho medo de ti?  
 Ora, Soka, já d'ahi! . . .  
 Julgas, acaso, sendeiro . . .  
 Tu andas muito lampreiro,  
 Mas olha que a focinheira  
 Ponho-te d'uma maneira . . .  
 Julgas, acaso, sendeiro . . .

Trata primeiro da pyra  
 Que te devora a monhéca,  
 Te lava com camembeca,  
 Trata primeiro da pyra  
 E depois o fedor tira  
 D'essa bocca de cloaca  
 Senão urubú de ataca . . .  
 Trata primeiro da pyra

*Aranjo.*

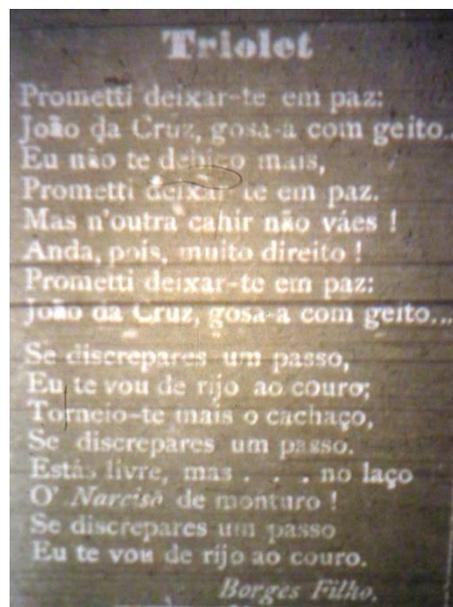


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
30/01/1883	Trioleto (Edição 00023 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

### Trioleto

Prometti deixar-te em paz:  
 João da Cruz, gosa-a com jeito . . .  
 Eu não te debico mais,  
 Prometti deixar-te em paz.  
 Mas n'outra cahir não váes!  
 Anda, pois, muito direito!  
 Prometti deixar-te em paz:  
 João da Cruz, gosa-a com jeito . . .

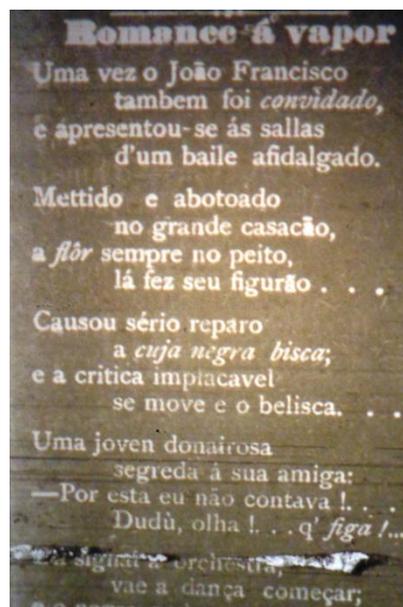
Se discrepares um passo,  
 Eu te vou de riço ao couro;  
 Torneio-te mais o cachaço,  
 Se discrepares um passo,  
 Estás livre, mas . . . no laço  
 O' *Narciso* de monturo!  
 Se discrepares um passo,  
 Eu te vou de riço ao couro.  
*Borge Filho.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
30/01/1883	Romance à Vapor (Edição 00023 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

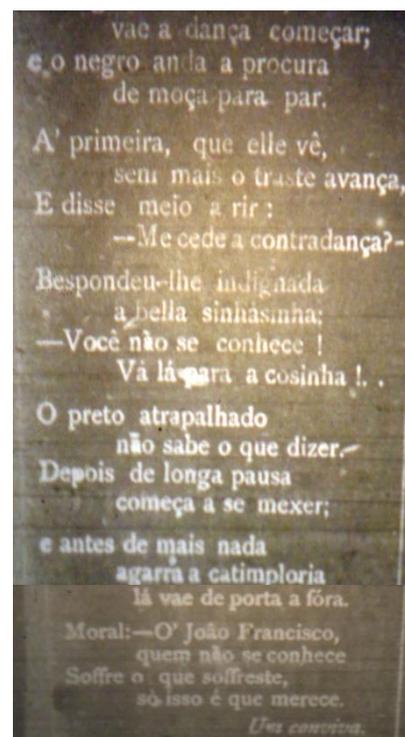
### Romance á vapor

Uma vez o João Francisco  
 também foi *convidado*,  
 e apresentou-se ás sallas  
 d'um baile afidalgado.  
 Mettido e abotoado  
 no grande casacão,  
 a *flôr* sempre no peito,  
 lá fez seu figurão . . .  
 Causou sério reparo  
 a *cuja negra bisca*;  
 e a critica implacavel  
 se move e o belisca . . .  
 Uma joven donairosa  
 segreda á sua amiga:  
 – Por esta eu não contava! . . .  
 Dudú, olha! . . . q' *figa!* . . .  
 Da signal a orchestra,  
 vae a dança começar;  
 e o negro anda a procura  
 de moça para par.



A' primeira, que elle vê,  
 sem mais o traste avançar,  
 E disse meio a rir:  
 – Me cede a contradança?  
 Respondeu-lhe indignada  
 A bella sinhasinha:  
 – Você não se conhece!  
 Vá lá para a cosinha! . . .  
 O preto atrapalhado  
 Não sabe o que dizer.  
 Depois de longa pausa  
 Começa a se mexer;  
 e antes de mais nada  
 agarra a catimploria  
 e sem dizer – Adeus –  
 lá vae de porta a fora.  
 Moral: – O' João Francisco,  
 quem não se conhece  
 Soffre o que soffreste,  
 só isso é que merece.

*Um conviva.*



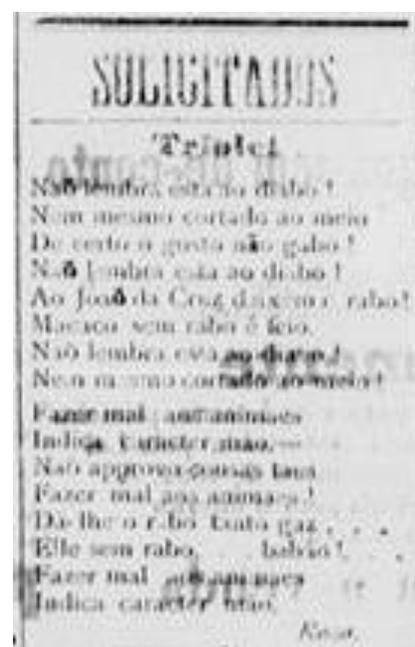
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
31/01/1883	Triplet (Edição 00024 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.2

### Triplet

Não lembra esta ao diabo!  
 Nem mesmo cortado ao meio  
 De certo o gosto não gabo!  
 Não lembra esta ao diabo!  
 Ao João da Cruz deixei o rabo!  
 Macaco sem rabo é feio.  
 Não lembra esta ao diabo!  
 Nem mesmo cortado ao meio!

Fazer mal aos animaes  
 Indica character máo. –  
 Não approvo cousas taes  
 Fazer mal aos animaes!  
 Elle sem rabo . . . babáio! . . .  
 Fazer mal aos animaes  
 Indica character máo.

*Roza.*



Obs: Tanto a página digital quanto o microfilme estão bem apagados. A transcrição foi feita direto do jornal físico na BPAV.

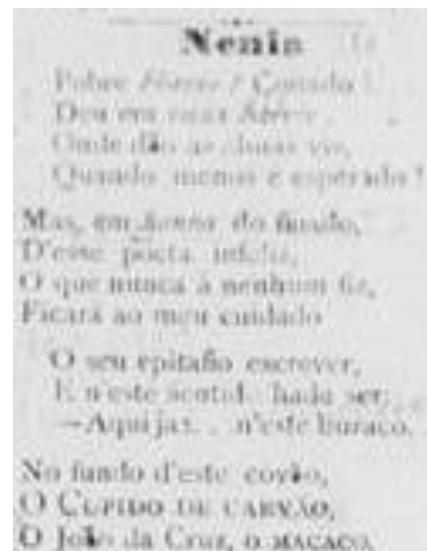
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
31/01/1883	Nenia (Edição 00024 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.3

### Nenia

Pobre *Flávio!* Coitado! . . .  
 Deu em *vaza barris* . . .  
 Onde dão as almas vis,  
 Quando menos é esperado!

Mas, em *honra* do finado,  
 D'esse poeta infeliz,  
 O que nunca á nenhum fiz,  
 Ficar á ao meu cuidado  
 O seu epitáfio escrever,  
 E n'esse sentido hade ser:  
 – Aqui jaz . . . n'este buraco . . .

No fundo d'este covão,  
 O COPIDO DE CARVÃO,  
 O João da Cruz, o MACACO.



Obs: Tanto a página digital quanto o microfilme estão bem apagados. A transcrição foi feita direto do jornal físico na BPAV. Sem assinatura.

Nome do Periódico: Diário de Notícias			
01/02/1883	Triolet (Edição 00025 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

Eu não sei qual o jornal,  
 Que esta noticia deu,  
 Como um facto real,  
 Eu não sei qual o jornal,  
 – De *quebra bunda*, a final,  
 O João Francisco morreu. –  
 Eu não sei qual o jornal,  
 Que esta noticia deu.

Anda n'isto maroteira,  
 Que tem o entrudo por pae,  
 E que fim levou a caseira?  
 Anda n'isto maroteira . . .  
 O João da Cruz n'essa asneira  
 De morrer é que não váe  
 Anda n'isto maroteira,  
 Que tem o entrudo por pae.  
*Tapia.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
01/02/1883	Romance à Vapor (Edição 00025 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### **Romance á vapor**

Com pés de lã o safado,  
 um dia, que dia cheio!  
 o João da Cruz fez entrada  
 de uma familia no ceio.

A familia pobre gente!  
 iludida pela côr,  
 não pensou que recebia  
 um negregado sem pudor.

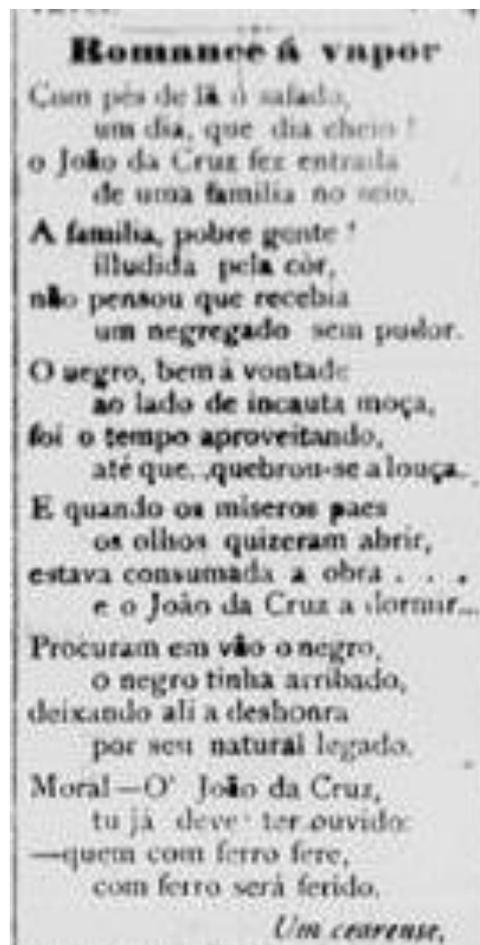
O negro, bem á vontade  
 ao lado de incauta moça,  
 foi o tempo aproveitando  
 até que, quebrou-se a louça.

E quando os miseros paes  
 os olhos quiseram abrir,  
 estava a consumada a obra . . .  
 e o João da Cruz a dormir . . .

Procuram em vão o negro,  
 o negro tinha arribado,  
 deixando ali a deshonra  
 por seu natural legado.

Moral: – O’ João Francisco,  
 tu já deve ter ouvido:  
 – quem com ferro fere,  
 com ferro será ferido.

*Um cearense.*



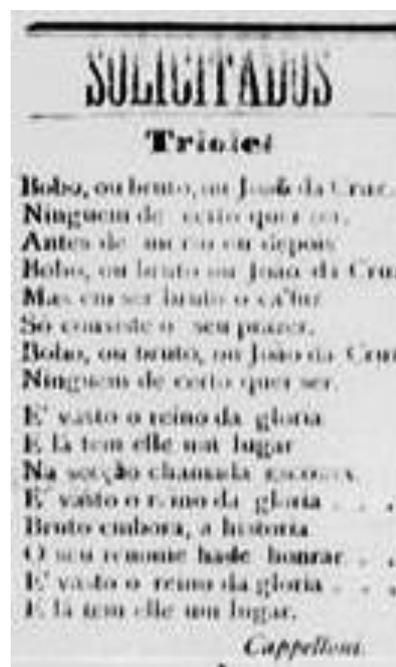
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
02/02/1883	Triolet (Edição 00026 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

Bobo, ou bruto, ou João da Cruz . . .  
 Ninguém de certo quer ser,  
 Antes de morto ou depois  
 Bobo, ou bruto, ou João da Cruz  
 Mas em ser bruto o ca'fuz  
 Só consiste o seu prazer,  
 Bobo, ou bruto, ou João da Cruz . . .  
 Ninguém de certo quer ser.

E' vasto o reino da gloria  
 E lá tem elle um lugar  
 Na secção chamada ESCORIA,  
 E' vasto o reino da gloria . . .  
 Bruto embora, a historia  
 O seu nome hade honrar . . .  
 E' vasto o reino da gloria . . .  
 E lá tem elle um lugar.

*Cappelloni.*

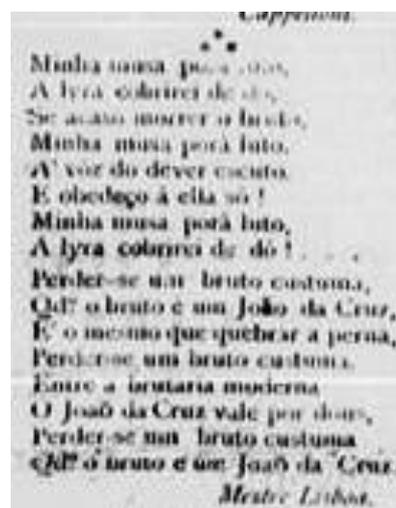


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
02/02/1883	Triolet (Edição 00026 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

Minha musa porá luto,  
 A lyra cobrirei de dó,  
 Se acaso morrer o bruto,  
 Minha musa porá luto.  
 A voz do dever escuto,  
 E obedeço á ella só!  
 Minha musa porá luto,  
 A lyra cobrirei de dó! . . .

Perder-se um bruto costuma,  
 Qdº. o bruto é um João da Cruz,  
 E' o mesmo que quebrar a perna,  
 Perder-se um bruto costuma.  
 Entre a brutaria moderna,  
 O João da Cruz vale por dous,  
 Perder-se um bruto costuma,  
 Qdº. o bruto é um João da Cruz.

*Mestre Lisboa.*



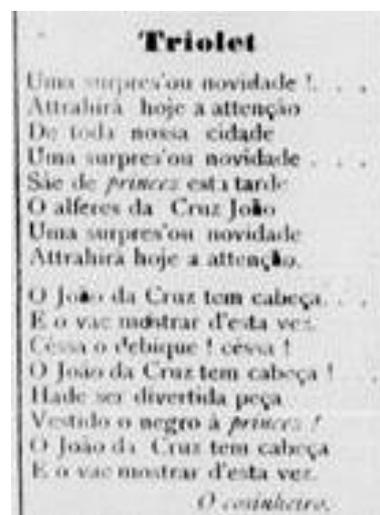
<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
04/02/1883	Triolet (Edição 00027 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

Uma surpres'ou novidade! . . .  
 Attrahirá hoje a atenção  
 De nossa cidade  
 Uma surpres'ou novidade . . .  
 Sáe de *princez* esta tarde  
 O alferes da Cruz João.  
 Uma surpres'ou novidade  
 Attrahirá hoje a atenção.

O João da Cruz tem cabeça . . .  
 E o vae mostrar d'esta vez  
 Cessa o debique! cessa!  
 O João da Cruz tem cabeça! . . .  
 Hade ser divertida peça  
 Vestido o negro á *princez*!  
 O João da Cruz tem cabeça  
 E o vae mostrar d'esta vez.

*O cosinheiro.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
06/02/1883	Triolet (Ed. 00028 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

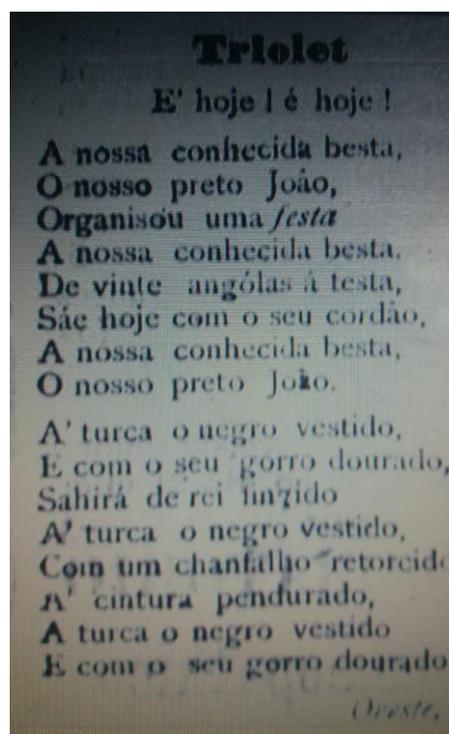
### Triolet

E' hoje! é hoje!

A nossa conhecida besta,  
 O nosso preto João,  
 Organizou uma *festa*  
 A nossa conhecida besta.  
 De vinte angólas á testa,  
 Sáe hoje com o seu cordão,  
 A nossa conhecida besta,  
 O nosso preto João.

A' turca o negro vestido,  
 E com o seu gorro dourado,  
 Sahirá de rei fingido  
 A' turca o negro vestido,  
 Com um chanfalho retorcido  
 A' cintura pendurado,  
 A' turca o negro vestido,  
 E com o seu gorro dourado.

*Oreste.*

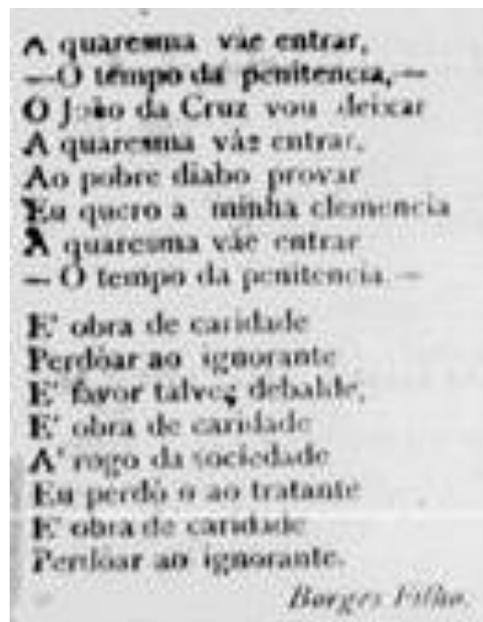


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
06/02/1883	A quaresma vae entrar (Ed. 00028 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

A quaresma váe entrar,  
 – O tempo da penitencia, –  
 O João da Cruz vou deixar  
 A quaresma váe entrar.  
 Ao pobre diabo provar  
 Eu quero a minha clemencia  
 A quaresma váe entrar  
 – O tempo da penitencia, –

E' obra da caridade  
 Perdóar ao ignorante  
 E' favor talvez de balde,  
 E' obra de caridade  
 A' rogo da sociedade  
 Eu perdô o ao tratante  
 E' obra da caridade  
 Perdóar ao ignorante.

*Borges Filho.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
08/02/1883	Triolet (Edição 00029 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

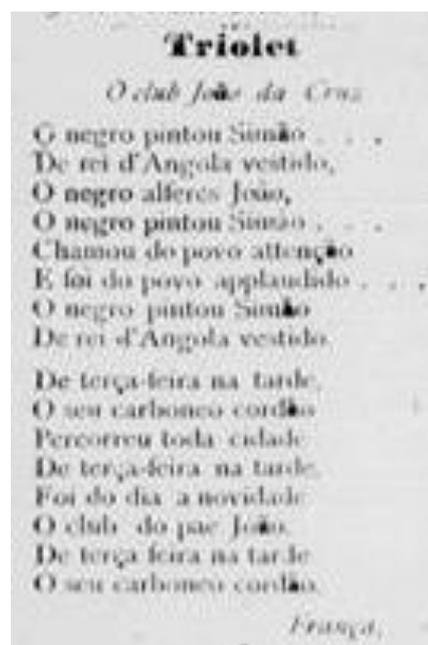
### Triolet

*O club João da Cruz*

O negro pintou Simão . . .  
 De rei d'Angola vestido,  
 O negro alferes João,  
 O negro pintou Simão . . .  
 Chamou de povo attenção  
 E foi do povo applaudido . . .  
 O negro pintou Simão . . .  
 De rei d'Angola vestido.

De terça-feira na tarde,  
 O seu carboneo cordão  
 Percorreu toda cidade  
 Foi do dia a novidade  
 O club do pae João,  
 De terça-feira na tarde,  
 O seu carboneo cordão.

*França.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
08/02/1883	Triolet (Edição 00029 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

*Ao insigne alferes João da Cruz*  
 Tu, João da Cruz, tu me *amolas!*  
 Outro officio, meu CUATÁ!  
 Quando na poesia de atólas,  
 Tu, João da Cruz, tu me *amolas!*  
 Que tu não possas d'um *bolas*  
 Há muito provado esta;  
 Tu, João da Cruz, tu me *amolas!*  
 Outro officio, meu CUATÁ!

Tu não passas d'um *trulha*,  
 Que mais serve de petisco . . .  
 E' um gralha, és um gralha,  
 Tu não passas d'um *trulha!* . . .  
 A tua negra musa arrolha  
 Engarrafa-a, João Francisco!  
 Tu não passas d'um *trulha*,  
 Que mais serve de petisco . . .  
*Mala real.*

*Ao insigne alferes João da Cruz.*  
 Tu, João da Cruz, tu me *amolas!*  
 Outro officio, meu CUATÁ!  
 Quando na poesia de atólas,  
 Tu, João da Cruz, tu me *amolas!*  
 Que tu não possas d'um *bolas*  
 Há muito provado esta;  
 Tu, João da Cruz, tu me *amolas!*  
 Outro officio, meu CUATÁ!  
 Tu não passas d'um *trulha*,  
 Que mais serve de petisco . . .  
 E' um gralha, és um gralha,  
 Tu não passas d'um *trulha!* . . .  
 A tua negra musa arrolha  
 Engarrafa-a, João Francisco!  
 Tu não passas d'um *trulha*,  
 Que mais serve de petisco . . .  
*Mala real.*

Nome do Periódico: Diário de Notícias			
09/02/1883	Triolet (Edição 00030 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.3

### Triolet

No teu velho canto-chão . . .  
 Tisna, suja o mundo inteiro,  
 Ladra á lua, pobre cáo,  
 No teu velho canto-chão!  
 Mas eu é que não deixo, não  
 A tua *fama* no tinteiro . . .  
 No teu velho canto-chão  
 Tisna, suja o mundo inteiro!

Em debicar-te não canço,  
 O' PAE FACA, ó João da Cruz!  
 Te faças bravo ou bem manço,  
 Em debicar-te não canço.  
 Ao monturo atiro e lanço  
 O que te sáe da boca a flux . . .  
 Em debicar-te não canço,  
 O' PAE FACA, ó João da Cruz!

**Triolet**  
 No teu velho canto-chão . . .  
 Tisna, suja o mundo inteiro,  
 Ladra á lua, pobre cáo,  
 No teu velho canto-chão!  
 Mas eu é que não deixo, não  
 A tua *fama* no tinteiro . . .  
 No teu velho canto-chão  
 Tisna, suja o mundo inteiro!  
 Em debicar-te não canço,  
 O' PAE FACA, ó João da Cruz!  
 Te faças bravo ou bem manço,  
 Em debicar-te não canço.  
 Ao monturo atiro e lanço  
 O que te sáe da boca a flux . . .  
 Em debicar-te não canço,  
 O' PAE FACA, ó João da Cruz!

Obs: sem assinatura

<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
10/02/1883	Triolet (Edição 00031 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.3

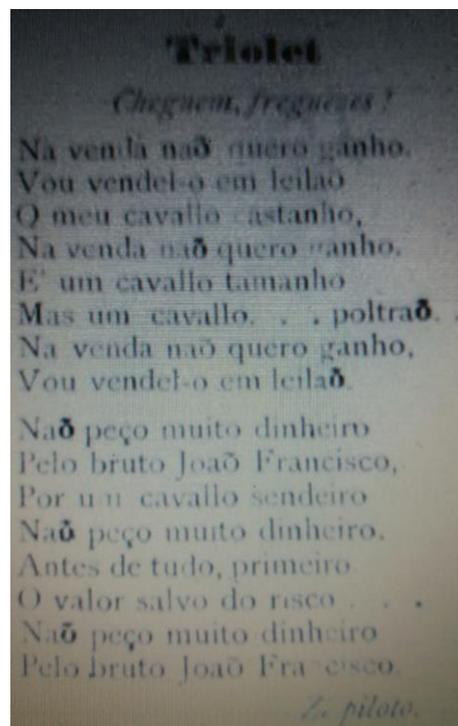
### Triolet

*Cheguem, fregueses!*

Na venda não quero ganho,  
 Vou vendel-o em leilão  
 O meu cavallo castanho  
 Na venda não quero ganho,  
 E' um cavallo tamanho  
 Mas um cavallo . . . poltrão . . .  
 Na venda não quero ganho,  
 Vou vendel-o em leilão.

Naõ peço muito dinheiro  
 Pelo bruto Joaõ Francisco,  
 Por um cavallo sandeiro  
 Naõ peço muito dinheiro,  
 Antes de tudo, primeiro  
 O valor salvo do risco . . .  
 Naõ peço muito dinheiro  
 Pelo bruto Joaõ Francisco,

*Zé piloto.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
11/02/1883	Fábula (Edição 00032– BNDigital/BPAV))	Solicitados	p.3 c.1

### Fábula

Sobre a sua triste sorte  
 Conversava um dia no curro  
 Um urubú muito alegre  
 Com um maseleto burro.

*Uru.* – Como te chamas, amigo?  
 E quem é q' aqui te poz?

*Bur.* – Fui preso pelo fiscal;  
 Eu me chamo-Jº da Cruz

*Uru.* – Mas q' mal tu praticaste,  
 P'ra seres assim tratado?

*Bur.* – Q' eu saiba, nenhum sei.  
 Me persegue a lei do fado! . . .

*Uru.* – Pois eu deploro tua sina,  
 O' pobre burro innocente!  
 Tens no mundo quem te chore?  
 Não tens acaso um parente?

*Bur.* – Não os tive; nasci só!  
 Se alguma cousa mereço,  
 Se eu morrer, faz-me o enterro!  
 Não me comas! . . . Eu te peço!

*Uru.* – Não é preciso pedires,  
 Nem te querem os urubús,  
 Em vida já tens máo cheiro . . .  
 Estás podre, João da Cruz! . . .

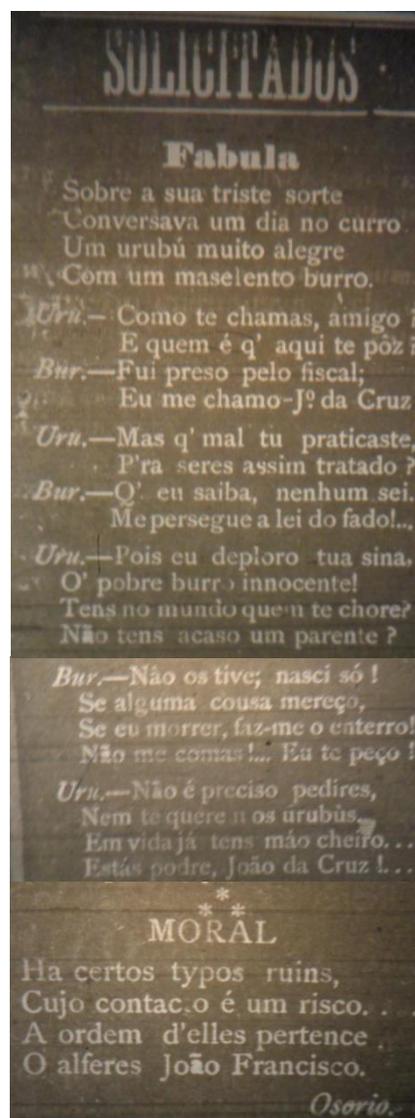
\*

\* \*

#### MORAL

Há certos typos ruins,  
 Cujo contacto é um risco . . .  
 A ordem d'elles pertence  
 O alferes João Francisco.

*Osorio.*



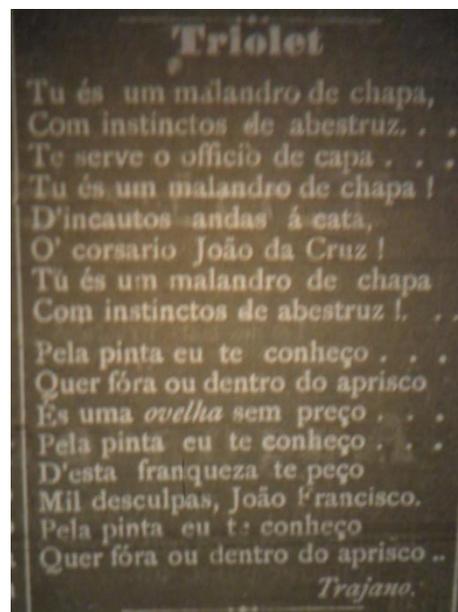
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
11/02/1883	Triolet/Outro (Edição 00032 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

Tu és um malandro de chapa,  
Com instinctos de abestruz . . .  
Te serve o officio de capa . . .  
Tu és um malandro de chapa,  
D'incautos andas á cata,  
O' corsario João da Cruz!  
Tu és um malandro de chapa  
Com instinctos de abestruz ! . . .

Pela pinta eu te conheço . . .  
Quer fóra ou dentro do aprisco  
És uma *ovelha* sem preço . . .  
Pela pinta eu te conheço . . .  
D'esta franqueza te peço  
Mil desculpas, João Francisco.  
Pela pinta eu te conheço  
Quer fóra ou dentro do aprisco . . .

*Trajano.*



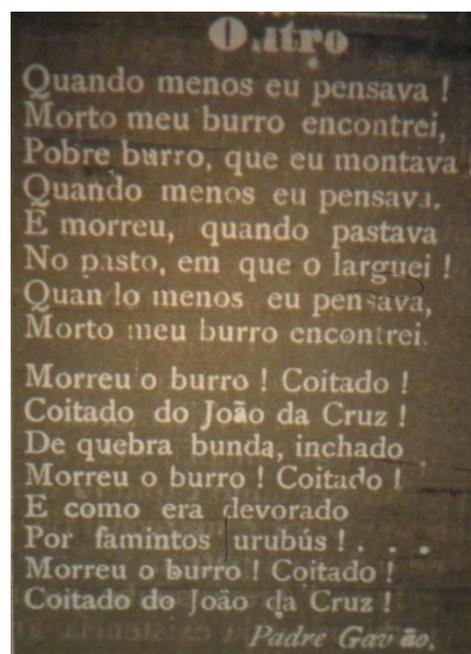
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
11/02/1883	Outro (Edição 00032 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.2

### Outro

Quando menos eu pensava!  
Morto meu burro encontrei,  
Pobre burro, que eu montava!  
Quando menos eu pensava.  
E morreu, quando pastava  
No pasto, em que o larguei!  
Quando menos eu pensava,  
Morto meu burro encontrei.

Morreu o burro! Coitado!  
Coitado do João da Cruz!  
De quebra bunda, inchado  
Morreu o burro! Coitado!  
E como era devorado  
Por famintos urubús! . . .  
Morreu o burro! Coitado!  
Coitado do João da Cruz!

*Padre Gavião.*



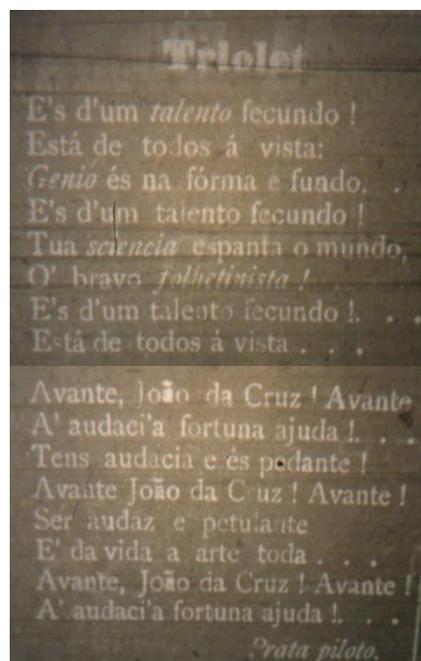
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
13/02/1883	Triolet (Edição 00033 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

### Triolet

E's d'um *talento* fecundo!  
 Está de todos á vista:  
*Genio* és na fôrma e fundo . . .  
 E's d'um *talento* fecundo!  
 Tua *sciencia* espanta o mundo,  
 O' bravo *folhetinista*!  
 E's d'um *talento* fecundo! . . .  
 Está de todos á vista . . .

Avante, João da Cruz! Avante!  
 A' audaci'a fortuna ajuda! . . .  
 Tens audácia e és pedante!  
 Avante, João da Cruz! Avante!  
 Ser audaz e petulante  
 E` da vida arte toda . . .  
 Avante, João da Cruz! Avante!  
 A' audaci'a fortuna ajuda! . . .

*Prata piloto.*



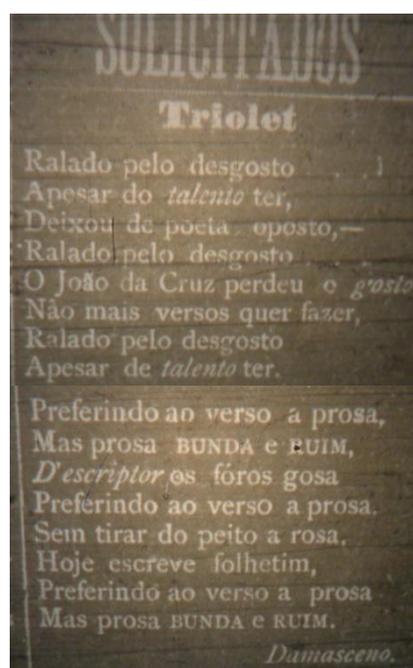
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
14/02/1883	Triolet (Edição 00034 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.3

### Triolet

Ralado pelo desgosto . . .  
 Apesar do *talento* ter,  
 Deixou de poeta oposto, –  
 Ralado pelo desgosto . . .  
 O João da Cruz perdeu o *gosto*,  
 Não mais versos quer fazer,  
 Ralado pelo desgosto  
 Apesar de *talento* ter.

Preferindo ao verso a prosa,  
 Mas prosa BUNDA e RUIM,  
*D'escriptor* os fóros dosa  
 Preferindo o verso a prosa.  
 Sem tirar do peito a rosa,  
 Hoje escreve folhetim,  
 Preferindo ao verso a prosa  
 Mas prosa BUNDA e RUIM.

*Damasceno.*



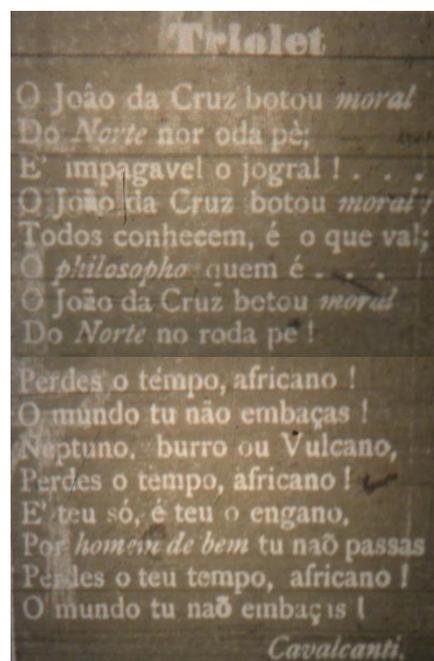
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
15/02/1883	Triolet (Edição 00035 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.4

### Triolet

O João da Cruz botou *moral*  
Do Norte nor oda pè; (SIC)  
É impagavel o jogral! . . .  
O João da Cruz botou *moral*!  
Todos conhecem, é o que val;  
O *philosopho* quem é . . .  
O João da Cruz botou *moral*  
Do Norte no roda pè!

Perdes o tempo, africano!  
O mundo tu não embaças!  
Neptuno, burro ou Vulcano,  
Perdes o tempo, africano!  
E' teu só, é teu o engano,  
Por *homem de bem* tu não passas!  
Perdes o tempo, africano!  
O mundo tu não embaças!

*Cavalcanti.*



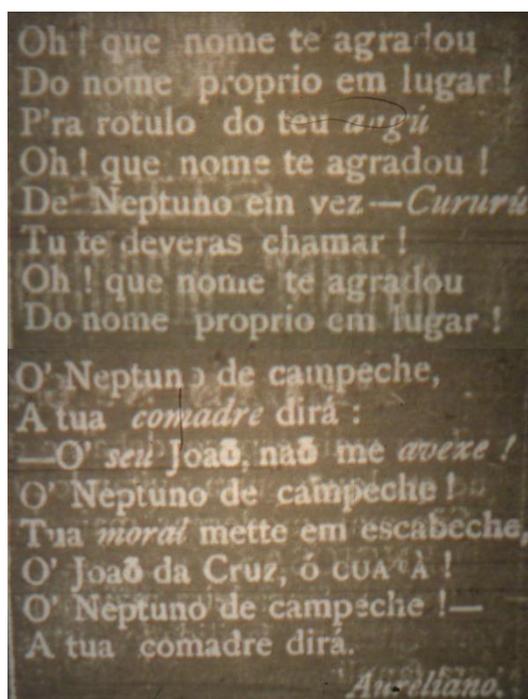
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
15/02/1883	Triolet (Edição 00035 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.4

\*  
\* \*

Oh! Que nome te agradou  
Do nome propeio em lugar!  
P'ra rotulo do teu *angú*  
Oh! Que nome te agradou!  
De Neptuno em vez – *Cururú*  
Tu te deveras chamar!  
Oh! Que nome te agradou  
Do nome propeio em lugar!

O' Neptuno de campeche,  
A tua *comadre* dirá:  
– O' *seu* João, não me *avexe*!  
O' Neptuno de campeche!  
Tua *moral* mette em escabeche,  
O' João da Cruz, ó CUATÀ!  
O' Neptuno de Campeche! –  
A tua *comadre* dirá.

*Aureliano.*



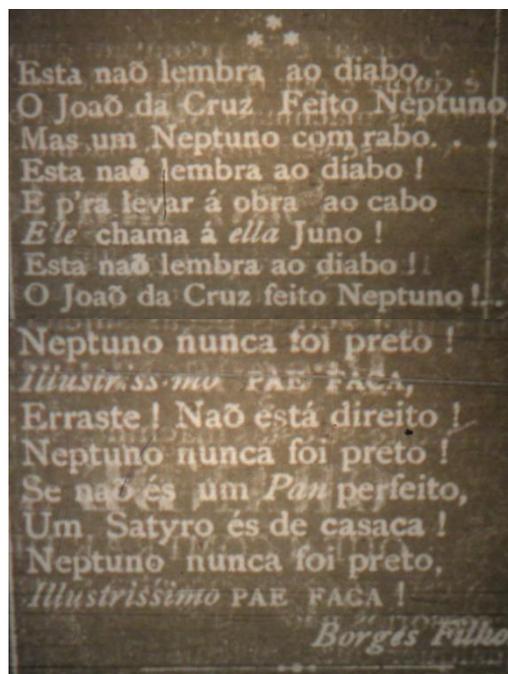
<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
15/02/1883	Triolet (Edição 00035 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.4

\*  
\* \*

Esta não lembra ao diabo . . .  
O Joaõ da Cruz Feito Neptuno,  
Mas um Neptuno com rabo . .  
Esta não lembra ao diabo!  
E p'ra levar á obra ao cabo  
*Elle* chama á *ella* Juno!  
Esta não lembra ao diabo!  
O Joaõ da Cruz feito Neptuno! . . .

Neptuno nuca foi preto!  
*Illustrissimo* PAE FACA,  
Erraste! Não está direito!  
Neptuno nuca foi preto!  
Se não és um *Pan* perfeito,  
Um *Satyro* és de casaca!  
Neptuno nuca foi preto!  
*Illustrissimo* PAE FACA!

*Borges Filho.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
15/02/1883	A' um tal professor Severo (Ed. 00035 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.4

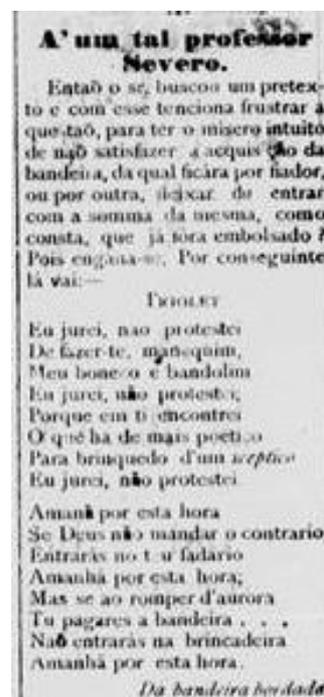
### A' um tal professor Severo

Então o sr. buscou um pretexto e com esse tenciona frustrar a questão, Para ter o mísero intuito de não satisfazer a aquisição da bandeira, da qual ficára por fiador, ou por outra, deixar de entrar com a somma da mesma, como consta, que já fôra embolsado? Pois engana-se. Por conseguinte lá vai: –

#### Triolet

Eu jurei, não protestei  
De fazer-te, manequim,  
Meu boneco e bandolim  
Eu jurei, não protestei;  
Porque em ti encontraste  
O que há de mais poetico  
Para brinquedo d'um *sceptico*  
Eu jurei, não protestei

Amanã por essa hora (SIC)  
Se Deus não mandar o contrario,



Entrarás no teu fadario  
 Amanhã por essa hora;  
 Mas se ao romper d'aurora  
 Tu pagares a bandeira . . .  
 Não entrarás na brincadeira  
 Amanhã por esta hora.

*Da badeira bordada.*

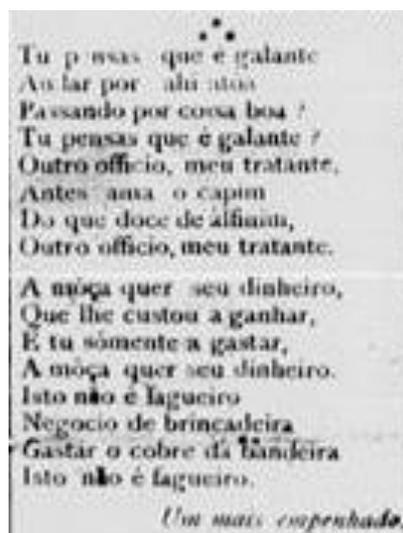
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
15/02/1883	Triolet (Edição 00035 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.4

\*  
 \* \*

Tu pensas que é galante  
 Andar por ahi atôa  
 Passando por coisa boa?  
 Tu pensas que é galante?  
 Outro officio, meu tratante,  
 Antes ama o capim  
 Do que doce de álfinim,  
 Outro officio, meu tratante.

A môça quer dinheiro,  
 Que lhe custa a ganhar,  
 E tu sómente a gastar,  
 A môça quer dinheiro.  
 Isto não é fagueiro  
 Negocio de brincadeira  
 Gastar o cobre da bandeira  
 Isto não é fagueiro.

*Um mais empenhado.*

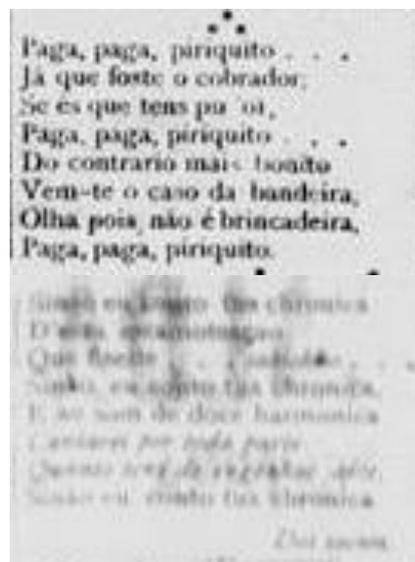


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
15/02/1883	Triolet (Ed. 00035 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.4/5

\*  
\* \*

Paga, paga, periquito . . .  
 Já que foste o cobrador;  
 Se és que tens [pu\_o(l)],  
 Paga, paga, periquito . . .  
 Do contrario mais bonito  
 Vem-te o caso da bandeira,  
 Olha pois, não é brincadeira,  
 Paga, paga, periquito . . .

Senão eu conto tua chronica  
 D'essa escamoteação  
 Que fizeste . . . *sabichão* . . .  
 Senão eu conto tua chronica  
 E ao som de doce harmonica  
*Cantarei por toda parte*  
*Quanto tens de engenhos arte,*  
 Senão eu conto tua chronica  
*Dos socios.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
17/02/1883	Triolet (Ed. 00037 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.2

### Triolet

A soltura d'um animal  
 Requereu um carroceiro  
 A' camara municipal  
 A soltura d'um animal,  
 Pois de burro o fiscal  
 Fizera de prisioneiro  
 A soltura d'um animal  
 Requereu um carroceiro.

Sem que fosse perseguido  
 Do burro o nome ao lapuz,  
 Antes de ser despachado,  
 Sem que fosse perguntado,  
 Por elle foi declarado  
 – Que o chamara – Jº da Cruz –  
 Sem que fosse perseguido  
 Do burro o nome ao lapuz.  
*Pereirinha.*



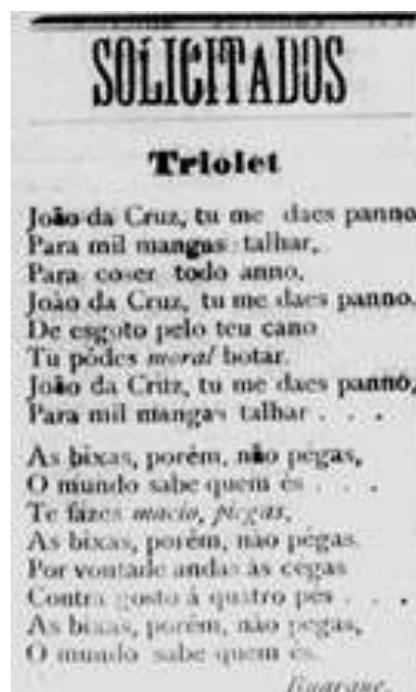
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
18/02/1883	Trioleto (Ed.00038 – BNDigital)	Solicitados	p.3 c.1

### Trioleto

João da Cruz, tu me daes panno  
 Para mil mangas talhar,  
 Para coser todo anno,  
 João da Cruz, tu me daes panno.  
 De esgota pelo cano  
 Tu pôdes moral *botar*.  
 João da Cruz, tu me daes panno  
 Para mil mangas talhar . . .

As bixas, porèm, não pégas,  
 O mundo sabe quem és . . .  
 Te fazes *macio, piegas*,  
 As bixas, porèm, não pegas.  
 Por vontade andas ás cégas  
 Contra gosto á quatro pés . . .  
 As bixas, porèm, não pégas,  
 O mundo sabe quem és.

*Buarque.*



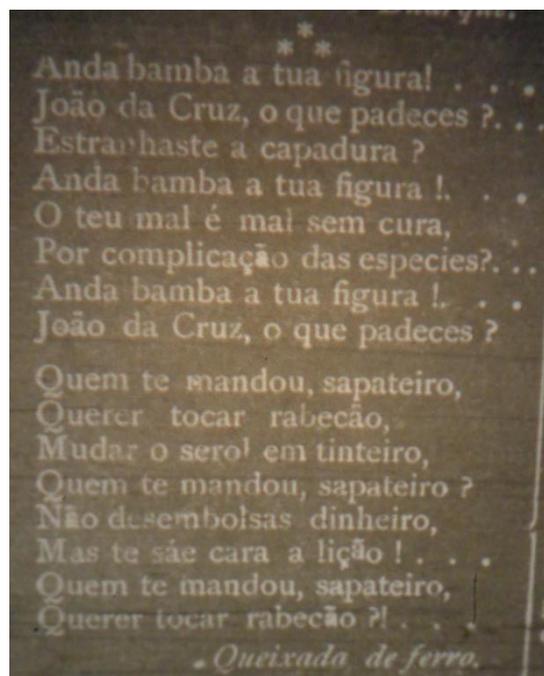
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
18/02/1883	Trioleto (Ed.00038 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

\*  
 \* \*

Anda bamba a tua figura! . . .  
 João da Cruz, o que padeces? . . .  
 Estranhaste a capadura?  
 Anda bamba a tua figura! . . .  
 O teu mal é mal sem cura,  
 Por complicação das espécies? . . .  
 Anda bamba a tua figura! . . .  
 João da Cruz, o que padeces?

Quem te mandou, sapateiro,  
 Querer tocar rabeção,  
 Mudar o serol em tinteiro,  
 Quem te mandou, sapateiro?  
 Não desembolsas dinheiro,  
 Mas te sáe cara a lição! . . .  
 Quem te mandou, sapateiro,  
 Querer tocar rabeção?! . . .

*Queixada de ferro.*



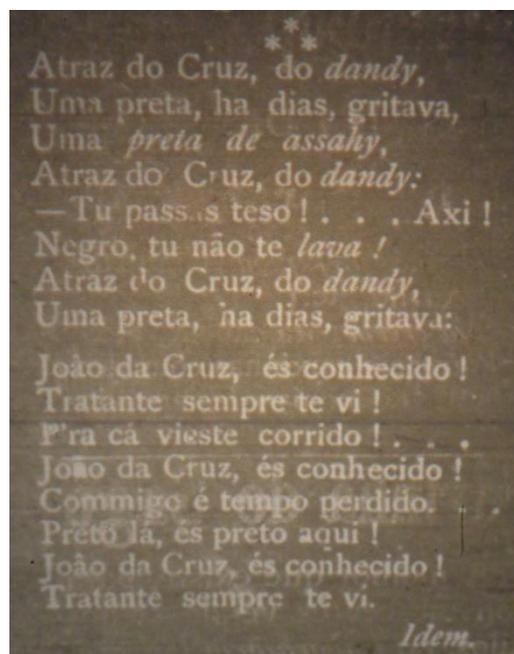
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
18/02/1883	Triolet (Ed.00038 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3 c.1

\*  
\* \*  
\* \*

Atraz do Cruz, do *dandy*,  
Uma preta, há dias, gritava,  
Uma *preta de assahy*,  
Atraz do Cruz, do *dandy*:  
– Tu passas teso! . . . Axi!  
Negro, tu não te *lava*!  
Atraz do Cruz, do *dandy*,  
Uma preta, há dias, gritava:

João da Cruz, és conhecido!  
Tratante sempre te vi!  
P’ra cá vieste corrido! . . .  
João da Cruz, és conhecido!  
Commigo é tempo perdido . . .  
Preto lá, és preto aqui!  
João da Cruz, és conhecido!  
Tratante sempre te vi.

*Idem.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
20/02/1883	Triolet (Ed.00039 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.1

### Triolet

(Para ser cantado ao violão)

De mãe guariba nascido,  
Macaco és, pae João;  
Não és gente, és macacaõ (SIC)  
De mãe guariba nascido,  
Mostra o rabo, pae *ticó*!  
Pulador de galho em galho,  
Não ha banana, ha vergalho:  
Mostra o rabo, pae *tico*!

Olha o negro, o preto velho,  
Piscando vesgo p’ra gente!  
Já d’ahi, ó repellente:  
Olha o negro, o preto velho!  
*Quatá, de prego, macaco,*  
O que és tú João da Cruz?  
Macacaõ, tira o capuz,  
*Quatá, de prego, macaco!*

*Roberto.*



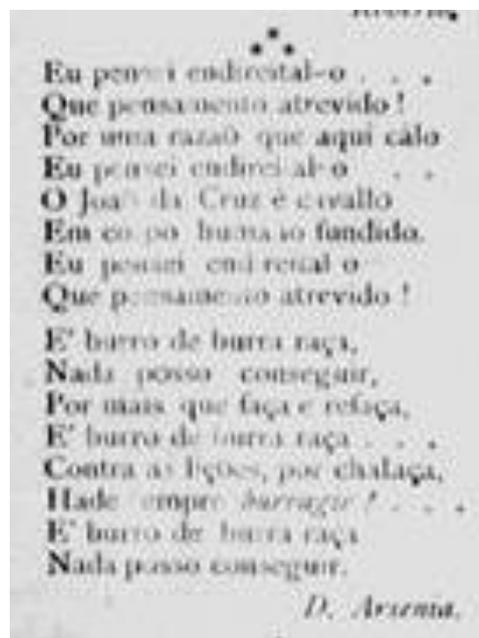
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
20/02/1883	Triolet (Ed. 00039 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.1

\*  
\* \*

Eu pensei endireital-o . . .  
Que pensamento atrevido!  
Por uma razão que aqui cálo  
Eu pensei endireital-o . . .  
O João da Cruz é cavallo  
Em corpo humano fundido.  
Eu pensei endireital-o . . .  
Que pensamento atrevido!

E' burro de burra raça,  
Nada posso conseguir,  
Por mais que faça e refaça,  
E' burro de burra raça . . .  
Contra as lições, por chalaça,  
Hade sempre *burragir!* . . .  
E' burro de burra raça,  
Nada posso conseguir.

*D. Arsenia.*



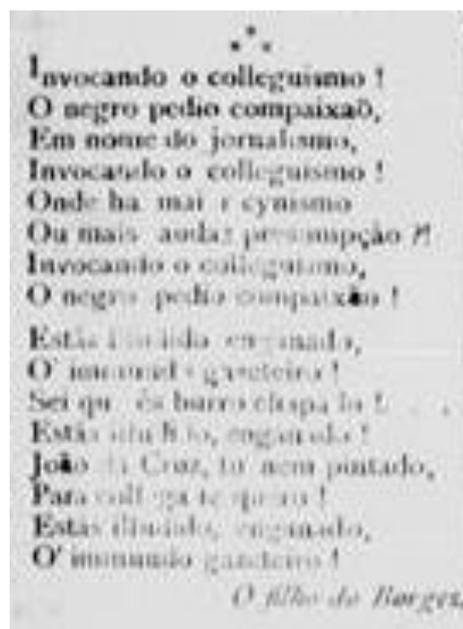
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
20/02/1883	Triolet (Ed.00039 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.1

\*  
\* \*

Invocando o colleguismo!  
O negro pedio compaixão  
Em nome do jornalismo,  
Invocando o colleguismo!  
Que ha maior cynismo  
Ou mais audaz presumpção?!  
Invocando o coleguismo,  
O negro pedio compaixão!

Estás illudido enganado,  
O' immundo gazeteiro!  
Sei que és burro chapado! . . .  
Estás illudido enganado,  
João da Cruz, tu nem pintado,  
Para collega te quero!  
Estás illudido enganado,  
O' immundo gazeteiro!

*O filho do Borges.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
21/02/1883	Triolet (Ed.00040 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.4

### Triolet

(Para ser cantado ao violão)

Chega p'ra cá, barrigudo!  
 Vou tocar o realejo:  
 Dança bem, animalejo,  
 Chega p'ra cá, barrigudo!  
 Pula, pula bem pulado,  
 Ao som da *Traviata*,  
 Toma p'ra dama tua *gata*:  
 Pula, pula bem pulado.

O *macarroni* cançou.  
 Agora, vil *centopeia*,  
 Vou te metter a *peia*:  
 O *macarroni* cançou,  
 Nada de gritos, cachorro!  
 Macaco de carapaça,  
 Aguenta lá esta bucha,  
 Nada de gritos, cachorro.

*Janoca.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
22/02/1883	Triolet (Ed.00041 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.1

### Triolet

(Para ser cantado ao violão)

Não és de cheiro macaco:  
 És *ourango* e bem felpudo  
 De raça, és barrigudo,  
 Não és de cheiro macaco!  
 Dançaste c'o á tua guariba  
 O lundú do Marroá?  
 Pulava bem a (ilegível)?  
 Dançaste c'o á tua guariba

Meu negro, toma tabaco  
 Do *cornimbo* de teu chifre!  
 Pacova nunca foi bife:  
 Meu negro, toma tabaco  
 Banana com *rapadura*  
 E mingão de sarará,  
 Gostas tu e a *sinhá* . . .  
 Banana com *rapadura*?

*Raymunda.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
23/02/1883	Triolet (Ed. 00042 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.1

### Triolet

(Para ser cantado ao violão)

Visinha, deixe eu pular  
 No galho da goiabeira.  
 Não sei andar de rasteira:  
 Visinha, deixe eu pular.  
 O olho furei na estaca  
 Da casa da *Japiim*:  
 Não seja má para mim . . .  
 O olho furei na estaca.

Coitado do tio João,  
 Cegueta, de pé comprido;  
 Tendo seu beijo cahido:  
 Coitado do tio João!  
 Trepas no galho, macaco;  
 Senão te prendo no cêpo!  
 Ainda direito, com jeito;  
 Trepas no galho, macaco!  
*O anel do Garantido.*

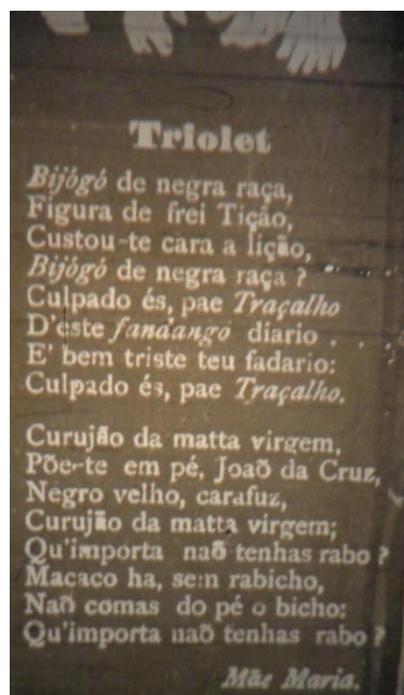


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
24/02/1883	Triolet (Ed.00043 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.2/c.6

### Triolet

*Bijógó* de negra raça,  
 Figura de frei Tição,  
 Custou-te cara a lição,  
*Bijógó* de negra raça?  
 Culpado és, pae *Traçalho*  
 D'este *fanaango* diario . . .  
 E' bem triste teu fadario:  
 Culpado és, pae *Traçalho*.

Curujão da matta virgem,  
 Põe-te em pé, João da Cruz,  
 Negro velho, carafuz,  
 Curujão da matta virgem;  
 Qu'importa não tenhas rabo?  
 Macaco há, sem rabicho,  
 Não comas do pé o bicho:  
 Qu'importa não tenhas rabo?  
*Mãe Maria.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
25/02/1883	Triolet (Ed.00044 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.1

### Triolet

#### O PARTO DE UM BURRO

Credo! . . . Cruz! . . . Ave-Maria!  
 Que caso medonho e feio  
 Occorreu á luz do dia!  
 Credo! . . . Cruz! . . . Ave-Maria!  
 Ha por força bruxaria  
 De tudo isto no meio!  
 Credo! . . . Cruz! . . . Ave-Maria!  
 Que caso medonho e feio!

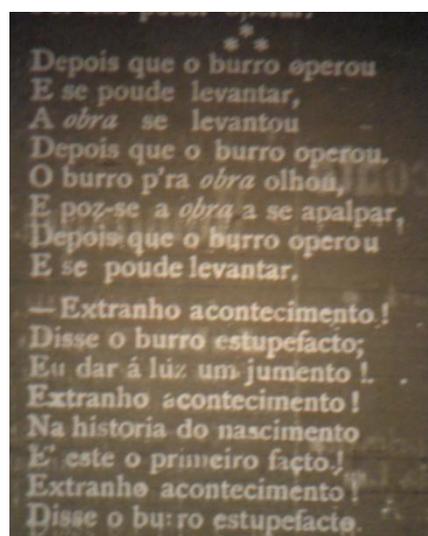
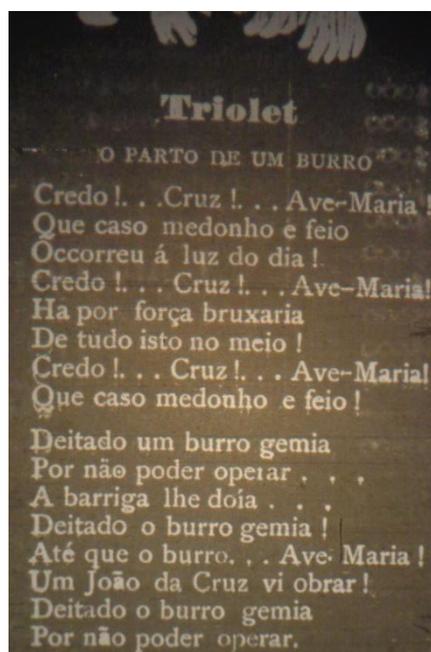
Deitado um burro gemia  
 Por não poder operar . . .  
 A barriga lhe doía . . .  
 Deitado o burro gemia!  
 Até que o burro . . . Ave Maria!  
 Um João da Cruz vi obrar!  
 Deitado um burro gemia  
 Por não poder operar.

\*

\* \*

Depois que o burro operou  
 E se poude levantar,  
 A obra se levantou  
 Depois que o burro operou.  
 O burro p'ra obra olhou,  
 E poz-se a obra a se apalpar,  
 Depois que o burro operou  
 E se poude levantar.

– Extranho acontecimento!  
 Disse o burro estupefacto;  
 Eu dar á luz um jumento! . . .  
 Extranho acontecimento!  
 Na historia do nascimento  
 E' este o primeiro facto!  
 Extranho acontecimento!  
 Disse o burro estupefacto.

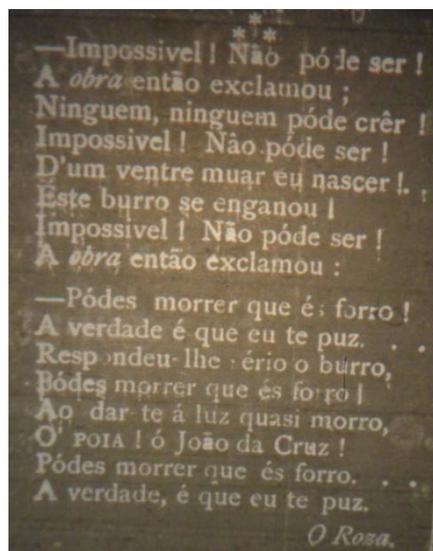


\*  
\* \*

– Impossível! Não póde ser!  
A obra então exclamou;  
Ninguém, ninguém póde crêr!  
Impossível! Não póde ser!  
D'um ventre luar eu nascer! . . .  
Este burro se enganou!  
Impossível! Não póde ser!  
A obra então exclamou:

– Pódes morrer que és forro!  
A verdade é que eu te puz . . .  
Respondeu-lhe sério o burro,  
Pódes morrer que és forro!  
Ao dar-te á luz quase morro,  
O' POIA! ó João da Cruz!  
Pódes morrer que és forro!  
A verdade, é que eu te puz.

*O Rosa.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
27/02/1883	Triolet (Ed.00045 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.3

### **Triolet**

Quantas vezes me dizia  
A velha mãe do ca'fuz,  
A negra velha Maria  
Quantas vezes me dizia:  
– Se eu soubesse, não paria  
O safado João da Cruz! –  
Quantas vezes me dizia  
A velha mãe do ca'fuz.

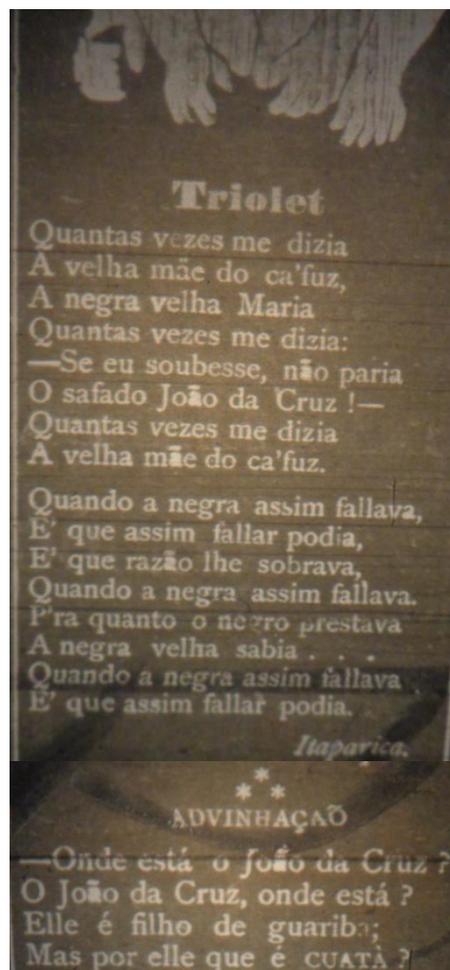
Quando a negra assim fallava,  
E' que assim fallar podia,  
E' que razão lhe sobrava,  
Quando a negra assim falava.  
P'ra quando o negro prestava  
A negra velha sabia . . .  
Quando a negra assim fallava,  
E' que assim fallar podia.

*Itaparica.*

\*  
\* \*

### **ADVINHAÇÃO**

– Onde está o João da Cruz?  
O João da Cruz, onde está?  
Elle é filho de guariba;  
Mas por elle que é CUATÁ?

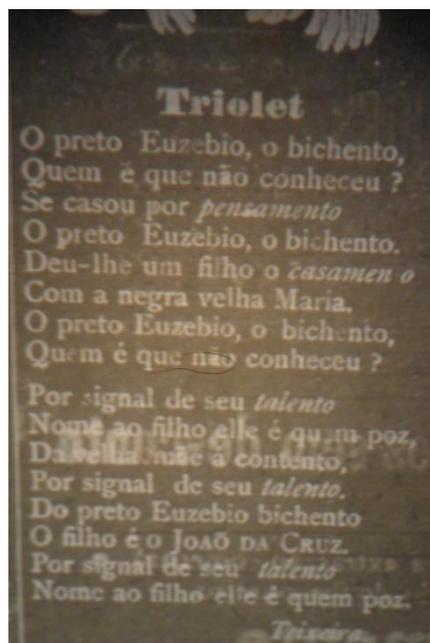


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
28/02/1883	Triolet (Ed.00046 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.2

### Triolet

O preto Euzebio, o bichento,  
 Quem é que não conheceu?  
 Se casou por *pensamento*  
 O preto Euzebio, o bichento.  
 Deu-lhe um filho o *casamento*  
 Com a negra velha Maria.  
 O preto Euzebio, o bichento,  
 Quem é que não conheceu?

Por signal de seu *talento*  
 Nome ao filho elle é quem poz,  
 Da velha mãe a contento,  
 Por signal de seu *talento*.  
 Do preto Euzebio bichento  
 O filho é o JOÃO DA CRUZ.  
 Por signal de seu *talento*  
 Nome ao filho elle é quem poz.  
*Teixeira.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
01/03/1883	Triolet (Ed.00047 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.3

### Triolet

Segundo reza a lenda  
 E também a fama o diz,  
*Elle* andou d'agua na venda,  
 Segundo reza a lenda.  
 Se chamava então a *prenda*  
 – O João do chafariz,–  
 Segundo reza a lenda  
 E também a fama o diz.

O velhaco e vil matreiro  
 O que não pode não fez . . .  
 Foi creado de um padeiro  
 O velhaco e vil matreiro.  
 Um dia, eil-o tandeiro  
 E era a tenda uma vez . . .  
 O velhaco e vil matreiro  
 O que não pode não fez . . .

\*

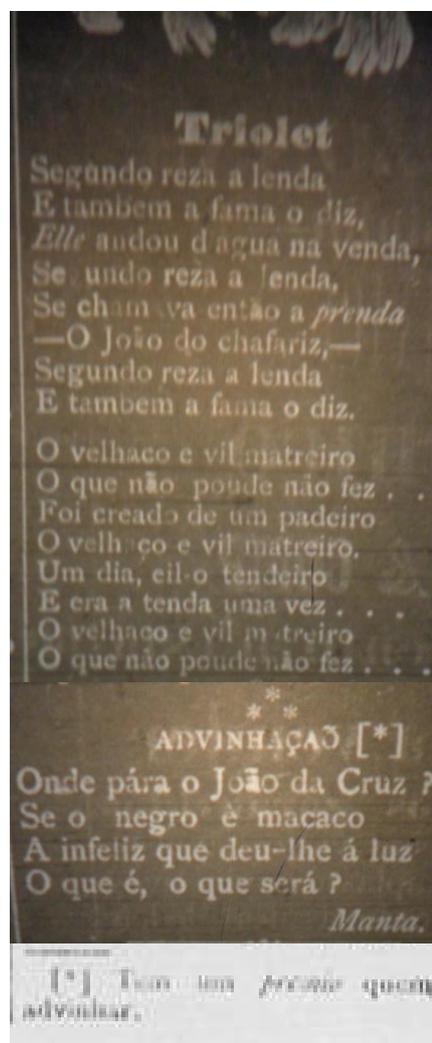
\* \*

ADVINHAÇÃO [\*]

Onde pára o João da Cruz?  
 Se o negro é macaco  
 A infeliz que deu-lhe á luz  
 O que é, o que será?

*Manta.*

\_\_\_\_\_ [\*] Tem um *premio* quem advinhar.



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
02/03/1883	Triolet e Adivinhação (Ed.00048 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.2

### Triolet

Diz o Manoel *Pirahyba*,  
 E d'algum facto elle induz,  
 E n'alguma razão s'estriba,  
 Diz o Manoel *Pirahyba*. . .  
 Que é filho d'uma guariba  
 O negralhão João da Cruz,  
 Diz o Manoel *Pirahyba*  
 E d'algum facto elle induz.

Se elle diz, por saber,  
 P'ra dizer tem fundamento . . .  
 Elle deve conhecer . . .  
 Se elle diz é por saber.  
 Mas como parido haver  
 Uma guariba um jumento?  
 Se elle diz é por saber,  
 P'ra dizer tem fundamento

X

### ADVINHAÇÃO

Onde o negro nasceu,  
 O João da Cruz CUATÁ?  
 Foi em noite côr breu?  
 Em que terra vio a luz?  
 Em Guiné ou Bogotá?  
 E por que nasceu ca'fuz?

*Callejão.*

**SOLICITADOS**



**Triolet**  
 Diz o Manoel *Pirahyba*,  
 E d'algum facto elle induz,  
 E n'alguma razão s'estriba,  
 Diz o Manoel *Pirahyba*. . .  
 Que é filho d'uma guariba  
 O negralhão João da Cruz,  
 Diz o Manoel *Pirahyba*,  
 E d'algum facto elle induz.

Se elle diz, por saber,  
 P'ra dizer tem fundamento. . .  
 Elle deve conhecer . . .  
 Se elle diz é por saber.  
 Mas como parido haver  
 Uma guariba um jumento?  
 Se elle diz é por saber,  
 P'ra dizer tem fundamento.

X

ADVINHAÇÃO  
 Onde o negro nasceu,  
 O João da Cruz CUATÁ?  
 Foi em noite côr de breu?  
 Em que terra vio a luz?  
 Em Guiné ou Bogotá?  
 E por que nasceu ca'fuz?  
*Callejão.*

Nome do Periódico: Diário de Notícias			
02/03/1883	Epigrama e Triolet (Ed.00048 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.3

### Epigrama

Tem Cruz dois pergaminhos  
De mui grande utilidades:  
Sua patente de alferes  
E a carta de liberdade.  
Com o primeiro elle próva  
Que é um moço enobrecido,  
Com o segundo também  
Que não é preto fugido.

*O alferes vacca-mestra.*

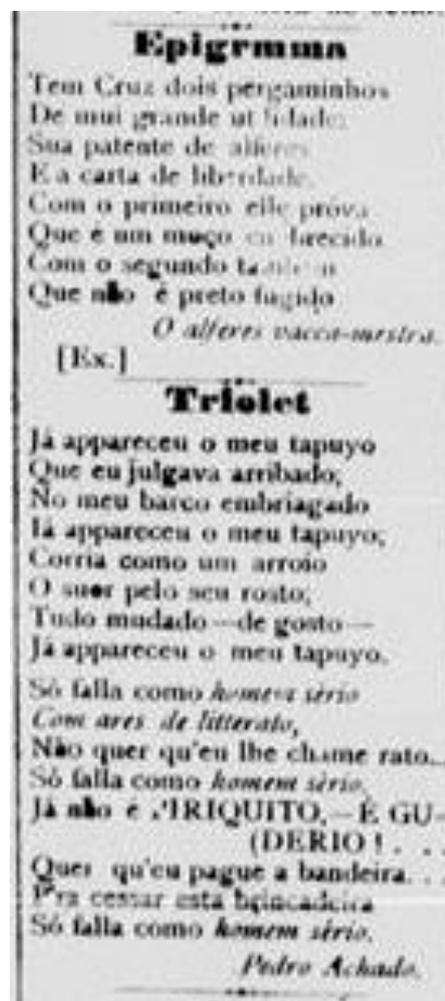
[Ex.]

### Triolet

Já appareceu o meu tapuyo  
Que eu julgava arribado;  
No meu barco embriagado  
Já appareceu o meu tapuyo;  
Corria como um arroio  
O suor pelo seu rosto;  
Tudo mudado – de gosto –  
Já appareceu o meu tapuyo;

Só falla como *homem sério*  
*Com ares de litterato*;  
Não quer qu'eu lhe chame rato . . .  
Só falla como *homem sério*  
Já não é PIRIQUITO, – É GU-  
(DERIO! . . .  
Quer qu'eu pague a bandeira . . .  
P'ra cessar esta brincadeira  
Só falla como *homem sério*.

*Pedro Achado.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
02/03/1883	Outro (Ed.00048 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.3 e 4

### Outro

Eu assignar, não me assigno  
 Sem tu pagar a bandeira,  
 Não vê que eu cáio n'asneira  
 Eu assignar, não me assigno;  
 Tu és demais pequenino  
 P'ra te bateres commigo,  
 Nem eu me sujo com tigo . . .  
 Eu assignar, não me assigno.

Eu bem te disse: – Severo,  
 Olha, paga á mocinha,  
 Senão temor . . . intriguinha . . .  
 Eu bem te disse, Severo,  
 Mas quizeste ser austero  
 Aguenta agora a cóssinha!  
 Eu bem te disse: – Severo,  
 Olha, paga á mocinha.

*Do que sabe da historia.*

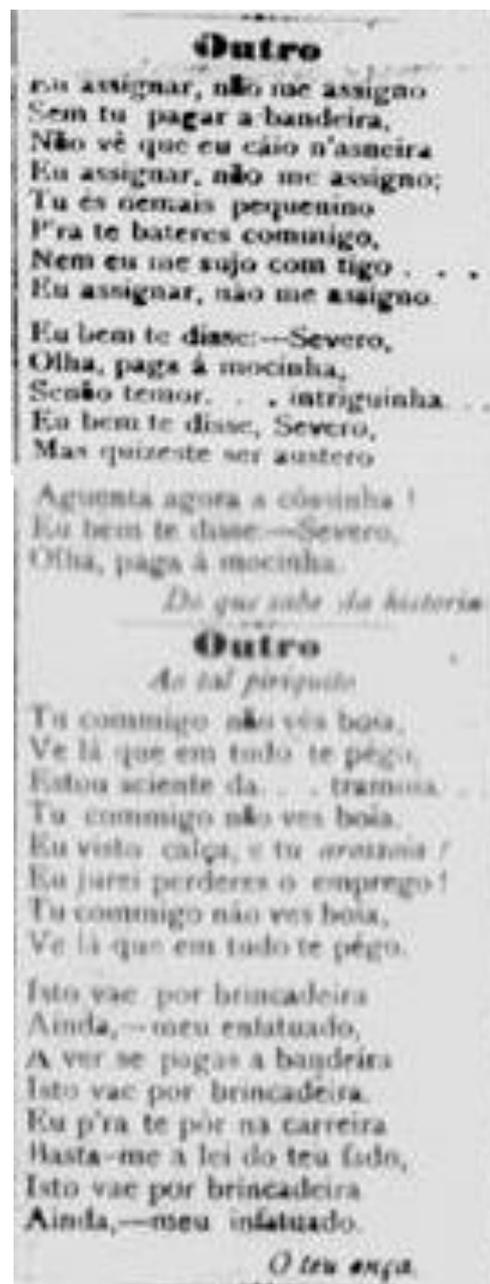
### Outro

*Ao tal periquito.*

Tu commigo não vês boia,  
 Ve lá que em tudo te pégo;  
 Estou sciente da . . . tramoia . . .  
 Tu commigo não vês boia.  
 Eu visto calça, e tu *arrossio!*  
 Eu jurei perderes o emprego!  
 Tu commigo não vês boia,  
 Ve lá que em tudo te pégo.

Isto vae por brincadeira  
 Ainda, – meu enfatuado,  
 A ver se pagas a bandeira  
 Isto vae por brincadeira.  
 Eu p'ra te pôr na carreira  
 Basta-me a lei do teu fado,  
 Isto vae por brincadeira  
 Ainda, – meu enfatuado.

*O teu onça.*



<b>Nome do Periódico: Diário de Notícias</b>			
02/03/1883	Outro (Ed.00048 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.4

### Outro

*Ao mesmo*

Quando eu pesco n'este rio  
 Não me assombra a pirahyba;  
 Nem de medo tenho frio  
 Quando eu pesco n'este rio.  
 Do mérito e valor, já vio?  
 Não ando na PINDAHIBA! . . .  
 Quando eu pesco n'este rio  
 Não me assombra a pirahyba.

Tudo p'ra mim é poesia  
 N'este regalo fagueiro!  
 Quando estou na pescaria  
 Tudo p'ra mim é poesia!  
 E tu como não tens ardentia! . . .  
 Só pescas com companheiro!  
 Tudo p'ra mim é poesia  
 N'este regalo fagueiro!

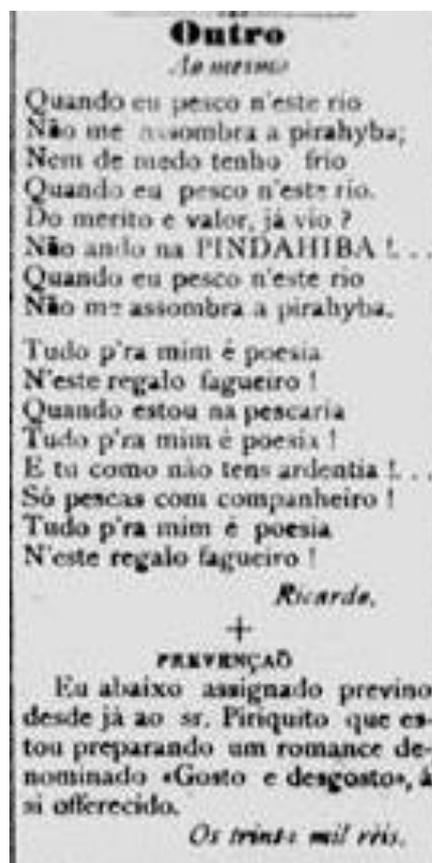
*Ricardo.*

+

PREVENÇÃO

Eu abaixo assinado previno desde já ao sr. Piriquito que estou preparando um romance denominado “Gosto e desgosto”, á se offerecido.

*Os trinta mil réis.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
03/03/1883	Triolet (Ed.00049 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.2/3

### Triolet

#### O PARTO DE UM BURRO

(Continuação)

– Que vergonha! . . . Que vexame! . . .

Meu *conceito* está perdido!

Não se faz do facto exame!

– Que vergonha! . . . Que vexame! . . .

Ha lá cousa mais infame,

Um burro me ter parido?! . . .

Que vergonha! . . . Que vexame! . . .

Meu *conceito* está perdido!

Ah! villão, burro maldito!

Não tinhas mais que fazer?! . . .

Exclamara o negro afflicto:

Ah! villão, burro maldito!

E' com odio que eu te fito,

E não sei como o conter!

Ah! villão, burro maldito!

Não tinhas mais que fazer?! . . .

– Estaria eu bem servido . . .

O burro não te houvesse esprimido

Estaria eu bem servido . . .

Teria por certo morrido

Com um nó na tripa dado.

Estaria eu bem servido . . .

O burro disse amuado.

Não pude ser-te agradável . . .

Em te *pôr* eu não pensava.

E' um caso lastimavel . . .

Não pude ser-te agradável . . .

Q'eu morresse . . . és muito amavel? . . .

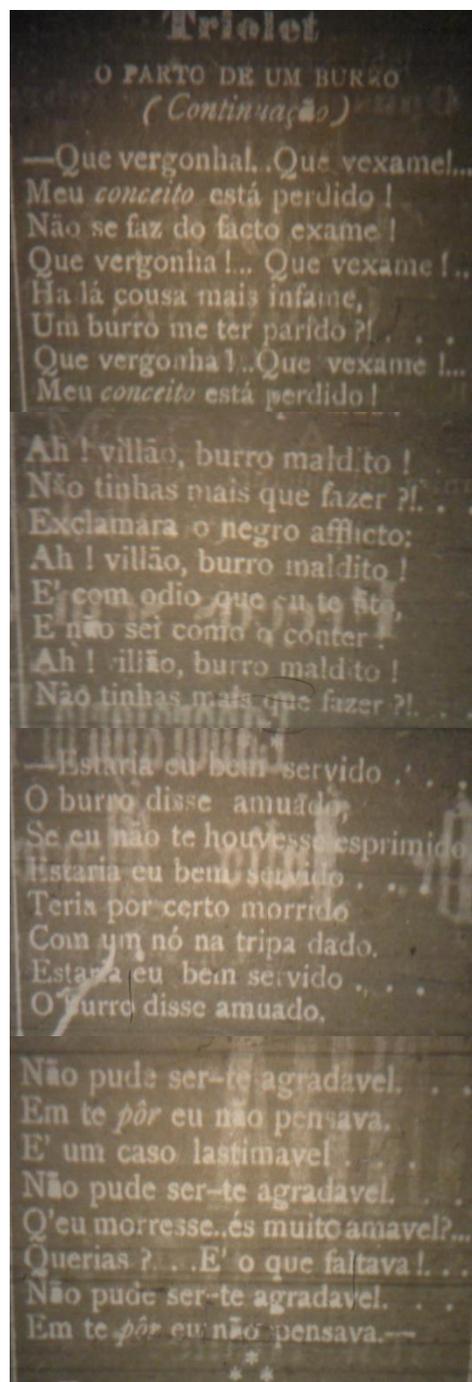
Querias? . . . E' o que faltava! . . .

Não pude ser-te agradável . . .

Em te *pôr* eu não pensava.–

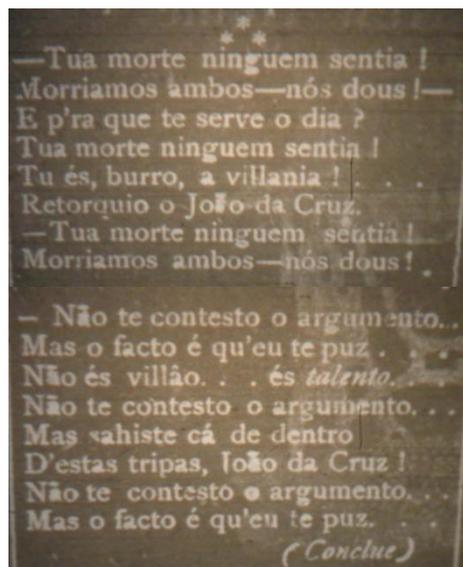
\*

\* \*



– Tua morte ninguem sentia!  
 Morriamos ambos – nós dous!–  
 E p'ra que te serve o dia?  
 Tua morte ninguem sentia!  
 Tu és, burro, a villania! . . .  
 Retorquio o João da Cruz.  
 – Tua morte ninguem sentia!  
 Morriamos ambos – nós dous!

– Não te contesto o argumento . . .  
 Mas o facto é qu'eu te puz . . .  
 Não és villão . . . és talento . . .  
 Não te contesto o argumento . . .  
 Mas sahiste cá de dentro  
 D'estas tripas, João da Cruz!  
 Não te contesto o argumento . . .  
 Mas o facto é qu'eu te puz . . .  
 (Conclue)



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
04/03/1883	Triolet (Ed.00050 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.3

### Triolet

O PARTO DE UM BURRO

(Conclusão)( \*)

– Não fiques ai! Mal commigo!  
Disse o POIA em tom sentido;  
Serias bom para com tigo!  
Não fiques ai! Mal commigo.  
Me déste na tripa abrigo . . .  
Não fiques ai! Mal commigo!  
Meu *conceito* está perdido!  
Disse o POIA em tom sentido.

– Vae-te com Deus socegado! . . .  
Replicou o burro a rir;  
O segredo será guardado . . .  
– Vae-te com Deus sossegado.  
Não penses q' me sinto honrado  
Por te chegar a parir . . .  
– Vae-te com Deus socegado!  
Replicou o burro a rir.

\*  
\* \*

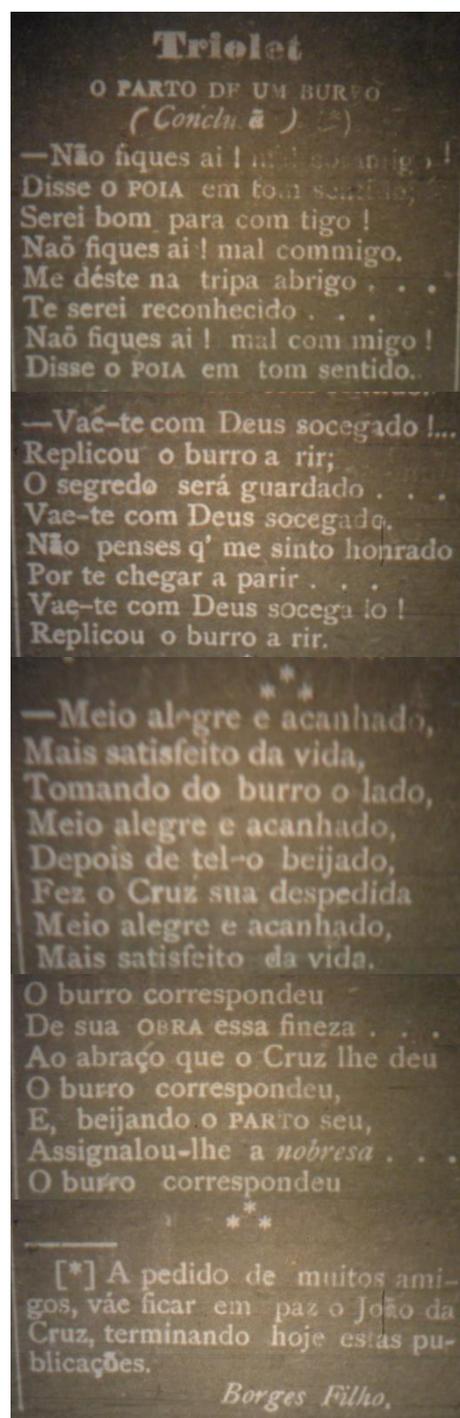
– Meio alegre e acanhado,  
Mais satisfeito da vida,  
Tomando do burro o lado,  
Meio alegre e acanhado,  
Depois de tel-o beijado,  
Fez o Cruz sua despedida  
Meio alegre e acanhado,  
Mais satisfeito da vida.

O burro corrspondeu  
De sua OBRA essa fineza . . .  
Ao abraço que Cruz lhe deu  
O burro correspondeu,  
E, beijando o PARTO seu,  
Assignalou-lhe a *nobresa* . . .  
O burro correspondeu  
De sua OBRA a fineza . . .

\*  
\* \*

[\*] A pedido de muitos amigos, váe ficar em paz o João da Cruz, terminando hoje essas publicações.

*Borges Filho.*

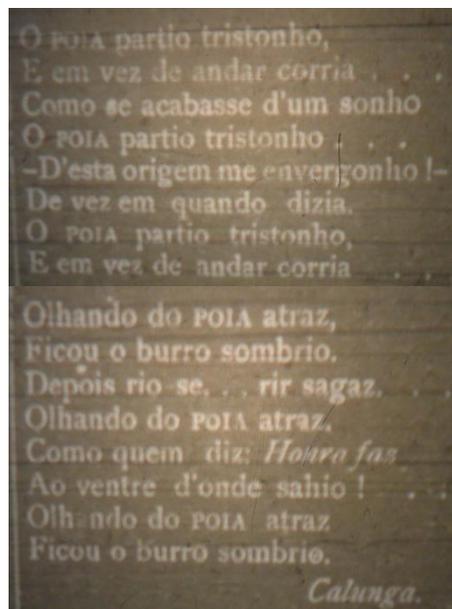


Nome do Periódico: Diário de Notícias			
04/03/1883	Triolet (Ed.00050 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.4

O POIA partio tristonho!  
 E em vez de andar corria . . .  
 Como se acabasse d'um sonho  
 O POIA partio tristonho . . .  
 – D'esta origem me  
 envergonho!–  
 De vez em quando dizia,  
 O POIA partio tristonho!  
 E em vez de andar corria . . .

Olhando do POIA atraz,  
 Ficou o burro sombrio,  
 Depois rio se. . . rir sagaz . . .  
 Olhando do POIA atraz,  
 Como quem diz: *Honra fas*,  
 Ao ventre d'onde sahio! . . .  
 Olhando do POIA atraz,  
 Ficou o burro sombrio.

*Calunga.*



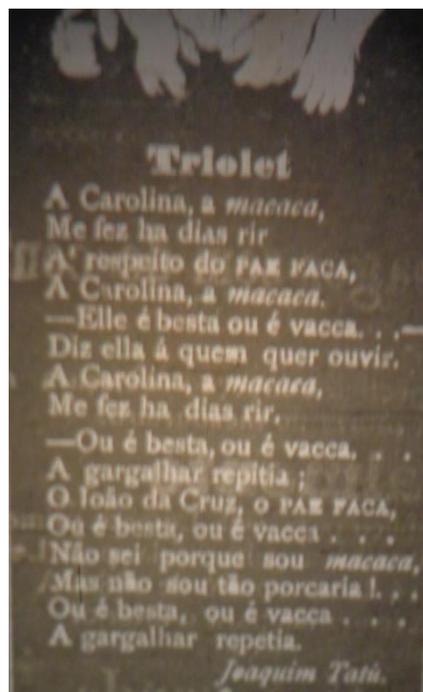
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
06/03/1883	Triolet (Ed.00051 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.2

### Triolet

A Carolina, a *macaca*,  
 Me fez ha dias rir  
 A' respeito do PAE FACA,  
 A Carolina, a *macaca*,  
 – Elle é besta ou é vacca . . . –  
 Dia ella á quem quer ouvir,  
 A Carolina, a *macaca*,  
 Me fez ha dias rir.

– Ou é besta, ou é vacca . . .  
 A gargalhar repetia;  
 O João da Cruz, o PAE FACA,  
 Ou é besta, ou é vacca . . .  
 Não sei porque sou *macaca*,  
 Mas não sou tão porcaria! . . .  
 Ou é besta, ou é vacca . . .  
 A gargalhar repetia.

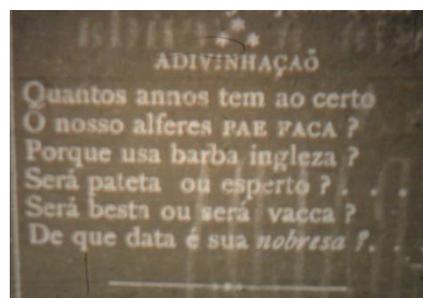
*Joaquina Tatú.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
06/03/1883	Adivinhação (Ed.00051 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.2

### ADIVINHAÇÃO

Quantos annos tem ao certo  
O nosso alferes PAE FACA?  
Porque usa barba ingleza?  
Será pateta ou esperto? . . .  
Será besta ou será vacca?  
De que data é sua *nobresa*? . . .



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
07/03/1883	Triolet (Ed.00052 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.2/c.6 – p.3/c.1

### Triolet

JOÃO DA CRUZ

Se a memoria não me engana,  
Conheci este birbante  
Em Alcant'ra ou Vienna,  
Se a memoria não me engana.  
Foi escravo de d. Anna,  
Ou do actor José Penante  
Se a memoria não me engana,  
Conheci este birbante.

Por velhaco elle era tido  
E velhaco d'alta classe . . .  
N'elle andavam com sentido,  
Indo em praça ser vendido  
Não achou quem comprasse.  
Por velhaco elle era tido  
E velhaco d'alta classe . . .

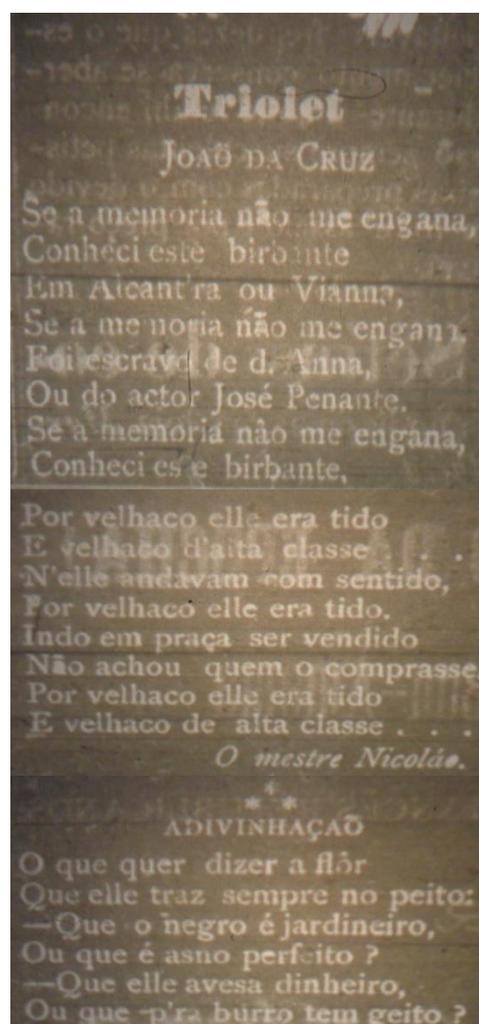
*O mestre Nicoláo.*

\*

\* \*

### ADIVINHAÇÃO

O que quer dizer a flôr  
Que elle traz sempre no peito:  
– Que o negro é jardineiro,  
Ou que é asno perfeito?  
– Que elle avesa dinheiro,  
Ou que p'ra burro tem geito?



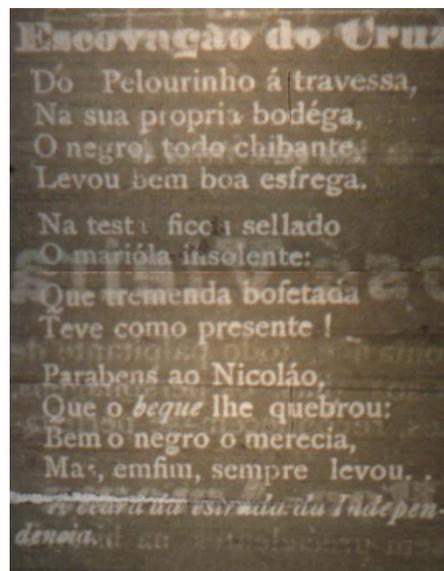
Nome do Periódico: Diário de Notícias			
07/03/1883	Escovação do Cruz (Ed.00052 – BNDigital/BPAV)	Solicitados	p.3/c.1

### Escovação do Cruz

Do Pelourinho á travessa,  
Na sua propria bodega,  
O negro todo chibante  
Levou bem boa esfrega.

Na testa ficou sellado  
O marióla insolente:  
Que tremenda bofetada  
Teve como presente!

Parabéns ao Nicoláo,  
Que o *beque* lhe quebrou:  
Bem o negro o merecia,  
Mas, emfim, sempre levou . . .  
*A ceará da estrada da Independencia.*



Nome do Periódico: Diário de Notícias			
08/03/1883	Triplet (Ed.00053 – BNDigital)	Solicitados	p.3/c.1

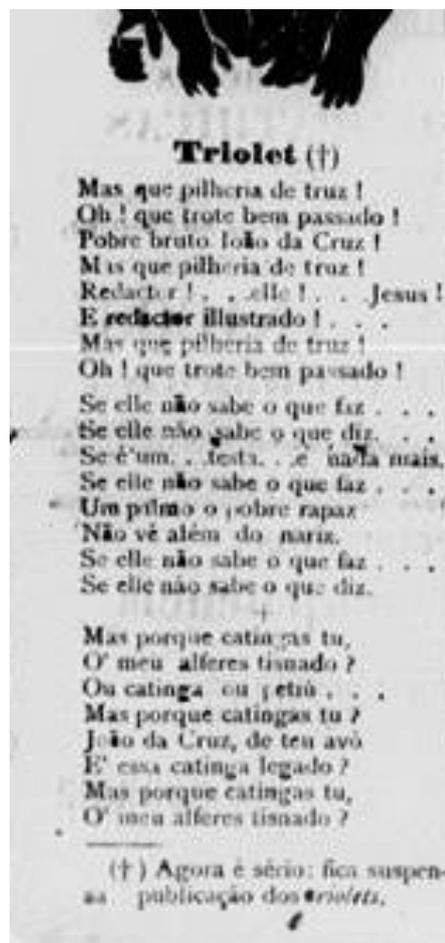
### Triplet (†)

Mas que pilheria de truz!  
Oh! Que trote bem passado!  
Pobre bruto João da Cruz!  
Mas que pilheria de truz!  
Redactor! . . . ele! . . . Jesus!  
E redactor illustrado! . . .  
Mas que pilheria de truz!  
Oh! Que trote bem passado!  
Se elle não sabe o que faz . . .  
Se elle não sabe o que diz . . .  
Se é um . . . testa . . . e nada mais.  
Se elle não sabe o que faz . . .  
Um palmo o pobre rapaz  
Não vê além do nariz.  
Se elle não sabe o que faz . . .  
Se elle não sabe o que diz.

+

Mas porque catingas tu,  
O' meu alferes tismado?  
Ou catinga ou petiú . . .  
Mas porque catingas tu?  
João da Cruz, de teu avô  
E' essa catinga legado?  
Mas porque catingas tu,  
O' meu alferes tismado?

(†) Agora é sério: fica suspensa  
publicação dos *triolets*.



Nome do Periódico: A Constituição (Ano XI)			
07/05/1884	Triolets (Ed.00104 – BNDigital)	Solicitados	p.2/c.3

### Triolets

Cae aqui, cae acolá  
levanta, quebra o nariz  
em dias de bebedeira,  
João da Cruz, do chafariz,  
cae aqui, cae acolá,  
levanta, quebra o nariz.

Foi mascate, quitandeiro,  
lojista sem ter um – X –,  
foi moleque hoje liberto  
João da Cruz, do chafariz,  
foi mascate, quitandeiro,  
lojista sem ter um – X –,

E' poeta, dramathurgo,  
redactor, segundo diz,  
torra café, *faz pipoca*,  
João da Cruz, do chafariz,  
é poeta, dramathurgo,  
redactor, segundo diz,

E' cavalheiro de indústria  
de gazeteiro aprendiz,  
das *farpellas* alcoviteiro,  
João da Cruz, do chafariz,  
é cavalheiro de indústria  
de gazeteiro aprendiz,

Quer dar lições aos juizes, . . . .  
é elle mesmo quem diz;  
que canalha! que birbante!  
João da Cruz, do chafariz,  
quer dar lições aos juizes, . . . .  
é elle mesmo quem diz.

A Filha do lavrador sovina.

### SOLICITADOS

#### Triolets

Cae aqui, cae acolá  
levanta, quebra o nariz  
em dias de bebedeira,  
João da Cruz, do chafariz,  
cae aqui, cae acolá,  
levanta, quebra o nariz.

Foi mascate, quitandeiro,  
lojista sem ter um –X–,  
foi moleque hoje é liberto  
João da Cruz do, chafariz,  
foi mascate, quitandeiro,  
lojista sem ter um –X–.

E' poeta, dramathurgo,  
redactor, segundo diz,  
torra café, *faz pipoca*,  
João da Cruz, do chafariz,  
é poeta, dramathurgo  
redactor, segundo diz.

E' cavalheiro *de industria*  
de gazeteiro aprendiz,  
das *farpellas* alcoviteiro,  
João da Cruz, do chafariz,  
é cavalheiro *de industria*,  
de gazeteiro aprendiz.

Quer dar lições aos juizes, . . . .  
é elle mesmo quem diz;  
que canalha! que birbante!  
João da Cruz, do chafariz;  
quer dar lições aos juizes, . . . .  
é elle mesmo quem diz.

A Filha do lavrador sovina.

Nome do Periódico: Diário de Notícias			
24/06/1885	Lavrador Sovino / Triolet / Descarga Cerrada! / Sr. Redactor /	Solicitados	p.3/ c.2-5
Dicionario bestiológico (Ed.00141 - BNDigital)			

E o tratamento que o empresario á aos passageiros?  
E' magnifico. Por exemplo: a me-  
de bordo é a tampa da escotilha,  
alheres... só ha um e este mesmo  
servio ao nosso paé Adão.  
As iguarias... pirarucú p'ó dre,  
arne da Granja e... vento e agria  
o mar.  
Que empresa de sacrificios!"

A Provincia noticiou constar que  
irá exercer o cargo de director das  
officinas de machinas do Arsenal de  
Artilharia d'esta provincia o sr. Ga-  
riel Ferreira da Cruz Sobrinho.  
E o sr. Xavier?...

Do "telephone" do Belem copia-  
mos o seguinte:  
...que agora não ha quem não  
ote no sr. Cantão...

...que os parasitas, que cabam  
para o sr. Americo, estão perden-  
do o seu latim...

Reuniram-se ante-hontem em as-  
sembleia geral os srs. accionistas da  
companhia Urbana, afim de proce-  
der a eleição de um director em  
substituição do sr. Francisco A. de  
Aguiar e Souza, que retira-se para  
Europa.  
Foi eleito o sr. tenente José Cus-  
odio de Mello Freire Barata.

**Theozouro Provincial**  
DIA 23 DE JUNHO

Antonia Guerreiro Leite: Junte  
certidão de óbito ou outra qualquer  
prova da data do fallecimento do  
seu marido.

**Festa de S. João Baptista**  
Comunicamos-vos:  
"Hoje, ás 8 horas da manhã, en-  
trará a missa da festa; ao Evange-  
lio occupará a tribuna sagrada o  
padre dr. Manoel Caetano Ribeiro,  
que fará o panegyrico do glorioso  
S. João Baptista.  
As 7 1/2 horas da noite haverá  
27 *Deum Laudamus* em acção de  
graças.  
Findo o acto religioso, será lugar  
na praça da capella, em lugar apro-  
priado, o ultimo leilão das offeren-  
das, em beneficio da festividade.  
Findo este, ardeará um magnifico  
fogo de arteificio, obra do distincto e  
habil pyrotechnico José Ribeiro Ca-  
nozoz, que porá termo á festividade  
do glorioso S. João Baptista, no  
corrente anno de 1885."

Entrou hontem de Manãos o va-  
por *Imperatrix Theresia*, trazendo a  
seu bordo 31 passageiros, entre os  
quaes os srs. dr. Antonio Joaquim  
Gomes do Amaral, D. Maria Luiza  
do Amaral, João Carlos de Faria,  
Alfredo A. Cezar e Ursulino Thiago  
R. Galvão.  
Seguiu hontem para o rio Madel-  
eira o vapor nacional *Elias*, levando  
13 passageiros.  
Para New-York seguiu hontem o  
vapor inglez *Clement*, sem passag-  
eiros.  
Entrou hontem de Manãos o va-  
por nacional *Espirito Santo*, trazen-  
do para este porto 12 passageiros,  
entre elles os srs. dr. João Hosannah  
d'Oliveira, Thomaz C. P. d'Almeida  
e Narciso Paes Moreira e sua senho-  
ra e 12 em transitio para o sul.

Entrou hontem do rio Jurua, por  
Manãos, o vapor *Vizcu*.  
Não trouxe passageiros.

**SOLICITADOS**

**O LAVRADOR SOVINO**  
COMEDIA HISTORICA EM UM ACTO

Por  
**João Francisco da Cruz**  
Ao illm. sr.  
Vicente Pontes d'Oliveira  
Muito digno empresario do theatro  
S. Luiz.

Offerece  
O auctor.  
**PERSONAGENS**  
José Narciso, lavrador.  
Pallas, sua filha.  
Idalina, idem.  
Olympia, idem.  
Maria, idem.  
Manoel Maria, compadre do la-  
vrador.  
Pompeu.  
Vicente.  
Vasco.  
Izaias.  
Mafalda, cozinhheira.  
**ACCO UNICO.**  
O theatro representa uma casa de  
campo, com portas lateraes e ao  
fundo. E' dia.

**SCENA I**  
José Narciso e Mafalda (que vem  
com uma chavena de caffè).  
José Narciso (tomando o caffè).  
Então já estão a pé as minhas  
filhas?  
Mafalda.  
Já, sim senhor, estiveram no jardi-  
m, e já estão de volta. Creio que  
são ellas que aqui veem, pois ouço  
passos de alguém que se aproxima.  
[sahe.]

**SCENA II**  
José Narciso, Olympia, Pallas,  
Idalina e Maria.  
Pallas.  
Bom dia, meu paé [todas com-  
primentam a José Narciso].  
José Narciso.  
Bom dia, minhas filhas. Desejava  
vê-las há muito tempo trabalhando.  
Não devem ignorar que é com o  
trabalho e com a economia que pre-  
paramos a nossa felicidade futura,  
que é com a dedicação a serviço e  
com a regra nas despesas que se  
formam os capitales de que depende  
o nosso bem estar!

Pallas.  
Oh meu paé, parece-nos ainda  
cedo, para começarmos o trabalho.  
Estavamos no jardim onde fomos  
buscar alguma distração; bem vê  
que aqui vivemos isoladas sem ter  
com quem conversar, entregadas a  
este trabalho de todos os dias, sem  
uma visita ao menos que nos des-  
traia.

José Narciso (á parte).  
Estas mezinhas estão com as idéas  
transformadas!... [alto] Devéras!  
pois acham que ainda é pouca a  
despeza que tenho nos cosuados?  
ainda querem sobrecarregar-me com  
sustento de hospedes que venham  
distribuir-lhes o que desejo que dei-  
mam mais juizo. Vou á roça; no meu re-  
gresso quero vêr as costuras ali-  
antadas. Até á volta [sahe].  
Todas.  
Até á volta, meu paé.

Pallas.  
Tenhamos paciencia, manas; tempo  
virá em que possamos sorrir e  
ser felizes, como essas moças da ci-  
dade, de que falla Mafalda quando  
nos conta historias no terreiro, em  
noites de luar!  
Idalina  
Sim, mana, estas de nós se não  
tivessemos esperanças de um dia ao  
menos gozar dos prazeres da cidade,  
com os thezouros que meu paé traz  
tão afofrolhados, e cuja economia  
zélia tão extraordinariamente! Mas...  
ouço tropel de cavallos que se ap-  
proximam... quem será que de-  
manda nossa morada?... [pedas  
correm ao fundo.]

**SCENA III**  
As mesmas e Manoel Maria  
Manoel Maria (entrando).  
Ora, Deus esteja n'esta casa!  
Como vamos de saude? Onde está  
o sr. meu compadre?  
Pallas.  
Foi á poucos momentos para a  
roça, sr. Manoel Maria. Graças a  
Deus, estamos todas boas. Gostamos  
ao menos d'esse lavor...  
Manoel Maria.  
Como?! Vejo-as com um ar triste,  
e pronunciam certas paizarias,  
como de quem não goza de felicida-  
dade!

Pallas.  
Felicidade, sr. Manoel Maria!  
Esse bem não é para nós. Bem vê  
que, enclausuradas entre estas mat-  
tas, sem mais parentes, sem amigos,  
sem visitarmos a ninguém sem  
sermos visitadas da mesma manei-  
ra, passamos a vida mais insipida  
que se pôde imaginar!  
Manoel Maria.  
E' celebre! Acho já bastante ad-  
mirável que as sras. não visitem,  
porém mais admiravel acho ainda  
que não sejam visitadas... ao me-  
nos pelas viajantes que passam por  
estes sitios, e que devem ver-se  
obrigadas a pedir agasalho e mesa  
aos moradores. beira estrada!

Pallas.  
Qual, sr. Manoel Maria! Os via-  
jantes já sabem que meu paellies  
não concede hospedagem, porque,  
diz elle, isso traz despezas que po-  
dem para o futuro arruinar a fortu-  
na que tanto trabalho e fadigas lhe  
tem custado!  
Olympia.  
E assim vão murchando a nossa  
mocidade, como essas flores do cam-  
po, que murcham sem gozar as car-  
ricas que lhe são devidas, porque  
vivem occultas e desconhecidas!

Maria.  
E assim morremos talvez, sem  
conhecer as delicias do casamento,  
porque os moços nem sabem se nós  
existimos!  
Manoel Maria.  
Pois eu garanto que tudo isto  
muda de hoje em diante. Em prin-  
meiro lugar como o por declarar-  
lhes que, na qualidade de mais di-  
toso de todos os viajantes que por  
cá teem passado, juro, prometto, e  
protesto que aqui heide jantar hoje,

e comigo mais alguém... sim, e  
mais alguém, pois eu não vim só...  
E em segundo lugar pergunto: as  
sras. desejam casar-se?

Todas.  
Pois não! quem nos dera essa  
fortuna!...  
Manoel Maria.  
Muito bem! Vou apresentar-lhes  
quatro bellos mancebos que vieram  
em minha companhia, e que ficam-  
ram junto á porteira. E' já... [sahe].  
Pallas.  
Demos graças a Deus, manas! Pa-  
rece que vão clareando a estrada de  
nossa vida que estava tão escura!

Olympia.  
Que felicidade! vamos ver quatro  
bellos moços, e nós tambem somos  
quatro, manas. E' para duvidar de  
tanta ventura!  
(Continúa.)

**Protesto**  
O abaixo assinado vem perante  
a imprensa protestar contra o pes-  
simo procedimento do juiz mu-  
nicipal de Curuçá e contra Balbina  
Rosa e seus filhos, por mandarem  
derubar as plantações existentes em  
terrenos occupados pelo abaixo as-  
signado, bem como pelas casas que se  
as mesmas pessoas mandaram em 6  
do corrente derubar e incendiar, de  
cujos vandalismos foram testemunhas  
Pedro Rodrigues, Antonio Duarte,  
Francisco Lathlão, Eugenio de  
Aratijo e outras pessoas.  
Pará, 23 de junho de 1886.  
Pudino Antonio de Lima. — 1 — 2

**Descarga cerrada!**  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Assovio, tambor, cega-rega!  
No macaco, e mais toda a cambada,  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Vaia, troça, vintem, pateada,  
No costado dos bôbos se emprega!  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Assovio, tambor, cega-rega!

Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Pontapé! pescção! cacholeta!  
Epigramas, chiffrins, surriada,  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Contra os vis sapateiros de escada,  
Remendos de inlecente gazeta,  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Pontapé! pescção! cacholeta!

Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Fogueinhos! violão! berimbão!  
Quatro, cinco, fã! e golemada!  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Molecagen! pilheria salgada!  
Frua pôdre! feijão! bacalhão!  
Lá vai tiro! descarga cerrada!  
Foguetinhos! violão! berimbão!

**Triolet**  
Chega! chega! chega, gente!  
Não perca ninguém o ensejo!  
Eil-o ahi o João—tenente,—  
O macaco de relejo!  
Atiram a tropa, o motejo,  
A gargalhada contente!  
Chega! chega! chega, gente!  
Não perca ninguém o ensejo!

Está chic... está janota  
De pennacho e espadagão...  
Da nobreza de mamão...  
E todo elle um bração...  
Preste-se assim para sota  
Seja qual for o wagon...  
Está chic... está janota  
De pennacho e espadagão...  
Mafalda, Manoel Maria & C.

**Sr. redactor.**  
Peço licença a v. s. para enviar  
uma correção importante, tan-  
to ao prologo, transcripto no seu  
oral de hoje, da comedia de João  
Francisco, como á local com que v.  
s. chamou a attenção publica.

N'uma a'outra parte o titulo sahi  
*A filha do lavrador sovino*, quan-  
do devia ser: *A filha do lavrador*  
sovino, pois assim é que se lê na  
obra de João Francisco.  
O *pécaro visigodo*, na phrase do  
autor do prologo, entenda e enten-  
de-se muito bem que não havia con-  
cepcão alguma entre um substantivo  
macho e um adjectivo femes, e fez  
por sua conta e risco a uniformidade  
em genero, numero e caso escreven-  
do *lavrador sovino*, contra a opinião e  
a ligão dos mestres da lingua.  
Restabelecendo a verdade, sr. re-  
dactor, temos em vista ao mesmo  
tempo restituir a João Francisco o  
seu direito á gratidão dos contem-  
poraneos e á admiração da posterida-  
de.

*Rodol. Cesari que suat. Cesaris, et  
quoniam J. Cesaris Francisco Joh-  
nis Franciscus.* TL.

**Dioc onario bestiológico**  
[Do *Corario* de hontem]  
No folhetim:  
•Não se pôde contentar (,)  
que (,) Emilia Adelaide (,)

envidou... com o luxo  
que a vi representada...  
...transformar uma com-  
panhia dramatica (,) em...  
que, que, que, que, safa!...  
...simplicidade,—in-  
descreta,—agravante,—in-  
mitteria,—ligitima,—Fele-  
cidade,—princepe,—revêla.  
Este, o autor, já foi con-  
tractado para puxar um car-  
ro de lixo.

No artigo de fundo.  
(Não se menciona a pes-  
sima pontuação, porque iso-  
so iria longo.)  
... de juelhos ante a  
memoria!—usará, em vez  
de osar, —endagar,—con-  
sideração.

Vejam isto:  
"E o "Correio do Norte,"  
sempre q' encontrar algum  
de juelhos ante a memoria  
de Victor Hugo, usará pe-  
dir licença a esse alguém  
para endagar de seu nome,  
e apresental-o a estima e  
concederação, da gera ao  
presente; e, pedir a historia  
que faça o mesmo a gera-  
ção futura."

Muito seatura n'esta ter-  
ra!

*Chimpanzé!*

**Sociedade Beneficente  
União Oporaria**  
De ordem do illm. sr. presidente,  
convido e todos os seus socios a se  
reunirem, no dia 21 do corrente, ás  
7 1/2 horas da noite, em sessão de  
assembleia geral, na casa onde funci-  
ona a sociedade "Mechanica Para-  
ense, á rua da Pedreira, n. 41, para  
a installação da sociedade e posse  
dos novos funcionarios da direc-  
toria do anno social de 1885—1886.  
Pará, 20 de junho de 1885.  
O 1º secretario,  
Luiz A. Bosque.

**Sociedade 28 de Julho**  
De ordem do sr. presi-  
dente convido os srs. socios  
para a sessão extraordinaria  
para a eleição dos funci-  
onarios que têm de reger a  
sociedade no anno social de  
1885 á 1886, a qual terá lu-  
gar na quinta-feira, 25 do  
corrente, ás 7 horas da noite,  
no lugar do costume.  
Chamo a attenção dos srs.  
socios para o artigo abaixo  
transcripto:

Art. 50.—O socio que por  
qualquer circumstancia est-  
iver suspenso de suas res-  
pectivas funções, como o  
que se achar em atraso no  
seu pagamento de quota da  
joia até o fim de maio, ou  
de suas annuidades do tri-  
mestre de abril a junho, não  
poderá tomar parte na ei-  
ção, nem ser votado.

Pará, 16 de junho de 85.  
O 1º secretario,  
José M. de Carvalho Junior.

**Festa de S. João Baptista**  
A directoria pede e espera  
dos devotos do glorioso san-  
to que a auxiliem com suas  
esmolas e offerendas para os  
bazares que terão lugar de-  
pois dos actos religiosos das  
noites de 20, 21, 22, 23 e  
24, e podomão ser entre-  
gues na casa de D. Maria  
Cavallero, sita no largo da  
capella.  
Belem, 19 de junho de 85.  
A directoria.

**Irmãmande particular de  
S. José dos CarPinas**  
De ordem do illm. sr. juiz Manue  
da Costa Ramos convido a todos os  
irmãos d'esta irmandade a se reu-  
nirem no domingo 28 do corrente, á  
9 horas manhã, na casa de residen-  
cia do irmão José João do Rosari-  
sita á rua do Rosario, n. 31, ao sahi-  
do largo do mesmo.  
Pará, 21 de junho de 1885.  
José Antonio Nunes,  
Secretario interno.